

Tânia Solano Ardito

2º Ciclo de Estudos em Estudos Literários, Culturais e Interartes

Nos Primórdios da Literatura em Cabo Verde:
A Prosa *Menor* de Guilherme da Cunha Dantas

2013

Orientador: Professor Doutor Francisco Topa

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:

TÂNIA SOLANO ARDITO

NOS PRIMÓRDIOS DA LITERATURA

EM CABO VERDE:

A PROSA *MENOR*

DE GUILHERME DA CUNHA DANTAS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes

Orientador: Prof. Doutor Francisco Topa

2013

Índice

| | |
|---|-----|
| Nota de apresentação | 5 |
| I. Guilherme da Cunha Dantas nos primórdios da literatura em Cabo Verde | 7 |
| 1. Um autor a descobrir | 9 |
| 2. Uma biografia com lacunas | 11 |
| 3. A obra | 22 |
| II. O modelo da edição | 41 |
| 1. Orientação global | 43 |
| 2. Normas de transcrição dos textos | 44 |
| 3. Apresentação do texto e das notas | 47 |
| III. <i>CONTOS SINGELOS</i> | 49 |
| 1. <i>Nhô José Pedro ou cenas da ilha Brava</i> | 51 |
| 2. <i>Cenas de Maфра</i> | 85 |
| IV. OUTROS TEXTOS EM PROSA | 101 |
| A. Publicados em vida do autor | 103 |
| 1. <i>Frei José e o diabo</i> | 105 |
| 2. <i>O dinheiro em Cabo Verde</i> | 107 |
| 3. <i>A cidade da Praia em Cabo Verde</i> | 108 |
| 4. <i>Milho falante</i> | 109 |
| 5. <i>Desgraçado nariz! (Fragmento duma cena cómica, inédita)</i> | 110 |
| 6. <i>Amor! Ai! Quem dera</i> | 112 |
| 7. <i>A morte de D. João: Memórias do hospital</i> | 117 |
| 8. <i>A ilha Brava</i> | 123 |

| | |
|---|-----|
| B. Publicados postumamente | 127 |
| 1. <i>Bosquejos dum passeio ao interior da ilha de Santiago</i> | 129 |
| 2. <i>Os intrujões</i> | 182 |
| 3. <i>O sonho (Memórias dum doido)</i> | 188 |
| V. Bibliografia | 201 |

NOTA DE APRESENTAÇÃO

O presente trabalho procura superar algumas das lacunas relativas ao conhecimento daquele que, no estatuto atual da historiografia literária, pode ser considerado o primeiro escritor cabo-verdiano: Guilherme da Cunha Dantas. Nascido em 1848 na ilha Brava, viveu na metrópole pouco mais de dez anos, a maior parte dos quais em Mafra, em cuja Escola Real fez estudos secundários. Regressado a Cabo Verde em 1869, parece ter tido dificuldade em adaptar-se a um meio agora sentido demasiado estreito, vindo a morrer – desamparado e infeliz – em 1888, na Praia.

Tendo-nos deixado uma obra relativamente extensa e diversificada – a maior parte da qual viria a ser publicada postumamente, já no século XX –, Guilherme Dantas só começou a ser tido em conta pela historiografia literária cabo-verdiana nas últimas décadas, designadamente depois do artigo que em 1984 Félix Monteiro ¹ lhe dedicou. Seguiu-se, em 1996, a publicação da sua poesia, organizada por Arnaldo França ² a partir de um caderno manuscrito inédito, mas incluindo também os poemas que saíram no *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro* e noutros periódicos. Mais recentemente, Manuel Brito-Semedo editou em livro o romance *Memórias dum pobre rapaz* ³ que tinha sido publicado em folhetins em *A voz de Cabo Verde*. A este mesmo antropólogo devemos a divulgação eletrónica de outros textos do escritor, através do blogue *Esquina do tempo: magazine cultural online* ⁴.

Apesar destes trabalhos, cremos que ainda não foi feita justiça a Guilherme Dantas: determinados aspetos da sua biografia e da sua formação escolar permanecem por explicar; falta perceber a sua formação literária e o seu enquadramento geracional; nem toda a sua obra foi ainda reunida em livro; para ser bem compreendida e valorizada, a obra precisa de ser anotada e estudada, independentemente da sua relação temática com Cabo Verde.

¹ «Páginas esquecidas de Guilherme Dantas». *Raízes*. Praia. 21 (1984) 123-192.

² *Poesias*. Organização e prefácio de Arnaldo França. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1996.

³ *Memórias dum pobre rapaz*. Organização, prefácio e notas de Manuel Brito-Semedo. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2007.

⁴ Disponível em WWW: <<http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/>> [consult. 19 ago. 2013].

É um pequeno contributo nesse sentido que este trabalho procura dar. Por um lado, re-
vemos e sistematizamos a informação biográfica disponível sobre o autor, acrescentando ele-
mentos documentais inéditos, designadamente os provenientes da consulta do seu processo
escolar em Mafra e dos movimentos na administração pública sinalizados pelo *Boletim offici-
al do Governo Geral da Provincia de Cabo Verde*. Por outro lado, reeditamos cuidadosamen-
te, corrigindo uma série de lapsos – mas cometendo, eventualmente, outros – aquilo a que
chamamos a *prosa menor* de Guilherme Dantas, isto é, a totalidade dos seus textos mais cur-
tos, ainda não recolhidos em livro: os contos, as crónicas e uma narrativa de viagens. Esta
edição é acompanhada de uma série de notas que, facilitando o entendimento do texto, ajudam
também a esclarecer as referências literárias e culturais do autor, corroborando assim – espera-
mos – a tentativa de enquadramento e contextualização que previamente fizemos do autor e
dos textos.

Foi nosso propósito sugerir – e parcialmente demonstrar – que estamos perante um escri-
tor e uma obra de algum modo excepcionais: estreando, demasiado jovem, dois anos depois do
início da chamada *Questão Coimbrã*, Guilherme da Cunha Dantas acusa contudo grande afi-
nidade – pelos temas e motivos, pela linguagem e pelo estilo – com a segunda geração do
romantismo português; apesar disso, com base na leitura de autores da primeira geração, co-
mo o Garrett das *Viagens* ou um clássico do século anterior como Laurence Sterne, consegue
nas suas melhores obras superar, pelo humor e pela ironia, alguns dos *clichés* românticos, ao
mesmo tempo que põe em causa as fronteiras entre géneros e subgéneros, designadamente o
conto e a crónica.

Resta-nos esperar que este trabalho estimule outros olhares críticos sobre a obra do autor
da Brava, retirando-a de uma penumbra de menoridade que não merece.

I. Guilherme da Cunha Dantas

nos primórdios da literatura em Cabo Verde

1. Um autor a descobrir

Como deixámos dito, não se pode dizer que Guilherme da Cunha Dantas seja um autor desconhecido: boa parte da sua obra está recolhida em livro e mereceu algum estudo de enquadramento por parte de estudiosos qualificados da literatura cabo-verdiana. Não obstante, cremos que o autor ainda não foi verdadeiramente *descoberto* nem valorizado. Para isso, cremos que são necessárias algumas condições, parte das quais tentaremos, modestamente, cumprir com este trabalho.

Em primeiro lugar, importa reconhecer o óbvio: Guilherme Dantas é, no estado atual dos conhecimentos, o primeiro escritor cabo-verdiano. De facto, não sendo muito extensa, a sua obra é suficiente – em quantidade, em diversidade e em qualidade – para que o possamos considerar um *escritor*. Por outro lado, tendo nascido em Cabo Verde e aí vivido a maior parte da sua vida e tomando frequentemente o arquipélago, a sua sociedade e a sua cultura, como referentes da sua obra, não pode deixar de ser considerado um autor cabo-verdiano, ainda que o adjetivo nesta época não tenha ainda um sentido nacional, apontando meramente numa direção regional. Uma autora mais velha como Antónia Gertrudes Pusich (*1805 †1883) não apresenta todas essas características: nasceu em São Nicolau e viveu em Cabo Verde durante alguns anos, mas integrou-se depois na vida social e literária da metrópole, não fazendo do arquipélago tema das suas peças ou dos seus poemas. Algo de parecido acontece com José Evaristo d’Almeida, que escreveu o romance *O escravo*, publicado em Lisboa em 1856: embora se desconheçam as datas e locais do seu nascimento e da sua morte, parece certo que apenas viveu alguns anos em Cabo Verde. Além disso, a sua obra reduz-se ao referido romance e a dois poemas, em ambos os quais aliás o arquipélago está presente.

A par destes autores, há evidentemente à época – e muito antes – atividade literária em Cabo Verde, ainda que descontínua e nem sempre de grande interesse artístico, como se pode ver pelos textos com origem no arquipélago inseridos no *Almanach de lembranças*¹, já rasteados por Gerald Moser² e, mais recentemente, por Jean-Michel Massa e Leão Lopes³. Só no

¹ Fundado em 1851, passaria a chamar-se, depois do quinto número, *Almanach de lembranças luso-Brazileiro* e, a partir de 1872, *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro*.

² *Almanach de lembranças, 1854-1932: textos africanos*. Linda-a-Velha: ALAC, 1993.

³ *Almanaque luso-brasileiro de lembranças: presença cabo-verdiana, 1851-1900*. Vol. I. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro / Pédagogie, Cultures et Littératures Lusographes / Ponto & Vírgula, Edições, 2012.

final do século XIX assistiremos à emergência em Cabo Verde de uma geração literária digna desse nome, com figuras como Luís Loff de Vasconcelos, Eugénio Tavares, José Lopes ou Pedro Monteiro Cardoso, todos eles empenhados também numa intensa atividade jornalística e cívico-política.

Esta condição por assim dizer inaugural de Guilherme Dantas tem de ser levada em linha de conta na altura de se avaliar a sua obra. Do nosso ponto de vista, não faz sentido, por exemplo, que se deixem de lado os textos do autor que não têm relação com Cabo Verde. Guilherme Dantas, podendo hoje (e devendo) estar integrado na história da literatura cabo-verdiana, escreve numa época em que tal literatura não existe ainda. O tema das suas obras e a presença ou ausência de Cabo Verde são portanto irrelevantes para a definição da sua nacionalidade literária. Como não podia deixar de ser, os modelos que o formaram são portugueses e europeus, mas isso não deve retirar nenhum valor nem nenhum interesse a uma leitura cabo-verdiana da sua obra.

A segunda condição para a descoberta e valorização de Guilherme Dantas deve ser pois a de situar a sua obra no contexto em que foi escrita, evitando as conclusões apressadas e redutoras. Como iremos ver, Dantas forma-se no ambiente do segundo romantismo português, a que habitualmente se chama ultrarromantismo, mas isso não significa que toda a sua obra esteja marcada por essa estética nem, menos ainda, que deva ser minorizada por causa dessa influência. De facto, tanto na poesia como na prosa (sobretudo no romance *Memórias dum pobre rapaz*, mas também num conto como *A morte de D. João*), há exemplos que mostram a superação desse modelo e a opção por uma linha pessoal com alguma coisa de moderno.

A terceira condição – que, no fundo, vem a ser a primeira – é a edição criteriosa da obra do autor. Na ausência dos originais, cumpre-nos reproduzir do modo mais fiel possível a primeira publicação dos textos, mas com o cuidado de esclarecer referências de vários tipos, sem o que parte do sentido lato se pode perder. Apenas um exemplo: no segundo dos contos da sua obra de estreia, *Cenas de Mafra*, o narrador cita logo de início (cf. p. 89) uns versos alusivos à queda das folhas, não identificando nem autor, nem obra. Do nosso ponto de vista, é de grande importância que o editor indique em nota do que se trata, até porque, neste caso, a informação é de grande importância para a compreensão do modo como o autor se situa no panorama da literatura da época.

A par das questões até agora colocadas, importa também conhecer melhor a biografia do autor, tanto mais que a obra apresenta um fundo autobiográfico muito nítido.

2. Uma biografia com lacunas

A biografia de Guilherme Augusto da Cunha Dantas não está ainda completamente esclarecida, embora disponhamos de depoimentos e notas biográficas elaborados por contemporâneos e de indicações dispersas por documentação oficial vária e, indiretamente, pela sua obra.

Na ausência de assento de batismo – em vão procurado por Arnaldo França ⁴ –, as primeiras informações seguras sobre o nosso autor constam do seu processo académico na Escola Real Mafra ⁵. Por ele ficamos a saber que, aquando da matrícula, a 22 de outubro de 1860, Guilherme Augusto da Cunha – como surge nomeado – contava 11 anos, o que significa portanto que nasceu em 1849 ou 1848. Félix Monteiro ⁶, com base noutras indicações, indiretas, sugere uma data precisa de nascimento: 25 de junho de 1849. Para justificar o dia e mês, o investigador recorreu ao soneto burlesco que Guilherme Dantas publicou no *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1886* ⁷:

SONETO A S. GUILHERME

AO MEU AMIGO – A. J. RIBEIRO

Vinte e cinco de junho é S. Guilherme
o santo que festeja o calendário.
Ai! abade padrinho, que fadário
o teu nome ligou a um pobre verme!!

Mas não venhas agora cá dizer-me
que te devo novena ou centenário...
pois se me vês qual triste Belisário,
é que de proteção tens sido inerme.

Teu vizinho S. João, se é festejado
de moiros e cristãos, de branco e preto,
é por ser um santinho mui lembrado...

⁴ «Prefácio» a DANTAS, Guilherme – *Poesias*, cit., p. 9.

⁵ Arquivo Histórico Municipal de Mafra, Escola Real de Mafra, Registo de Matrículas (SR), Livro de Matrículas: 1856/1880, Liv. 001, Assento n.º 1999, folha s/n.

⁶ «Páginas esquecidas de Guilherme Dantas», cit., p. 124.

⁷ Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1885, p. 444.

Tu, porém, se não fosse o culto afeto
dum pobre franchinote, um teu criado,
nem sequer abichavas um soneto!

A justificação de Félix Monteiro para o ano de 1849 tem a ver com a data da chegada à Brava, para exercer o cargo de professor, do presumível pai de Guilherme, Vitorino João Carlos Dantas Pereira: nomeado em finais de 1847, terá chegado certamente no ano seguinte, o que torna mais razoável o nascimento de um filho em 1849. Seja como for, a indicação do processo escolar é clara: contando 11 anos em outubro de 1860 e tendo nascido a 25 de julho, Guilherme veio ao mundo em 1849.

Quanto à naturalidade, o *dossier* académico aponta a ilha Brava e, relativamente à filiação, indica apenas o nome da mãe: Isabel Maria da Conceição. Em face disto e de o autor usar durante muito tempo apenas o apelido *Cunha* – a que depois juntará *Dantas* –, podemos pôr a hipótese de ele ser filho natural, não tendo o pai querido perfilhá-lo. Mais ainda: podemos admitir aquilo que vários ensaístas dão como certo, isto é, que o seu pai fosse o já referido Vitorino João Carlos Dantas Pereira, que foi professor na ilha Brava entre 1848 e 1854 e dirigia a Escola Real de Mafra que Guilherme vem a frequentar entre 1860 e 1867.

Vejamos então, de forma breve, quem foi este professor, pai ‘envergonhado’ do futuro escritor. Fidalgo cavaleiro da Casa Real, Dantas Pereira nascera, segundo o *Portugal: dicionário histórico*⁸, em Lisboa, a 2 de agosto de 1801. Tendo vivido no Brasil entre 1807 e 1820, voltaria nesse ano à capital portuguesa, onde prosseguiu estudos superiores militares até 1826. Promovido a capitão em 1830, lutou nos Açores integrado nas tropas miguelistas, que saíram derrotadas. Demitido do exército, esteve preso durante quatro anos, seguindo depois para Paris, onde continuou estudos, obtendo o diploma de bacharel em letras. Esteve mais tarde ao serviço do exército espanhol, como capitão de artilharia, e regressou a Portugal em 1839, dedicando-se ao ensino e acabando por ser reintegrado na carreira militar. No final de 1847, seria nomeado professor da escola principal de instrução primária da província de Cabo Verde, que lhe coube inaugurar. A escola estava situada na ilha Brava e Vitorino Dantas exerceu o cargo durante seis anos, até 1854, o que torna bastante provável que Guilherme Au-

⁸ PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal: dicionário histórico, corográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*. 7 vols. Lisboa: João Romano Torres, 1904-1915. Em linha. Disponível em WWW: <<http://www.arqnet.pt/dicionario/>> [Consult. 19 ago. 2013].

gusto – se fez, como parece ter feito, estudos primários na Brava – tenha sido seu aluno. No ano seguinte, de regresso à metrópole, seria nomeado por D. Pedro V como instalador e diretor da escola que o monarca pretendia instalar no palácio real de Mafra. Inaugurada a 9-XII-1855, a novel Escola Real de Mafra afirmou-se em pouco tempo, destacando-se pela qualidade do seu ensino e tornando-se um importante polo local de cultura. Uma das inovações introduzidas por Vitorino Dantas foi o pensionato de alunos provindos de Cabo Verde que mostrassem inclinação para o magistério: o objetivo era a formação de professores que pudessem depois desempenhar funções nas províncias ultramarinas. Outros aspetos importantes da sua direção foram a introdução de dois níveis de ensino – a instrução primária elementar e a instrução primária superior – e a criação de uma aula noturna. Do ponto de vista pedagógico, Dantas Pereira destacou-se pela publicação de uma seleta: *Selecta de leitura corrente para os alumnos da aula nocturna da Escola Real de Mafra*. Aprovada pelo Conselho Geral de Instrução Publica e publicada sob os auspícios de sua magestade el-rei D. Luiz I por Victorino João Carlos Dantas Pereira Fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem militar de S. Bento de Aviz, bacharel em letras pela universidade de Paris, capitão de artilheria e director da Escola Real de Mafra. Lisboa: Imprensa Nacional, 1865, p. 82. A sua atividade à frente do estabelecimento de ensino manteve-se até à morte, ocorrida a 5 de setembro de 1867⁹.

Se admitirmos a validade de uma leitura de tipo biográfico, encontramos na obra de Guilherme indicações que reforçam a hipótese de paternidade em causa. A primeira está na dedicatória de *Contos singelos*, o livro que o nosso autor publica em 1867, ao concluir os estudos em Mafra:

A maior ambição que me dominava escrevendo-os, era poder um dia oferecer a minha modesta obrinha ao meu amado pai e mestre, e dedicá-la aos meus colegas estudantes, como um fruto das «santas inspirações da mocidade» de que fala um dos mais belos ornamentos da nossa literatura.

Embora não apareça o nome do pai, a sua qualificação como *mestre* não deixa margem para dúvidas. Uma frase do conto inicial, «*Nhô*» *José Pedro ou cenas da ilha Brava*, parece também referi-lo, ainda na sua atividade de professor na Brava: «Tinha José Pedro seis anos d'idade, quando se matriculou na escola pública da terra, cuja direção estava confiada a um

⁹ Félix Monteiro («Páginas esquecidas de Guilherme Dantas», cit., p. 125) indica, não sabemos com que fundamento, 5-XI-1867.

hábil professor português.» (p. 59).

Mas é no romance *Memórias dum pobre rapaz*¹⁰, publicado postumamente, que a relação filial é revelada de modo mais claro: depois de uma série de referências ao «nosso amado professor», ao «nosso velho professor» (p. 99), ao «sábio director» (p. 129) – agora claramente nomeado como Vitorino Dantas, padrinho do narrador em segundo grau, José Roberto –, o narrador em primeiro grau, identificado apenas pela inicial *D.*, nomeia-o como seu pai (p. 157).

Independentemente da assunção ou não das suas responsabilidades parentais, a Vitorino Dantas se deveu certamente a vinda de Guilherme para Mafra, em 1860. Segundo o registo escolar, aquando da sua chegada, Guilherme Augusto «Lia regularmente, escrevia mal letras, e sommava e diminuia.». Isso não o impediria contudo de ter um percurso destacado, pontuado pela obtenção de uma série de prémios, logo a partir do ano seguinte. O corolário desse percurso foi o exercício das funções de aluno-mestre nos dois últimos anos em que frequentou a escola.

Esta fase da vida do nosso autor é frequentemente referida ao longo da sua obra. Em «*Nhô*» *José Pedro ou cenas da ilha Brava*, o narrador comenta assim a dor da separação familiar:

Oh! não pode compreender a dor imensa que então oprimia os corações daqueles que se separavam, quem ainda não experimentou a indefinível tristeza, o desalento, os prantos, o martírio da separação!

Já provei deste cálix d'amargura, eu! Quando me separei de minha pobre mãe para vir, aqui em terra longínqua, buscar o pão do espírito, os meus poucos anos não me permitiam avaliar a grandeza da minha quase desgraça: – mas chorei!... (p. 61)

Num registo risonho, na crónica *Frei José e o diabo*, recorda a figura divertida de um antigo ocupante do convento e as tardes agradáveis passadas a ouvir as suas histórias. De forma idêntica, na narrativa de viagens *Bosquejos dum passeio ao interior da ilha de Santiago*, lembra a fruta colhida sem autorização das hortas do Palácio:

Desta vez, aceitando os factos consumados, o amigo Luís não se fez melindroso nem rogado; e até me recordou com prazer o tempo, em que éramos o terror das hortas de Mafra, especialmente daquelas que destinavam seus frutos à mesa de sua majestade fidelíssima, legítimo senhor e possuidor das sobreditas hortas... Como eram deliciosas as tangerinas do *tio*

¹⁰ Publicado em *A voz de Cabo Verde* entre 1913 e 1915 e, mais recentemente, em livro, já citado.

Bonifácio, as nêspas do sr. *Abílio*, e as belas peras e os doces morangos do *António da horta*, caseiros de sua majestade!...

Aquilo, só para rei... ou estudantes!... (p. 144)

Outra nota importante, presente nas *Memórias dum pobre rapaz*, tem a ver com o reconhecimento do ambiente familiar que se vivia na escola. Depois de uma estadia prolongada em Lisboa, o narrador em segundo grau, regressando a Mafra para assistir à entrega dos prémios, comenta:

Oh! a magia da casa paterna... da *nossa casa!*... quando a tornamos a ver, depois de longa permanência entre estranhos, coabitando em sórdidas mansardas, comendo em mesas em que preside o *Ganho*, servido pelo *Desmazelo!*... Tudo me admirava e enternecia, ao gozar novamente o conforto da casa a que podia chamar o meu lar. (p. 134)

Em várias passagens dos *Bosquejos*, percebe-se que as férias escolares seriam passadas em passeios agradáveis a Lisboa e arredores (Oeiras, Sintra) ou em estadias nas praias da Ericeira (que servem de pano de fundo ao conto *Cenas de Mafra*):

Eu, que até então apenas havia percorrido em cómodas carruagens o espaço de sete léguas que separa Mafra e Lisboa, por uma estrada plana, concorrida e pitoresca, limitando-se as minhas excursões extraordinárias às clássicas jornadas para os banhos de Ericeira ou de *Ribamar*, nas circunvizinhanças de Mafra, em pacíficos e bucólicos orelhudos (...) (p. 130)

A importância da impressão deixada por algumas das paisagens que então frequenta torna-se mais visível aquando do regresso a Cabo Verde:

Não sei contudo como explicar as dulcíssimas e saudosas impressões que ainda hoje sinto, eu um pobre e rude africano, ao lembrar-me das formosas tardes passadas nalguma vetusta *quinta* do nosso velho Portugal como a *Cerca do Convento* em Mafra, a *Quinta do Pombal* em Oeiras, etc.! (*Bosquejos*, p. 135)

Ou ainda:

A mesma penosa impressão, que então sentia, se apoderara de mim quando, em regresso de Lisboa, avistara as costas escavadas destas ilhas.

E como não ser assim, se havia passado largos e melhores anos da vida em Mafra, terra tão rica de alamedas, tapadas e jardins frondosos! E se visitara Sintra, a formosíssima Sintra[,] o eterno paraíso de verdura, um daqueles lugares em que, na terra e com os nossos pobres olhos humanos de tão estreito alcance, nos parece ver o Criador de todas as maravilhas

do Universo sentado sobre um trono de esmeraldas; e onde, pelos troncos antigos, pelas escuras abóbadas de folhagem rumorosa e sempre virente, sussurram tão vagas saudades dum passado ignoto, e – quem sabe? – talvez duma outra existência já olvidada, do céu talvez... nalgum outro planeta melhor! (*ibid.*)

No fim do ano letivo de 1866/67 – de acordo com o seu processo –, Guilherme «(...) sahio da escola, e em Setembro de 1867, retirou-se com sua familia para Lisboa.». Que “família” seria esta? A mãe? O pai? Para além dessas duas figuras, o nosso autor tinha pelo menos uma irmã: por aquilo que é possível perceber através de alguns dos poemas publicados por Arnaldo França ¹¹, chamava-se Mariana Olímpia Dantas, vindo a adotar o apelido *Ferreira* pelo casamento com António Pedro Silves Ferreira, um antigo companheiro de Guilherme na Escola de Mafra, referido em *Memórias dum pobre rapaz* e em *Bosquejos*. Falecida antes de 1880 – data da coletânea de poemas do irmão que inclui um texto dedicado à sua morte –, Mariana teria perdido um filho e teria dado à luz um outro, uma menina chamada Ana.

199

Guilherme Augusto da Cunha, filho de Isabel Maria da Conceição, natural da Ilha Brava de Cabo Verde, de idade de Menores. Matriculou-se a 22 de Outubro de 1860. Lia regularmente, escrevia mal letras, e somarava e dividia. Em 1861 teve o 1.º premio de Hist. Sag., 2.º de Litua e Cath., 4.º de app. aturada, 1.º accessit de Hist. patria, 1.º medalha de cobre, e foi app. na 3.ª classe de Calligr., em diorama, compozer, add. e subtr. de fracções e app. mult. breves, e na 1.ª classe de Gramma. Em 1862 obteve o 1.º premio de Lit., 2.º de Hist. de Port., e cath., 2.º da Sociedade Madripera, 1.º accessit de Gramma. 2.º medalha de prata, app. plena em Lit., app. mult. e fracções ord., 4.º e 5.º epochas de Hist. patri., 7.º cl. de Cath., e simpl. na 2.ª de Gramma. Em 1863 obteve o 1.º premio de Geograph., 3.º de Geometria, 2.º da Sociedade Madripera, app. plena em Cath., e cubica, liga, quã compozer, reduções, proporções, mult. breves e simpl. na 1.ª cl. de Litua, e em 1864 obteve o 1.º pr. de Cath., Gramma. e premio de Physica, e app. plena em Gramma., etc. progressões por diff., Geograph., e Moral. Em 1865 obteve o 1.º pr. de Geometria, e da Sociedade Madripera, app. plena em Calligr., progr. geometricas, e instituição moral e religiosa. Em 1866 obteve o 1.º premio de Geometria. Nestes dois ultimos annos exerceu as funcções de alumno-mestre, e no fim deste anno letivo sahio da escola, e em Setembro de 1867 retirou-se com sua familia para Lisboa.

Processo de Guilherme Augusto da Cunha na Escola Real de Mafra

¹¹ *Poesias*, ed. cit., p. 65-66 e 14-127.

Para além dessa irmã, é possível que Guilherme tivesse também um irmão: numa portaria de 31 de março de 1880¹², vem a referência a um José Augusto da Cunha Dantas, dado como 1.º substituto do cargo de juiz ordinário do julgado da ilha Brava. A coincidência do nome – *Augusto da Cunha Dantas* – e a procedência geográfica obrigam a pensar que se trate de um irmão de Guilherme, apesar de nenhum biógrafo o indicar e de não haver nenhuma alusão a ele na obra do nosso autor. Outra possibilidade seria a de se tratar de um primo, filho de António Pedro Dantas Pereira, que durante alguns anos acompanhou o irmão como professor na Brava.

O certo é que 1867 representa o fim dos estudos de Guilherme Dantas e de uma época da sua vida marcada pela felicidade, mesmo que relativa. Como se depreende de uma passagem de *Bosquejos*, a causa do infortúnio terá sido a morte do pai:

Havia três meses que eu me achava na cidade da Praia, de regresso à pátria, concluídos... ou, para melhor dizer, interrompidos os estudos em Portugal, e fugindo aos vendavais da vida airada e tempestuosa de Lisboa.

É o que frequentemente acontece a muitos de nós outros, pobre[s] filhos do ultramar, que, pela morte súbita dum protetor, ou por qualquer incidente inesperado (sem o que deixava de ser incidente), não podemos completar o *desbastamento* a que fomos, e voltamos com algumas ilusões de menos, alguns vícios de mais, muitas pretensões, muito janotismo, e, para cúmulo de desditas e de ridículo, penteados com essa meia instrução, que, no dizer de certo fisiologista, é pior do que uma completa ignorância. (*Bosquejos*, p. 130)

A par desse, terá surgido também um problema de saúde que deixará fundas marcas: a surdez. É José Lopes, que conheceu Guilherme Dantas em 1887, quem refere o episódio:

Foi em Mafra que o Dantas contraiu, como consequência de um banho frio, a surdez, fatal enfermidade que, como a Beethoven, lhe encheu de amargura a existência e determinou sombrias alterações no seu carácter.¹³

Segundo *Bosquejos*, o regresso de Guilherme a Cabo Verde ocorreu apenas em 1869 (ou em finais do ano anterior), sendo de admitir que tenha passado pouco mais de um ano entre os «(...) vendavais da vida airada e tempestuosa de Lisboa.», entrevistos nas *Memórias dum pobre rapaz*.

Por aquilo que pudemos apurar, a sua carreira profissional terá sido marcada também pela

¹² *Boletim oficial do Governo Geral da Provincia de Cabo Verde*, 3-IV-1880, p. 93.

¹³ «Guilherme Dantas». *Vida contemporânea*. Lisboa. 15 (jun. 1935), p. 497.

desilusão, decorrente certamente do desajuste face ao meio que veio encontrar e da frustração das expectativas que os estudos na metrópole lhe terão suscitado. Com uma forte dose de ironia, o autor dá conta no início dos *Bosquejos* dos seus esforços para obter uma colocação no funcionalismo público:

Um dia, porém, fiz a agradável descoberta de que os memoriais eram estéreis, os selos do Tesouro muito caros, e intransponível a porta dos empregos, pelo menos para os que não atassem algum padrinho suculento à chocha certidão de primeiras letras, vacina e folha corrida...

Pousei a pena a meio do quinto memorial, acendi um cigarro com o último requerimento, despedi-me dos meus cuidados, montei a cavalo, e parti. (*Bosquejos*, p. 131)

O lugar deve ter tardado. Do primeiro emprego, na ilha de Santiago, não conseguimos encontrar notícia no *Boletim oficial do Governo Geral da Provincia de Cabo Verde*, mas o autor refere-o nos *Bosquejos*:

Eu, demorei-me apenas um mês na freguesia de Santa Catarina, onde conseguira empregar-me na administração do concelho. Foi, pelo governo-geral, determinada a mudança da sede do concelho para o porto do *Mangue do Tarrafal*, medida que se levou a efeito com aquela celeridade à *militar*, que o conselheiro Albuquerque imprimia à execução das suas melhores resoluções, o que por vezes, como no caso presente, não pouco as prejudicava. (p. 166)

Em 1872, como já foi notado por Arnaldo França¹⁴, Guilherme Dantas publica um anúncio no *Boletim oficial* oferecendo serviços de tradução e secretariado. Mas só em 1877¹⁵ encontramos nessa publicação a primeira referência a funções públicas atribuídas ao nosso autor: entre esse ano e 1886¹⁶, ele assina, como encarregado, sucessivas relações de livros entrados na Biblioteca e Museu Nacionais. Aproveitando a referência a esta instituição, valerá a pena destacar o ingresso da edição francesa das obras completas de Sterne, autor que exerceu clara influência sobre Guilherme Dantas. A notícia, integrada na «Relação de algumas obras oferecidas pelo Ex.^{mo} Sr. Commendador Ovide Urbain, entregues em Bissau a um membro da Comissão Directora», surge no *Boletim* de 20-VII-1872, p. 154: «Œuvres complètes (sic) de Sterne, Œuvres choisies de Goldsmith, nouvelle édition revue et augmentée de notices bio-

¹⁴ «Prefácio» a *Poesias*, ed. cit., p. 11.

¹⁵ *Boletim oficial*, 1-IX-1877, p. 156.

¹⁶ *Ibid.*, 27-III-1886, p. 77.

graphiques et littéraires par Walter Scott, traduites par M. Francisque Michel. Paris, 1864, 1 vol.». É possível que Guilherme Dantas tenha lido Sterne mais cedo, durante a sua permanência na metrópole, e até em inglês. Se tal não aconteceu, a leitura pode ter sido feita em francês, a partir de 1872. Seja como for, Dantas dominaria certamente o inglês, tanto mais que dez anos depois oferece à mesma biblioteca um livro do autor de *The Farmer's Boy*: «The Poems of Robert Bloomfield»¹⁷.

De acordo com as nossas pesquisas no *Boletim oficial*, a restante carreira de funcionário público desenvolve-se também na Praia e é bem modesta. Por portaria de 19 outubro de 1877¹⁸, Guilherme Augusto da Cunha Dantas é nomeado para exercer interinamente o cargo de amanuense da junta da fazenda de Cabo Verde, que estava provisoriamente vago. Dois anos depois, mediante portaria de 12 de setembro¹⁹, é-lhe concedida uma primeira licença médica (tema de que fala com humor e ironia no conto *A morte de D. João*), por sessenta dias, «(...) para se tratar convenientemente em um dos pontos mais salubres do archipelago.». Esta licença seria depois prorrogada por mais um mês²⁰.

Em 1880²¹, Guilherme Dantas beneficia de uma licença de 40 dias para «mudança de ares».

A 16 de maio de 1885, ocupando o cargo de amanuense interino da contadoria da junta da fazenda, é nomeado para exercer interinamente o lugar de 2.º escriturário da mesma repartição²², sendo a nomeação transformada em promoção por portaria de 11 de junho²³. Pouco depois, mediante portaria de 5 de agosto²⁴, são-lhe concedidos «(...) tres meses de licença para se tractar n'uma das ilhas mais salubres do archipelago (...)». No ano seguinte, através de portaria de 31 de março²⁵, é provido a título definitivo no cargo de amanuense da junta da fazenda pública²⁶, que exercia interinamente desde 1877. A 30-X-1886²⁷ é castigado com oito dias de suspensão por ter deixado de cumprir uma ordem que lhe foi dada pelo contador da junta de

¹⁷ *Ibid.*, 7-I-1882, p. 2.

¹⁸ *Ibid.*, 27-X-1877, p. 189.

¹⁹ *Ibid.*, 13-IX-1879, p. 215.

²⁰ *Ibid.*, 22-XI-1879, p. 204.

²¹ *Ibid.*, 18-IX-1880, p. 214.

²² *Ibid.*, 16-V-1885, p. 120-121.

²³ *Ibid.*, 13-VI-1885, p. 145.

²⁴ *Ibid.*, 8-VIII-1885.

²⁵ *Ibid.*, 3-IV-1886, p. 79-80.

²⁶ O que parece significar que a promoção anterior não tivera caráter definitivo.

²⁷ *Ibid.*, 30-X-1886, p. 226.

fazenda pública. No mês seguinte ²⁸, recebe dois meses de licença para convalescer na ilha Brava. A 6-V-1887 ²⁹ volta a ser nomeado para servir como 2.º escriturário na contadoria da junta da fazenda pública, sendo esta a última referência ao seu nome que encontramos no *Boletim oficial*.

Qualquer que seja a explicação, a carreira pública do nosso autor não deixa de surpreender pela modéstia. Podemos admitir o peso da falta de um *padrinho*, lamentada por Dantas em passagem já citada. Podemos admitir também a influência das limitações de saúde: a surdez, de que falámos atrás, e a miopia, reconhecida pelo próprio autor nesta passagem humorística de *Os intrujões*: «Olhei com mais atenção... cheguei o livrinho ao nariz... meti-o pelos olhos, por assim dizer, porque sou míope, e não podia capacitar-me do que via...» (p. 180). Mais grave do que isso era contudo o alcoolismo, causa ou consequência da impossibilidade de obter um posto que estivesse de acordo com a sua formação. Numa espécie de obituário, escreve o seu amigo Hipólito da Costa Andrade:

Padecimentos physicos, a terrivel lesão cardiaca que elle reconhecera em si, impressões moraes que no seu temperamento excessivamente nervoso actuavam com a maxima intensidade, decepções successivas, repellões da sorte, e também um ancian indomito que nunca era satisfeito ou preenchido, tudo concorria para esse mal estar geral que lhe entenebrecia os dias, e o arrojava ao pendor onde a tentação das bebidas brancas enroscando-se-lhe na razão e no animo, e fascinando-o, e dominando-lhe a vontade, lhe aproximaria o termo da existencia. ³⁰

José Lopes, que conheceu Dantas em 1887, reconhece também esse problema, de modo mais eufemístico: «Há quem diga, há mesmo quem afirme que o poeta a procurava [a morte], afogando a vida naquilo a que Álvares de Azevedo, como êle discípulo de Musset, chamava “o sangue do génio” ...» ³¹.

Outro obstáculo ao triunfo público de Guilherme Dantas terá sido a contundência do seu espírito crítico, bem patente na crónica *Os intrujões*. Atente-se na seguinte passagem da peça e confronte-se com a suspensão disciplinar que lhe foi aplicada em 1886:

A maior parte dos *intrujões*, porém, são perversos, e, tendo muitas *prendas* que lhes são comuns, há uma que não falta a nenhum deles: a ESTUPIDEZ.

²⁸ *Ibid.*, 6-XI-1886, p. 251.

²⁹ *Ibid.*, 19-VII-1887, p. 91.

³⁰ «Guilherme Dantas». *Ibid.*, 7-IV-1888, p. 64.

³¹ «Guilherme Dantas». *Vida contemporânea*, cit., p. 499.

Um destes conheci, um chefe de repartição, que informava sobre as habilitações dos seus subordinados, escrevendo – *habilitações* – mas tinha a modéstia de aspirar a um consulado em Zanzibar, na Zululândia, ou em qualquer outro país *cevilizado* onde a sua bestialidade passasse despercebida, à sombra de grossos proventos.

Outro, mais avançado ainda do que eu, que me assino Banana e escrevo *chouriço* com *c* cedilhado, escrevia até *ofreçe, pretençe, ofício, benefício, fácil, dócil*, com uma prodigalidade espantosa de rabinhos negros! (p. 181)

José Lopes, falando aparentemente de textos que não chegaram até nós, confirma esta faceta: «Foi também terrível polemista, menos suave que Augusto Barreto, menos contundente que Eugénio Tavares, porém mais ironista que os dois.»³² Uma ilustração aproximada pode ser encontrada na parte dos *Bosquejos* em que justifica a não concretização do seu projeto de poema herói-cómico intitulado *Macaqueida*:

Quereis saber o que são – *opiniões*?...

À porta de qualquer sujo botequim ou botica, improvisada em areópago, lê-se uma produção vossa, escutada com religiosa atenção por um grupo dos meus *insetos-símios*, constituídos em sessão magna para vos julgar, porque tendes o mau sestro de escrever para o público, e sois, talvez, redator dalgum jornal...

Afora alguns zumbidos insignificantes dos minúsculos *mosquitos*, alguns murmúrios dúbios das insípidas *abelhas* e dos estúpidos *grilos*, e alguns sorrisos equívocos das *cantáridas*, absorventes, nada prenuncia a *opinião* do conspícuo sinédrio, porque se espera a sentença do oráculo, que é, de direito, o próprio leitor, o qual, ordinariamente, é um zangão...

Estremeceis?... Sim, é mau sinal: os zangãos são rabugentos... Atendei, porém, a que as abelhas, que põem mel na ponta dos agudos ferrões, ou as baratas, essas harpias microscópicas, que sujam e infetam tudo aquilo em que tocam, ainda são piores... (p. 157)

Guilherme da Cunha Dantas viria a falecer, de acordo com Manuel Brito-Semedo³³, a 24-III-1888, na Praia. Apesar de mal-amado, houve quem reconhecesse os seus méritos. Foi o caso do já referido Hipólito da Costa Andrade, que o considerou «(...) um dos mais formosos talentos que tenho admirado de perto.»³⁴, acrescentando: «A inspiração bafejava-o perenne e ininterrupta. A toda a hora se encontrava aprestado para dedilhar na lyra afinada cantos suavíssimos, ou para despedir a frecha certa, penetrante, mortífera sobre preconceitos e ridículos.» Na mesma linha se pronunciou João Augusto Martins:

(...) o seu engenho, escapando a todos os dictames e a todas as formulas, revelou-se sempre sob uma apparencia inedita exclusiva e independente, ás vezes mordaz e ironico até á bruta-

³² *Ibid.*, p. 503.

³³ «Prefácio» a DANTAS, Guilherme – *Memórias dum pobre rapaz*, cit., p. 7.

³⁴ «Guilherme Dantas». *Boletim official*, cit., p. 64.

lidade, às vezes audacioso e indisciplinado até á irreverencia, mas minucioso e amplo, como que poetisado pelas tristezas e pelas supplicas da sua existencia acabrunhada.³⁵

Sob a forma de poema acróstico, também José Lopes da Silva lhe rendeu homenagem, no *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1889*³⁶:

Tributo

(Ao exímio poeta cabo-verdiano, Guilherme da Cunha)

Porque és grande, hão de os vindouros
Dar-te a sagração dos hinos.
Tomás Ribeiro

Q rande e altivo o teu estro se levanta.
= m brilhante porvir mostrando à pátria,
- nsigne artista, ó génio dos cantores,
- aureado homem que Cabo Verde espanta!

≠ á nos teus versos esse nobre encanto,
o ssa harmonia, que o leitor fascina.
- adiante acorda a maviosa lira,
≡ aravilhando a todos com teu canto.

o nflora a estrada que à glória conduz...
o iviniza, honra a tua excelsa pátria!
e musa tua é maviosa e meiga,
O larão infindo que entre nós reluz.

= m estro igual ao teu quisera ter.
≡ ão nasci, como tu, grande poeta;
≠ á apenas no meu canto o regozijo,
e ufanía de teu patrício ser.

1887.

José Lopes da Silva Sénior
(Cabo Verde – S. Nicolau)

Terminemos este breve apontamento biográfico com o retrato físico de Guilherme Dantas esboçado por José Lopes:

Estou a vê-lo, bem presente, tez alourada, cabelo castanho claro e anelado, olhos da côr de certos topázios, tristes e vagos, a inseparável luneta, o chapéu de côco e o também insepa-

³⁵ *Madeira, Cabo Verde e Guiné*. Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1891, p. 228.

³⁶ Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1888, p. 302.

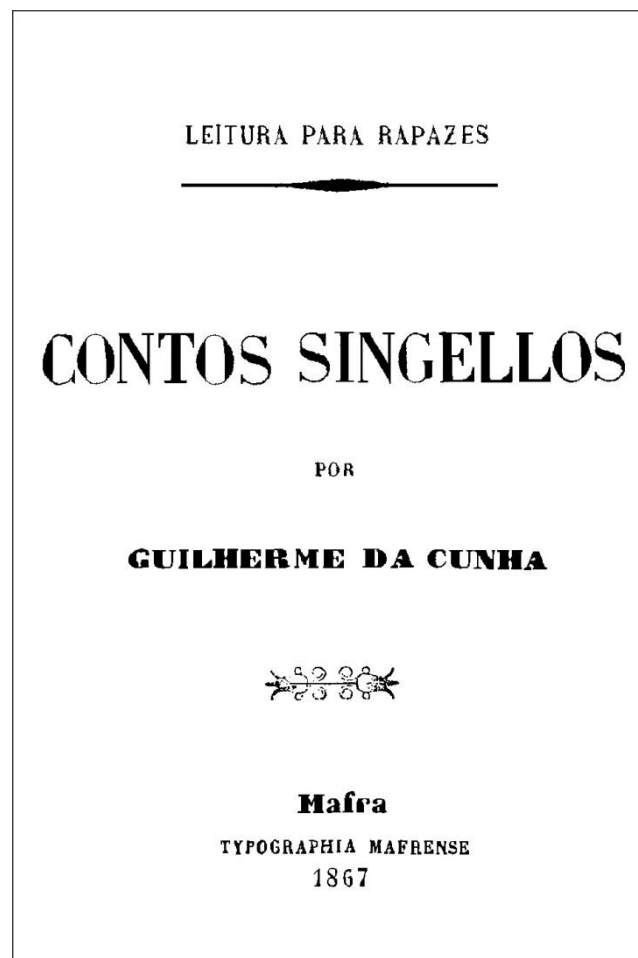
rável fraque, a bengala de cerejeira e as botas fortes...³⁷

3. A obra

Antes de procedermos a um breve estudo da *prosa menor* de Guilherme da Cunha Dantas, vejamos de forma esquemática o conjunto da obra do autor, o qual, não sendo muito extenso, é bastante diversificado, na medida em que cobre diversos géneros.

I. Textos publicados em vida do autor

- *Contos singellos* por Guilherme da Cunha. Mafra: Typographia Mafrense, 1867. Leitura para rapazes. 96 p. 10,5 x 16 cm.



³⁷ «Guilherme Dantas». *Vida contemporânea*, cit., p. 498.

O primeiro dos dois contos, «*Nhô*» *José Pedro ou cenas da ilha Brava* seria republicado em *A voz de Cabo Verde* ao longo de treze fascículos: n.º 78, 10-II-1913, p. 4; n.º 79, 17-II-1913, p. 3; n.º 80, 24-II-1913, p. 3; n.º 82, 10-III-1913, p. 4; n.º 84, 24-III-1913, p. 3; n.º 85, 31-III-1913, p. 4; n.º 86, 7-IV-1913, p. 4; n.º 89, 28-IV-1913, p. 4; n.º 90, 5-V-1913, p. 4; n.º 91, 12-V-1913, p. 4; n.º 92, 19-V-1913, p. 4; n.º 93, 26-V-1913, p. 4; n.º 96, 16-VI-1913, p. 5.

Confrontando as duas versões, percebem-se uma série de alterações, algumas delas significativas. Em primeiro lugar, o autor aparece com o nome que só mais tarde passou a usar: Guilherme da Cunha Dantas. Por outro lado, falta a dedicatória. Além disso – e para além de pequenas alterações na ortografia, na pontuação e no itálico e de algumas gralhas ligeiras –, há lapsos em algumas formas verbais (no 1.º § do capítulo inicial, *começava* em vez de **começavam**; no 3.º § do capítulo *Separação* da I parte, vem *lenço que agitavam* em lugar de *lenço que agitava*; no 2.º § do capítulo *No mar* da mesma parte, temos *repousa nas macas*, em lugar de *repousavam nas macas*). Há falhas ainda mais graves: no final do capítulo *Os dois marinheiros*, vem *no abismo insondável*, em lugar de *no abismo **hiante e insondável***; no 6.º § do capítulo *Os pais de José Pedro* da I parte, em vez de *hino **dum anjo** que Deus*, o jornal regista *hino que Deus*; na carta que vem no capítulo *Uma carta do Brasil* da mesma parte do conto, o jornal escreve *não me ocultam o estado* em vez *não me ocultam o **meu** estado e forças que restam*, em vez de *forças que **me** restam*; no 10.º § de *Na ilha Brava* da mesma parte, o jornal escreve *João Gay e não o paraguaio*.

Este mesmo conto seria depois parcialmente reeditado por Félix Monteiro ³⁸ e, mais recentemente, teve uma edição eletrónica, da responsabilidade do investigador cabo-verdiano Manuel Brito-Semedo, disponibilizada em *Esquina do tempo: magazine cultural online* <<http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/7463.html>, [7725.html](http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/7725.html) e [8080.html](http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/8080.html)>. A 5 de março de 2013 só estavam disponíveis as últimas três partes da narrativa, sendo possível perceber a partir delas que houve atualização ortográfica e, por vezes, de pontuação e que surgiram algumas gralhas ligeiras e outras maiores, que nos limitamos a exemplificar: no capítulo «O salvador de José Pedro», § 3, está *passou à noite por minha casa*, em vez de *passou à noite por **sobre a** minha casa*; na nota relativa a esse parágrafo, falta, no início, *noturno*; no 7.º § do mesmo capítulo, está *resultando de um ferimento*, quando deveria estar ***resultado** de um feri-*

³⁸ «Páginas esquecidas de Guilherme Dantas», cit., p. 155-164.

mento; no 13.º §, temos *cobrinde de beijos e de lágrimas*, em vez de *cobrinde de beijos e de lágrimas a mão*; no 16.º §, está *a morte do meu pai*, quando deveria estar *a morte do pai*; no capítulo «Ricardo Galvão», 4.º §, temos *os esforços de suas ciências*, quando deveria ser *os esforços da sua ciência*; no 10.º §, vem *cujas cordas de virgem*, em lugar de *cujas coroas de virgem*; no capítulo «A justiça de Deus», 6.º §, está *quase rapidamente*, em vez de *quase tão rápido*; no 10.º §, está *lhe estendeu a mão suplicante*, quando o correto seria *lhe estendeu as mãos suplicante*; no 43.º §, vem *Há um ano que estou aproximando de ti*, quando deveria estar *Há um ano que estou próximo de ti*.

- Crónica «Frei José e o diabo». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1872 (bissexto)*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1871, p. 152-154.
- Crónica «O dinheiro em Cabo Verde». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1874*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1873, p. 123-124.
- Poema «Reparo». *Ibid.*, p. 330.
- Poema «Regina». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1875*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1874, p. 193.
- Crónica «A cidade da Praia de Cabo Verde». *Ibid.*, p. 262-263.
- Poema «Na Valsa». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1876*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1876, p. 119.
- Crónica «Milho falante». *Ibid.*, p. 290-291.
- Crónica «Desgraçado nariz! (Fragmento duma cena cómica, inédita)». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1877*. Lisboa: Lallemand Frères, 1876, p. 231-232.
- Poema «Eu quizera...». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1879*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1876, p. 239.
- Poema «Supplica!». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1880*. Lisboa: Lallemand Frères Typ., 1879, p. 12-13.
- Poema «Duas rosas (Madrigal)». *Ibid.*, p. 272.
- Poema «Violeta (Madrigal-circular)». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1881*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1880, p. 277.
- Conto (incompleto) «Amor! Ai! Quem dera». In *A Imprensa. Orgão do commercio, industria e agricultura das colonias portuguezas*. Praia. N.º 44, 28-IV-1881, p. 1-2.

- Conto (incompleto) «A Morte de D. João: Memórias do Hospital». In *A Imprensa. Orgão do commercio, industria e agricultura das colonias portuguezas*. Praia. N.º 52, 23-VI-1881, p. 1-2 e n.º 54, 07-VII-1881, p. 1-2. Félix Monteiro reeditou-o também, de modo parcial ³⁹.
- Poema «A noite seguinte». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1882*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1881, p. 68.
- Poema «Invocação a minha mãe oferecendo-lhe os meus versos». *Ibid.*, p. 181.
- Poema «Um almoço!...». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1884*. Lisboa: Lallemand Frères Typ., 1883, p. 60.
- Poema «A um pae». *Ibid.*, p. 125.
- Poema «Quadro». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1885*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1884, p. 312.
- Poema «Aurora e Crepusculo». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1886*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1885, p. 300.
- «Soneto a S. Guilherme». *Ibid.*, p. 440.
- Poema «O cavallo do hospital». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1886. Supplemento*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1886, p. 155-156.
- Poema «Souvenir». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1887*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1887, p. 163.
- Poema «As mães». *Ibid.*, p. 186.
- Crónica «A ilha Brava». *Ibid.*, p. 373-375.
- Poema «Jean Valgean». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1888*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1887, p. 146.
- Poema «A Sêde». *Ibid.*, p. 380.
- Poema «Encontro». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1888. Supplemento*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1887, p. 70.

II. Textos publicados postumamente

- Poema «Confidencia». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1889*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1888, p. 228.
- Poema «O que eu desejava ser!...». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro*

³⁹ «Páginas esquecidas de Guilherme Dantas», cit., p. 167-172.

para o anno de 1890. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1889, p. 156.

- Poema «Estrella Vespertina». *Ibid.*, p. 379.
- «Fragmento do poema O SALGUEIRO, de A. Musset (traducção)». *Ibid.*, p. 379-380.
- Soneto começado pelo verso «Inda tremo de pasmo! inda me assusta». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1890. Suplemento*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1890, p. 110-111.
- Narrativa «Bosquejos dum passeio ao interior da ilha de Santiago». In *A voz de Cabo Verde*. Praia, n.º 22, 15-I-1912, p. 2; n.º 23, 22-I-1912, p. 2; n.º 25, 05-II-1912, p. 2; n.º 26, 12-II-1912, p. 2; n.º 27, 19-II-1912, p. 3; n.º 29, 04-III-/1912, p. 2; n.º 30, 11-III-1912, p. 3; n.º 31, 18-III-1912, p. 4; n.º 34, 08-IV-1912, p. 3; n.º 36, 22-IV-1912, p. 3; n.º 39, 13-V-1912, p. 5; n.º 41, 27-V-1912, p. 3; n.º 42, 03-VI-1912, p. 3; n.º 43, 10-VI-1912, p. 3; n.º 44, 17-VI-1912, p. 5; n.º 45, 24-VI-1912, p. 3; n.º 46, 01-VII-1912, p. 3; n.º 49, 22-VII-1912, p. 3; n.º 52, 12-VIII-1912, p. 3; n.º 54, 26-VIII-1912, p. 3; n.º 56, 09-IX-1912, p. 3 ; n.º 61, 14-X-1912, p. 3; n.º 62, 21-X-1912, p. 3; n.º 63, 28-X-1912, p. 5.

Félix Monteiro transcreveu largos excertos do folhetim ⁴⁰ e Manuel Brito-Semedo reproduziu também algumas passagens no seu blogue.

- Romance «Memórias dum pobre rapaz». In *A voz de Cabo Verde*. Praia, n.º 105, 18-VIII-1913, p. 4; n.º 106, 25-VIII-1913, p. 4; n.º 107, 1-IX-1913, p. 4; n.º 108, 8-IX-1913, p. 6; n.º 113, 13-X-1913, p. 4; n.º 114, 20-X-1913, p. 4; n.º 115, 27-X-1913, p. 4; n.º 116, 3-XI-1913, p. 4; n.º 120, 1-XII-1913, p. 4; n.º 122, 15-XII-1913, p. 4; n.º 123, 22-XII-1913, p. 4; n.º 125, 5-I-1914, p. 4; n.º 128, 26-I-1914, p. 4; n.º 129, 2-II-1914, p. 4; n.º 130, 9-II-1914, p. 4; n.º 131, 16-II-1914, p. 4; n.º 133, 1-III-1914, p. 4; n.º 135, 16-III-1914, p. 3; n.º 136, 23-III-1914, p. 4; n.º 137, 30-III-1914, p. 4; n.º 138, 6-IV-1914, p. 4; n.º 139, 13-IV-1914, p. 4; n.º 140, 20-IV-1914, p. 4; n.º 142, 4-V-1914, p. 4; n.º 143, 11-V-1914, p. 4; n.º 144, 18-V-1914, p. 4; n.º 146, 1-VI-1914, p. 4; n.º 147, 8-VI-1914, p. 4; N.º 150, 29-VI-1914, p. 4; n.º 151, 6-VII-1914, p. 4; n.º 153, 20-VII-1914, p. 4; n.º 154, 27-VII-1914, p. 4; n.º 161, 14-IX-1914, p. 3; n.º 162, 21-IX-1914, p. 3; n.º 163, 28-IX-1914, p. 3; n.º 164, 5-X-1914, p. 3; n.º 169, 9-XI-1914, p. 3; n.º 170, 16-XI-1914, p. 3; n.º 173, 7-XII-1914, p. 3; n.º 178, 11-I-1915, p. 3; n.º 180, 25-I-1915, p. 3; n.º 181, 1-II-1915, p. 3; n.º 185, 1-III-1915, p. 3; n.º 186, 8-III-1915, p. 3; n.º 187, 15-III-1915, p. 3; n.º 188, 22-III-1915, p. 3; n.º 190, 5-IV-1915,

⁴⁰ «Páginas esquecidas de Guilherme Dantas», cit., p. 128-154.

p. 3; n.º 191, 12-IV-1915, p. 3; n.º 192, 19-IV-1915, p. 3; n.º 193, 26-IV-1915, p. 3; n.º 194, 3-V-1915, p. 3; n.º 195, 10-V-1915, p. 3.

Em 2007, com organização, prefácio e notas de Manuel Brito-Semedo, saiu a edição em livro (Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro).

- Crónica «Os Intrujões: Estudo crítico por Venceslau Policarpo Banana». In *A voz de Cabo Verde*. Praia. N.º 224, 27/12/1915, p. 3 e n.º 227, 17/01/1916, p. 3.

- Conto «O sonho (Memórias dum doido)». In *A voz de Cabo Verde*. Praia. N.º 228, 24/01/1916, p. 3, n.º 230, 7/02/1916, p. 3, n.º 231, 14/02/1916, p. 3, n.º 232, 21/02/1916, p. 3 e n.º 233, 1/03/1916, p. 3. Félix Monteiro voltou a publicá-lo, parcialmente ⁴¹.

- *Poesias*. Organização e prefácio de Arnaldo França. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1996.

Reproduz um caderno manuscrito do autor datado de 1780, acrescentando os poemas publicados no *Novo almanach de lembranças*, a que se juntam alguns saídos na *Revista de Cabo Verde* e outros dados a conhecer por Félix Monteiro.

III. Textos desaparecidos

No *Boletim Oficial do Governo Geral da Provincia de Cabo Verde*, apareceram anunciadas duas obras de Guilherme Dantas que não terão chegado ao prelo:

- A 11-X-1884, na p. 210, surge o anúncio de

«EMBRYÕES
Pequena bibliotheca de Cabo-Verde
por
Guilherme da Cunha Dantas

Acha-se á venda n'esta imprensa o 1.º numero d'esta publicação litteraria, em folhetos in-8.º nitido, brochados e com capas.

Preço – 240 réis».

Aparentemente a publicação não terá contudo chegado a concretizar-se. Este volume – ou um volume com o mesmo título – foi pelo autor confiado ao seu amigo Hipólito da Costa Andrade, que escreveu depois da morte de Dantas: «Confiou-me depois o seu romance – *Os*

⁴¹ «Páginas esquecidas de Guilherme Dantas», cit., p. 165-167.

embryões – que inda está em meu poder, para fazer uma carta preambular, ou juízo critico da obra, com que esta devia sair a lume.»⁴²

- A 29-V-1886, na p. 122, vem a publicidade a

«Noites de Cabo Verde
Poesias

Achando-se coberta a importancia precisa para a publicação do livro que, sob este titulo, vae entrar no prélo, são rogados os cavalheiros que se dignaram quotisar-se para a mesma publicação, a mandarem satisfazer as respectivas quotas nas casas commerciaes dos srs. José Coelho Serra ou Vasconcellos & Sobrinho, n' esta cidade, como preferirem.

As despezas geraes da publicação foram orçadas em Lisboa em 100\$000 réis. Em vista de taõ elevado custo, a quotisação foi ao minimo de 5\$000 réis, fortes. Cada subscriptor tem direito a um volume lindamente encadernado, ou a encadernação e brochuras na proporção das aliquotas.

Os cavalheiros a que se refere, e aos quaes desde já agradece, profundamente reconhecido, o auctor, foram os ill.^{mos} e ex.^{mos} srs.: [seguem-se os nomes de 18 pessoas]

Cidade da Praia, 26 de maio de 1886. Guilherme Augusto da Cunha Dantas»

Para além destes dois volumes, Guilherme Dantas deixou a Hipólito da Costa Andrade uma série de manuscritos, frisando que um deles estava em poder do Capitão Marcelino Pires da Costa. Entre esses documentos estaria talvez o projeto de poema herói-cómico que vem referido em *Bosquejos*.

Por último, vários autores – entre os quais José Lopes e João Augusto Martins⁴³ – referem que Dantas colaborou em *O independente*. Acontece porém que os números em causa não se conservaram, pelo que tais escritos estão perdidos.

Posto isto, façamos agora um breve estudo sobre os textos de Guilherme da Cunha Dantas que editaremos mais à frente, começando pelos contos.

Tendo nascido em 1848 e estreando em 1867, o nosso autor poderia pertencer ou identificar-se com a chamada geração de 70. Basta ler contudo *Contos singelos* para perceber de imediato que a estética que lhe serve de modelo é a da geração anterior, a do ultrarromantismo: mostra-o o acento sentimental, o pendor para os lances dramáticos, a idealização do amor, a presença da morte, um certo pessimismo, a par de uma linguagem e de um estilo com

⁴² «Guilherme Dantas». *Boletim official*, cit., p. 65.

⁴³ «Na prosa (...) apresenta-se (...) estapafúrdio, violento e intemerato, como n'esses immorredouros artigos com que fulminou outr'ora tantos preconceitos, tantos ridiculos e tantas ostentações, nas columnas do *Independente*.» (*Madeira, Cabo Verde e Guiné*, cit., p. 228).

uma série de marcas convencionais. Prova-o também o recurso, neste livro e noutros textos, a epígrafes e citações, diretas e indiretas, de autores que são expoentes dessa geração: Pinheiro Chagas, Soares de Passos, Bulhão Pato, Mendes Leal (o irmão, António Joaquim) ou Castilho (vindo da 1.^a geração, mas figura tutelar do grupo).

O livro de estreia de Guilherme Dantas é constituído por dois contos: «*Nhô*» *José Pedro ou cenas da ilha Brava* e *Cenas de Mafra*. Embora no título de ambos se destaque o espaço, o elemento estrutural de maior relevo é a ação, que está longe da *singeleza* anunciada no rótulo do volume, a menos que a tomemos como proclamação de pureza e veracidade. De facto, a ação dos dois contos é mais longa e complexa do que hoje estamos habituados a encontrar neste tipo de narrativa: no primeiro texto, cobre três gerações e contempla uma divisão em duas partes, separadas por uma distância de 20 anos; no segundo conto, o período de tempo é curto, mas também permite o desenvolvimento de uma série de peripécias.

Apesar do que fica dito, o espaço – entendido numa aceção lata que ultrapasse a dimensão física – é uma categoria importante, sobretudo no primeiro conto. Note-se aliás que ele surge duplamente no título: através da referência à Brava, mas também mediante a convocação de uma forma de tratamento local, «*Nhô*». Situando-se longe da terra natal, numa metrópole que define como «terra estranha» (p. 56), nem por isso o narrador-autor deixa de se mostrar marcado pelo preconceito de quem está de fora. Isso é visível no modo como avalia o comportamento dos naturais, considerando-os «supersticiosos» quando, perante a queda de pedras, «(...) saem de suas frágeis casinhas invocando o sagrado auxílio, pois supõem ser aquilo obra do demónio.» (p. 56). Relativamente à crença no carácter pressagiador do canto de um pássaro, faz um comentário idêntico: «Mais uma superstição daquela pobre gente.» (p. 71). A mesma atitude de superioridade pode ser observada a propósito de um aspeto linguístico: «Coisas de meus patrícios! Como aqueles senhores não têm gramática, dizem na sua algaraviada: *um baca, dois baca*, por *uma vaca, duas vacas*; e assim também dizem *batata inglês* por *inglesa*.» (p. 57). Em contrapartida, há outros aspetos da cultura local que não merecem comentário negativo: é o caso dos festejos de Santo António e de particularidades da culinária, como o «xerém» e a «batanca».

A história de José Pedro permite ao narrador mostrar a complexidade da sociedade local: para além dos naturais e dos portugueses de passagem, havia também espaço para estrangeiros, como o brasileiro António Pedro (pai do herói) e o paraguaio João Gay (amigo dele). Por

outro lado, tratava-se de uma sociedade baseada na distinção racial, em que a escravatura estava ainda presente: note-se que o narrador tem o cuidado de esclarecer que António Pedro «(...) chegou a enriquecer no comércio, não de *pau d'ébano* (escravatura), mas no tráfico honrado de produtos da terra.» (p. 57). Além disso, no decurso da ação, há a referência à atividade de escravos, tanto domésticos (veja-se a cena da chegada de uma carta do Brasil para António Pedro, p. 60), como externos, encarregados de serviços mais pesados (D. Elvira vai ter com o marido acompanhada de «alguns escravos», ao passo que José Pedro regressa a casa «(...) em uma cómoda cadeirinha levada por dois possantes escravos (...)», p. 73). Apesar disso, haveria alguma margem para o cruzamento inter-racial: António Pedro casa com Júlia de Lima, «(...) uma linda crioula cujo pai era português (...)» (p. 59). Ainda ao nível do espaço local, Guilherme Dantas tem o cuidado de mostrar que a sociedade da Brava era desigual, embora sugira que os efeitos negativos daí decorrentes eram temperados por uma caridade de tipo paternal: quando António Pedro parte para o Brasil, «Via-se a praia coalhada de povo, principalmente de pobres que debulhados em lágrimas se vinham despedir de seu benfeitor, de seu pai (...)» (p. 61). Apesar dessa relativa *ingenuidade*, o narrador não deixa de mostrar as injustiças a que a desigualdade abre caminho, designadamente através da violência dos poderosos contra os mais fracos: sobre Ricardo Galvão, «(...) moço pródigo e libertino, temido e odiado de todos, mas procurado e respeitado pelo seu ouro.» (p. 68), diz que «Este ouro, e os encantos naturais de sua pessoa haviam feito decair muitos anjos, correr muitas lágrimas.» (*ibid.*). A figura do camponês António Silvestre – cuja filha fora desonrada por Galvão e se suicidara depois – permite ao autor sugerir que há uma espécie de justiça divina que corrige a frágil justiça humana: Silvestre pune o agressor de sua filha com a morte, embora venha a ser sancionado com o degredo perpétuo para a Guiné.

Não obstante, a visão maniqueísta do mundo, as demasiadas mortes, as excessivas peripécias e a falta de densidade das personagens tiram força a um conto a que falta o *single effect* de que falava Poe. Apesar disso, há aspetos positivos, como o retrato da sociedade local, a estruturação dos eventos narrativos e um ou outro apontamento estilístico, como este símile referente ao mar: «Porém esta segunda luta dos elementos foi como a cólera humana: tanto mais terrível quanto mais breve.» (p. 58).

O segundo texto, *Cenas de Mafra* parece aproveitar a experiência pessoal do autor quando aluno da Escola Real. Trata-se de uma história de amor e ciúme juvenil, desenrolada entre

Mafra e a Ericeira – nesta altura, como hoje, procuradas por famílias lisboetas no período estival ⁴⁴ –, com uma série de lance dramáticos que incluem a morte da protagonista e o desafio para um duelo entre os dois rivais. A linguagem resvala para o mesmo tipo de convencionalismo, como se pode ver pelo exemplo seguinte: «É que Júlio pousou ao de leve os lábios na taça inebriante da ventura.» (p. 92). Assinale-se contudo uma certa destreza por parte do autor na montagem da história: começando com os preparativos para o duelo, abre depois para um *flashback* que permitirá o regresso ao ponto de partida e a conclusão da intriga.

O terceiro conto, *Amor! Ai! Quem dera*, publicado em 1881, chegou até nós de forma incompleta, o que não nos permite percebê-lo e avaliá-lo completamente. Vê-se contudo que segue a mesma linha do texto anterior: uma intensa paixão amorosa marcada pelo infortúnio, desta feita localizada em São Vicente. A descrição da protagonista, Georgeta da Silva, revela a persistência dos *clichés* românticos:

Saíra ela forçosamente dum beijo da virgem. Um rosto oval com as linhas mais perfeitas, alta como tenro e delicado arbusto que se baloiça ao sopro da brisa da manhã, a cintura podia cingir-se em um pequenino anel, a mão mais *mignone* que se pode imaginar, e um pé que se podia bem esconder na algibeira do colete. (p. 112-113)

Bem mais interessante é *A morte de D. João: Memórias do hospital*, publicado no mesmo ano e também incompleto. Embora não se perceba completamente o enredo, parece tratar-se de um conto burlesco que nos apresenta um narrador em 1.^a pessoa fraudulentamente internado no hospital, com o objetivo – que vem a concretizar – de obter uma licença da junta de saúde. A sátira a esta prática é feita com humor, tanto mais que as tentativas de disfarce começam a converter-se em sintomas de doença: «O facto é, porém, que *fui buscar lâ e vi-me tosquiado*, pois, efeito do purgante, provavelmente, na manhã do segundo dia acordei com falta de respiração e o fígado inchado... (...)» (p. 119). Além disso, o narrador, à semelhança do que acontece em *Bosquejos* e em *Memórias dum pobre rapaz*, recorre por vezes à ironia metanarrativa: «Já não se pode fazer fortuna, hoje, com surpresas de romances!! e decididamente... não conto mais!» (*ibid.*). O humor pode resultar ainda da paródia aos *clichés* românticos:

⁴⁴ Veja-se o que escreveu Ramalho Ortigão em 1876: «A vida é extremamente cómoda na Ericeira. As casas alugam-se com mobília, e pode-se ter igualmente de alugar a loiça e a roupa de camas. Uma família de quatro pessoas aloja-se comodamente por seis libras por mês.» (*As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*. Lisboa: Frenesi, 2001, p. 123).

E Joanhina era uma botão de rosa desabrochado num sorriso da aurora... como diria o Artiaga, o mais descambado poeta que eu conheço.

E eu, que não tenho asas, mas que sou tão guloso como qualquer abelha (e note o sr. Abelha que não se trata de s. ex.^a)... eu gostaria... gostaria também de *molhar a minha sopa*... (p. 120)

Na história do falso doente surge a certa altura encaixada uma outra história que não chega a perceber-se, dada a circunstância de o texto estar incompleto: a do amor entre Joanhina e D. João.

O último conto, *O sonho (Memórias dum doido)*, publicado postumamente, retoma o tema do amor infeliz. Partindo da sugestão do poema *D. Branca* de Almeida Garrett, o narrador conta à narratária (a mulher que se viu forçado a deixar de amar) a infelicidade em que vive e que se manifesta em dois planos: o do sonho e o da realidade. Diferentemente do que acontece na obra de Lopes de Mendonça ⁴⁵ evocada no subtítulo, a responsabilidade pelo desfazer do sentimento é da mãe da narratária:

(...) quando eu conheci que te amava como se ama a mulher, e não a criança, a filha... então a tua mãe ensinou-te umas coisas hediondas, ensinou-te até a desprezar-me, a mim, que te amava com toda a pureza, de meus loucos transportes! e, pouco a pouco, perdi os teus carinhos, perdi os teus beijos, perdi o teu amor, sumiu-se a luz da minha alma, caí de novo nesta tristeza horrível, e... fugi de ti... para não te matar como se mata o réptil que aquecemos no seio e nos morde o coração... (p. 192-193)

Apesar desta orientação, o narrador faz por vezes comentários irónicos, quebrando a tensão do relato: «(...) os cortesãos conclamavam os meus louvores (não sei bem porquê, mas bastava serem cortesãos...) (...)» (p. 187).

Em síntese, somos obrigados a reconhecer que os contos de Guilherme Dantas são desiguais e nem todos resistiram bem à passagem do tempo: se é verdade que revelam uma certa mestria na montagem da estrutura narrativa, não é menos verdade que caem com frequência no esquematismo de tipo sentimental característico da época. Percebe-se contudo, graças a um texto como *A morte de D. João*, que o autor tinha capacidade para superar, num outro registo, as limitações de escola.

⁴⁵ MENDONÇA, António Pedro Lopes de – *Memórias d'um doido: romance contemporaneo*. Lisboa: Tip. de Costa Sanches, 1859.

Passemos agora às crónicas. Os sete exemplares que reunimos – e que, a avaliar pelo já referido comentário de José Lopes, corresponderão apenas a uma parte do trabalho do nosso autor neste domínio, dado que terá publicado no jornal *O independente* outros textos que não chegaram até nós – dão bem a medida da versatilidade do género: oscilando entre o apontamento e o artigo, a nota caricatural e o esboço ficcional, revelam-nos um escritor desenvolvido, capaz de adequar o registo ao público do meio de comunicação em que escreve. De facto, as seis crónicas que publicou no *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro* distinguem-se claramente da que ficou inédita: em lugar do tom crítico e satírico, privilegiam – não apenas ao nível do tom e do estilo, mas também quanto ao tema – um registo ameno, consentâneo com o vasto público do almanaque.

Três delas são de tipo humorístico: *Frei José e o diabo* (1872), *Milho falante* (1876) e *Desgraçado nariz!* (*Fragmento duma cena cómica original*) (1877). A primeira evoca uma figura da juventude do autor, um divertido frade de Mafra, contando uma das suas anedotas: um pacto – bem-sucedido – com o diabo em troca de dois sacos de castanhas piladas, fazendo o protagonista lembrar a *manha* do herói de certos contos populares. A segunda explora lapsos linguísticos que chegaram ao conhecimento do autor: um reneiro que justifica a baixa colheita de uma forma *sui generis* («(...) o milho que tinha dado a sua palavra faltou-me (...)») (p. 109) ou uma postura municipal que fala em «(...) velhos maiores de sessenta anos (...)» (*ibid.*). A terceira apresenta, em tom de caricatura, uma personagem de nariz descomunal que será retomada no romance *Memórias dum pobre rapaz* e inclui uma décima espinela em redondilha maior, também marcada pela hipérbole burlesca. Atente-se nos últimos quatro versos: «Nariz de massa infernal, / que, se o cálculo não erra, / posto entre o sol e a terra, / faria eclipse total!» (p. 110-111).

As três outras são de teor mais informativo, próximo do artigo de almanaque: *O dinheiro em Cabo Verde* (1874), *A cidade da Praia de Cabo Verde* (1875) e *A ilha Brava* (1887). Esta última, contudo, afasta-se um pouco do estilo jornalístico, enveredando por um registo pessoal associado por vezes a uma nota de humor. Veja-se o primeiro parágrafo:

Muito se tem escrito sobre esta encantadora ilha, com razão cognominada *jardim, paraíso, Sintra*, e até *Suíça* de Cabo Verde. Não conheço a Suíça, e muito menos o paraíso, mas posso afirmar que *jardim* e *Sintra*, com toda a certeza que é. (p. 123)

Ou a passagem em que o autor, comentando a semelhança entre as mulheres da Brava e as inglesas, conta o seguinte episódio:

Aconteceu-me isto, entre outros casos, com as filhas dum gigantesco e bronco baleeiro, cor de tijolo. O desengano causou-me bastantes desapontamentos, mas, chegou ainda a tempo de impedir que as minhas costelas tomassem conhecimento íntimo com o cabo dum arpão passado à inatividade. (*ibid.*)

A crónica publicada postumamente é de teor bem diferente: mais longa do que as anteriores, parte de um episódio particular, narrado com pormenor e graça, mas obtém um alcance mais vasto, justificando assim o subtítulo («Estudo crítico») e a ficcionalização do autor (convertido em «Venceslau Policarpo Banana»). O episódio é uma espécie de compra de *gato por lebre*: papel de mortalhas nacional, de nome *Duque*, vendido com a sugestão do original, o *Duc* francês. À primeira vista, trata-se de uma ocorrência que faz lembrar o que aconteceu há uma década com a denominação da mascote do Europeu de futebol de 2004: estava para se chamar *Quinas*, mas, existindo uma marca de fósforos com esse nome, adotou-se a designação de *Kinas*. O caso abordado por Guilherme Dantas é contudo bastante diferente, situando-se no limiar da contrafação e da publicidade enganosa, ainda que o fabricante português tenha o cuidado de alertar o consumidor para a diferença do produto, através de um aviso que contém um lapso gramatical que o cronista não podia deixar passar: «(...) sem outra substância que prejudique o paladar do tabaco (*sic*) nem incomode a garganta (...)» (p. 180). É precisamente esta «(...) falsificação beata e hipócrita, sobre flagrante e brutal (...)» (*ibid.*) que justifica a reação explosiva do autor que nem o eufemismo consegue atenuar: «Limpem as mãos à parede, e permitam que lhes enderece este pigarro que o *paladar* do seu *papel* me puxou das fossas nasais.» (*ibid.*).

Mais interessante ainda do que o episódio de base é a reflexão sardónica que Guilherme Dantas apresenta sobre o modo como os intrujões dominam todos os aspetos da vida. Isso permite-lhe, por um lado, acertar contas pessoais:

O meu chefe... pois o homem também era chefe duma repartição importante, começa por isentar-se de todo o trabalho e de toda a responsabilidade, carregando uma e outra coisa aos ombros dos demais empregados. Ele não é propriamente o chefe, é o *inspetor* da sua repartição... Os outros trabalham, ele *vê* trabalhar. (p. 182)

E, por outro, atingir um objetivo político com a denúncia de algumas das falhas da administração colonial: «Intrujões são os cabos chefes de galopins eleitorais, os alcoviteiros das sumidades políticas, os sabujos do poder: em uma palavra, os maus funcionários de que o governo da metrópole inunda as colónias (...)» (p. 181).

Justifica-se deste modo a conclusão desalentada:

Está averiguado que só assim se consegue alguma coisa neste, e talvez mesmo nos outros planetas irmãos, só assim se tira o pé da cepa torta, o ventre da miséria, a sardinha da brasa... com a mão do gato, o que é duplamente voluptuoso. (p. 183)

Para terminar esta breve apresentação crítica dos textos em prosa mais curtos de Guilherme Dantas, falta fazer referência à narrativa de viagens *Bosquejos dum passeio ao interior da ilha de Santiago*. Como o próprio autor tem o cuidado de esclarecer, trata-se de um texto que, tendo tido uma redação original em 1869 – contemporânea do *passeio* que lhe serve de base –, foi publicado, com falhas, em 1878, vindo a ser retomado e reelaborado para publicação em 1886, embora a edição só venha a concretizar-se postumamente. Trata-se assim de uma narrativa que nos oferece a rara oportunidade de acompanhar o processo de (re)escrita do autor – ou, talvez melhor, de *encenação* dessa reescrita –, cujos sinais se apresentam quase sempre sob a forma de auto-ironia:

(...) volto aos meus *bosquejos* que, diga-se em abono da pena com que os tracei primitivamente, não dizem nem meia palavra dessas poesias: mas em compensação estendem-se em longas dissertações sobre a utilidade da arborização e sobre isto e mais aquilo da agricultura, terminando por estes dois períodos seguintes, que têm tanta ligação entre si como o nariz dum poeta com uma nota de cem mil réis! (p. 135)

Outras vezes, os comentários desse tipo assumem uma dimensão metanarrativa que chega a fazer lembrar um dos hipotextos, para retomarmos o conceito de Genette, de que Guilherme Dantas se vale: as *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett. Atente-se na seguinte passagem de *Bosquejos*:

Saltemos, pois, os tais capítulos rebarbativos: e não nos esqueçamos dos nossos viajantes, que deixámos *embasbacados* no caminho de S. Domingos. (p. 138)

Confronte-se agora esse excerto com o penúltimo parágrafo do capítulo IX da obra de

Garrett:

Benévolo e paciente leitor, o que eu tenho decerto ainda é consciência, um resto de consciência: acabemos com estas digressões e perenais divagações minhas. Bem vejo que te deixei parado à minha espera no meio da ponte da Asseca. Perdoa-me por quem és, demos de espora às mulinhas, e vamos que são horas. ⁴⁶

Não se ficam por aqui as semelhanças entre as duas obras: tal como nas *Viagens* de Garrett, os *Bosquejos* de Dantas (mais modestos desde o título) valem não só pela viagem que contam mas também pelas digressões reflexivas que acompanham o relato e até pela abertura de um espaço para o «(...) romancinho obrigatório destas viagens (...)» (p. 133). Embora muito mais simples que a história da menina dos rouxinóis, Guilherme Dantas *bosqueja* um conto amoroso: o do enamoramento, conquista e casamento do seu amigo Luís com a morgadinha dos Picos. O final é feliz, ao contrário do que acontece na narrativa de Garrett, mas o significado das duas histórias tem algum ponto de contacto: se Carlos acaba como candidato a barão, Luís termina transformado em morgado, isto é, em representante de uma instituição que o narrador considera um obstáculo ao desenvolvimento da agricultura e ao progresso de Cabo Verde.

Mais demorada que a de Garrett, a viagem propriamente dita permite a Dantas descrever com algum cuidado a paisagem de Santiago e as suas principais localidades. É verdade que alguns aspetos são elogiados, como as árvores de fruto, espécies vegetais como a purgueira e a urzela, melhoramentos introduzidos pelas autoridades, a hospitalidade do povo ou a formosura de certas manhãs:

Não sei se me cegará o amor pátrio; entretanto, direi que nunca vi manhãs tão formosas como estas do meu país, principalmente se gozadas em sítios, como os *Picos* desta ilha, e na Brava, onde haja cafezeiros em flor, baunilha, jasmins e outras plantas balsâmicas, e se essa evaporação da terra se condensa num como nevoeiro carregado de perfumes, ondas de incenso que parecem elevar-se lentamente da terra ao céu. (p. 165)

Predomina contudo o elenco das falhas, que começam justamente na paisagem, devido à falta de vegetação: «Tudo nu, deserto, escalvado, árido... longe a perder de vista!...» (p. 134).

⁴⁶ GARRETT, Almeida – *Viagens na minha terra*. Introd., fixação do texto e notas por António Cândido Franco. Lisboa: Guimarães Editores, 2001, p. 48.

Outro elemento que merece o reparo do autor é o funco, a habitação tradicional da população comum:

(...) atravesssei a extremidade norte da cidade, onde ainda então se viam essas desgraçadas cabanas que por tanto tempo afearam e infetaram a principal povoação de Cabo Verde, e que já hoje vão sendo varridas de todas as localidades de maior vulto. (p. 131)

Um pouco mais à frente, a crítica é retomada de forma mais violenta, embora matizada pelo humor:

(...) o meu cavalo fatigado pela recente jornada e por outras anteriores, se obstinava igualmente em não querer sair da cidade parando a cada passo à porta dalguma das miseráveis choupanas de que atrás falei, como se as achasse apropriadas para estrebaria, no que não pecava (...) (p. 132).

A viagem serve pois de pretexto à emergência de reflexões pontuais, mas também de digressões, à semelhança do que acontece em Almeida Garrett e num autor do século anterior que ambos admiram e referem: Laurence Sterne, tanto o de *A Sentimental Journey Through France and Italy* como o de *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman*. Entre as reflexões pontuais destacam-se as notas políticas, contra o morgadio ou contra a ineficiência das autoridades:

[Ribeirão Chiqueiro] Seria uma sofrível estação comercial entre a Praia e o interior da ilha... se houvesse comércio que mereça esse nome e se em Cabo Verde se soubesse aproveitar alguma coisa... (p. 134).

Em alguns momentos, a crítica assume um alcance mais vasto. Falando do espírito conformista do povo e da forma como isso impede o progresso, escreve o autor:

Não inculpemos, porém, unicamente a ignorância ou ingénua indiferença do povo: a culpa maior têm-na aqueles que o deixam nesta ignorância, que o trazem atado a ela, que com ela especulam... e dela vivem. (p. 137)

Quanto às digressões, valerá a pena começar por destacar a que contesta a variedade de fruta do arquipélago (que aliás, noutros momentos, o autor parcialmente reconhece):

Há até quem nos inveje a riqueza[,] variedade e primor das frutas, quando a verdade é que ninguém tem pior *sobremesa* do que nós, pelo menos quanto a variedade: laranjas e bananas unicamente, senhores nos 365 jantares que Deus Nosso Senhor permite aos seus diletos filhos de Cabo Verde, com alternativas de falta de bananas, falta de laranjas e falta de jantares não poucas vezes... ora por falta de chuvas, e ora por falta de dinheiro!... (p. 139)

Aproveitando o tema, o autor satiriza depois a proposta de reforma do calendário elaborada por Flammarion – segundo a qual uma semana poderia ter mais que um domingo –, apresentando uma paródia de regulamento provincial sobre a alimentação dos funcionários públicos.

Outra digressão paródica surge no início do capítulo XII, com a apresentação de um suposto espólio de uma amanuense. Com uma finalidade provavelmente mais humorística que política, esta passagem retoma a tradição dos testamentos humorísticos ou satíricos, que ainda hoje permanece viva em festas e celebrações populares, sob a forma de testamentos de Judas, da Velha ou de diversos animais.

Um último exemplo de digressão diz respeito ao projeto de um poema herói-cômico intitulado *Macaqueida*, o qual tomaria por tema a descoberta das ilhas de Cabo Verde. Embora se perceba que se trata de uma oportunidade para o autor dar a conhecer um esboço que não chegara a concluir e se reconheça o seu efeito humorístico, não fica claro o propósito desta longa digressão: haverá nela uma intenção política? E se sim, em que sentido? A resposta a estas perguntas requer um estudo mais aprofundado, não apenas dos textos de Guilherme Dantas que de momento estão em causa, mas da totalidade da sua obra.

Aqui chegados, resta-nos concluir este breve roteiro de leitura crítica da prosa *menor* de Guilherme da Cunha Dantas, cujo modelo de edição será apresentado de seguida.

II. O modelo da Edição

1. Orientação global

Do ponto de vista da transmissão, os textos de Guilherme da Cunha Dantas que estão em causa não colocam dificuldades, dado que são transmitidos por um único testemunho, sempre do tipo impresso. No caso de *Contos singelos*, o texto chegou-nos sob a forma de livro, cuja publicação foi acompanhada pelo autor; nos restantes casos, as narrativas saíram em revistas ou jornais, tanto em vida do autor como postumamente, cerca de três décadas depois da sua morte. A simplicidade do processo de transmissão textual não significa contudo que uma edição que procure corresponder de modo fiel à presumível vontade do autor não tenha de enfrentar problemas, alguns deles até irresolúveis.

Veamos o texto de estreia do autor da Brava: *Contos singellos* foi publicado em 1867, quando o autor contava 18 ou 19 anos, em Mafra, vila em cuja Escola Real Guilherme da Cunha – como nesta altura assinava – estava a concluir, ou concluirá já ¹, os seus estudos secundários. Provavelmente financiada pelas economias do jovem estudante, a edição deverá ter tido uma tiragem pequena ², não sendo o resultado final completamente satisfatório do ponto de vista tipográfico: para além de algumas gralhas – inevitáveis em qualquer publicação –, a tintagem é deficiente em certas páginas, chegando a comprometer a leitura. Compreende-se assim o lamento do jovem autor, numa espécie de nota final que precede a errata. Vemos portanto que o facto de o livro ter sido publicado em vida do escritor e de a sua impressão ter sido acompanhada por ele não garantiu que o produto final refletisse com exatidão a sua vontade.

Relativamente aos outros textos, acontece algo de semelhante, mesmo com aqueles que foram impressos em vida. O caso mais grave – e irresolúvel – é o dos dois contos publicados em *A imprensa*, da Praia, que chegaram até nós muito incompletos, devido ao facto de nenhuma instituição dispor (tanto quanto pudemos apurar) dos restantes números do jornal em que terão saído. Outro caso que nos mostra que não dispomos da totalidade do material necessário para uma edição rigorosa – que até poderia ser genética ou crítico-genética – é o de *Bosque-*

¹ Como fica dito no capítulo anterior, o processo escolar informa que saiu da escola no final do ano letivo de 1866/67 «(...) e em Setembro de 1867, retirou-se com sua família para Lisboa.»

² Embora não se trate de um prova concludente, é significativo que apenas um exemplar, que saibamos, tenha chegado até nós, o da Biblioteca Nacional de Portugal (L. 71750 P.).

jos. Como esclarece o autor na versão que acabará por vir a lume em 1912, n’*A voz de Cabo Verde*, o texto teve uma primeira redação em 1869, publicada quase uma década depois, em 1878, no jornal cabo-verdiano *O independente*. Contudo, segundo Guilherme Dantas, os *Bosquejos* «(...) apareceram tão deturpados, e com tais interrupções na publicação, que pouca gente os terá lido (...)» (cf. p. 129). Acontece que não dispomos desse ano do jornal nem de qualquer outra versão controlada pelo autor, pelo que nos resta editar a versão póstuma que saiu em *A voz de Cabo Verde*. Mas também esta edição não poderá ser integral, dada a impossibilidade de acedermos a um dos números do jornal em questão.

Convém ainda ter em conta algo que ficou dito no capítulo anterior: alguns dos textos em causa tiveram outra(s) edição, que também já comentámos. Tratando-se contudo de ‘cópias’ de testemunhos que se conservam – de *codices descripti*, como lhes chama a crítica textual – tais trabalhos não apresentam particular utilidade para o nosso projeto de edição.

Face a este panorama, e sabendo embora que dificilmente estaremos a corresponder integralmente à vontade do autor, cremos que o único caminho será o de editar da forma mais próxima possível o testemunho que transmite cada texto, interferindo apenas em casos evidentes de erros mecânicos (do autor ou, mais provavelmente do editor) e tendo o cuidado de assinalar sempre e justificar a correção. Esse princípio orientador não nos impede contudo de atualizar a ortografia do texto sempre que daí não resultem repercussões fonéticas.

2. Normas de transcrição dos textos

Como é sabido, a ortografia do período em que estes textos foram compostos e publicados – entre 1867 e 1916 – ainda não está completamente estabilizada: antes da Reforma Ortográfica de 1911, adotada em Portugal (e nas então províncias ultramarinas) a partir de 1916, não há uma verdadeira norma nacional. Em vez disso, cada escritor e cada casa editorial definem o seu sistema, que tende a seguir – com incoerências e falhas notórias – a linha francesa de base etimológica. Perante isto, e levando até em linha de conta que só um dos testemunhos que transmitem os textos de Guilherme Dantas foi diretamente (mas com lapsos) controlado pelo autor, cremos que se justifica a atualização ortográfica, desde que não se ponha em causa a integridade fonética dos vocábulos e do texto. Com esta opção, tornaremos certamente mais legível a parte da obra de Guilherme Dantas que está em causa, facilitando a sua circulação no

âmbito da literatura (luso)cabo-verdiana.

Vejamus então as normas de atualização que adotámos:

A. Vogais

i. Normalizámos de acordo com o uso moderno a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, grafando *puderam* em vez de *poderam* e *emboscada* em lugar de *embuscada*.

ii. Normalizámos as grafias alternantes das vogais nasais, escrevendo, por exemplo, *benfeitor* em vez de *bemfeitor*.

iii. Substituímos o *y* por *i*, em palavras como *goyabeira* ou *abysmo*.

iv. Modernizámos a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais. Assim: *pae* > *pai*; *páo* > *pau*; *Romeo* > *Romeu*; *heroe* > *herói*.

v. Representámos de acordo com o uso atual a alternância da vogal anterior fechada [i] ou da semivogal [j] com a vogal central fechada [ə]. Assim, substituímos o *e* pelo *i*, em palavras como *creança*, *creoula*, *edade*, *egreja* ou *partecipar*; da mesma forma, passámos *i* a *e*, em casos como *disfrutar*, *indifinível*, *quasi*, *similhante* ou *siquer*; substituímos ainda *ei* por *e* ou por *i*, em ocorrências do tipo de *passeiar* ou *arreiar*.

vi. Normalizámos também a representação da vogal posterior semifechada [o], escrevendo *pôde* em lugar de *poude*.

vii. Respeitámos a oscilação em formas de grafia dupla, como se verifica em *dous* / *dois* ou *cousa* / *coisa*.

B. Consoantes

viii. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizámos o emprego do *h* de acordo com a norma atual, eliminando-o em casos como *hontem*, *sahir* ou *author*.

ix. Por não serem reflexo da pronúncia, simplificámos as consoantes dobradas, excetuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respetivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Assim, por exemplo, *acceitar* > *aceitar*; *offerecer* > *oferecer*; *singello* > *singelo*; *grammatica* > *gramática*; *anno* > *ano*; *suppor* > *supor*; *litterario* > *literário*.

x. Por se tratar também de meros latinismos gráficos, eliminámos o *p* do grupo inicial *ps-*, escrevendo *salmear*, em vez de *psalmear*, e o *s* do grupo *sc-*, passando *scena* a *cena*.

xi. Pelos mesmos motivos, simplificámos de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-ct-* (*fructo* > *fruto*); *-gm-* (*augmentar* > *aumentar*); *-gn-* (*signal* > *signal*); *-mn-* (*somno* > *sono*); *-pt-* (*escripto* > *escrito*). Contudo, no caso de *-sc-*, optámos por manter *enrubecido*, admitindo flutuação na pronúncia.

xii. Representámos as oclusivas velares segundo o uso moderno, pelo que passámos *charo* a *caro* e *cincoenta* a *cinquenta*.

xiii. Regularizámos também a representação das fricativas. Assim:

– a fricativa labiodental surda virá transcrita como *f*, o que implica a substituição do dígrafo helenizante *ph* em palavras como *Rodolpho*;

– as fricativas alveolares virão grafadas segundo as normas atuais, pelo que *pretenção* ou *horisonte* passarão a *pretensão* e *horizonte*;

– a fricativa palatal sonora virá transcrita como *g* ou *j*, de acordo com as regras de hoje, pelo que *magestoso* passará a *majestoso*.

xiv. Conservámos certas formas arcaicas de tipo mais erudito (como *espécimen* ou *regímen*) ou popular (como *nebrina*, *erriçar* ou *mui*).

xv. Respeitámos a grafia dos topónimos estrangeiros, mantendo portanto *Algéria*, *Amsterdam* e *Strasbourg*, e de vocábulos como *sterlinas* (libras).

C. Aspectos morfológicos

xvi. Separámos e unimos as palavras de acordo com o uso moderno, passando, por exemplo, *em quanto* (com valor de conjunção) a *enquanto*.

D. Diacríticos

xvii. Regularizámos o uso dos acentos.

xviii. Regularizámos a utilização do apóstrofo, eliminando-o em contrações do tipo de *n'um* ou *lh'a*, mas mantendo-o em casos como *d'alguns*.

xix. Regularizámos o emprego do hífen, designadamente para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos;

E. Maiúsculas e pontuação

xx. Respeitámos integralmente as formas de utilização da maiúscula, mesmo quando se

afastavam sobremaneira do uso atual.

xxi. Atendendo ao reflexo da pontuação sobre o ritmo e a entoação da frase e ao nível da sintaxe e da semântica, preferimos mantê-la integralmente, tanto mais que daí não resulta nenhuma dificuldade significativa para o leitor atual. No escassíssimo número de casos em que nos pareceu útil acrescentar algum sinal (vírgula, travessão, aspas), essa intervenção vai devidamente assinalada.

xxii. Mantivemos também sem alterações o uso do itálico, apesar de em muitos casos ele se afastar da normal atual e de ser usado de forma assistemática (é o que acontece com os topónimos, que tanto aparecem sob essa forma como em redondo). Adotámos idêntico procedimento em relação aos raros casos em que os testemunhos apresentam texto em negrito.

3. Apresentação do texto e das notas

As 13 narrativas de Guilherme da Cunha Dantas serão apresentadas pela ordem da sua publicação, embora provavelmente esta não corresponda sempre à cronologia da redação. Virão assim em primeiro lugar os dois textos que integram o volume independente *Contos singelos*, seguindo-se as seis crónicas publicadas no *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro*, intercalas pelos dois folhetins incompletos saídos em *A imprensa*. Surgirão em seguida as três narrativas publicadas postumamente: a narrativa de viagens *Bosquejos dum passeio ao interior da ilha de Santiago*, a crónica *Os intrujões* e o conto *O sonho (Memórias dum doido)*.

Antes da apresentação de cada texto virá, em corpo menor, a indicação do testemunho que o transmite. Como dissemos, limitámos ao mínimo a intervenção sobre o texto: corrigimos, sem o assinalar, as gralhas óbvias e que não suscitam quaisquer dúvidas; as que podem levantar alguma reserva, mesmo que mínima, virão indicadas, ou no próprio texto (usaremos os colchetes para sinalizar as adições), ou nas notas de fim de capítulo ou de texto, cuja chamada será feita por meio de numeração romana. Serão mantidas sem alteração as passagens do texto que nos pareçam conter erros de outro tipo, não meramente mecânicos. Nestes casos, cuja responsabilidade tanto pode ser da edição original como do próprio autor, o facto será assinalado em nota de final de texto ou de capítulo, sempre que possível acompanhada de uma possibilidade de correção. Particularidades do texto tal como chegou até nós serão marcadas por meio de sinais específicos: a † indicará uma passagem ilegível (no final do conto *Cenas de*

Maфра) e o □ marcará uma lacuna do texto (decorrente da impossibilidade de aceder a um número do jornal em que foi publicado). As notas que são da responsabilidade do próprio autor serão apresentadas em rodapé, sendo a chamada feita através de algarismos árabes.

As nossas notas, como já dissemos, surgirão no final de cada capítulo ou texto respetivo e servirão, não apenas para assinalar gralhas e erros do testemunho e para justificar emendas que tenhamos feito, mas também – e sobretudo – para esclarecer qualquer aspeto do texto que nos pareça essencial à sua boa compreensão literal. Incluiremos assim:

– Notas vocabulares (sobre palavras hoje menos comuns ou que são usadas num sentido atualmente arcaico, como *jubilado*³ ou *satélite*⁴ e ainda sobre termos e expressões estrangeiras, sobretudo de origem francesa, que já não são do domínio geral, mesmo se considerarmos um público universitário);

– Notas que servirão para identificar (e às vezes corrigir) citações, figuras históricas, literárias ou mitológicas, acontecimentos e outras referências menos comuns. É possível que em alguns casos estas notas pareçam dispensáveis: pareceu-nos contudo preferível errar por excesso que não pode defeito.

³ No sentido de experimentado, consumado na velhacaria.

⁴ Na aceção de assalariado que acompanha outrem para feitos maus ou ações criminosas.

III. *Contos Singelos*

Fonte: *Contos singellos*. Mafra: Typographia Mafrense, 1867.

A MEU PAI

MEU QUERIDO MESTRE

Desejara oferecer-lhe coisa mais condigna de si, e que fizesse honra às boas lições que me deu.

Se a oferta é modestíssima, o profundo respeito e prazer com que lha faço, a tornam a meus olhos mui elevada.

É o meu primeiro fruto literário. Julguei pois dever oferecê-lo como primícia a quem, depois de me dar a vida do corpo, me deu a da alma, cultivando meu espírito. E se a semente não frutificou como era de esperar, não foi à minguagem de cuidados, mas pelo mau do terreno em que foi lançada.

Não possuo a ciência e a experiência de fazer romances. Estes que agora escrevo, pequenos e singelos como as minhas pretensões, se algumas tenho, foram meditados e escritos d'alguns anos, e sob impressões reais.

A maior ambição que me dominava escrevendo-os, era poder um dia oferecer a minha modesta obrinha ao meu amado pai e mestre, e dedicá-la aos meus colegas estudantes, como um fruto das «santas inspirações da mocidade» de que fala um dos mais belos ornamentos da nossa literatura.

Aceite pois, meu prezado mestre, a oferta mui reverente, ditada pela piedade filial do

Autor

NHÔ JOSÉ PEDRO

ou

CENAS DA ILHA BRAVA

Primeira parte

MOCIDADE DE JOSÉ PEDRO

Devaneios que podem servir de prólogo

Bastantes romances, contos, lendas, etc. tenho lido, e entre tantos escritos nenhum ainda encontrei que me falasse do ignorado cantinho da terra onde tive a dita de vir ao mundo, a não serem uns melancólicos versos de Hipólito Garcês ¹ publicados num excelente jornalinho literário, e que começavam assim, se bem me lembro:

A ILHA BRAVA

Quando o sol brilha ardente ^{II}
Sobre o cume deste monte,
E no oceano resplendente
Refletir vai a alta fronte,
Eu afinio a minha lira
Com a brisa que suspira
Agitando a tenra flor.

E este mar que aos pés diviso
Eu encaro c'um sorriso,
Sem temer o seu furor.
Ruja embora, em fúria embata
Nos rochedos – imprudentes!

Que m'importa se ele acata
Estes montes imponentes!

.....

E é tão doce ouvirmos falar da nossa pátria quando nos achamos exilados em terra estranha!...

É pois levado das saudosas reminiscências da terra natal, duma lembrança dos meus primeiros anos, que tão impressa trago na imaginação, que pela primeira vez em obras desta natureza, pego na pena, para procurar verter para o papel ideias que tanta impressão produzem em minha alma.

A aldeia

Pé da Rocha é uma pequena povoação situada no interior da ilha *Brava* de Cabo Verde, e os naturais a denominam assim, por se achar edificada nas faldas de rochas enormes, donde de tempos a tempos se precipitam pedras duma grandeza considerável, a cujo estrondo os supersticiosos moradores saem de suas frágeis casinhas invocando o sagrado auxílio, pois supõem ser aquilo obra do demónio.

Nesta aldeia, cujos arredores são fertilíssimos, bem como quase toda a ilha, existia a modesta casa de meus avós, e nela se passaram a maior parte das cenas que constituem estoutro drama de Paulo e Virgínia^{III}, dramas somente semelhantes nos personagens e no cenário.

As casas de *Pé da Rocha* são quase todas mal construídas, disseminadas, e cobertas com folhas e troncos de bananeira, perfeitas cabanas, ou *funcos*, como se dizia na Ilha.

A casa de nhô José Pedro

Porém destacando-se dentre estas pobres habitações, quais brilhantes estrelas em negro céu, viam-se umas três casas de boa aparência. Destas sobressaía uma, que se fazia notar pela alvura de suas paredes, seu telhado, e um formoso quintalinho, onde se viam viçosos canteiros d'hortaliça, plantas d'abóboras, de diversas castas de batata vulgarmente chamada *doce* entre os portugueses, mas a que os naturais dão diversos

nomes, como: *da terra, caneca, remixo, inglês*¹. Ao longo de suas paredes estavam plantadas roseiras e baunilhas em flor, e outras várias plantas trepadeiras. Uma frondosa goiabeira assombreava com sua verdejante copa uma das duas janelas que davam para o quintal.

Se perguntásseis a qualquer dos moradores de *Pé da Rocha* – a quem pertencia aquela encantadora vivenda, responder-vos-ia logo:

– É de *nhô* José Pedro.

Porque José Pedro, o nosso herói, era, pela sua bondade e honradez, conhecido e estimado de todos, e abençoado dos pobres.

Os dois marinheiros

Em 1827 vivia estabelecido em *Sant'Ana*, a povoação principal da ilha *Brava*, um rico brasileiro, por nome António Pedro, o qual tendo começado por simples praticante de pilotagem num navio mercante, chegou a enriquecer no comércio, não de *pau d'ébano* (escravatura), mas no tráfico honrado dos produtos da terra.

Chegou a possuir dois navios excelentes, podia possuir muitos mais. De um deles, a bela *Carolina*, era ele próprio o capitão. O outro, lindo brigue veleiro, foi batizado com o nome suave de *Esperança*, e era comandado por João Gay, paraguaio robusto, e companheiro de fortuna do brasileiro, ambos órfãos desde a infância.

António Pedro fora educado sob a tutela dum tio, que o tratava como a filho.

João Gay, filho de marinheiro, nasceram-lhe os dentes sobre as águas do mar, por assim dizer.

Frequentaram juntos os estudos num colégio do Rio de Janeiro; depois a sua vocação os levou a seguir a mesma carreira, a de marinheiro.

.....

Em uma noite medonha de horrorosa tempestade, dois navios abalroaram no alto mar, como se não bastasse o furor dos elementos para os submergir. E no meio dos gritos d'angústia, de desesperação e terror das duas equipagens, a montanha d'água que em torno das duas embarcações se formara pelo seu choque, desabou sobre elas com horrível fracasso, sepultando tudo, navios e homens, gritos e blasfêmias, orações e gemidos no abismo hiante e insondável.

¹ Coisas de meus patricios! Como aqueles senhores não têm gramática, dizem na sua algaraviada: *um baca, dois baca*, por *uma vaca, duas vacas*; e assim também dizem *batata inglês* por *inglesa*. Esta é a batata comum de Portugal, e sendo aí muito rara, só tem acesso na mesa dos ricos.

Os naufragos

Mas o mar não concluíra a sua obra de destruição.

Dois corações generosos ainda palpitavam anelantes, dois peitos robustos arqueavam lutando com a morte, trazida sobre cada vagalhão, sobre cada destroço dos navios afundados que o mar furioso arremessava por sobre as suas cabeças com o ímpeto dum catapulta.

Súbito o mar, como um gigante cansado da luta a faz cessar momentaneamente, para depois, adquiridas novas forças, a ela voltar com mais ardor e fúria, o mar cessou por momentos o seu furioso embate.

Os infelizes naufragos, que já se achavam exaustos de forças, e quase asfixiados, puderam enfim, ainda que por breve espaço, respirar.

Neste momento, uma fita de fogo rasgou lado a lado o horizonte sombrio, e serpenteando lá ao longe, o raio veio sumir-se no oceano.

À luz momentânea e sinistra do relâmpago, os dois homens viram-se, reconheceram-se.

– António Pedro!

– João Gay!

Enfurecia-se outra vez o mar, o gigante reentrava na luta.

Os dois naufragos, reanimados por este breve mas oportuno descanso, puderam melhor sustentar-se ao de cima das águas revoltas. E, ora descendo ao fundo do abismo, ora vindo à superfície e sendo o juguete das ondas, sempre animando-se com palavras e gestos de coragem, assim passaram os dois robustos marinheiros a quarta parte ^{IV} daquela desgraçada noite.

Porém esta segunda luta dos elementos foi como a cólera humana: tanto mais terrível quanto mais breve.

Os primeiros arrebóis da aurora, franjando de um vivo escarlate as extremidades do horizonte, dilataram-se pelo céu de branca transparência, e se espelharam num mar de tão tranquila imobilidade, que mais parecia um grande lago.

No ponto em que o céu, descrevendo uma semicircunferência, parece unir-se ao mar, aparecia, destacando-se da superfície aquática, um ponto branco, semelhante a um grande *alcatraz* com as asas abertas. Porém a vista perspicaz dum marinheiro reconheceria neste ponto branco as velas dum embarcação de grande lote.

Assim o pensaram António Pedro e João Gay, porque logo, adquirido vigor novo com a certeza do salvamento, se dirigiram para aquele ponto à força de braços.

A meia milha de distância, foram vistos do navio, que arriou um escaler ao mar.

.....

Desde então, os dois irmãos pelo infortúnio, jamais se separaram, a sua sorte foi sempre comum.

Os pais de José Pedro

António Pedro, numa das viagens que fizera à ilha Brava, possuía-se de grande amor por uma linda crioula cujo pai era português, e não teve escrúpulo em ceder a mão de sua filha ao honrado moço brasileiro, que lha solicitou com o mais apaixonado ardor.

Liquidando os muitos bens que possuía no Brasil, viera estabelecer-se na já mencionada povoação de *Sant'Ana*, onde desfrutava com sua jovem e encantadora esposa D. Júlia de Lima, aquela felicidade que encontra uma família virtuosa retirada do bulício do mundo.

Deus santificara a sua união, dando-lhes nove meses depois um filho varão, a quem na pia batismal puseram o nome de – José.

Eis pois nascido o nosso herói!

Este fausto sucesso veio aumentar, se era possível, a felicidade de que gozavam os ditosos cônjuges.

O balbuciar do infante era para seus pais como o hino dum anjo que Deus houvesse mandado à terra para celebrar a sua felicidade.

Depois chegou a idade em que era preciso que o espírito, muito mais necessitado e exigente, compartilhasse os cuidados do corpo.

Tinha José Pedro seis anos d'idade, quando se matriculou na escola pública da terra, cuja direção estava confiada a um hábil professor português.

Uma carta do Brasil

Decorreram seis anos, durante os quais fora igualmente tranquila e feliz a existência da família de António Pedro.

Seu filho fazia rápidos progressos na escola onde tinha o lugar de primeiro aluno.

Porém o céu, que nem sempre está sereno, começou a toldar-se para o adolescente de negras nuvens.

Um dia pela manhã, estando o brasileiro sentado à mesa com sua família e João Gay, entrou um escravo, trazendo uma carta na mão.

– *Sinhô... um carta!* disse o negro entregando-a e retirando-se.

– A letra parece de meu tio, disse o brasileiro comovido. Há dois meses que me não escreve!

– Com efeito, observou João Gay reparando no sobrescrito, traz o carimbo do correio do Rio.

Antônio Pedro apressou-se a abri-la. Passando-a rapidamente pela vista, tornou-se pálido. Depois entregou-a com mão trémula ao seu amigo, ficando como aniquilado.

Eis o que João Gay leu em voz alta:

«Meu querido filho

Há dois meses que terrível enfermidade me acometeu. Os médicos não me ocultam o meu estado sem esperança. Reunindo as poucas forças que me restam, mal posso pegar na pena para te dizer: vem, filho; vem depressa, para que eu morra contente abraçando-te, e te abençoe antes de morrer.

Teu tio que te ama como pai

Florêncio de Sousa.»

As lágrimas corriam de todos os olhos, o desfalecimento tinha-se apossado de todos os espíritos.

– Meu Deus! dizia D. Júlia com voz entrecortada de soluços, será preciso que nos separemos?

– Assim é preciso! disse o brasileiro enxugando o pranto. Seria uma negra ingratição da minha parte não dar àquele santo homem a derradeira, a única satisfação que ele pode ter neste mundo, a de abraçar aquele que ele sempre considerou e tratou como filho.

– Pois faça-se a vontade de Deus, meu amigo! e que Ele em breve te restitua a meus braços...

Não pôde concluir. Fora tão violenta a comoção, que a infeliz, dilacerado o seu coração terno e frágil d'esposa e de mãe, caiu meio desmaiada nos braços de seu marido, confundindo as suas lágrimas com as dele.

Separação

Alguns dias depois desta triste cena, desferindo as brancas velas ao vento, saía majestosamente a estreita barra da *Furna* a elegante *Carolina*, levando a seu bordo António Pedro de Sousa, seu proprietário.

Via-se a praia coalhada de povo, principalmente de pobres que debulhados em lágrimas se vinham despedir de seu benfeitor, de seu pai; e com o coração oprimido de tristes pressentimentos o viam afastar-se para longe.

No alto da montanha que domina a praia alguns lenços se agitavam, e a estes sinais de última despedida correspondia do bordo da *Carolina* um homem que, em pé, à popa, por vezes molhava d'abundantes lágrimas o lenço que agitava. Este homem era o pai de José Pedro. As pessoas que do alto da rocha lhe acenavam eram sua desolada esposa, seu filho e João Gay, e várias outras pessoas da sua intimidade.

Oh! não pode compreender a dor imensa que então oprimia os corações daqueles que se separavam, quem ainda não experimentou a indefinível tristeza, o desalento, os prantos, o martírio da separação!

Já provei deste cálix d'amargura, eu! Quando me separei de minha pobre mãe para vir, aqui em terra longínqua, buscar o pão do espírito, os meus poucos anos não me permitiam avaliar a grandeza da minha quase desgraça: — mas chorei!...

No mar

Tinham decorrido quatro dias. A veleira *Carolina*, com vento em popa, deixara atrás todas as ilhas do arquipélago cabo-verdiano, e agora, com as velas docemente enfunadas, reclinada graciosamente sobre o azul das ondas prateadas de brancas espumas que o seu talha-mar cortando o oceano deixava após si dum lado e doutro, navegava no mar imenso, sob o céu infinito.

Era na noite do quarto dia. Parte dos tripulantes da *Carolina* repousavam nas macas, outra metade da equipagem velava; uns, sentados à proa, falavam sobre a terra natal e os entes queridos que lá deixavam; outros, encostados às amuradas, entoavam canções monótonas de marinheiros.

Num elegante camarim, sentado a uma pequena mesa em que se viam algumas iguarias intactas, estava o pai de José Pedro.

Com os cotovelos apoiados na banca, a cara entre as mãos, o brasileiro parecia engolfado em sombrios pensamentos. De vez em quando, duas lágrimas grossas como punhos lhe rolavam silenciosamente pelo rosto belo e nobre.

Saudades da esposa amada, do filho estremecido, do lar tranquilo e feliz!

– Olá, Rodolfo! disse súbito o brasileiro.

– Pronto, capitão! respondeu na câmara imediata uma voz de criança, bocejando.

– Já estavas dormindo, maroto? tornou o brasileiro.

– Já passam das 10 horas! murmurou o rapazinho.

E, tonto de sono, entrou no camarim, foi abrir um armariozinho colocado em frente do lugar onde se achava sentado o esposo de D. Júlia, dele tirou um pequeno frasco e um copinho que encheu de cristalina água, e cabeceando veio depor tudo em cima da mesa; depois, foi buscar uma colherzinha de prata que quase mergulhou no copo, e começou a deitar-lhe do líquido contido no frasquinho.

– Avias-te daí?! disse António Pedro, o qual tinha recaído nas suas tristes meditações.

A voz severa de seu chefe fez despertar de todo o rapazinho. Tirou a colher de fora d'água, tornou-a a encher, e vazou o conteúdo no copo, que em seguida apresentou ao brasileiro.

– Está bom! disse este, podes-te ir deitar.

O juvenil *pajem* não esperou segunda ordem, e dando as boas noites ao capitão, fechou sobre si a porta do camarim.

Catástrofe

Na seguinte manhã espantoso tumulto reinava a bordo da *Carolina*.

Os rostos dos marinheiros, onde na véspera se viam estampadas a satisfação e alegria, exprimiam agora o terror e a desesperação duma grande dor.

Os bravos filhos do mar, que mil vezes encararam a morte destemidos, choravam como crianças, corriam dum lado para outro do navio, sem tino, como loucos. E por vezes, entre pungentes soluços, soavam lugubrememente estas tristes palavras: «Morreu o capitão!»

Às 10 horas desta mesma manhã, admirado o contramestre de não ter visto ainda António Pedro aparecer sobre a tolda^v, como mui cedo costumava, entrara na câmara contígua à do brasileiro, a fim de interrogar Rodolfo, e saber se o capitão se achava incomodado.

Rodolfo era filho do contramestre. Disse a seu pai, que não havendo sido chamado ainda, não se atrevera a entrar no camarim do capitão.

Então o contramestre foi bater devagarinho à porta do camarim. Não obteve respos-

ta. Bateu mais de rijo; o mesmo silêncio.

– Dá licença, capitão? perguntou ele.

Nenhuma resposta!

Como a porta apenas estivesse no fecho, o pai de Rodolfo, já algum tanto dessossegado, abriu-a com precaução, e entrou. Dirigiu-se para o leito onde jazia imóvel o seu chefe, sem que os seus passos nem a sua voz o acordassem.

O brasileiro tinha os olhos meio cerrados, e dir-se-ia que dormitava tranquilamente. Mas o seu rosto estava pálido como o dum cadáver, e de um cadáver era a imobilidade de todo o seu ser. Uma das mãos pendia-lhe para fora do *beliche*. O contramestre pegou-lhe nela. Recuou aterrado. Aquela mão estava fria e inerte. Tacteando-lhe o pulso que já não batia, escutando-lhe a respiração extinta, o pobre homem, louco de dor, acabou de se convencer da terrível realidade.

José Pedro era órfão de pai!!

Rodolfo

O que esta triste e fatal nova produziu de penosa impressão no espírito dos marinhos, vimo-lo no princípio do capítulo precedente.

Imediatamente, todos invadiram o fúnebre camarim; e os que de lá saíam, vinham lavados em prantos, estorcendo as mãos, e dando gemidos de dor.

Tal era o desvelo e carinho com que o honrado brasileiro tratava os seus subordinados, que não se poupava a despesas para lhes proporcionar todos os meios indispensáveis à vida, e mesmo todas as comodidades. Assim, havia a bordo um cirurgião.

Conhecendo que já eram inúteis os socorros da ciência àquele que fora seu superior e amigo, tratou de indagar a causa de tão fatal morte.

Nenhum sinal ou indício exterior lho dava a conhecer. Também não fora nem suicídio, nem envenenamento. António Pedro era um cristão exemplar, e amado de todos.

– O capitão queixava-se ontem dalgum padecimento? perguntou o médico ao contramestre.

– Não senhor, respondeu este.

– Quem esteve com ele até ao último momento?

– Foi meu filho Rodolfo.

– Chame-o.

Daí a poucos momentos entrava o pequeno pajem no camarim para onde se haviam retirado o contramestre e o cirurgião.

Seu belo rosto vinha pálido e sulcado de lágrimas. A pobre criança tinha pelo brasi-

leiro a afeição dum filho. Ele, da sua parte, quase não fazia diferença entre José Pedro e Rodolfo.

O cirurgião dirigiu-lhe a mesma pergunta que fizera ao pai. A mesma resposta obteve.

– Conta-nos o que passaste com ele à última hora, continuou ele.

– Esperei até às 10 horas que o capitão me chamasse, como costumava, para lhe dar as dormideiras ^{vi}...

– Ah!! interrompeu o cirurgião estremecendo.

Lembrava-se de que, sendo o brasileiro frequentemente atacado de grande insónia, ele mesmo lhe aconselhara tomasse nestas ocasiões uma pequena porção de certa espécie d'ópio mui subtil, misturada com água.

– E tu[,] continuou o médico para Rodolfo, que porção de dormideiras lhe deste?

– Creio que foi uma colherzinha... respondeu Rodolfo assustado pela súbita mudança que se operara no semblante do cirurgião.

– Mais nada?

– Eu estava com muito sono... parece-me que... antes de encher a colherzinha... deitei mais dormideira no copo.

O médico soltou um grito espantoso.

– Desgraçado! exclamou o médico, mataste-lo!!

– Eu ?!... matei-o!... o capitão... tão meu amigo!...

E a pobre criança caiu semimorta nos braços do pai.

O infeliz marinheiro sentia a alma repassada da mais pungente angústia, por ver que fora seu filho a causa, ainda que inocente, de tão desastroso acontecimento. – Pois provado estava que o haver Rodolfo subministrado ópio em demasia ao brasileiro, fora a causa de seu sono se prolongar eternamente.

.....

Na ilha Brava

Quatro dias depois do infausto acontecimento que acabámos de narrar, a *Carolina* reentrava no pequeno porto da *Furna*.

O seu vogar parecia mais vagaroso e triste. No topo do mastro de popa tremulava funebremente uma bandeira preta. Nas vergas não se via um só marinheiro saudando alegre a terra natal, e os amigos que de braços abertos o esperavam.

Depois de o navio lançar ferro e haver sido visitado pelo escaler da alfândega, fez-se participar o óbito de António Pedro às autoridades competentes, para que do caso

fossem tomar conta e lavrar o respetivo auto, e igualmente se mandou aviso à família do finado.

António Pedro, ao partir da terra onde deixava as suas mais caras afeições, quis também deixar nela um peito amigo em quem se pudesse confiar, e que protegesse e consolasse estes entes queridos durante a sua ausência.

Este amigo era João Gay.

Como no dia em que o brasileiro recebera a funesta carta de seu tio, a sua família se achava reunida; porém à cabeceira da mesa via-se vago um lugar. Era o dele.

D. Júlia, triste e abatida, conversava com João Gay sobre a viagem de seu marido, deixando entrever mil receios e presságios funestos, que João Gay não conseguia dissipar.

De repente, entrou na sala um homem trajando de preto, o qual logo à primeira vista se conhecia ser marinheiro.

D. Júlia e João Gay levantaram-se ao mesmo tempo, como se fossem movidos por uma mola. Acabavam de reconhecer naquele homem que trajava de luto um dos marinheiros da *Carolina*.

– Que há de novo, Pancrácio? perguntou o paraguaio com voz trémula.

Ao cumprimentar a infeliz esposa de seu defunto capitão, duas grossas lágrimas se escaparam dos olhos do marinheiro rolando-lhe pelas faces tostadas.

– Meu marido!... meu marido!... bradou a pobre senhora.

– Morreu!... soluçou Pancrácio.

Como se um raio a tivesse fulminado, D. Júlia caiu redondamente no pavimento, dando um grito sufocado.

Transportaram-na inanimada para cima dum leito. Os mais assíduos cuidados conseguiram reanimá-la. Porém a infeliz só teve tempo para depor na fronte do filho um ósculo ardente, longo e apaixonado, um ósculo de mãe, o derradeiro. E nos seus braços, sentindo o rosto orvalhado das suas lágrimas, deu a alma ao Criador!

.....
 Pobre José Pedro! Tão moço e já tão infeliz! Eis-te órfão, só no mundo!... Quem te guiará no mar proceloso da vida? Quem livrará tua frágil mocidade de encalhar nos escolhos terríveis e imensos das paixões?

Quem?... Ainda te resta um amigo, um segundo pai – João Gay, a quem tua mãe te confiou na sua hora derradeira.

Quanto ao infeliz Rodolfo, que poderia a justiça fazer contra uma pobre criança, que não teve consciência do mal que fez?

Porém seu pai, oprimido de dor por haver, embora indiretamente, levado a desgraça ao seio de uma família a quem devia tantos e repetidos benefícios, entendeu que se

devia impor, e a seu filho, a pena dolorosa de não tornar a aparecer na ilha, enquanto nela durasse a memória de tão infausto sucesso.

Alistou-se com seu filho num navio mercante inglês que se achava no porto, e poucos dias depois afastavam-se, talvez para sempre, da terra natal.

O tio de António Pedro morreu sem ter a consolação de o abraçar, instituindo-o seu universal herdeiro.

Tríplice luto para o desditoso adolescente!

^I Não pudemos confirmar esta informação. A Hipólito Garcês faz referência Cristóvão Pinto («A colonização portuguesa da Índia». In *A Índia portuguesa*. Vol. I. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1923, p. 168), dando-o como filho de Caetano Francisco Pereira Garcês, que foi contador-geral da Junta da Fazenda da Índia e, já em Lisboa, deputado e secretário permanente do Tribunal de Contas. Segundo o mesmo autor, Hipólito Garcês era «exímio cultor da arte dramática». Pela consulta do *Boletim oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde*, apurámos que Hipólito Cassiano Pereira Garcês, apresentado como amanuense do Tribunal de Contas, passou uma temporada em Cabo Verde, em Comissão na Junta da Fazenda da Província do arquipélago (8-VI-1861, p. 97). Essa comissão terminaria em fevereiro do ano seguinte (*Boletim oficial*. 1-XI-1862, p. 26). Quanto a textos seus, localizámos um poema intitulado «Saudade», vindo a público em *A ilustração luso-brazileira* (n.º 44, vol. III, 5-XI-1859, p. 352). Na mesma revista, publicou «De Goa para Lisboa pelo Cabo da Boa-Esperança» (vol. III, n.º 46, 19-XI-1859, p. 363-366; n.º 48, 3-XII-1859, p. 379-382; n.º 49, 10-XII-1859, p. 386). Por aí se percebe que o autor nasceu em Goa e que aí viveu até 1854, data da viagem para Lisboa. Identificámos ainda, no *Almanach de lembranças luso-brasileiro para o anno de 1860* (Lisboa: Typographia Franco-Portuguza, 1859, p. 356), um poema intitulado «Goa».

^{II} No testemunho, por gralha, *radente*.

^{III} Alusão ao romance de Bernardin de Saint-Pierre *Paul et Virginie* (1787).

^{IV} A quarta parte ou quarta vigília da noite vai das três horas da madrugada até à aurora.

^V tolda – o mesmo que *toldo*, cobertura, geralmente em brim, destinada ao abrigo da embarcação, passageiros e guarnição.

^{VI} dormideira – planta herbácea com propriedades medicinais, em tempos usada como soporífero.

Segunda parte

JÚLIA

Vinte anos depois

Vinte anos são decorridos depois dos acontecimentos que fizeram o objeto da primeira parte desta verídica história.

De então para cá importantes mudanças tiveram lugar na vida do nosso herói, as quais cumpre-nos não esquecer.

Guiado no bom caminho pela solícitude paternal de João Gay, seu tutor e amigo, José Pedro tornou-se um mancebo varonil de esmerada educação.

Saindo da escola aos quinze anos, entendeu que não devia esbanjar no ócio e em falsos deleites as imensas riquezas que de seu pai herdara, nem votar ao ostracismo os importantes conhecimentos que adquirira, as noções de honra, trabalho e caridade que recebera de seu pai, seu mestre e seu tutor.

Bem abonado pelo seu comportamento exemplar, atestado pelas principais pessoas da terra que sabiam apreciar os dotes raros do mancebo, José Pedro alcançou um lugar de escrevente nas repartições da alfândega da ilha Brava. E como árvore tão bem cultivada devia dar bons frutos, aos vinte anos era ele um distinto amanuense, honrado de seus superiores que lhe tributavam grande deferência, estimado e respeitado dos seus iguais e inferiores.

Então resolveu o mancebo dar o primeiro passo para a realização do mais ardente voto da sua vida.

Dotado duma alma terna e sensível, acessível a todos os bons sentimentos, José Pedro amava. Amava com a paixão sincera e pura dos vinte anos, do primeiro amor.

Chamava-se Elvira o objeto dos seus castos amores. O pai da donzela era o superior do moço amanuense, o diretor da alfândega.

Feitos um para o outro, o pai de Elvira entendeu que devia unir estes dous corações pelos sagrados laços do himeneu. E três semanas depois de haver pedido a seu chefe a mão de sua filha, José Pedro conduzia sua noiva aos pés do altar, e com o coração trasbordando do mais inefável júbilo e amor, jurava fazer a felicidade daquela a quem estremecia mais do que à própria vida.

Desta sagrada união resultou um fruto, o complemento da felicidade dos dois espo-

sos. José Pedro foi pai duma encantadora menina, a qual quis que se chamasse Júlia, em memória de sua sempre chorada mãe.

Neste meio tempo teve José Pedro a desdita de perder seu segundo pai, João Gay.

Júlia

Como era bela aos quinze anos a filha de José Pedro!

Seu belo rosto levemente moreno, dum aveludado igual ao do pêssago, era emoldurado por uns cabelos pretos, compridos e acetinados, que se lhe espalhavam pelas costas, dum contorno admirável, em tranças opulentas e lustrosas como o azeviche. Seu corpo donairoso, alto e flexível como a palmeira, parecia não se poder sustentar sobre uns pezinhos encantadores, escondidos nuns sapatinhos de criança. E seus olhos negros e rasgados, duma expressão indefinível, que assombreados por bem desenhadas pestanas, lançavam às vezes daqueles reflexos que são o espelho da alma e a sua voz, que falam muito na sua mudez, e parecem dizer ao imprudente que se atreve a fitá-los, a palavra mágica – amor!

Mas o amor ainda não fizera palpar aquele juvenil coração. – Quantos corações porém não palpitavam já por ela, tímidos e receosos?

Entre os mancebos, alguns dos quais bem distintos, que requestavam a formosa filha de José Pedro, fazia-se notar um certo Ricardo, de apelido Galvão, moço pródigo e libertino, temido e odiado de todos, mas procurado e respeitado pelo seu ouro.

Este ouro, e os encantos naturais de sua pessoa haviam feito decair muitos anjos, correr muitas lágrimas.

José Pedro, que não ignorava os precedentes do mancebo, de quem até se contavam crimes inauditos, vigiava a filha com a solicitude com que um bom pastor guarda a ovelhinha querida que teme ver cair nas garras do lobo voraz.

A casa de Ricardo Galvão era contígua à de José Pedro na mencionada povoação de *Sant'Ana*.

Apesar desta circunstância, e das arrojadas pertinácias do mancebo, nas poucas ocasiões em que via Júlia, jamais lhe pudera surpreender uma palavra, um olhar, um gesto sequer.

Todavia, as dificuldades e resistências não fizeram mais do que irritar a sensibilidade pouco delicada do mancebo; e o sentimento inteiramente sensual que dantes experimentara pela filha de José Pedro, foi-se convertendo pouco a pouco em amor – se este sentimento casto e puro pode penetrar num coração corrompido pelo vício das paixões. O amor que o libertino Galvão experimentava pela angélica Júlia era um amor profano,

por assim dizer, desesperado, furioso, insensato.

Pedido em casamento

Estavam as cousas neste ponto, quando certo dia anunciaram a José Pedro a visita de seu vizinho Ricardo Galvão.

O honrado pai de Júlia não deixou de estremecer pensando no que motivaria aquela visita inesperada e fora de comum nos hábitos de seu vizinho.

Disse que o introduzissem na sala, onde logo o foi receber.

Ricardo vinha esmeradamente trajado. Suas maneiras tinham então uma certa distinção e elegância. E Galvão, cremos tê-lo já dito, era de si mui bem-apegoado.

Depois dos cerimoniais cumprimentos do estilo, José Pedro perguntou-lhe a que devia a *honra* da sua visita.

Ricardo, procurando dar à fisionomia hipócrita um certo ar de virtude e modéstia que estava bem longe de ter, expôs ao pai de Júlia o *seu amor* pela sua filha, terminando por lha pedir em casamento.

José Pedro, interiormente indignado, mas sempre grave e político, respondeu ao pretendente com voz firme e resoluta:

– Senhor... a mão de minha filha só a concederei a quem dela for digno!

Galvão levantou-se de pulo; e, com os olhos chamejantes, os punhos crispados, pegou no chapéu e dirigiu-se para a porta, lançando ao mesmo tempo ao esposo de D. Elvira um olhar de ódio mal contido e de vingança certa. Cumprimentando ironicamente José Pedro, medonho sorriso lhe contraía os lábios. Este sorriso era ao mesmo tempo uma ameaça e uma advertência para o pai de Júlia.

– Deixa estar, meu bigorilhas!... rosnava Ricardo ao sair corrido da casa de José Pedro, tu verás que Ricardo Galvão nunca foi ofendido impunemente. Ele!... rejeitar para a filha o meu nome, quando *muitas* o aceitavam, beijando-me os pés!... Pois eu a possuirei! Não como esposo, tolo que fui!... Obrigado, meu amigo... muito obrigado. Eu a possuirei. Possuirei Júlia, as suas riquezas, e... a vingança!

E os olhos do libertino brilhavam, mostrando o prazer insensato que nele despertava o sentimento de vingança.

A emboscada

Entretanto passam-se cinco dias, sem que da parte de Ricardo se note o menor movimento agressivo contra José Pedro.

Neste meio tempo, o pai de Júlia que não deixara o emprego depois de casado, é pelos seus deveres de oficial da alfândega chamado a inspecionar um navio inglês que acaba de entrar em *Fajã^{II} d'água*, outro porto da ilha Brava, mais espaçoso que o da *Furna*.

O segundo piloto da galera inglesa é um rapaz bem-apeesoado e robusto, de bigodes fartos e pretos, cabelo também preto e comprido, fisionomia leal e simpática. Todo o seu exterior, a sua mesma pronúncia denota não pertencer ele à mesma nação que o resto da equipagem.

Este homem parece não poder despregar os olhos do pai de Júlia. Porém José Pedro não repara na visível comoção do mancebo, que ao contemplá-lo sente marejarem-lhe as lágrimas nos olhos.

Concluído que foi o seu trabalho, José Pedro regressou para terra. É noite fechada. A lua que nasce desenha na estrada formas fantásticas, penetrando através dos densos renques de *purgueira* que orlam o caminho.

Preocupado como vai em seus pensamentos, o esposo de D. Elvira não repara num homem que embaçado em ampla *japona^{III}* o segue a uns trinta passos de distância, sem contudo o perder de vista.

Ao passar por um sítio despovoado onde o caminho era muito estreito e sombrio, seis homens armados de possantes *manducos^{IV}* o cercam, e antes que José Pedro tenha tempo de fazer o menor movimento, furiosas cacetadas o prostram do cavalo abaixo.

Então um sétimo homem sai da emboscada. Nas mãos lhe reluz um ferro. Ergue o braço para ferir o pai de Júlia já inanimado. Súbito, ouvem-se passos precipitados, e um tiro de pistola ressoa a dez passos de distância.

O assassino cai ao lado da sua vítima, tendo-lhe a bala varado um ombro. Os seus cúmplices dando-o por morto e julgando-se perseguidos, o desampararam.

Chega o salvador de José Pedro. Apalpando-o ansioso, reconhece que está mal ferido, mas não morto. Carrega com ele nos possantes braços, e como conhecedor do trilho, veloz o transporta.

O homem que tão covardemente pretendia assassinar o pai de Júlia, era, já os nossos leitores terão adivinhado, o infame Galvão. E aquele que o salvou – o moço piloto do navio inglês.

O salvador de José Pedro

Caminhando com a pressa que lhe permitia o mau caminho e o seu pesado fardo, o

generoso mancebo vê a alguma distância bruxulear uma luz. Dirige-se nesta direção. Vem-lhe abrir a porta da casa um camponês que mostra ter os seus cinquenta anos, porém ainda forte e robusto. Trajava de luto.

Informado pelo valoroso marinheiro do sucedido, o aldeão exclama benzendo-se:

– Santo Deus!... Foi ele! Foi o maldito Ricardo! Vai para dez anos que nenhum crime se comete nesta pobre terra, que não seja obra dele e dos seus infames satélites^v. Há um mês que o *bat-tu*¹ passou à noite por sobre a minha casa. E daí a três dias... ah! minha filha, minha filha!...

E o aldeão volta-se para esconder as lágrimas que lhe correm em fio pelo rosto.

Esta súbita explosão de dor passou despercebida aos olhos do moço piloto, ocupado em pousar cuidadosamente sobre um leito que o camponês lhe indicara, o corpo daquele a quem acabava de salvar a vida.

Imediatamente, parte o aldeão para *Sant'Ana* a chamar o facultativo, enquanto o ferido fica entregue aos cuidados do seu salvador.

Pela madrugada, graças aos cuidados do facultativo que prestes acudira, e daqueles a quem poderemos chamar seus amigos, José Pedro foi quase completamente abandonado da febre que ao princípio o acometera, resultado de um ferimento algum tanto grave na cabeça. Reabrindo os olhos, voltou-os ao princípio incertos sobre as pessoas e os objetos que o rodeavam.

– Onde estou eu? perguntou ele enfim com voz fraca.

– Entre amigos, responderam-lhe os seus três enfermeiros.

– Ah!... sim... agora me recordo! Fui atacado inopinadamente, caí do cavalo, desmaiei... depois... parece-me ter ouvido um tiro, e em seguida muitos passos de pessoas que fugiam... senti-me transportado... A quem devo eu a vida?

– A este senhor, respondeu o médico apresentando-lhe o jovem marinheiro, o qual chorava de alegria vendo salvo aquele por quem momentos antes arriscara a própria vida.

– Quem sois, meu amigo? perguntou o pai de Júlia, estendendo afetuosamente a mão ao mancebo.

Este caiu aos pés do leito, cobrindo de beijos e de lágrimas a mão que lhe estendiam. Depois, prorrompeu comovido:

– Não me conhece? Já se não lembra de... Rodolfo?!... Perdão, perdão José Pedro! Deixei-te órfão!...

– Rodolfo?!... Pois és tu, meu amigo?!... Sim, fui bem desgraçado; mas tu não ti-

¹ Pássaro marinho, noturno, semelhante ao corvo pequeno. O seu canto lúgubre pressagia desgraças àqueles por cuja morada passou. Mais uma superstição daquela pobre gente!

veste ^{vi} a culpa: eras tão novo ainda... Por um fatal acaso, pela tua pouca idade, pela influência da natureza, ocasionaste a morte do pai. Hoje, a tua coragem e dedicação, acabam de salvar o filho. Lá do céu, onde nos contempla, meu pai decerto te louva e abençoa. Abençoado sejas, Rodolfo, meu amigo, meu filho!

E aqueles dois excelentes corações uniram-se em estreito abraço.

Os dois primos

José Pedro, com a expansão sincera de uma alma boa e reconhecida, agradeceu aos outros dois homens que também haviam contribuído para a sua salvação.

– António Silvestre, disse ele depois a seu hóspede, que assim se chamava, e minha família já sabe do sucedido?

– Descanse, meu senhor! respondeu-lhe o bom do aldeão na sua rude linguagem, arrei-lhe lá uma historieta, dizendo-lhes que *nhô* José Pedro, por urgências de serviço se tinha visto obrigado a pernoitar em *Fajã* ^{vii} *d'Água*, e me tinham enviado a participar-lho.

Todavia, ao romper da manhã, partia António Silvestre a dar parte a D. Elvira do verdadeiro estado de seu esposo, que era o menos assustador possível.

Duas horas depois, duas senhoras se apeavam dos seus burrinhos à porta da rústica habitação de António Silvestre, o qual as acompanhava, com alguns escravos de José Pedro.

Eram D. Elvira e sua encantadora filha, que debulhadas em lágrimas foram cair de joelhos aos pés do leito em que jazia ferido seu esposo e pai, que as recebeu nos braços.

Serenados os primeiros transportes de dor e alegria, José Pedro apresentou às duas senhoras o seu salvador.

Júlia, ao dar a casta fronte a beijar àquele que seu pai chamou sobrinho e filho, corrou até às alvas dos olhos. Da sua parte, o gentil mancebo não ficou menos perturbado ao tocar com os lábios trémulos na face acetinada da bela priminha.

Devo dizer aqui ao leitor que a mãe de Rodolfo era irmã da avó de Júlia, a defunta D. Júlia de Lima.

Rodolfo informou-se então de sua mãe, e soube com inteiro júbilo que era viva, e não se quis demorar em a ir abraçar. À pobre velhinha pouco faltou para morrer de alegria ao ver o filho. Não estava só no mundo! era viúva, mas tinha um filho, que lhe viera trazer a consolação e o alívio na sua cansada velhice.

Quatro dias depois, achando-se José Pedro já quase completamente restabelecido, quis regressar a sua casa em *Sant'Ana*, no que o facultativo assentiu.

Partiu pois em uma cómoda cadeirinha levada por dois possantes escravos, seguido de sua esposa e filha que iam montadas nos seus burrinhos. Fechavam a marcha Rodolfo e António Silvestre, que iam conversando.

Mas Rodolfo parecia muito distraído. Não tirava os olhos da esbelta figura de sua prima, alegando para isso que o pacífico orelhudo em que ela ia tropeçava frequentemente. Da sua parte, a gentil donzelinha parecia ser da opinião de seu primo, porque voltava frequentemente a cabeça do lado em que ele ia, e nestas ocasiões seus olhos se encontravam, vivo rubor lhes coloria as faces... já se amavam.

Ricardo Galvão

Ricardo Galvão que vimos ficar gravemente ferido pela bala da pistola sobre ele disparada por Rodolfo, a qual foi extraída do ombro com bom êxito pelo mesmo facultativo que tratara a sua premeditada vítima, não sucumbiu.

Quando o teve salvo e restabelecido, o honrado cirurgião disse-lhe com severidade:

– Mancebo! Eis-vos salvo. Podia ter-vos deixado perecer, que o remorso não atormentaria a minha consciência. Expurgava a terra de mais um monstro. Mas restituí-vos a vida, e oxalá que d'ora avante a empregueis melhor, procurando reparar os muitos males que tendes feito. Ao contrário, quando as vossas torpes ações vos conduzirem à beira do precipício, ninguém vos estenderá mão valedora, e a justiça de Deus seguirá seu curso.

Aquele homem acabava de lhe salvar a vida quase milagrosamente, empregando nisso todos os esforços da sua ciência, noites desveladas, cuidados de mãe, que infeliz e fatalmente para si, Ricardo Galvão não chegara a conhecer.

Escutou-o pois num silêncio atento, quase religioso. E quando o digno homem acabou o seu exórdio, por mais empedernido que fosse o seu coração, Ricardo sentiu re-bentarem-lhe dos olhos até ali impassíveis, dois rios de lágrimas que lhe inundaram o rosto e o peito.

Escondendo o rosto entre as mãos, apenas pôde balbuciar.

– Oh! sim, senhor! Emendar-me-ei!...

O honrado médico saiu dali com o coração jubiloso, crendo ter salvado não só uma vida, mas uma alma que prestes estava a abismar-se nas voragens do crime, do inferno.

Ricardo tinha caído em profunda e cruel meditação. Ante seus olhos que agora pa-

reciam envergonhar-se de ver a luz do dia, apresentaram-se como num sonho, todas as passadas e terríveis cenas da sua vida desregrada.

Viúvas e órfãos esbulhados do seu património, pedindo a Deus castigo contra o miserável que os deixara sem pão e sem abrigo; esposas deplorando a perda da sua honra; donzelas cujas coroas de virgem ele desfolhara a uma e uma, lançando depois as folhas já ressequidas à lama de suas paixões brutais. – Tais são as negras recordações que como fantasmas aterradores se apresentaram ao seu espírito.

.....

.....

A festa de Santo António em ilha Brava ^{VIII}

Amanhecera esplêndido o dia 13 de julho de 1860. Parecia que a natureza ataviando-se com as suas galas mais ricas queria ajudar os bravenses a festejar dignamente o glorioso filho de Lisboa, o popular santo António.

Apenas uma ligeira neblina que desde a madrugada se formara assombreava os frondosos bosques de cafeeiros e bananeiras, cujas largas folhas baloiçavam brandamente, impelidas por amena viração. Porém o sol que se levantava radiante, prometendo um dia bastante calmoso dissipava a mesma neblina, e fazia brilhar como pérolas as cristalinas gotinhas d'orvalho que tremulavam nas flores e folhas das plantas balsâmicas que circundavam algumas brancas casinhas de *Pé da Rocha*, e que com seus doces perfumes completavam, embriagando os sentidos, o quadro esplêndido da natureza.

Em suma – estava uma bela manhã!

E não menos bela e alegre era a cena que àquela mesma hora se passava em quase toda a extensão da Ilha.

As festas dos santos – António, João e Pedro, são as mais estrondosas que se celebram naquela boa terra. E sinto bastante que a muita brevidade com que escrevo me não permita fazer delas uma descrição mais sucinta aos meus leitores.

Além dos ofícios da igreja, há fogueiras, foguetório, salvas d'artilheria, muitos presentes duma parte e doutra, lautos jantares em que abundam o *xerém* ² e a *batanca* ³; cavalhadas, bailes, serenatas, etc. etc., a datar da antevéspera do dia festivo.

² Milho *guizado* (!)

³ O pão-rei da festa, feito de farinha de milho mui fina com *recheio* de bananas, cozido entre folhas de bananeiras e lume por cima.

.....

Ouvia-se o alegre repique dos sinos em Sant'Ana; por toda a parte se cruzavam vistosos bandos de moços e donzelas; aqueles tangendo alegremente nas suas violas, estas acompanhando-as com suas melodiosas cantigas ao som de palmas compassadas. Todos se dirigiam a *plantar os mastros* nos pontos mais culminantes da Ilha, para cujo fim e enfeites quatro possantes rapagões do bando levavam aos ombros um formidável tronco de papaieira ou doutra árvore gigantesca; e as raparigas levavam à cabeça canastras, nas quais alvas toalhas ocultavam os ananases, as bananas, as uvas, os cocos, as tâmaras e muitas outras frutas, queijos, frascos de licores, etc., que haviam de ser suspensos das vergas e cordas dos mastros, que se coroavam d'alegres galhardetes.

Os dois rivais

Em *Pé da Rocha* erguera-se também um mastro dos mais grados e vistosos, num espaçoso e elevado terreiro.

Estava a terminar o tão festivo dia; e como para saudosos se despedirem dele, o vasto terreiro estava apinhado de gente, moços e velhos.

Três pessoas aí passeavam, que eram o alvo de todos os olhares e de todas as atenções. Eram os nossos antigos conhecidos – José Pedro, sua filha, e Rodolfo.

O mancebo dava o braço a sua prima, que nele se recostava com certa languidez. Rodolfo era feliz, porque via o seu amor correspondido, e nenhum obstáculo se opunha ao seu futuro enlace com aquela que amava, e cujo pai lhe permitia receber de Rodolfo o doce título de noiva.

A gentil crioula estava mais radiante de beleza do que nunca. Trajava vestido de cetim azul que amoldado ao seu corpo esbelto lhe fazia sobressair as formas divinais. Dos ombros, dum torneado admirável, pendia-lhe custoso xaile de caxemira. Sob um lençinho de seda azul-escuro destacava-se a fronte pura de suave palidez, na qual os olhos lançavam esses lânguidos reflexos que são o fogo do amor.

Rodolfo também vestia com igual elegância; e, ou fosse acaso ou premeditação, o seu colete, sobre o qual brilhava grosso cordão de oiro, era d'estofo da mesma cor que o vestido da priminha bonita.

Rodolfo conversava com sua noiva, à qual dava a direita, tendo à sua esquerda o pai de Júlia que dava o braço a uma venerável velhinha, a qual esqueceu-me mencionar no grupo, e era a mãe de Rodolfo.

Súbito, Rodolfo que não desviava os olhos das feições de sua prima, viu-a empali-

decer, ao mesmo tempo que lhe apertava fortemente o braço, agitando-lhe todo o corpo um tremor convulso.

– Que tens, Júlia? perguntou o mancebo assustado.

– Ele!... ele! balbuciou a donzela, enquanto com o gesto designava um homem que parado a uns vinte passos dali os estava contemplando como petrificado.

– Quem é aquele homem?

– É... Ricardo!

– O assassino de seu pai! rugiu Rodolfo largando o braço de sua prima, que esteve para cair redondamente no chão.

Porém José Pedro ainda teve tempo de o conter.

Da sua parte, Galvão que operara o mesmo movimento para se lançar ao seu rival, se deteve, e afastou-se precipitadamente.

Continuação

Durante um ano inteiro lutara Galvão por sufocar o insensato amor que concebera pela filha de José Pedro, amor cujo fogo em seu peito lavrava dia a dia mais intenso – e nele se houvera purificado, se a sua alma não estivesse já de todo corrompida.

Retirado no interior duma das suas propriedades, Ricardo não tornara a aparecer na sociedade. Esta quase o havia esquecido – tão depressa se esquece os maus.

José Pedro não o delatara à justiça, porque a mesma justiça o temia e acatava.

Pela vez primeira resolveu Ricardo pôr termo ao seu voluntário exílio, que já não podia tolerar; e apareceu no lugar da festa em *Pé da Rocha*, onde o vimos.

Sabia que José Pedro para ali se retirara, a fim de se afastar daquele cujas perseguições ainda temia.

O pensamento dominante de Galvão era ver Júlia; e viu-a, – mas ditosa, mas amando outro, e sendo por ele amada.

E como estivesse imóvel, como pregado ao solo, lutando ainda entre bons e maus sentimentos, a seus ouvidos chegaram as vozes de dois aldeões que a pouca distância conversavam.

– São mesmo uns pombinhos! dizia um deles.

– E bem dignos um do outro (acrescentou o segundo).

– *Nhô* José Pedro tenciona casá-los daqui a dous meses.

– E faz bem *nhô* José Pedro, que só assim poderá recompensar a quem lhe salvou a

vida.

– A propósito! E aquele maldito do Ricardo?

– Certamente morreu... e *prantaram-no* aí p'ra qualquer canto.

Mal sabiam os pobres homens que a dous passos dali os estava ouvindo aquele mesmo sobre quem falavam, e cuja alma as suas palavras torturavam.

Ao saber que o seu feliz rival era o homem que malograra a sua vingança na pessoa de José Pedro, que o pusera às portas da eternidade; que este mesmo homem breve desposaria aquela a quem ele, Galvão, também amava, Ricardo olvidou os salutares conselhos do médico que lhe salvara a vida; esqueceu um ano de incessantes martírios, e o demónio do ciúme entornou-lhe no coração todo o seu cálix de fel. A alma milagrosamente salva tornou a abismar-se nas profundas do inferno!

Foi neste momento que Júlia nele fez reparo, e que os dois rivais operaram o seu movimento agressivo.

Rapto

Ricardo compreendera que tinha contra si não só um adversário robusto e temível, mas a povoação em peso que o odiava. E sorriu-se daquilo a que ele chamava sua puerilidade.

Retirando-se, Ricardo ia delineando um de seus monstruosos planos de vingança.

Tomou pela espaçosa estrada que costeava a aldeia, e tendo andado uns cinquenta passos, parou defronte dum formoso quintalinho, ou antes jardim, defendido por um muro de quatro pés d'altura, e que ia dar a um encantador retiro, rival das poéticas – *villa* – italianas.

Esta encantadora vivenda, a mesma que fizemos entrever ao leitor no começo desta narrativa, pertencia, como conjuntamente dissemos, a *nhô* José Pedro.

Galvão observava as dependências da *villa* com a atenção escrupulosa e metódica dum general providente que estuda o plano da praça que pretende atacar, ou um ladrão jubilado^{IX} os rodeios duma propriedade que há de assaltar.

Certamente o exame foi favorável aos seus tenebrosos intentos, porque um sorriso de satisfação lhe adejou nos lábios.

– Ah! desta vez (murmurou ele), não se me há de opor o tal bigorilhas... ou então!... (e como complemento da frase medonha, levou a mão ao bolso furtado^X do casaco). – Imprudentes! (proseguiu, olhando para uma janela do andar superior, apenas cerrada). – Decididamente, Deus... ou antes o diabo, protege-me hoje!...

E o bandido afastou-se esfregando as mãos, e sorrindo-se daquele seu particular sor-

riso.

.....
Já a noite desdobrava sobre a terra o seu manto de trevas.

A mocidade da aldeia passava alegremente o tempo em danças e folgares na residência de Rodolfo, que fora eleito mordomo para o ano seguinte. Escusado será dizer que Júlia também ali se achava com seu pai. D. Elvira, sentindo-se um pouco incomodada, não saía de casa em todo o dia.

Neste momento, isto é, duas horas depois de Ricardo haver deixado o seu posto d'observação, dois homens montados em robustos cavalos caminhavam pela já mencionada estrada.

Chegados em frente da casa de José Pedro, os desconhecidos apearam, e conduzindo os cavalos à mão internaram-se num bosque que lhes ficava à esquerda, onde amarraram solidamente as suas cavalgadas.

Depois de escrupulosa revista aos pontos circunvizinhos, e tanto quanto a escuridão o permitia, os dous foram saindo do bosque, chegaram à estrada, pararam, tornaram a observar e escutar e afinal, vendo que não eram observados, escalaram o muro do quintalinho; e caminhando protegidos pelas trevas e pelo chão relvoso que abafava seus passos, em breve chegaram debaixo das janelas da casa.

Uma destas janelas, creio tê-lo já dito, era assombreada por uma frondosa goiabeira.

Observando precauções ainda mais rigorosas do que as tomadas na estrada, os dous saltadores noturnos – que outra cousa não podiam ser – treparam àquela árvore, e pela janela que o descuido ou a confiança dos habitantes da casa deixara soaberta, penetraram nela, exatamente no quarto de dormir da filha de José Pedro.

Às 10 horas da noite Rodolfo acompanhava seu tio e sua noiva que regressavam a casa. Depois da cena quase violenta do terreiro, o pobre moço sentia-se possuído de vaga tristeza, e um como pressentimento de desgraça iminente lhe enlutava o coração.

Ao entrar no seu quarto, vendo Júlia que a janela se achava aberta, dirigiu-se a fechá-la.

No mesmo instante, dous homens saindo mansamente de sob um leito se acercaram dela, e enquanto um a enlaçava pela cintura, e a levantava do solo, o outro lhe tapava a boca com um lenço, de sorte que a donzela não pôde nem gritar, nem fazer o menor movimento.

O castiçal que ela segurava escapou-se-lhe das mãos, caindo sobre o sobrado com estrondo.

Esta bulha, e a que fizeram os malvados fugindo precipitadamente atraiu a atenção de José Pedro, que no andar inferior conversava com a esposa. Chamou a filha; e como

esta não lhe respondesse, subiu acima para indagar a causa de tal motim.

O aposento de Júlia estava vazio, via-se a janela aberta, o castiçal derribado.

– Júlia! minha filha! bradou o desgraçado pai.

Respondeu-lhe o ruído do galopar de dous cavalos que se afastavam aceleradamente, e os soluços de sua infeliz esposa que entrava no quarto.

A justiça de Deus

– Chamem Rodolfo! ordenou José Pedro aos domésticos que haviam acudido.

– Aqui estou, meu pai! bradou esbaforido o mancebo, entrando. – Sei tudo. Retirando-me para casa, senti um grande ruído na estrada, a alguns passos de mim, e dirigindo-me nessa direção, percebi um vulto informe que se internava rapidamente no bosque, e ao mesmo tempo ouvi um gemido... gemido que me chegou ao coração!... Precipitei-me sobre os bandidos, porém estes tinham desaparecido na espessura do bosque. Depressa!... depressa, meu pai! a cavalo!...

Dez minutos depois, o tio e o sobrinho montados em dous fogosos ginetes, tinham-se precipitado em perseguição dos fugitivos.

A noite estava escuríssima. Nem uma estrela brilhava no céu. O caminho era áspero e em declive para a montanha. Entretanto os dois cavaleiros galopavam com a velocidade do raio. Por vezes as pedras soltas da estrada faiscavam fogo sob as patas dos dois ginetes; e o ruído de seus passos era o único que vinha interromper o lúgubre silêncio que pesava sobre os bosques sombrios. Mas os dois viam nas trevas, – que mais espessa era a que lhes cerrava os corações.

Chegados a uma encruzilhada, Rodolfo e José Pedro trocaram breves palavras, e sempre galopando, tomaram por duas estradas diferentes. Cada uma destas estradas ia dar a uma propriedade de Galvão. Assim havia mais probabilidade de o encontrarem. Não duvidavam que fosse ele o autor do infame atentado.

.....
Ricardo conduzindo a donzela raptada tinha chegado à sua propriedade do *Incião*. Caminhara quase tão rápido como os que sem ele o suspeitar o perseguiam.

Confiava em que primeiro o procurariam em Sant'Ana e outros pontos distantes, caso houvessem suspeitas dele.

Porém Ricardo não contara com a firme convicção de José Pedro e Rodolfo sobre a sua criminalidade, e o haverem sido vistos, ele e o seu cúmplice, por Rodolfo, que adivinhara a direção provável que tomariam os raptos.

O ar fresco da noite e os balanços produzidos pelo galopar rápido do cavalo tinham

feito tornar a si a donzela desmaiada.

Ao entrar o portão da quinta para onde a conduziam os seus raptos, Júlia, reanimada, reparou no homem que o viera abrir, o qual tinha uma lanterna na mão. Certamente ela o reconheceu, porque lhe estendeu as mãos suplicante; no que Galvão não reparou, entretido em se apurar, e em dar algumas instruções concernentes à situação àquele que parecia caseiro da quinta, e ao seu cúmplice.

Ao gesto de súplica que fez Júlia respondera o aldeão levando um dedo aos lábios como recomendando-lhe silêncio e prudência, e assegurando-lhe por um sinal expressivo a sua proteção.

Poucos momentos depois, o cúmplice de Ricardo, tornando a montar, desaparecia pela mesma estrada que haviam percorrido.

Não tinha andado uns cinquenta passos, que um vulto... um furacão lhe passou ao lado, quase derribando-o do cavalo.

Ricardo entrando em casa tinha conduzido a sua vítima para uma sala ao rés-do-chão, cuja porta fechou cuidadosamente, depois do que acendeu uma luz.

Júlia achando-se em liberdade, tirou o lenço que a emordaçava, quase sufocando-a.

Certa de ter não longe de si um amigo protetor, a donzela não tremeu pela sua posição desesperada. Cruzou os braços sobre o seio lindo que lhe arfava com violência, e fitando no seu infame raptor seus belos olhos negros em que fulguravam a cólera e o desdém, disse-lhe com voz vibrante:

– Sois um miserável, senhor!

O bandido contemplava-a com enlevo, calculando na alma sórdida um mundo de infernais delícias. Júlia estava tão bela de comoção!...

Ouvindo-a, o malvado soltou uma gargalhada cínica.

– Recriminações, minha bela? disse ele. – As crueldades aqui são inúteis.

E quis tocar com mão profana na filha de José Pedro.

– Senhor!! bradou a casta virgem, resplandecendo-lhe no semblante tal expressão de dignidade e altivez, que o ousado libertino recuou, mau grado seu.

Porém este movimento d'hesitação foi rápido. O monstro, encorajando-se com a formosura da donzela indefesa, avançou para ela ainda com maior ousadia, cingindo-a pela cintura, enquanto seus lábios impudicos procuravam aqueles tão castos e tão belos!

Então a pobre menina, louca de terror, bradou.

– Socorro!... Rodolfo! meu pai!

– Júlia!... respondeu de fora uma voz forte e bem conhecida da donzela.

Ao mesmo tempo, a porta estalava, cedendo, forçada por ombros robustos.

Ao mesmo tempo também uma janela de vidraças voava em estilhas, e por ela penetrava um homem.

Com o ímpeto do raio precipitou-se na sala um homem, pálido, desgrenhado, ameaçador, empunhando em cada mão uma pistola.

Este homem era Rodolfo.

Júlia caiu desmaiada nos braços de seu amante. O anjo da sua guarda não a desamparara.

Galvão mal teve tempo de saltar pela janela aberta. Atrás dele, como se fosse a sua sombra, saltou aquele que pela janela se introduzira tão abruptamente, agarrando-o na queda pelo pescoço.

– Misericórdia!, gemeu o desgraçado, louco de terror, e meio estrangulado.

– Misericórdia contigo, cão?! troou uma voz rude.

Ricardo, sentindo afrouxar a cadeia de ferro que lhe apertava a garganta, tentou falar.

– Quem sois? balbuciou ele.

– A justiça de Deus! – respondeu o desconhecido com voz retumbante.

– Ah! exclamou o bandido, sentindo percorrer-lhe o corpo todo um calafrio mortal.

Porém, restabelecendo-se súbito ante a iminência do perigo, levou a mão ao bolso furtado da casaca, e nas trevas lampejou a lâmina dum punhal.

Mas, rápido como o pensamento, o desconhecido segurara-lhe no pulso, apertando-lho com tanta força, que o assassino soltou um grito de dor, caindo-lhe das mãos o ferro homicida.

Neste momento, a lua que até ali estivera encoberta mostrou a sua face pálida.

– António Silvestre!!... bradou aterrorizado Galvão, reconhecendo o seu inimigo.

– Sim, sou eu, miserável! respondeu o montanhês. Sou eu que hoje te venho pedir contas da morte de minha filha que não pôde suportar a sua desonra e a minha!... Desgraçado!... Há um ano que estou próximo de ti, que te vigio, que tomo nota de tuas menores ações, sempre esperando a hora determinada por Deus para o teu castigo e minha vingança. Sou eu ela alfim!... Ricardo Galvão, está cheia a taça das tuas iniquidades! Uma gota d'água a fez trambordar... Morrerás!...

Assim falando, António Silvestre fora-lhe vergando os braços, a ponto de o prostrar a seus pés.

Ricardo quis gritar. Porém o aldeão pondo-lhe um joelho no peito, sufocou-lhe a voz na garganta.

– Oh! não me mate, senhor!... gemeu o miserável, transido de medo. – Quereis dinheiro? Dou-vos-lo, todo, tudo quanto possui!...

A resposta de António Silvestre foi uma gargalhada estridente.

– De que me serve o teu oiro, miserável? – Cada peça desse oiro é uma taça de lágrimas de inocentes desgraçados que ora clamam a Deus vingança contra ti. Cumpra-se a justiça de Deus! Morre, Ricardo Galvão!!...

Os ossos do desgraçado rangeram estalando sob a pressão de joelhos do robusto camponês. Um grito d'angústia se confundiu com um estertor d'agonia sufocado por uma golfada de sangue que espadanando-lhe dos olhos, boca e ouvidos, borrifou a cara de seu matador.

– Estás vingada[,] minha filha! bradou António Silvestre com feroz alegria. – O sangue de teu sedutor e assassino encobre o pejo que me coloria as faces!!.....

Epílogo

Seis semanas depois dos acontecimentos que levamos dito, Rodolfo, transportado ao cúmulo da felicidade, esposou sua prima, a bela e angélica Júlia.

Ainda hoje vive sossegado na sua encantadora vivenda de Pé da Rocha *nhô* José Pedro, rodeado de seus filhos e netos, nos quais feliz se revê, e sendo o esteio dos desgraçados.

António Silvestre, metido em processo, foi condenado a degredo perpétuo para as Costas de Guiné.

– Vinguei minha filha e a nossa desonra! dizia o desditoso velho. – Perdoai-me, meu Deus!

Fim

^I Na publicação original, certamente por gralha, está *de*.

^{II} No testemunho, *Feijão*.

^{III} japona – agasalho curto, geralmente de lã grossa e com feitio de jaquetão.

^{IV} manduco – cacete, em tempos usado como arma de ataque e defesa do camponês do Fogo. Originariamente manufaturado com a madeira da árvore medicinal da Guiné que apresenta o mesmo nome, podia também ser feito de marmeleiro.

^V satélite – no sentido, registado por Morais na edição de 1889 do *Diccionario da lingua portugueza*, de assalariado que acompanha outrem para feitos maus ou ações criminosas.

^{VI} No testemunho, por lapso, *tivestes*.

^{VII} No testemunho, *Feijão*.

^{VIII} Teófilo Braga (*O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Vol. II. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986, p. 210-211) cita um artigo publicado no *Almanach de lembranças luso-brazileiro para 1881* que descreve em pormenor os festejos de Santo António noutra ilha, a de Santiago. Embora o relato de Guilherme Dantas seja muito sucinto, é possível detetar algumas semelhanças entre as celebrações.

^{IX} jubilado – no sentido, hoje obsoleto mas registado por Moraes, de experimentado, consumado na velhacaria.

^X bolso furtado – bolso escondido, escuso.

AO SEU PARTICULAR AMIGO

EDUARDO DE BARROS E MATOS

O. D. e C. ¹

O AUTOR

Meu jovem amigo

Perdoar-me-á meu Pai, se lhe roubo um cantinho do livro, a ele expressamente dedicado, para to oferecer a ti, meu mestre também – na sublime arte de *Guttemberg*.

Falando eu no seguinte romancelinho com tanto amor da Ericeira, tua cara terra natal, além dos motivos superiores de amizade e reconhecimento, julgo quase um dever meu o dedicar-to.

Aceita-o pois, não como valioso presente – que o mérito pouco é – mas como um testemunho da mais sincera amizade que te consagra o

Teu do C.

Guilherme da Cunha

CENAS DE MAFRA

I

No jardim

Corria o ano da graça de 18..

Nas torres do velho e grandioso edifício de Mafra soavam 8 horas da manhã dum friorento dia de novembro.

Por duas largas ruas do real jardim, paralelas uma à outra, iam caminhando seis indivíduos[,] três por cada uma.

Rebuçados em amplos capotes, apenas se lhes via as pontas dos narizes regelados.

Sob seus passos rangiam as folhas secas que juncavam o solo. O vento sibilava com um ruído monótono por entre a ramagem das árvores despidas de folhas. E

«As folhas secas caíam
Com leve ruído no chão.
Era o hino da saudade,
Era a voz da solidão!»^{II}

Ao fim de dez minutos de silenciosa caminhada, os dois grupos internaram-se nos bosques que orlavam os passeios, reaparecendo poucos minutos depois, e por diferentes caminhos, no espaçoso recinto chamado *jogo da bola*^{III}, cuja origem se remonta ao tempo dos frades que habitaram o convento de Mafra, e nele fizeram muitas obras, e entre outras o mesmo jogo, seu predileto.

Mas deixemos descansar em paz as cinzas destes «penitentes varões». Deixemos também, por algum tempo, os indivíduos que vimos penetrarem no *jogo da bola*, e depois de havermos seguido durante algumas semanas anteriores os passos d'alguns destes personagens, tornaremos a ir encontrá-los no mesmo lugar.

II

Os dois amigos

Júlio e Henrique eram amigos desde a infância. Foram educados juntos, juntos cres-

ceram; e os anos haviam estreitado o laço de amizade que os unia.

Contudo, os dois mancebos eram de caracteres absolutamente opostos. Júlio, de beleza varonil, era sério e refletido; Henrique, pelo contrário, alegre e descuidoso, até o semblante tinha afeminado.

Viviam ambos na mesma rua de Mafra, apenas um prédio separava as habitações de seus pais.

Tinham os mancebos chegado ao seu décimo oitavo ano de idade, quando para o mencionado prédio veio residir uma família de Lisboa.

Compunha-se esta família de dois esposos e uma menina sua filha, linda como os amores.

Os atrativos da gentil donzela tocaram simultaneamente os corações dos dois mancebos, ainda virgens do amor.

Mas o amor penetrou nestes corações com sentimento diverso, como diversos eram os seus caracteres. Júlio, alma leal e terna, amava sincera, ardentemente. De Henrique, pode-se dizer, na frase vulgar, que gostava muito da sua linda vizinha; mas gostar não é amar.

Um dia, nestas horas de doce intimidade que entre ambos reinava, Henrique com a sua leviandade habitual, fez o seu amigo confidente daquilo a que ele chamava o seu amor.

Isso veio corroborar as suspeitas que já muito tempo antes tinham entrado no ânimo de Júlio, de que ele tinha em Henrique um rival. Desde então, tornou-se mais circunspecto e meditabundo, fugia de se encontrar com o seu amigo, e a datar deste momento, a afeição que um pelo outro concebiam fora-se esmorecendo pouco a pouco, sem contudo se extinguir de todo.

III

A varanda de Julieta

Chamava-se Eugénia o ídolo a quem aqueles dois corações tributavam seus cultos.

Seu pai, o sr. Henrique Nunes, era um abastado, honrado comerciante da praça de Lisboa. Vendo chegar o verão, resolvera vir passá-lo ao campo, com sua família, na fresca Mafra, e nas poéticas praias da Ericeira.

Esta casa tinha varanda de sacada deitando para a rua. As dos dois mancebos tinham janelas.

Desde que nela apareceu uma Julieta, dois Romeus mostraram constantemente as

suas cabeças nas janelas vizinhas.

Nos primeiros tempos, a tímida donzela fugia aos olhares ardentes que nela se fixavam. E a sua retirada da varanda era sempre lastimada com dois profundos suspiros.

Júlio parecia muito incomodado com a concorrência do seu amigo. Este porém, não se ressentia disso, e até por vezes quisera fazer as suas observações sobre a timidez da sua linda vizinha; porém Júlio não o escutava, retirando-se quase bruscamente da janela.

O mancebo estava persuadido de que se não fosse a presença incómoda e tirânica de Henrique, ele Júlio teria mais ocasiões de ver a donzela, e mesmo de trocar com ela duas palavrinhas.

Todavia, a bela Eugénia, fora-se habituando à presença dos dois mancebos; por fim já lhes correspondia aos tímidos cumprimentos, ainda que com um certo engraçado acanhamento.

Nas horas místicas da tarde, quando o sol poente fazia refletir a sua derradeira luz afogueada nas mil vidraças que guarnecem as janelas do sumptuoso palácio real, descerrava-se mansamente a *misteriosa* varanda, e nela aparecia a figura gentil e suave de Eugénia.

Então, assim como a aparição da aurora é alegremente saudada pelos passarinhos nos seus cânticos melodiosos, assim Júlio e Henrique elevavam do fundo de seus corações um hino de reconhecimento àquela hora de namorados «de poesia e de amor», que lhes fazia experimentar sensações tão doces e ambicionadas.

IV

Júlio e Eugénia

É numa destas belas tardes que vamos encontrar os nossos jovens namorados. Dois meses são decorridos depois que o sr. Henrique Nunes estabeleceu provisoriamente a sua residência em Mafra.

Henrique, apesar do seu estouvamento ordinário, reconhecera que a linda Eugénia, algum tempo irresoluta, acabara por optar pelo amor de Júlio, cujo carácter melancólico e poético mais condizia com o seu. Por isso, tornara-se menos constante nos seus hábitos de namorado, e apossando-se dele o ciúme, começou a odiar seu feliz mas inocente rival.

Júlio da sua parte, só via neste procedimento do amigo uma espécie de abnegação, e sentiu renascer-lhe no peito toda a antiga afeição pelo seu companheiro d'infância.

Nessa tarde pois, só Júlio está à janela. Um vislumbre de alegria que dá a felicidade lhe ilumina o semblante belo e melancólico. É que Júlio pousou ao de leve os lábios na taça inebriante da ventura.

Tão engolfado está nos seus pensamentos, contemplando no róseo horizonte os horizontes não menos belos de um futuro feliz, que não sente o ligeiro roçar dum vestido de seda, nem o ténue ruído duma porta de vidraças que se abre.

Súbito porém, uma voz suave e meiga como a dos arcanjos, mais melodiosa do que a vibração das cordas de um alaúde beijadas pelas auras matutinas, veio arrancá-lo do seu êxtase amoroso para o lançar noutra ainda maior.

– Boa tarde[,] sr. Júlio (murmurou-lhe ao lado uma voz bem conhecida).

– Menina Eugénia...

– Então estava pensando, sr. poeta?

– E adivinha em quem?

– Provavelmente naquela minha amiga a quem o sr. escreveu uma cartinha?

– E que me respondeu...

– Ama-a muito, sr. Júlio?

– Ainda o duvidas, Eugénia?

Respondeu pela donzela, e com muita maior expressão, o vivo carmim que súbito lhe invadiu as faces, e a terna expressão do seu olhar tão suave e meigo, tão angélico, tão cheio d'amor.

– A propósito! disse ela, procurando disfarçar a sua perturbação, *sabes* que partimos amanhã para os banhos, para a Ericeira?

– Sei; e ainda bem!

– Mauzão!... por ficares longe... de nós?

– Não, por me aproximar de ti, querida Eugénia.

– Então, vais residir em nossa companhia? perguntou com inocente malícia a gentil menina.

– Eugénia!... exclamou o mancebo, vendo como em arroubadora visão, a adorada cabecinha da sua amada cingida da coroa de virgem, de rescendente e branca flor de laranjeira, a sua nívea mão pousada na dele, um sacerdote venerando lançando-lhes a bênção...

Ainda maior perturbação se apossou da encantadora menina, ao ver o *erro* que cometera.

De repente os dois amantes estremeceram, como tendo acordado de um sonho delicioso. A pouca distância na rua, uma voz bem conhecida de ambos vinha cantarolando com visível intenção:

Já te quis, já te não quero,
 Já te amei, já te não amo.
 A minha pouca assistência
 Ter-te-á dado o desengano.

Era Henrique, o qual ao vê-los, murmurou por entre seus dentes cerrados:
 – Folguem, meus pombinhos!... folguem!...

V

A praia de banhos

Quem te viu e te não amou, ó singela *Ericeira*, que graciosamente te debruças sobre o oceano que beija teus pés?

Tu és o *eldorado* da mocidade, o ameno jardim para onde de verão emigram as mais belas flores de Lisboa e Mafra, que vão esmaltar as tuas praias e os teus passeios, que ao teu seio levam vida e animação.

Bendiz-te a gentil donzelinha, o mancebo enamorado, e até a severa matrona, e o velho gotoso, que a todos dá vida e alegria.

Quem não contemplou enlevado o delicioso espetáculo que apresentam as tuas praias em bela manhã de verão, quando resplandcentes de galas e frescor, nelas se apiñam formosas donzelas, mancebos gentis; ao mesmo tempo que outros se estão banhando na água azulada do oceano, risonhos, saltitantes... amorosos?

Pedimos ao leitor queira acompanhar-nos à mais concorrida daquelas praias, numa das formosas manhãs de setembro.

Quem é aquela Dione^{IV} formosa, em cujos cabelos de ouro brincam os travessos raios do sol nascente?

E aquele gentil tritão, que tendo-a pela mãozinha mimosa, parece ciumento das ondas inquietas que cobrem e beijam o corpinho gentil da sua ninfa?

Quem são?... Eugénia e Júlio.

A pouca distância deste grupo encantador, está Henrique, dando a mão a um *neptuno*, que pelo fero da catadura, mais parece um *adamastor*.

De repente, o mancebo que seguia com olhares furibundos as engraçadas evoluções dos dois amantes, é apanhado desaparecido por grossa onda; perde o equilíbrio, fá-lo perder ao borracho do *banheiro*, e ambos desapareceram aos olhares dos espectadores,

que na praia riam a bom rir.

Júlio, levado dos impulsos do seu bom coração, deixou Eugénia com o seu *escudeiro aquático*, e foi em socorro do amigo. Este porém, mal se pôde ter firme, repeliu-o desabridamente e lançando-lhes um olhar ferino, retirou-se envergonhado da água.

Como para se vingar dos fracos pulsos do seu banheiro, Henrique no dia seguinte mimoseou-o com o seguinte pasquim, afixado na sua barraca *chic*, e que fez bulha na praia:

Venham todos a esta barraca,
Que é de Francisco Regalão:
Cada banho uma pataca,
Cada real um trambolhão.

O tio Regalão *regalou* muito os encovados olhos. Ao ler o quarteto homicida, protestou lá consigo quebrar o espinhaço ao seu autor, se acaso o chegasse a descobrir. Felizmente para Henrique que tal não sucedeu.

VI

Regresso

Veloz corria o tempo para os dois ditosos amantes naquela terra tão sossegada e feliz.

Viam-se na praia, ao alvor do dia; à tardinha no passeio de *Santo António*, donde a vista pode espriar-se pela ilimitada imensidade do oceano; e à noite, na própria residência da donzela. Porque os pais de Eugénia, tendo em conta e sabendo apreciar os raros dotes do mancebo, e a particular deferência que por eles mostrava, o haviam admitido na sua intimidade.

Que se julgue do desapontamento do pobre Henrique, quando apesar de todos os seus esforços para suplantar o seu rival, ou pelo menos alcançar uma dita igual à sua, viu frustrados os seus intentos, e o seu antigo companheiro e amigo cada vez mais elevado nas boas graças dos pais de Eugénia, e no amor desta.

Enfim, estando a terminar o mês de outubro, era chegado o momento de regressarem a Mafra. Mas Júlio e Eugénia, como ingratos que eram, separavam-se alegres e risonhos daqueles sítios onde foram tão felizes: porque criam que igual ou maior ventu-

ra os esperava em Mafra.

.....

.....

A tarde estava bela e amena, o ar puro e embalsamado. Tudo enfim convidava à distração, do desterro da negra tristeza, aos prazeres e à alegria.

Mas em Mafra onde é que se pode encontrar tudo isso, a não ser nos passeios? Eis os motivos porque os domínios do sr. Abílio, hábil jardineiro real, haviam sido invadidos por um enxame de *abelhas* (de ambos os sexos), entre as quais também se viam alguns *zangãos* rabugentos.

Um grupo composto de dois velhos e dois jovens, isto é, o sr. Henrique Nunes, sua esposa, Júlio, e Eugénia, dirigiam-se para os toscos bancos *de cortiça* colocados pelo génio pitoresco do jardineiro sob frondosas árvores, através das quais mal podem penetrar alguns raios mais curiosos, do sol.

– Sr. Júlio, disse o pai de Eugénia, as poltronas são para os velhos. A mocidade gosta das flores, do ar, dos passarinhos e de outras coisas que o sr. deve saber e entender, porque é poeta. Ande, vá saltar para aí com esta rapariga.

Como é de supor-se, Júlio aceitou logo convite tão desejado; e dando o braço àquela que podemos chamar sua desposada, ambos radiantes de felicidade, ébrios de amor, desapareceram por entre as áleas de flores, cada qual orgulhoso da sua ventura aos olhos dos demais passeantes, e procurando a solidão.

– Eugénia, minha querida Eugénia! dizia Júlio, é possível que se possa disfrutar tanta felicidade na terra?

– E nada mais desejas?

– Se desejo, Eugénia!...

– Sim?!... disse por detrás deles uma voz.

Voltaram-se, e viram Henrique.

– Senhor! disse Júlio sem se encolerizar, o seu procedimento tem sido, na verdade, indigno.

– Incomodativo, quer o sr. dizer?... Está bem, retiro-me. Redargui o estouvado rindo, mas com o fel do ciúme no coração.

– Que mal fizemos nós a este senhor, Júlio? Ele que outrora era tão teu amigo!... Disse Eugénia consternada.

– Sim[,] Eugénia. Era meu amigo, meu companheiro de infância, meu irmão. Hoje porém, quase maldigo o destino que nos uniu. Mas não te aflijas. Breve nos veremos livres dele. Triste conjuntura! Ver-me obrigado a odiar o meu melhor amigo!...

VII

Infeliz Eugénia! Pobre Júlio!

O dia 6 de novembro amanheceu triste e chuvoso. Parecia que o silêncio que de ordinário pesa sobre Mafra se tornava naquele dia mais sombrio e lúgubre.

Júlio, às horas do costume, foi para a repartição onde era empregado.

Quem visse o pobre moço naquele instante, não creia ter ante si aquele Júlio tão alegre apesar da sua melancolia, e feliz, que uma semana antes passeava orgulhoso no real jardim, tendo pelo braço Eugénia, a bela filha de Henrique Nunes, a sua desposada.

Suas faces macilentas e cavadas do pranto, seus olhos inchados e vermelhos, e cujo brilho haviam amortecido as lágrimas, atestavam que profunda dor viera turbar aquela felicidade nascente e já no seu apogeu, exacerbar aquele juvenil e nobre coração.

Encostado à sua banca, com a cabeça apoiada nas mãos, insensível a tudo quanto em torno dele se passava, o infeliz derramava copiosas lágrimas.

Súbito, o jovem amanuense levantou-se como se fora impelido por uma mola.

Ouvia-se distante um certo cadenciado murmúrio, o qual se foi alteando até que se ouviram distintamente vozes de padres salmeando.

Júlio levou as mãos ao coração, como se os cânticos sagrados aí lhe vibrassem dolorosamente, nova torrente de lágrimas lhe inundou o rosto, e tornou a cair sobre a cadeira de que se tinha levantado.

Como os cânticos se tornassem cada vez mais distintos, o mancebo murmurou com voz sufocada:

– Quero vê-la... ainda uma vez!

E com passos vacilantes, quase encostado às paredes, dirigiu-se para a porta. De frente desta passava neste momento funéreo cortejo. Ao encarar com o caixão mortuário, o desventurado soltou um doloroso grito, como se nele lhe fosse a alma, e segurando-se maquinalmente às batentes da porta, caiu de joelhos murmurando o nome da sua amada.

Rangiam-lhe os dentes, parecia-lhe ter a cabeça em brasa, apesar da chuva que açoutando-lhe as faces, por ela corria misturada com as lágrimas e o suor que lhe aljofrava da frente.

Assim esteve por espaço de meia hora, ou mais. Afinal, as mesmas lágrimas lhe aliviaram o coração aflito, e a chuva contribuiu para lhe refrescar a fronte abrasada.

Levantou-se ainda impressionado pela terrível comoção por que acabava de passar,

murmurando sempre por entre soluços e gemidos:

[–] Eugénia! Eugénia!... Tão nova... e morrer!...

Dirigiu-se mais sossegado para o seu lugar, procurando estancar as lágrimas, e vencer a dor que o oprimia.

Como tivesse diante de si uma folha de papel, em branco, sobre ela escreveu, correndo-lhe a mão por sobre o papel com um movimento febril:

Lá fora ruge o vento,
Cai a chuva caudalosa:
A natureza veste de luto,
E assim Mafra saudosa.

Do sagrado bronze distante
Tristes sons me faz ^v o vento:
Anunciam-me que os seus restos
Baixam à campa neste momento.

Em minha alma se repercute
A voz plangente do brônzeo sino;
Em minha alma que verga ao peso
De inumano, fatal destino!

Anjo do céu, que à terra baixaste,
Para o céu voltaste, pátria tua.
Oh! pede a Deus, se as penas minora
De quem te chora em mágoa crua!...

VIII

O duelo

Pouco tempo é preciso para que o destino faça desaparecer da superfície da terra os homens e as coisas; como o vento varre um átomo de areia. A florzinha mimosa que ontem se ostentava viçosa e bela, hoje jaz prostrada, murchas as folhas, as cores desbotadas; que por ela passou o tufão, dando-lhe a morte no seu hálito quente.

Eugénia, em seguida ao passeio no *cerco*, fora acometida por uma febre tifoide, que

em sete dias a levou à sepultura!

Pobre criança! Arrebatada dos braços carinhosos de teus pais, colhida na flor da idade pela mão devastadora da morte, quando o futuro se antolhava risonho, e cheio de venturas nos braços do amor, ao lado de um esposo adorado.

Mas teu esposo era Deus. Sim, Deus que te mandou à terra para nos dar uma ideia da beleza, candura e bondade dos seus anjos. Chamou-te a si, porque a tua missão era cumprida.

A dor que Júlio experimentou pela morte de sua desposada igualou, se não excedeu à dos desolados pais da infeliz donzela.

No mesmo dia em que a terra recebeu e cobriu o corpo daquela a quem ele mais amara neste mundo, Júlio caiu delirante de cama, a razão quase que lhe fugira, e a vida teve-a em perigo por espaço de duas semanas.

Aos carinhosos desvelos de seu pai e principalmente de sua irmã, que, qual anjo de caridade se lhe sentara constantemente à cabeceira do leito, deveu o mancebo a vida. E também ainda a ela o prendia a afeição destes dois entes queridos, a quem a sua morte acarretaria profundos desgostos.

Estava Júlio já quase completamente restabelecido, quando um dia lhe entregaram uma carta.

Era de Henrique. Esperando encontrar nela consolações afetuosas de amigo, Júlio só encontrou desafios e insultos, tanto mais graves, quanto eles ofendiam a memória imaculada daquela por quem o seu coração ainda sofria. Era um cartel ^{VI}, cheio de ameaças e injúrias.

Júlio ao princípio sorriu-se da ideia disparatada de Henrique, mas quando as suas palavras injuriantes vieram, como outros tantos ferros agudos traspassar-lhe o coração, exacerbar-lhe a dor da ferida ainda não cicatrizada; no primeiro ímpeto de dor e cólera, resolveu lavar no sangue daquele que fora seu amigo, tamanha afronta.

Eram 7 horas da manhã. Henrique havia-o emprazado para as 8, no jardim, dizendo-lhe que «tudo estava preparado para o duelo».

Júlio estava num estado de exaltação impossível de se descrever. O sangue subindo-lhe à cabeça refervia-lhe em cachão, tresvariando-o. Era o manso cordeiro tornado leão.

Num dos seus passeios agitados chegou-se casualmente à janela, e viu defronte Henrique, o qual praticava com alguns mancebos que o rodeavam.

A um rápido sinal do estouvado, Júlio soltou um terrível rugido, precipitando-se para a rua.

– Para o jardim, para o jardim! bradaram os outros rapazes, impedindo que os dois

se travassem de luta aí mesmo, tal foi a sanha com que Júlio se tinha precipitado sobre o grupo.

.....
 Agora, caro leitor, vamos ao *jogo da bola* encontrar os nossos seis *misteriosos* embuçados, que não eram outros, senão Júlio, Henrique e os respetivos *padrinhos*.

Estes senhores, muito práticos na matéria pela leitura de romances, ao cabo de cinco minutos tinham dado por terminadas as praxes usuais, e Júlio e Henrique achavam-se em frente um do outro, a trinta passos de distância, de pistola em punho.

Como o insultado, era a Júlio que cabia atirar primeiro. Apontou a pistola, mas o braço ficou imóvel; depois descaiu, a arma mortífera fez explosão, dando no solo.

No momento supremo, serenara súbito a alma do mísero. À cólera sucedeu a reflexão rápida.

– Antes morrer! murmurou soluçando. Atira, Henrique!

– Não, Júlio! exclama este arrojando para longe de si a arma homicida, vive. Vive para teu pai, para tua irmã... para me perdoares.

O desgraçado tinha-se prostrado aos pés do mancebo banhado em lágrimas. O seu coração ainda não estava corrompido pelo crime. Tocou-o a dor sublime do que havia sido seu segundo irmão, e naquele momento amaldiçoava o estúpido ciúme que o havia cegado, os pérfidos conselhos, a má companhia de falsos amigos, que o haviam levado à beira do abismo do crime.

Que havia de fazer Júlio? Eram tão francas as lágrimas de Henrique, tão sincera a sua dor e arrependimento, tão comovente a expressão de sua voz suplicando perdão!...

A cena de ternura que então se passou, que pena a poderia descrever fielmente?

Não teve ela espectadores, que os promotores do recontro que podia ser funesto, e cujas consequências temiam haviam saltado ^{VII} os muros do jardim logo à primeira denotação ^{VIII}, cujo verdadeiro motivo ignoravam.

A verdadeira amizade é eterna.

Hoje Júlio e Henrique são felizes. E vivendo em Lisboa, vêm passar todos os verões a Mafra, visitando estes lugares que lhes recordam a sua feliz infância, os seus amores, o seu, felizmente malogrado duelo, e a sua reconciliação, à qual devem a sua felicidade presente. ^{IX}

Capítulo avulso

Da precipitação com que o presente livro entrou no prelo, resultou um grande número de erros e incorreções, de composição e impressão.

Esperando da benevolência e inteligência do leitor supra e releve o que por falta de tempo e espaço †, lhe consagramos aqui nosso ardente reconhecimento, e esta^x

FIM

^I Oferece, dedica e consagra.

^{II} Trata-se, com variantes, de uma passagem do canto II do *Poema da mocidade* de Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (*1842 †1895): «E as folhas seccas caiam / com leve bulha no chão! / era o hymno da saudade! / era a voz da solidão!» (*Poema da mocidade seguido do Anjo do lar*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1865, p. 66). Como é bem sabido, o volume de Pinheiro Chagas saiu com uma carta-prefácio de António Feliciano de Castilho que suscitaria a reação de Antero do Quental através do opúsculo *Bom senso e bom gosto*, dando assim início à chamada Questão Coimbrã.

^{III} jogo da bola – forma mais antiga do atual *bowling*, praticada num recinto previamente preparado. A bola e os dez pinos eram de madeira. Sobre a popularidade do jogo, escreve Mário Gonçalves Viana, citando Alberto Pimentel: «Nas grandes quintas de recreio, e nas cercas dos conventos, havia vastos recintos apropriados aos jogos da bola. Em Mafra, onde tudo era bom, foi construído sólidamente um amplo tabuleiro contornado por extensas bancadas de pedra, para uso dos frades quando assistiam às partidas do jogo da bola.» (*Pedagogia geral*. 3.^a ed. revista, melhorada e actualizada. Porto: Figueirinhas, d.l. 1956, p. 432).

^{IV} Dione – na mitologia grega, mãe de Afrodite, a deusa do amor.

^V Parece haver gralha no testemunho, sendo a forma correta *traz*.

^{VI} cartel – carta que se envia a alguém a desafiar-lo para duelo.

^{VII} No testemunho, certamente por gralha, *salvado*.

^{VIII} Parece haver falha no original, sendo a forma correta *detonação*.

^{IX} Devido à tintagem deficiente, algumas palavras deste e do parágrafo seguinte só podem ser percebidas pelo contexto.

^X Seguia-se uma errata, em que se dava conta da necessidade de acrescentar uma linha no final da p. 13.

IV. Outros textos em prosa

A. Publicados em Vida do autor

Fonte: *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1872*, p. 152-154.

Frei José e o diabo

Quando eu era estudante em Mafra, existia ali (e creio que ainda existe), um dos antigos habitantes do convento¹, frade da Arrábida, chamado fr. José da Encarnação.

Nunca vi frade dum humor mais jovial e galhofeiro, apesar de *desnarigado* pelos ingleses, quando foi barbaramente expulso do convento com os seus companheiros.

Fr. José da Encarnação era o ídolo dos rapazes. A sua fértil imaginação, a inesgotável pilhéria e o colorido de suas incomparáveis anedotas, entretinham-nos diariamente as horas do ócio escolar, em que o escutávamos boquiabertos, sentados à tarde sob as venerandas arcadas do antigo convento, por onde fr. José muito folgava de divagar. (Encantos da solidão! Saudades da vida austera!)

Fr. José fora, e era, um varão de vida exemplar; mas a sua virtude tinha um lado fraco – o lado fraco de todos os frades: a barriga. Porém o petisco pelo qual fr. José dava particularmente o cavaco era... castanhas piladas!

Contava-nos ele que muitas vezes, a horas de matinas, ou completas, se dava por doente e impedido de ir ao coro; e, enquanto seus santos companheiros engranzavam as ladainhas, ele, fr. José, sacava de sob o travesseiro o farto capuz do hábito repleto das bem-aventuradas castanhas, e em beatíficas alegrias punha-se a trincar o saboroso fruto.

A este respeito, aí vai uma das suas anedotas:

– Um dia, o espírito tentador levou-me ao lanternim do zimbório do nosso convento, e aí, postos na varanda, me disse ele que me dava todas as riquezas da terra, se eu fosse capaz de me precipitar à nave da igreja, salto só próprio de pardais, como sabem. Ora, acudiu-me logo aos lábios a resposta de Cristo; mas, refletindo melhor, respondi ao pai da mentira:

– Amigo, desdenho as tuas riquezas; mas farei o que me pedes mediante outra retribuição.

– Qual? me perguntou ele.

– Duas sacas de castanhas piladas, das melhores e mais finas.

– Está dito! voltou imediatamente.

Então, agarrando-me pelo cachaço, o diabo precipitou-me de chofre sem dó nem consciência.

– Jesus! interrompemos nós. E vossemecê caiu, fr. José?

– Ora se caí, meus filhos! Mas tive ainda a presença de espírito de me agarrar ao ra-

bo de satanáas, de modo que, com os esforços desesperados que fazia o maldito para se livrar destas bentas unhas, rebolámos ambos pelos ares, e a dez passos de altura da nave, estoirava o maldito sufocado pelo cheiro do incenso (exatamente como nos sucederia com o enxofre), e eu rolava no pavimento sem sentidos, mas sem a menor contusão.

– E as castanhas, fr. José?

– Achei-as na minha cela com um bilhete de satanáas em que me profetizava a desgraça que depois me havia de suceder.

– Qual, fr. José, qual?

– A perda do meu nariz, meus filhos!

¹ O Palácio e convento de Mafra foram dados por concluídos em 1744. O convento destinava-se aos franciscanos arrábidos, mas estes foram substituídos em 1771 por cónegos regrantes de Santo Agostinho, que ali se mantiveram até 1791. Os arrábidos voltaram para Mafra nesse ano, permanecendo até à chegada das tropas liberais, em 1833.

Fonte: *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1874*, p. 123-124.

O dinheiro em Cabo Verde

O sistema monetário de Cabo Verde é uma verdadeira *torre de Babel!*

O dinheiro português é quase totalmente eclipsado na circulação, e em vez dele giram, com valores regularmente aferidos, as moedas espanholas, inglesas, francesas, americanas, e italianas. Até a microscópica república do *Vale d'Andorra* devia ser aqui representada por algum pedacinho de prata... corrente. Dizemos de prata, porque nas moedas deste metal, e mais ou menos nas de ouro, é que existe a confusão. As de cobre são exclusivamente portuguesas, porque são de cobre, dizia aqui um praguento.

As libras sterlinas, que em Cabo Verde, como em toda a parte, predominam, têm no mercado o valor de 4\$700 réis, fracos.

Esta confusão de moedas faz com que um *Napoleão* se choque com uma *liberté*, o *dollar* inglês com o *liberty* americano, a *Hespanha* esbarre com as *girafas do Peru*, e todas durmam sossegadamente ao lado de *Portugal*... no bolso.

Provém isto, principalmente, da comunicação em que estas ilhas, pela sua posição geográfica, estão com quase todas as nações do globo, das quais tomam não só o dinheiro, mas até muitos hábitos, usos e costumes. Por exemplo:

Nesta ilha, e não sei se nas mais, usam os nossos janotas duma espécie de turbantes de cambraia ou outro tecido finíssimo, branco, nos chapéus de palha; e até na Praia tenho visto pessoas de muita qualificação com esses turbantes. A dança americana chamada *Ril*¹ é popular em Cabo Verde. Nos banquetes usa o povo bater com os talheres no prato, e soltar a exclamação entusiástica – *hurra!* – [,] ação e voz usuais entre ingleses e americanos.

¹ Dança popular de origem escocesa, o *reel* caracteriza-se por uma formação de roda em que é usada a figura do oito. Com os movimentos migratórios, atravessou o Atlântico, popularizando-se nos Estados Unidos e noutros pontos do continente americano. No século XIX, com o nome de *ril* ou *rilo*, chegou a ser usual nos salões brasileiros, em particular no sul do país, e em diferentes manifestações populares.

Fonte: *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1875*, p. 262-263.

A cidade da Praia de Cabo Verde

A moderna cidade da Praia, se não pode competir com outras povoações do reino, de sua categoria, fica superior a muitas de suas vilas em majestade e opulência, e em grandeza certamente a todas. Das suas irmãs cidades africanas, é uma das mais florescentes, populosas e ricas.

Tem ela tão bons edifícios, que alguns deles mereceram estampa e menção especial no *Archivo Pittoresco*¹.

Aos lados de sua espaçosa praça principal correm formosas e largas avenidas, onde se acham os melhores prédios da cidade, entre eles os majestosos paços do concelho.

Uma das mais modernas construções da Praia é o seu belo teatrinho *Africano*, edifício de regulares dimensões, e muito apropriado ao seu fim.

O comércio é aqui extraordinariamente animado, não existindo quase um prédio que não tenha apensa a sua loja.

O cemitério da Praia também é digno de atenção pelos monumentos que contém, alguns deles de excelente arquitetura.

Por um alvará datado do ano de 1864 houve S. M. El-Rei por bem, a requerimento da câmara municipal da cidade da Praia, conceder-lhe um brasão de armas. Representa este brasão um escudo esquartelado, tendo à direita, na parte superior, as armas reais de Portugal, e na inferior, em campo azul, uma aldeia de prata à beira-mar, distintivo da cidade; no escudete superior do lado esquerdo, dez estrelas de prata sobre o campo verde, alegóricas das dez ilhas de que se compõe o arquipélago; e no inferior várias insígnias episcopais, como símbolos do Apóstolo S. Tiago, de quem tomou o nome a Ilha, por haver sido descoberta no dia da comemoração daquele santo. Tem todo o escudo por timbre doze castelos reais, dos quais só se veem sete de frente. E remata-o uma laçada de dois ramos, loiro e cafeeiro.

Em 1598 a *vila da Praia*, apesar dos seus poucos recursos, sustentou-se heroicamente contra um ataque dos holandeses, obrigando-os a retirar-se com perda.

Não tem ainda esta cidade fortificações que mereçam tal nome, pois a única que existe, denominada genericamente – a bateria –, é imprópria e colocada em tal posição, que as balas de suas vinte e quatro peças ferrugentas seriam inúteis em caso de necessidade.

¹ *O archivo pittoresco – Semanario illustrado* publicou-se em Lisboa entre 1857 e 1868, destacando-se pela qualidade das suas gravuras.

Fonte: *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1876*, p. 290-291.

Milho falante

Em poder dum cavalheiro meu amigo se acha o fidelíssimo original da seguinte participação que lhe foi dirigido por um seu rendeiro:

«III.^{mo} senr.

Participo a v. s. que o milho que tinha dado a sua palavra faltou-me...
etc.»

Os camponeses do meu saudoso Portugal dizem frequentemente: «o burro faltou-me... faltou-me o burro do compadre...», porém nunca «o burro que tinha dado a sua palavra...».

Não posso resistir à tentação de dar ainda aos leitores uma ideia do que pode aqui a *cor local* num discurso, ainda mesmo de pessoas sérias e conspícuas, como certamente o eram os vereadores da câmara municipal do concelho de ... em cujo livro de posturas se acha o seguinte curiosíssimo parágrafo:

«... Com o mesmo fim de diminuir as pragas, o juiz eleito, em um dia de cada mês convocará os habitantes da sua freguesia (excetuando unicamente as viúvas e os *velhos maiores* de sessenta anos, etc.) para as corridas aos macacos, segundo o útil costume dos antigos tempos!»

Perguntei ao meu amigo, secretário da dita câmara, como é que o respetivo conselho de distrito tinha dado *àquilo* o seu acórdão?

– Ora! respondeu-me, eles que *acordaram*, é que estavam *dormindo*!

Fonte: *Novo almanach de lembranças luso-brasileiro para o anno de 1877*, p. 231-232.

Desgraçado nariz! (Fragmento duma cena cômica, inédita)

O meu amigo Boaventura Jeremias Pascoal, é um desses entes infelizes a quem a natureza parece haver formado a capricho, tornando-os renegados das belezas primitivas da mãe Eva.



Ilustração que acompanhava o texto no *Novo almanach de lembranças*

Não é coxo, marreca, nem calvo, o pobre moço. Mas possui um nariz!... Nariz...

«Nariz, nariz, e nariz,
nariz que nunca se acaba;
nariz que se ele desaba,
fará o mundo infeliz:
nariz que Newton não quis
descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal,
que, se o cálculo não erra,

posto entre o sol e a terra,
faria eclipse total!»

Nariz descomunal, estapafúrdio, estrombótico!... Nariz escandaloso, híbrido, acéfalo, anómalo!!... Nariz que, ao contemplá-lo, sentimo-nos tomados dum piedoso horror, e arrancamos do fundo d'alma esta exclamação compungente:

– Desgraçado nariz!!!

Nariz sem precedente nos fastos da pencuda humanidade, descrevê-lo não cabe na possibilidade das coisas!... Basta que lhes diga, senhores meus, que em cada uma das verdadeiras cavernas nasais do malfadado Jeremias, caberia a caixa de rapé de minha avó, veneranda relíquia do século XVII, que religiosamente conservo (a caixa, já se vê), e que do seu malfadado possuidor (do nariz, entende-se), se diria com mais propriedade que ele – não vê as coisas um palmo adiante do nariz, mas vê o nariz... um palmo adiante das coisas!!...

Para o ano, se tiver saúde e esturrinho ¹, contarei aos leitores do *Almanach* uma das mil e uma aventuras deste, sobre todos, desgraçado nariz!

¹ esturrinho – espécie de rapé.

Fonte: *A Imprensa*, n.º 44, 28-IV-1881, p. 1-2 [incompleto, dada a impossibilidade de localizar outros números do jornal].

Amor! Ai! Quem dera

(Oferece a ***)

Concede-me um olhar,
um só olhar fagueiro.
E que me importa o mais?
(Shakespeare, *Romeu e Julieta*,
trad. de B. Pato)¹

Há criaturas nascidas para se amarem. Se lhes perguntarem desde quando se principiaram a estimar, não o saberão dizer, por mais que busquem ou inquiram, parece-lhes mesmo que antes de virem ao mundo tinham sido inscritas no livro do destino que ata e desata.

Um escritor espanhol diz que há convénios tácitos que dão um éden de desconhecidos gozos d'alma ao homem e à mulher que se amam em segredo.

O século atual crismou esses amores de *assolapados*, mas ainda hoje de vez em quando aparecem esses amores puros e santos que nós veneramos, por isso que nossos pais nos contavam as histórias ao serão das serenatas às portas dos conventos aonde os motes e as glosas mais finas se trocavam através daquelas grades que prendiam tão formosas damas brilhando pelas suas virtudes e pelo seu espírito.

Os tempos que correm são outros, mas desgraçada da regra se não fosse a exceção.

Em 1870 na ilha de S. Vicente existia uma formosa e elegante menina possuidora de mais duas formosas e elegantes irmãs.

Deus querendo formar com elas um perfeito *bouquet* deu a cada uma a sua cor. Uma era branca qual perfumado lírio; a segunda era morena e a terceira era trigueira.

As duas primeiras realizaram os seus castelos de cartas, os seus sonhos dourados. Ambas casaram muito bem, depois de leves oposições. Restava a terceira que conheci naquela ilha, e vos posso afiançar[,] caras leitoras e leitores, ser o ente mais perfeito que o criador formou. Saíra ela forçosamente dum beijo da virgem. Um rosto oval com

as linhas mais perfeitas, alta como tenro e delicado arbusto que se baloiça ao sopro da brisa da manhã, a cintura podia cingir-se em um pequenino anel, a mão mais *mignone* que se pode imaginar, e um pé que se podia bem esconder na algibeira do colete. No seu rosto espelhava-se a graça da bondade e a melancolia da ternura. Não sei mesmo dizer se os anjos lhe não teriam inveja.

Um dia festejava-se um aniversário duma senhora muito conhecida na ilha, e toda a sociedade mais escolhida aparecera nos salões da nobre dama.

Entre as senhoras mais formosas encontrámos Georgeta da Silva a quem oferecemos o nosso braço em recompensa da primeira quadrilha.

Durante o resto do tempo observámos que o seu par constante era Rodrigo Monteiro, um rapaz belo, sonhador de idílios, e capaz de diligenciar apanhar uma estrela ao firmamento para oferecer à mulher a quem amasse. Até ali tinha sido virgem o seu coração.

Rodrigo Monteiro era um dos meus mais prediletos amigos, conversava comigo as suas confidências mais pequenas. Era uma alma d'oiro.

Seis horas da manhã batiam e um dourado horizonte dava os prenúncios de que o rei do dia vinha visitar-nos.

Os últimos sons da orquestra era[m] como que um dobre para muitos corações.

Eu e Rodrigo Monteiro subimos pelo braço um do outro e fomos para a nossa casa, deitando-se ele em cima dum sofá.

– Dá-me um livro para fazer sono – disse-me Rodrigo.

Dei-lhe um livro de poesias de Mendes Leal.

Poucos momentos depois sentia-o a chorar e indo ler o livro encontrei:

«Ao ver-te a vez primeira nesse baile,
Radiante de galas e de amor,
Perdi-me a contemplar-te transportado,
E ceguei-me do teu rosto no fulgor.»¹¹

Eu tinha direito a pedir explicações daquela abertura dos selos do coração do meu jovem amigo.

Soube então que dous olhares se abraçaram e que dançaram até ao fim e ainda mais que houvesse.

Seguiram-se os dias aos dias, as semanas passaram, os meses aos meses, os anos uns aos outros, os dous jovens namorados levantavam-se com os passarinhos; Rodrigo passava por defronte de casa da Georgeta, sem terem durante esse tempo dirigido uma

única carta um ao outro.

São estes os amores espirituais para os quais é desnecessária a matéria.

Ambos escreviam dia a dia o seu diário, com as mais pequenas impressões d'alma que se agitavam entre um e outro.

Não pensavam no futuro, liam sobre o presente, a felicidade hauriam-na com a esperança dum dia se reunirem e cambiarem os mais santos afetos.

Rodrigo Monteiro pensou um dia em que a carreira mais nobre que tinha a escolher era a militar, porque com os conhecimentos que tinha podia vir a ser oficial.

Assentou praça na companhia da ilha aonde seguiu até ao posto de primeiro sargento, sendo despachado alferes para S. Tomé. Os parentes empenharam-se e conseguiram a transferência do jovem oficial para caçadores 1, sendo nomeado comandante da ilha.

Romeu e Julieta amavam-se como no primeiro dia em que se tinham visto.

Em 1879 era agitada a cidade da Praia pela triste notícia da morte de 50 dos nossos soldados nas praias de Bolor.

Estes acontecimentos determinaram o ser decretada a transferência do Batalhão para a Guiné.

Derramaram-se lágrimas de despedida ^{III} e lá se foi por esse mar fora a bordo ^{IV} da corveta *Duque da Terceira* o simpático batalhão.

A canhoeira *Rio Lima* foi a S. Vicente e trouxe o resto da força.

Rodrigo Monteiro não tivera tempo para despedidas. Enviara pelos ares um beijo a Georgeta e caíram-lhe as lágrimas ao embarcar no escaler.

Georgeta soube da partida de Rodrigo só ao meio-dia, ajoelhou aos pés da virgem da Conceição e orara.

*

* *

Rodrigo Monteiro desembarcara em Bissau e essa noite escrevera compridas páginas no seu diário, interrompido pela viagem, por isso que durante a travessia padecera bastante do mal do mar.

Os seus companheiros d'armas achavam-no mudado, triste, afastado, rabugento, hipocodríaco.

Não tinha a alma ainda temperada na desventura e sentira somente dela os ressaibos.

O Batalhão esteve ^V em Bissau pouco tempo, embarcou novamente na corveta e desembarcou no dia 2 de maio na capital debaixo da primeira chuva da estação pluviosa.

Rodrigo foi hospedado pelo capitão Fonseca que lhe deu um esplêndido quarto e uma mesa opípara.

O nosso alferes sentia-se morrer; cada dia que passava causava visíveis estragos naquela débil organização.

Ele não se queixava mesmo porque não tinha de que.

Admirava a soberba vegetação que orla as margens do rio, surpreendia-o a soberba majestade do altivo e sempervirente ^{VI} poilão, misteriosa árvore que se deixa despir da sua folhagem, para como para ^{VII} encanto se cobrir dela, mais mimosa e esmeráldica.

Surpreendia-o ainda esses bosques umbrosos, frescos, extensos, sem fim, formados das mais ricas e copadas árvores aonde se engrinaldam formosas e elegantes trepadeiras com as suas flores iriadas debruçadas da ramagem.

E os bandos de grandes aves de miríade de cores, que estendem no espaço as suas compridas asas ou poisam nas praias de areia?

E os mil passarinhos em ranchos alegres, em famílias, que cantam e chilreiam as mais harmoniosas melodias, saltitando de árvore para árvore e de ramo para ramo alandando-se ao sentirem os mais leves passos no mato?

Rodrigo Monteiro ia todos os dias à caça, mas trazia sempre a arma carregada.

Um livro que o acompanhava trazia porém soberbas impressões que a alma sente e jamais esquece.

*
* *

Quando vinha o vapor das ilhas e nele pessoa conhecida, o alferes Monteiro informava-se de Georgeta, da mãe, nobre e distinta senhora.

Nas noutes de luar, chamava ele ao arruinado e velho satélite *sua madrinha*, via o molho de couves tradicional naquelas ^{VIII} manchas escuras, e encarregava aos raios luminosos daquele astro de serem portadores dos seus sonhos e pensamentos à ilha que guardava o seu encanto.

(Continua.)

^I Raimundo António de Bulhão Pato (*1828 †1912) traduziu na íntegra duas peças de Shakespeare: *Hamlet* (1879) e *O mercador de Veneza* (1881). De *Romeu e Julieta* verteu apenas a cena II do ato II, incluindo esse trabalho em *Flores agrestes* (Porto: Viuva Moré, 1870). A passagem em causa surge, com ligeiras variantes, na p. 107.

^{II} Trata-se dos v. 5-8 da I parte do poema «Impropérios», publicado no vol. XV, n.º 6 de *O panorama*, de 6-II-1858, p. 46 (com variante de pontuação) e depois incluído no livro *Poesias* (Lisboa: Typ. do Panorama, 1859). O autor, António Joaquim Teodorico Mendes Leal (*1831 †1871), era irmão de José da Silva Mendes Leal.

^{III} No testemunho por gralha, *despedido*.

^{IV} No testemunho, por lapso, *borda*.

^V No testemunho, por falha, *estave*.

^{VI} Não encontrámos esta forma dicionarizada, sendo talvez de admitir que se trate de gralha (*sempre virente*).

^{VII} Parece haver gralha no original, sendo a forma correta *por*.

^{VIII} No testemunho, por lapso, *naqueles*.

Fonte: *A Imprensa*, n.º 52, 23-VI-1881, p. 1-2 e n.º 54, 07-VII-1881, p. 1-2 [incompleto, dada a impossibilidade de localizar outros números do jornal].

A Morte de D. João

Memórias do Hospital

Ao meu amigo
Francisco Xavier Crato

□

Em vão! em vão ansiamos a ventura!
Somos na terra qual viajante exausto!
Que ouve o sussurro d' escondida fonte
E morre à sede sem poder tocá-la!...
(Soares de Passos) ^I

(*Continuação.*)

II
*
* *

No dia seguinte, ou fosse efeito da singular predisposição d'espírito que de nós se apodera ao entrarmos no hospital, ainda mesmo de perfeita saúde, ou que realmente me não desse bem com aqueles ares, amanheci com a cabeça torva e pesada, nervoso, sentindo um incómodo geral e uma irritação de espírito que aumentou com a entrada do servente dos quartos, com o qual comecei por embirrar solenemente por me levar chá em lugar de café, a que estava habituado pela manhã.

– São as *ordens!* disse-me o tratante com a maior placidez, poisando a bandeja em cima duma cadeira à cabeceira da cama.

– Pois chame já o sr. enfermeiro!

– Presente! disse uma voz de falsete.

Era o tio Olifo ^{II}, que tinha deslizado no quarto atrás do servente.

– Faça favor de mandar-me trazer café.

– É preciso pedir primeiro ao doutor. A sua dieta é de chá...

Ouvindo isto, acabei de perder as estribeiras.

– Levem os diabos o chá, mais a dieta e o doutor!... O senhor bem sabe...

– *Chiton* ^{III}!... fez-me o enfermeiro com um gesto expressivo, indicando o servente.

Engoli em seco... e para disfarçar fui ^{IV} também engolindo o chá, com as competentes fatias.

O criado saiu levando a bandeja, e eu comecei a queixar-me ao enfermeiro da indisposição que sentia.

– Parece-me que estou realmente doente! concluí, com voz lamentosa.

– Tanto melhor! respondeu-me o tio Olifo, sacudindo a cinza do cachimbo. Pois não era o que o senhor queria?...

– Não, sr.... entendamo-nos! o que eu quero é a licença.

– Não se pescam trutas a bragas enxutas... É preciso pelo menos que o sr. se queixe dalguma coisa ao doutor...

– Sem dúvida, mas...

– Mas... que mais quer o sr. Cunha?... Segundo os sintomas que dá, temos doença pronta, uma gastrite magnífica!...

– Hein?!... exclamei eu, assustado.

– Deixe lá as calças, homem!... Olhe que não deve levantar-se antes da chegada do doutor...

– Mas, sr. sargento... isso de *gastrite*...

– E então?... Cura-se logo, e depois apanha a sua licença, um mês pelo menos, para tomar águas férreas na Brava...

Com esta perspectiva, resignei-me à duma gastrite, tanto mais que só o anúncio dela como que me curou por milagre das veleidades nervosas que sentia.

Chegou a hora da visita clínica, e tendo o enfermeiro dado conta do caso ao facultativo... bem entendido, somente o caso da gastrite... o doutor formulou, contentando-se apenas com tomar-me o pulso, olhando-me de revés com aquela vista d'águia de certos facultativos, que parecem dizer-nos nas bochechas:

– Ah! seu maganão!... você o que tem é uma grande manha no corpo: mas espere, que já lho digo...

Zás! um purgante que nos põe logo fracos e mansinhos, que nem uns cordeirinhos.

Abstenho-me de contar ao leitor as demais peripécias deste primeiro dia do hospital, empregado exclusivamente em não fazer coisa nenhuma e em aborrecer-me de morte, com a única distração da palestra dalguns enfermeiros meus conhecidos e a visita de um ou dois dos meus amigos e colegas que foram saber da minha importante saúde e causticar-me com fartos epigramas, pois acreditavam tanto na minha doença como nos

milagres de Mafoma.

O facto é, porém, que *fui buscar lâ e vi-me tosquiado*, pois, efeito do purgante, provavelmente, na manhã do segundo dia acordei com falta de respiração e o fígado inchado... o que fez esfregar as mãos de contente ao maroto tio Olifo.

– Bravo! disse ele. Agora temos *hipertrofia do fígado!* O amigo não apanha menos de dois meses de licença...

– Dois dardos que o atravessassem, malvado! gritei eu, exasperado. Se você sabia que o purgante me faria mal, por que mo deixou tomar?...

– Para o *limpar*... é boa! Pois um purgantezinho faz lá algum mal?...

Tive tentações de esganar aquele maldito, mas contive-me, esperando não ter de aturá-lo senão uns três dias, tempo suficiente para poder apresentar-me à junta.

Desta vez, o doutor fez-me deitar a língua de fora e receitou cataplasma de linhaça, e outra coisa... que rejeitei redondamente no nariz do tio Olifo.

– Basta de brincadeiras! disse-lhe eu. Antes quero ir-me embora e ficar sem licença, do que deixar a vocês embutir-me no buxo toda a trapalhada, e afinal apanhar alguma doença a valer... Nada! nada!... E depois, já estou morto de aborrecimento! Se ao menos pudesse levantar-se e passear levantar-me baforadas por aí...^v

O velho diabo expeliu umas poucas de baforadas do seu inseparável *canhoto*^{vi}, e retorqui-me com toda a placidez:

– Como quiser... Mas sempre lhe digo que o sr. tem muito medo e se aborrece muito depressa... Olhe, se estivesse aqui há três meses, sempre de cama, e de mal a pior, como esse pobre D. JOÃO...

– Ora até que afinal entra em cena o D JOÃO! exclamará neste ponto o leitor, atalhando o meu espanto e as explicações do tio Olifo.

Que prespicácia a do leitor! e há que tempos não terá ele adivinhado que D. João era meu vizinho de quarto, e que mais hora ou menos hora havíamos de travar conhecimento, e chegar às confidências!...

Já não se pode fazer fortuna, hoje, com surpresas de romances!! e decididamente... não conto mais!

(*Continua.*)

□

(*Continuação.*)

IV

E as asas molhem meus beijos
em tua boca vermelha,
como no orvalho das rosas
se molha a doirada abelha.
(*Coroas fluctuantes*)^{VII}

Joaninha era a minha décima-terceira prima da Brava, exatissimamente aquela a quem nunca fui capaz de apanhar o mais insignificante e inocente beijinho *primacial*... nem mesmo capaz de lho pedir... valha a verdade!... Uma timidez de que não sei dar conta... mas é tal e qual!

As borboletas voam para as flores, e a loira abelha não pede licença à rosa vermelha para *molhar as asas* no seu cálice perfumado...

E Joaninha era uma botão de rosa desabrochado num sorriso da aurora... como diria o Artiaga, o mais descambado poeta que eu conheço.

E eu, que não tenho asas, mas que sou tão guloso como qualquer abelha (e note o sr. Abelha que não se trata de s. ex.^a)... eu gostaria... gostaria também de *molhar a minha sopa*...

Mas via então como um espelho, em que se refletem muitas coisas bonitas, o cristal da água, o azul do céu, o carmim das flores... mas que, se lhe bate de repente um raio de sol, obriga-nos a fechar os olhos.

Joaninha era assim... O seu olhar era o espelho, e o raio de sol a sua inocência.

Sorrindo, fascinava. Olhando, e olhando de certo modo... produzia um deslumbramento. Era duma graça infinita a surpresa cândida que se lhe retratava no olhar, quando o anjo tinha de defender-se dalguns indícios de adoração menos estática. A sensitiva retraía-se, mas não tinha espinhos. Não havia indignação naquele olhar, nenhum bafo podia empanar o cristal daquele espelho[,] havia só o deslumbramento da pureza, que se impunha.

Enfim, não sei contar estas coisas!... A verdade é que nunca fui capaz de afrontar a limpidez daquele olhar, de aspirar o perfume das rosas daquelas faces, e, muito menos, de molhar os lábios no cristal puríssimo daquele sorriso.

O leitor que imagine uma Joaninha toda sua... sim, a *sua*, embora dando-lhe o nome que mais doce lhe seja... imagine, e deixe-me em paz quando eu lhe disser que o D. João é que lhe deu, a *ela*, o primeiro beijo...

E isto foi de repente... por surpresa... doido... numa noite de luar, em que eles estavam a olhar-se havia já três horas sem se fartarem... Nem sequer tinham tomado

chá!... De repente, o atrevido do D. João agarrou naquela formosa cabecinha às mãos ambas, e imprimiu-lhe na boca um beijo louco...

Ela curvou-se toda, fremente e pálida, a destacar-se-lhe da cor do vestido escuro a alvura da tez, como uma rosa esmaecida pelo palor da lua...

E a lua sorria-se por entre as clareiras arrendilhadas dos bosques de bananeiras que põe[m] manchas escuras na aldeia de Pé da Rocha.

A tempo, a avó de Joaninha, que esbugalhava o seu rosário, à porta, a pouca distância dos dois, que estavam sentados no terreiro da casa, teve afinal a percepção de que o sereno da noite podia fazer mal à menina, e chamou-a para dentro.

E ela foi, sem se despedir do D. João, confusa, quase indignada, talvez mesmo com dor de cabeça por efeito do sereno...

Pobres e santas avós!...

Mas o bonito foi no dia seguinte, quando o D. João apareceu com cara de penitente, sem se atrever a erguer os olhos para ela... Joaninha, envolvida no seu alvo penteador, com os formosos cabelos castanhos esparsos em ondas opulentas pelas costas e erriçados na frente como um diadema, sob o qual resplandeciam as esmeraldas de seus olhos límpidos e sorridentes, tomou entre as mãozinhas a cabeça do grande criminoso, obrigando-o a erguer os olhos para ela, que lhe dizia no olhar e no sorriso: «Eu sou a inocência! eu sou o anjo! Mas, D. João, sou também a virgem animada pelos primeiros eflúvios do amor... D. João! amo-te!...»

E foi ela que, mesmo nas barbas da avó, lhe restituiu, purificado, o beijo roubado na véspera...

Parece que depois disto D. João partira à conquista de fortuna para a noiva, como fazem todos os filhos da Brava, mas que no caminho surgira-lhe o diabo, sob a forma duma bonita pequena, que o recambiou direitinho para o hospital da Praia...

.....

– Ó sr. António Zé da Cunha! onde é que está vm.?

– Aqui, tio Olifo! debaixo das acácias... *sub tegmine fagi*^{viii}...

– Lá está o sr. com o seu latinório!... Ora venha para dentro, que são horas de lhe dar a sua *tintura de iodo*...

Já íamos no iodo, leitores! A inflamação do fígado saltara-me ao baço à força de captasmas, e destas passáramos ao iodo, que eu não consentia, contudo, senão em dose que mal chegava a colorir-me a pele: e à primeira vez que o senti *morder*, meia hora depois de aplicado, agarrei num cabo de vassoira e fiz finca-pé atrás da porta resolvido a quebrar os ossos ao danado tio Olifo, que por fortuna sua adivinhou-me as caridosas intenções, e disparou-me da janela o seu mais pardo sorriso, acompanhado duma casquinada maquiavélica.

Felizmente, ao cabo duns oito dias pude apresentar-me em junta, e consegui engro-
lar toda a faculdade, menos o dr. Bernardo, que sustentou teimosamente que eu não
tinha coisa nenhuma, no que estive quase tentado a dar-lhe razão... Mas assim mesmo,
sempre tive a fortuna de *abichar* quinze dias de licença para convalescer em qualquer
dos pontos mais saudáveis do arquipélago; e como a Brava passa pelo primeiro, ou um
dos melhores...

Parti!!!

.....

(Conclui.)

^I Trata-se de uma passagem do poema «A vida.», incluído – com variantes de pontuação – no li-
vro *Poesias* (Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1856, p. 7).

^{II} No testemunho vem *Olifus*, embora nas ocorrências posteriores surja a forma *Olifo*, razão pela
qual optámos pela uniformização. Supomos que Guilherme Dantas terá ido buscar o nome a uma
novela de Alexandre Dumas, *Les Mariages du Père Olifus*, de 1849, incluída em *Les Mille et Un
Fantômes*, cuja edição portuguesa, formada por 4 tomos em 2 volumes, saiu quase de imediato, em
1849-1850 (Lisboa: Typ. Lisbonense).

^{III} chitom – (interj.) caluda.

^{IV} No testemunho, certamente por gralha, *foi*.

^V Parece haver falha no testemunho, sendo provavelmente a seguinte a forma correta: *Se ao me-
nos pudesse levantar-me e passear levantando baforadas por aí...*

^{VI} canhoto – cachimbo.

^{VII} Da autoria de Joaquim Pinto Ribeiro Júnior (*1822 †1882), *Coroas fluctuantes* teve duas edi-
ções, em 1862 e 1863 (ambas do Porto – de onde o autor era natural –, na Typographia de Sebastião
José Pereira). A passagem usada por Guilherme Dantas ocorre na p. 107, na terceira parte do poema
«Á Luz do Crepusculo».

^{VIII} Conhecida expressão que ocorre no verso inicial da primeira das *Bucólicas* de Vergílio e que
significa «debaixo de uma frondosa faia».

Fonte: *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1887*, p. 373.

A ilha Brava

Muito se tem escrito sobre esta encantadora ilha, com razão cognominada *jardim*, *paraíso*, *Sintra*, e até *Suíça* de Cabo Verde. Não conheço a Suíça, e muito menos o paraíso, mas posso afirmar que *jardim* e *Sintra*, com toda a certeza que é.

Ainda ultimamente o sr. Luís d'Araújo Medina, um dos mais inteligentes filhos do arquipélago, consagrou a esta ilha um belo artiguinho, neste mesmo *Almanach*.

Não enfadarei, pois, os leitores deste interessante repositório de lembranças, com mais uma descrição; e contentar-me-ei com a menção de algumas singularidades, que não vejo lembradas até hoje.

A primeira, que encontro consignada nos meus apontamentos, é a seguinte:

«Por que será que não há nenhum inglês estabelecido na ilha Brava, a terra predileta do nevoeiro, entre nós?»

Depois de lançado no livro competente este apontamento, que me relembra sempre que visito aquela deliciosa ilha, e depois de muito investigar e meditar, creio ter achado a explicação do enigma.

– É porque na ilha Brava não há, não pode haver... *spleen!*

Contudo, tanto se me tinha encasquetado na cabeça aquela ideia, de que a Brava devia ser, como a risonha Madeira, adorada pelos ingleses e por eles quase exclusivamente povoada, que apesar de nativo na terra (donde estive ausente largos anos), eu mesmo cheguei a perseguir ali com meus ternos suspiros mais de uma das supostas, mas, realmente encantadoras, filhas d'Albion. E não era difícil o engano.

Efetivamente: loiros cabelos, ou dum castanho claro, olhos verdes ou azuis, cútis alvas de neve, faces rosas ou dum vivo purpurino, lábios de puro carmim, estatura esbelta, lânguida e flexível, tais são os principais caracteres físicos das formosuras braveses, mesmo entre as filhas do povo. E com tais caracteres é fácil tomá-las, á légua, por inglesas *pur sang*... Aconteceu-me isto, entre outros casos, com as filhas dum gigantesco e bronco baleeiro, cor de tijolo. O desengano causou-me bastantes desapontamentos, mas, chegou ainda a tempo de impedir que as minhas costelas tomassem conhecimento íntimo com o cabo dum arpão passado à inatividade.

Há porém nesses olhos um brilho, nessas faces uns reflexos, nesses lábios uns sorrisos... que não são propriamente os das gélidas belezas britânicas. Dir-se-ia o reflexo combinado entre a alvura e a transparência do nevoeiro que veste a ilha quase constantemente, as flores que a matizam, a doçura do clima, e o aspeto risonho, simpático,

atraente, que tudo ali oferece aos olhos encantados do visitante; foi isto o que fez, provavelmente, com que o mesmo senhor Luís Medina se lembrasse duns pobres versos que à ilha Brava consagrou o mais humilde, mas o mais amante de seus filhos:

Há uma país mimoso onde florescem
as rosas duma eterna primavera...

.....
.....

Tudo respira nela, amor, ventura!
E a minha terra a todos causa inveja
quando o nevoeiro a veste dessa alvura
dum véu de noiva, que entre numa igreja.

.....

E para em tudo ser um templo santo,
são anjos da beleza as meigas filhas
da ilha Brava, redobrando o encanto
à mais formosa das formosas ilhas!

.....

Fadada com tais dotes naturais, a ilha Brava não podia deixar de ser o berço da poesia cabo-verdiana.

Além do autor dos versos acima citados, que é como o *antropoide* ou *gorila* da nossa pequena colónia pindárica, são também naturais do *jardim de Cabo Verde* o malogrado poeta J. M. Augusto Barreto, ainda há poucos anos lembrado em sentidas linhas, neste *Almanach*, pelo nosso comum amigo, e inexorável anedotista, A. J. Ribeiro; a mimosa poetisa D. Luísa de Sena Barcelos (a *Africana* do *Almanach*); o jovem e esperançoso Eugénio de Paula Tavares, de que fala o *Almanach* de 1885; e até o próprio Luís Medina, autor d'algumas formosas composições, parece-nos que tem, pelo menos, uma costela *bravia*, além de ser neto do imortal cantor da *Zargueida*¹.

Vai já demasiado extenso este artigo, atenta a índole do livrinho a que é destinado: por isso, abrevio os meus restantes apontamentos.

A ilha Brava é sujeita a frequentes abalos de terra, felizmente pouco fortes, mas não sem exemplo de vítimas e prejuízos. Atribui-se o fenómeno às ramificações submari-

nas do vizinho vulcão da ilha do Fogo, cuja cratera se acha obstruída, ou pelo menos inativa, há muito tempo. Entretanto, não seria menos plausível atribuí-lo também, em parte, às causas apontadas numa teoria recente de Flammarion ^{II}, acerca dos abalos de terra na Espanha. A ossada geológica da ilha, bem como o colo que a reveste, são moles e de fácil desagregação, e águas vivas, algumas ferruginosas, transudam por todos os poros da camada vegetal, às vezes por entre rochas.

De longe em longe, também, desabam sobre a ilha, formidáveis trombas marinhas, formando cheias torrenciais, que arrasam e levam tudo na sua passagem.

Em toda a parte (maneira de falar) vemos os astros, no seu apogeu, acima de nossas cabeças. Pois bem! O sol e a lua da ilha Brava não têm zénite!... Esses maganões parecem esgueirar-se ao largo, de longe, descrevendo um arco relativamente pouco elevado acima do horizonte!

Finalmente já vimos, em manhã orvalhada, ao nascer do sol, um belo arco-íris ou *halo*, estendido horizontalmente sobre o solo da ilha, envolvendo na sua brilhante auréola duas aldeias, situadas em duas colinas opostas; e sem nenhum susto dos respetivos habitantes, convertidos em outros tantos *espectros solares!*... Aquilo era tão natural... uma brincadeira!...

Que extraordinária terra, onde os jardins começam pelo cemitério!...

^I Francisco de Paula Medina e Vasconcelos (*Funchal, Madeira, 1768 †Santiago, Cabo Verde, 1824). Para além da *Zargueida* (1806), um poema épico sobre o descobrimento da Madeira, composto em oitava rima e dividido em dez cantos, escreveu diversas outras obras, entre elas *Poesias Lyricas* (1797) e *Georgeida* (1819).

^{II} Camille Flammarion (*1842 †1925), popular astrónomo francês, autor – entre outros trabalhos – de *Le Monde avant l'apparition de l'homme*.

B. Publicados postumamente

Fonte: *A voz de Cabo Verde*, n.º 22, 15-I-1912, p. 2; n.º 23, 22-I-1912, p. 2; n.º 25, 05-II-1912, p. 2; n.º 26, 12-II-1912, p. 2; n.º 27, 19-II-1912, p. 3; n.º 29, 04-III-1912, p. 2; n.º 30, 11-III-1912, p. 3; n.º 31, 18-III-1912, p. 4; n.º 34, 08-IV-1912, p. 3; n.º 36, 22-IV-1912, p. 3; n.º 39, 13-V-1912, p. 5; n.º 41, 27-V-1912, p. 3; n.º 42, 03-VI-1912, p. 3; n.º 43, 10-VI-1912, p. 3; n.º 44, 17-VI-1912, p. 5; n.º 45, 24-VI-1912, p. 3; n.º 46, 01-VII-1912, p. 3; n.º 49, 22-VII-1912, p. 3; n.º 52, 12-VIII-1912, p. 3; n.º 54, 26-VIII-1912, p. 3; n.º 56, 09-IX-1912, p. 3; n.º 61, 14-X-1912, p. 3; n.º 62, 21-X-1912, p. 3; n.º 63, 28-X-1912, p. 5 [Incompleto, dado que na coleção da Biblioteca Nacional de Portugal falta o n.º 38, de 06-V-1912, e não pudemos encontrá-lo noutra instituição; segundo informação do próprio autor, houve uma primeira publicação no jornal *O independente*, em 1878 – em vida, portanto, de Guilherme Dantas –, mas não se conservam (ou não pudemos achar) exemplares dessa edição].

Bosquejos dum passeio ao interior da ilha de Santiago

Duas palavras

Isto, que se vai ler, foi escrito aí por 1869, achando-me eu na povoação do *Mangue do Tarrafal*, na extremidade norte desta ilha.

Teve curiosas aventuras o folheto em que bosquejei estas impressões de viagem *ca-seira!*

Tinha-o emprestado a um amigo de má morte, que se esquecera de mo restituir, o tempo suficiente para eu perder completamente de memória amigo e folheto.

Folheto e amigo esqueceram-se de mim, até que um terceiro¹ amigo foi dar com os míseros *Bosquejos* no fundo... dum barril de papéis velhos!...

Papéis num barril?!... Enfim... histórias da vida!... Cada um lá sabe as linhas com que se cose....

Estou certo que não há de faltar algum leitor benévolo, que, avaliando o caso por experiência própria, e compreendendo as sensações que eu experimentaria ao reaver este pobre filho da minha estéril imaginação, prófugo e perdido por tanto tempo no país das baratas, me desculpe o arrojo de apresentá-lo ao público, recentemente *desembarri-lado* e sem tempo sequer para o espanejar devidamente.

Não importa. É, para mim, apenas uma simples distração.

Oxalá que o seja também, por um cantinho menos, para aqueles dos leitores que acima invoquei.

.....

Tais foram as próprias palavras com que, cerca de dez anos depois de escritos, isto é, em 1878, introduzia eu os desalinados *Bosquejos* nas colunas do jornal cabo-verdiano *O Independente*, onde apareceram tão deturpados, e com tais interrupções na publicação, que pouca gente os terá lido: não que valham a pena de ler-se; mas não

duvido que pudessem merecer algum apreço daqueles, que sempre gostam de ouvir falar das coisas da sua terra e da sua gente.

Por isso, e ainda por simples distração, me resolvi hoje a compendiar o escrito num modesto folheto, retocando-o, e entressachando algumas anedotas e digressões que o amenizem um pouco, sem, contudo, alterá-lo, nem quanto à essência nem quanto à época determinada no plano primitivo.

I

Entre macacos

Havia três meses que eu me achava na cidade da Praia, de regresso à pátria, concluídos... ou, para melhor dizer, interrompidos os estudos em Portugal, e fugindo aos vendavais da vida airada e tempestuosa de Lisboa.

É o que frequentemente acontece a muitos de nós outros, pobre[s] filhos do ultramar, que, pela morte súbita dum protetor, ou por qualquer incidente inesperado (sem o que deixava de ser incidente), não podemos completar o *desbastamento* a que fomos, e voltamos com algumas ilusões de menos, alguns vícios de mais, muitas pretensões, muito janotismo, e, para cúmulo de desditas e de ridículo, penteados com essa meia instrução, que, no dizer de certo fisiologista, é pior do que uma completa ignorância.

Paciência!...

Já por várias vezes recebera convite dum amigo, natural desta ilha, e antigo condiscípulo de Mafra, para o visitar.

O meu amigo, Silves Ferreira, residia no concelho de Santa Catarina, em *Achada Falcão*.

Em primeiro lugar os meus negócios, que, seja dito, se reduziam a memoriais e requerimentos; e depois a distância, nada menos duma dezena de léguas bem estiradas, com os mil inconvenientes que previa anexos a uma tal viagem, me tinham feito hesitar.

Eu, que até então apenas havia percorrido em cómodas carruagens o espaço de sete léguas que separa Mafra e Lisboa, por uma estrada plana, concorrida e pitoresca, limitando-se as minhas excursões extraordinárias às clássicas jornadas para os banhos de Ericeira ou de *Ribamar*, nas circunvizinhanças de Mafra, em pacíficos e bucólicos orelhudos: tinha agora de gandaliar ^{II} à usança da terra, isto é, bifurcado nalgum manhoso *Rocinante* do país, ir à aventura por aí fora, atravessando desertos, ladeando abismos, trepando montes intermináveis para logo me espenhar ^{III} do alto deles em

vales cuja profundeza causa vertigens, e enfim... morrendo de cansaço, de *spleen*, ou... dalguma queda!... Tal era a perspectiva, na verdade nada agradável, de semelhante viagem, que, todavia, é a coisa mais fácil do mundo para os indígenas, ou para os europeus aclimatados que residem no interior da ilha, os quais, uma vez a cavalo, rivalizam com os próprios *Pampas*^{IV} americanos.

Um dia, porém, fiz a agradável descoberta de que os memoriais eram estéreis, os selos do Tesouro muito caros, e intransponível a porta dos empregos, pelo menos para os que não atassem algum padrinho suculento à chocha certidão de primeiras letras, vacina e folha corrida...

Pousei a pena a meio do quinto memorial, acendi um cigarro com o último requerimento, despedi-me dos meus cuidados, montei a cavalo, e parti.

Acompanhado dum rapazinho, guia indispensável que o Silves tomara a precaução de me enviar juntamente com a cavalgada, atravessei a extremidade norte da cidade, onde ainda então se viam essas desgraçadas cabanas que por tanto tempo afearam e infetaram a principal povoação de Cabo Verde, e que já hoje vão sendo varridas de todas as localidades de maior vulto.

É este, incontestavelmente, um dos maiores benefícios que, não só a cidade da Praia, mas toda a província deve à administração enérgica do conselheiro Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque^V, o qual ao tempo a que me refiro, acabava de substituir no governo da província o benemérito e sempre lembrado governador Guedes (José)^{VI}, que tivera de lutar com tantas calamidades – e lutara valorosamente – durante o seu governo. Ao vigor inexcusável do sr. Albuquerque a^{VII} que se deve, tanto a reedificação quase completa da moderna cidade da Praia, como para^{VIII} que as medidas tomadas para a extinção das feias palhoças da capital se generalizassem a pouco e pouco a todas as povoações principais do arquipélago. Olvidaremos mesmo a precipitação e demasiado vigor com que tais medidas foram postas em prática; olvidaremos até de bom grado, alguns embelezamentos intempestivos ou excessivamente dispendiosos para as forças da província, para só vermos o benefício prático e real.

As boas condições atuais da cidade da Praia são de todos tão conhecidas, e é tão sabido e manifesto o contraste que ela apresenta hoje com o que dantes era, que não me deterei na sua descrição...

E aqui vou cortando à larga pelos primitivos *bosquejos*, que, pelo contrário, se obstinavam nesta descrição, chegando até a dar assalto às *fortificações* da cidade, e entrando na análise pela defesa do seu porto, dizendo o que havia e o que devia haver, segundo a costumeira inveterada de todas as *viagens* descritas e por descrever, e tudo isto

¹ Depois, *Conde da Costa*, falecido.

com o pretexto plausível de que o meu cavalo fatigado pela recente jornada e por outras anteriores, se obstinava igualmente em não querer sair da cidade parando a cada passo à porta dalguma das miseráveis choupanas de que atrás falei, como se as achasse apropriadas para estrebaria, no que não pecava, e retrocedendo muitas vezes ao ponto de partida, como arrependido e saudoso... fenómeno que, seja dito em boa verdade, talvez fosse devido à consumada perícia do cavaleiro...

Afinal, ajudado pelo criadinho companheiro, conseguira obter do bruto uma locomoção razoável, e havia já deixado atrás as últimas choupanas, quando, trotando no seu burrinho, se me reuniu o meu amigo Luís, também patricio e antigo condiscípulo.

A primeira coisa [que] me ocorreu, logo que o pude reconhecer, foi gritar-lhe:

– Olá, amigo! dás-me ares de Sancho pança bifurcado no seu *rucio*...

– *Salud a mi señor don Quijote!* respondeu-me ele, rindo. Luís era também um *manqué*^{IX} dos estudos. Sabia o espanhol, por exemplo, como eu sei o latim: *a gancho*^X...

Trocámos um cordial aperto de mão.

Já tinha um companheiro de jornada, caso muito para atender-se em tais circunstâncias.

Quando a gente se não alegra em viagem a dois, aborrece-se em comum, o que sempre é mais consolador do que a sós...

– Então, amigo Luís, temos passeio... e a repartição às moscas?...

– Qual repartição?...

– Ora essa!... Já não estás na Secretaria?

– Não... Veio um *menino bonito* de Lisboa, e eu fui posto em disponibilidade...

– Sinto deveras, meu pobre Luís!... Neste caso, somos companheiros de martírio...

– Deixemo-nos de lamúrias, que nada remedeiam.

– Tens razão... E agora o que fazes?

– Passeio, como vês... Vou ter com o morgado dos Picos, F., que me ofereceu emprego em sua casa.

– Ein?... Tenho ouvido dizer que é um grande *intrujão*, o tal sr. F....

Luís sorriu-se.

– Bem sei! disse ele. Mas tem uma linda filha, que é uma senhora e possuidora dum lindo par de olhos verdes...

– Também ouvi falar dessa menina e celebrar esses olhos, assim como a ferocidade com que o pai os vigia... Nunca traz a filha à Praia, nem mesmo consente que a vejam os raros amigos que o visitam nos Picos, salvo algum caturra velhote...

– Pois vi-a^{XI} eu, mesmo sem ser velho nem caturra... verdade seja que foi a ocultas, e não sem perigo...

- E é realmente bonita?...
- Divina!...
- Bravo, Luís!... sempre com a caminha na água?...
- Ela nem me conhece!

Vi-a sem ser visto mas havemos de travar mais amplo conhecimento.

Para isso é que me fiz amigo do pai na Praia, que o lisonjeei, que o reduzi a ponto de não poder passar sem mim; e como ele se aborrece mortalmente nos Picos, e eu estou desempregado, ofereceu-me o lugar de seu escriturário, com boa retribuição...

Não pude conter uma gargalhada pois estava bem informado dos hábitos do homem, que era um perfeito *morgado arruinado*. Vivia de expedientes, e as promessas nada lhe custavam.

- De que te ris? perguntou Luís, afetando seriedade.
- Rio-me da tua ingenuidade...
- Deveras?... Pois guarda o teu riso para melhor ocasião e melhor objeto... Se não fosse esta ingenuidade, teria eu engrolado o meu homem?...
- Toma cuidado, Luís!... Dizem que ele é brutal... contam-se coisas extraordinárias...

– Ora adeus!... disse o meu amigo, encolhendo os ombros com o heroico desdém e a filosófica indiferença de d'Artagnan quando viu que não podia contar senão consigo mesmo para *raptar* o terrível Monk^{XII} do meio do seu exército vitorioso.

Esse Luís, devo dizê-lo, sem ser propriamente um vagabundo nem um *fura-vidas*, era, contudo, uma espécie de *boémio*, sem família, vivendo *ao Deus dará*, sem dinheiro e sem cuidados; mas, de porte irrepreensível: um pobre rapaz, em suma, ou um bom em toda a aceção^{XIII} da palavra.

Como o amigo Luís é o herói do romancinho obrigatório destas *viagens*, espero que me serão relevados estes dois traços *a crayon*, do seu perfil.

Mudámos de assunto, e, cavaqueando alegremente, prosseguimos a jornada.

Sempre seguidos pelo pequeno embaixador do Silves que nos acompanhava a pé e sem nenhuma fadiga, em breve deixámos atrás a pequena aldeola do *Mont'Agarro*, composta apenas de meia dúzia de palhoças, mas bem conhecida por ser ali a única nascente de boa água, cuja canalização abastece os moradores da cidade da Praia onde há um belo depósito que a recebe, construído sob o governo do conselheiro Albuquerque.

Começámos então a saborear os prazeres da digressão... eu, principalmente, que, segundo já disse, nunca me vira metido em tais cavalarias. O sol começava a queimar-nos deveras, e... nem uma casa!... nem uma árvore!...

Tudo nu, deserto, escaldado, árido... longe a perder de vista!... ²

Ora; eu adoro as árvores, essas *primogénitas irmãs nossas*, como lhes chama o príncipe dos poetas portugueses contemporâneos, o imortal Castilho ^{XIV} : e a primeira coisa que perguntara, na Praia, foi, se o caminho seria arborizado. Riram-se da pergunta; mas para me não desanimar, disseram-me que em S. Domingos, dali a três léguas, encontraria basta e luxuriante vegetação.

E caminhávamos... como uns desesperados, sem avistar coisa alguma!... Só o nosso pequeno *guia* parecia ser indiferente ao sol e à fadiga. Dizendo *guia*, refiro-me às funções honoríficas do rapazito em relação à minha pessoa: porque o amigo Luís, esse conhecia a ilha aos palmos.

Finalmente pelas nove horas da manhã avistámos *Ribeirão Chiqueiro*, a única *étape* regular no caminho que levávamos, embora seja outra aldeola pouco superior à do Mont'Agarro, mas em bonita situação para uma vilazinha ou aldeia mais regular e mais asseada...

Seria uma sofrível estação comercial entre a Praia e o interior da ilha... se houvesse comércio que mereça esse nome e se em Cabo Verde se soubesse aproveitar alguma coisa...

Começam em *Ribeirão Chiqueiro* as interseções de vales e planaltos da ilha, ou *ribeiras* e *achadas*. O sítio é elevado, com lindos e desafogados horizontes, bem lavado de areis... posto que não faltam ali os competentes *chiqueiros* para dar *cor local* e justificar o nome da povoação. As brisas, porém, atenuam o mal e preservam o olfato.

Avistando *Ribeirão Chiqueiro*, posso pois dizer que *respirámos*... sem perigo.

Até ali, em nada mudara a perspectiva desagradável da jornada.

Atrás, algumas pobres cabanas, as do Mont'Agarro, que deixáramos. À direita e à esquerda, como na nossa frente, extensos terrenos baldios cobertos de restolho pardacento, do meio do qual, a espaços, elevam subitamente o voo alguns pombos bravos, e mais frequentemente feios corvos ou minhotos rapinantes que o ruído dos passos das nossas cavalgadas assustava.

Apenas, quebrando a monotonia da paisagem, à medida que avançávamos e conforme os acidentes do terreno, avistávamos ao longe sucessivas cordilheiras de montanhas, erguendo as formas denticuladas, cujos cumes se destacavam vigorosamente no azul puríssimo da atmosfera, esfumados por essa agradável meia-tinta que a distância espalha sobre os objetos.

² Contudo, nos arredores da Praia há sítios deleitosos, como o aprazível retiro de *S. Jorge*, pertencente ao falecido comendador Henrique José d'Oliveira; a *Caiada*, do negociante Vítor José de Melo; *Bom-Coio*, a *Trindade*, *S. Martinho*, etc., verdadeiros oásis perdidos em áridas solidões, ou escondidos em negras furnas.

Vegetação: nenhuma. Somente, de vez em quando, víamos o terreno circunvizinho eriçado aqui e além dalguns tortolhos^{xv} e outras plantas adstringentes, ou surgia, ao longe, algum solitário espinheiro, recurvando-se logo a pouca altura do solo e estendendo-se em posição horizontal, como um *til* enorme lançado no espaço. A contrastar, também um ou outro *carrapateiro* arrojava às nuvens, do seu largo pedestal de lanças, a frecha colossal, que, se a baloiça o vento, parece o mastro dum navio desarvorado.

Se compararmos agora aquelas moitas de *tortolhos*, ou *torta-olhos*, às rare[a]das farripas duma caveira roída pela terra e pelos vermes, ver-se-á que tal paisagem não era das melhor delineadas para alegrar o espírito.

A mesma penosa impressão, que então sentia, se apoderara de mim quando, em regresso de Lisboa, avistara as costas escavadas destas ilhas.

E como não ser assim, se havia passado largos e melhores anos da vida em Mafra, terra tão rica de alamedas, tapadas e jardins frondosos! E se visitara Sintra, a formosíssima Sintra[,] o eterno paraíso de verdura, um daqueles lugares em que, na terra e com os nossos pobres olhos humanos de tão estreito alcance, nos parece ver o Criador de todas as maravilhas do Universo sentado sobre um trono de esmeraldas; e onde, pelos troncos antigos, pelas escuras abóbadas de folhagem rumorosa e sempre virente, sussurram tão vagas saudades dum passado ignoto, e – quem sabe? – talvez duma outra existência já olvidada, do céu talvez... nalgum outro planeta melhor!

Que se me não julgue visionário, panteísta, ou coisa pior... *poeta*, por exemplo!... Não sei contudo como explicar as dulcíssimas e saudosas impressões que ainda hoje sinto, eu um pobre e rude africano, ao lembrar-me das formosas tardes passadas nalguma vetusta *quinta* do nosso velho Portugal como a *Cerca do Convento* em Mafra, a *Quinta do Pombal* em Oeiras, etc.!

Os próprios lisboetas, que nunca passaram do seu rococó *Passeio Público*, das suas miniaturas pretensiosas da *Estrela* e de *S. Pedro de Alcântara*, das suas *solidões* hipotéticas, dos seus *bosques* de convenção, das suas *grutas* que parecem cascas de ostras, das suas *cataratas* sequiosas, Niágaras que não dariam para um *douche* sofrível, e da sua poesia bucólica traçada a cordel... esses mesmos, não me compreenderam.

Por isso... meto a lira no saco, e volto aos meus *bosquejos* que, diga-se em abono da pena com que os tracei primitivamente, não dizem nem meia palavra dessas poesias: mas em compensação estendem-se em longas dissertações sobre a utilidade da arborização e sobre isto e mais aquilo da agricultura, terminando por estes dois períodos seguintes, que têm tanta ligação entre si como o nariz dum poeta com uma nota de cem mil réis!

.....

Até a economia doméstica e as próprias comodidades da família se ressentem deste mal: porque da falta de árvores nasce necessariamente a falta de lenha (*e carvão*, que me esqueceu); e assim no interior da ilha, acontece por vezes que uma família, com a despesa bem provida chega a jejuar quase um dia inteiro... por falta de lenha!...

«Quanto a mim considero um campo despido de vegetação como um deserto, um lugar amaldiçoado, à vista do qual só um coração inerte, regelado, sem esperanças, ou um cérebro vazio, podem não se sentir confrangidos: porque este cérebro, esse coração e aquele campo devem assemelhar-se!»

.....
E... afinal de todos os finais, eu e o amigo Luís, D. Quixote e o competente Sancho, fizemos a nossa entrada triunfal em Ribeirão Chiqueiro... donde tratámos logo de nos escapular a toda a pressa, acoissados pela detestável *étape* que nos aguardava, e por uma fome horrível...

II

Pelo que deixo dito, falando do estado de desarborização destas ilhas não se cuide que predomina o mesmo desamor ou o mesmo desleixo da parte de seus habitantes para com a cultura das suas terras.

Não! Não há aqui tanta incúria nem tanta preguiça como se pensa, se escreve e se diz...

Há, porém, várias causas de força maior para o atraso da agricultura entre nós.

Com um palmo de terra, uma cabana e um jumento, o pobre camponês de Cabo Verde dá-se por feliz. E é disto mesmo, no meu humilde entender, que nasce a sua tal ou qual indolência pelo que toca a aperfeiçoamentos, quer morais quer materiais, verdade seja, que neste ponto vai o nosso povo no encaço de outros mais adiantados em civilização, que, assim mesmo, ainda não largavam de mão velhos preconceitos e hábitos rotineiros, em agricultura como em tudo o mais.

Falando em geral, com pouco trabalho obtém o nosso povo o necessário alimento, e com este se contenta. Não sente maior necessidade, porque desconhece os cómodos do progresso, ou não os inveja, por julgá-los supérfluos.

É aqui, sim, que está o mal.

A aspiração para o progresso é universal; e tudo quanto a ele tende não pode deixar de ser julgado útil. O povo, que não deseja o seu melhoramento social e o engrandecimento do seu país, e que descara do bem-estar individual, chega até a ser indigno da condição livre.

Vegetar, por assim dizer, no estado bruto da natureza, não se chama hoje viver.

Não inculpemos, porém, unicamente a ignorância ou ingénua indiferença do povo: a culpa maior têm-na aqueles que o deixam nesta ignorância, que o trazem atado a ela, que com ela especulam... e dela vivem.

Os *morgadios*^{XVI} absorvem em Cabo Verde, principalmente nesta ilha e na do Fogo, grande extensão de terrenos, que os seus proprietários deixam incultos, não se dando sequer ao incómodo de os aforar, vender ou utilizar por qualquer outra forma.

E acontece mesmo frequentemente, que, se o governo com a mais cândida inocência e na melhor boa-fé, pretende aforar terrenos baldios que tem como seus, saltam-lhe^{XVII} logo adiante *estes senhores* com interposição de supostos direitos, caducos[,] absurdos, ou *entortados* a seu bel-prazer, porém ante os quais quase sempre tem de ceder o governo, pois, aquilo é gente que até faz votar os defuntos e ausentes nas eleições!...

A expropriação dos baldios, quer sejam próprios nacionais, quer não, e a sua distribuição, prudente, mas a liberal, pelos proletários mais necessitados ou os pequenos proprietários mais laboriosos e empreendedores, – tal é, ao que nos parece, o melhor sistema a seguir para que a agricultura, fonte principal da riqueza pública, tenha em Cabo Verde o desenvolvimento de que tanto carece e de que é tão suscetível. Resta saber qual será o governador que há de consentir pôr o guiso no pescoço aos morgados...

Somos pela pequena propriedade, e não iremos longe buscar um exemplo para comprovar a sua utilidade, e um modelo a seguir. Veja-se a ilha Brava; é uma republiquinha agrícola florescente, próspera, e relativamente feliz. Igual modelo oferece a ilha de S. Nicolau.

O melhor colono, diz algures um distinto agrônomo francês, falando da Algéria, – é o *proletário* tornado *proprietário*.

Assim foi colonizada a ilha Brava: assim é que se deve colonizar.

Note-se, porém que, no momento em que retocamos estes *bosquejos*, em 1886 luta a ilha Brava com uma intensa crise alimentícia devida à falta de chuva no ano passado, sobre escassez de colheitas nos anos precedentes; mas principalmente, devido à densidade excessiva da sua população. É outra face do mesmo problema, digno de estudo sério, para o qual nos não cresce o tempo nem sobra competência; e oxalá que a ele se dediquem de coração os entendidos em economia rural e sistemas agrários, aproveitando a nossa humilde, mas franca e leal exposição. Por nossa parte, apenas poderíamos aventar timidamente uma ideia, de tal natureza, porém que bastaria o seu simples enunciado para nos acarretar todo o ódio dos nossos queridos patrícios, tão amantes da sua formosa ilha, que nem ameaça dum terrível cataclismo, provocado pela instabilidade do solo, manifestada em frequentes e por vezes terríveis abalos de terra, nem a própria

fome, os obrigam a sair dali, mesmo temporariamente! Eis a nossa ideia, que declaramos desde já impraticável, por desumana e bárbara, e que estamos bem longe de querer sugerir ao governo: há no arquipélago uma ilha do tamanho da Brava, ou pouco maior, e que pela sua situação excepcional, pelo seu pitoresco aspeto exterior, oferece todas as probabilidades de ter tão bom clima, tantas vantagens naturais, e tantas belezas mesmo depois de cultivada, como a ilha Brava.

É *Santa Luzia*, que apenas hoje começa a ser escassamente povoada.

Colonize-se a ilha de Santa Luzia com metade, ou um terço que seja, da população excedente da ilha Brava.

Repetimos, é uma ideia puramente especulativa, é impraticável, por inumana: entretanto, sempre é melhor do que aconselhar a *emigração* para países estranhos, isto é a escravidão disfarçada, com todos os seus horrores, em longínquas paragens, sorte mil vezes desditosa, mas à qual parece fatalmente condenada, mais tarde ou mais cedo, a população subseciva^{XVIII} da ilha Brava, que como atrás dissemos, já não tem um palmo de terra a cultivar!

Oxalá que as nossas tristes *previsões* se não realizem, e que se encontre melhor solução...

Aqui, são os meus velhos *bosquejos* que se desmandam em tais destemperos contra os *nossos desmazelados governos*, a propósito disso e de muitas coisas mais, que me vejo obrigado a saltar quatro furiosos capítulos, pois hoje não é já 1870 e graças a Deus, embora lentamente, as ideias têm avançado alguma coisa nas esferas do poder, aclararam-se um pouco os horizontes *ultramarinos*...

Saltemos, pois, os tais capítulos rebarbativos: e não nos esqueçamos dos nossos viajantes, que deixámos *embasbacados* no caminho de S. Domingos. Embasbacados, dizemos não tanto pela admirável paisagem que se lhes ia desenrolando ante os olhos, paisagem, aliás, bem digna de admiração, pelo menos para quem, como eu, acabava de deixar as áridas cercanias da Praia: mas embasbacados, ainda mais, pela sem-cerimónia com que os deixámos no meio do caminho...

III

Ao sair de *Ribeirão Chiqueiro*, e já pouco antes de ali chegar, começava a estrada a ser orlada de extensos renques de purgueira: e noutros sítios, particularmente à borda do leito dalgumas ribeiras, secas desde a última calamitosa época da fome, cresciam também o *tarafe* esguio, algumas copadas figueiras bravas, *noneiras*, *zimbros* e raros *manípulos*, que são uma espécie de nespereiras, com o fruto mais pequeno, dum agri-

doce apetitoso e refrigerante, posto que não muito saudável; bananeiras, tamarindos, tamareiras, e outros exemplares úteis da flora indígena, mais comuns, só nas ribeiras cultivadas; nas *ribeiras secas*, o elemento predominante da vegetação é a purgueira, cujos pequenos frutos, em cachos desgraciosos, já nalguns pontos começavam a amarelecer.

Seria essa a pasmosa que me tinham prometido na Praia?!...

A purgueira é rica mas feia e desjeitosa.

É como uma noiva dinheirosa... ou um cavalo dado, ao qual se não olha o dente...

Vendo-se este arbusto retorcido e sujo, com seu tronco informe, baixo e ramalhudo, coberto de folheto escuro ou amarelecido e coberto^{XIX} de pó, vegetando ao acaso, em terrenos pedregosos e impróprios a qualquer outra vegetação, ninguém diria achar-se ali a mais copiosa fonte de receita para estas ilhas!

O seu valor, contudo está hoje muito reduzido, e tende a baixar cada vez, podendo aniquilar-se de todo e com espantosa rapidez, pelas razões que são geralmente sabidas; enquanto que o do café, sempre firme, cresce em competência: felizmente, que os bons cultivadores de Cabo Verde já se vão compenetrando, a tempo, das ideias económicas de produção, que esta evolução no comércio dos produtos coloniais determina. A bem dizer, eles nunca tiveram o incómodo de cultivar a purgueira: é uma planta maravilhosa, que não carece de cultivo, nem mesmo de plantação! *Produce-se*, reproduz-se e propaga-se espontaneamente, com prodigiosa fecundidade e força de expansão. Foi a ela que Deus disse: *crestei* e multiplicai-vos!... É uma *praga benéfica*... tendo por contrapeso a praga maldita dos dentes daninhos das cabras, suas figadais inimigas, que lhes destroem sem piedade os tenros pimpolhos.

Um distinto escritor, disse de Cabo Verde: «Abençoadas terras, onde a purgueira brota espontânea por entre os pedregais e a urzela nasce nas rochas!»

Antes de nos abençoar tão cordialmente, o distinto escritor devia ressaltar duas pragas capitais: *as cabras* e o *ostracismo*... não diremos de quê nem por *quem*.

São muito fáceis em nos julgar *felizes*, lá por fora!...

Há até quem nos inveje a riqueza[,] variedade e primor das frutas, quando a verdade é que ninguém tem pior *sobremesa* do que nós, pelo menos quanto a variedade: laranjas e bananas unicamente, senhores nos 365 jantares que Deus Nosso Senhor permite aos seus diletos filhos de Cabo Verde, com alternativas de falta de bananas, falta de laranjas e falta de jantares não poucas vezes... ora por falta de chuvas, e ora por falta de dinheiro!... Esta é que é a verdade[,] senhores gulosos invejosos! Até os opulentos e odorantes ananases são quase tão raros à nossa mesa como à vossa, por menos cultivados!...

E não falamos dos anos bissextos... Pior ainda será, quando se realizar a reforma do Calendário, proposta por mestre Flammarion^{xx}, o astrónomo e capelão-mor do Universo, acolitado por outros sábios conspícuos, de atrevidíssimos narizes: porque então, quando sucede que um ano acabe num domingo, e os dois primeiros dias do ano seguinte hajam de ser domingos segundo o projeto da reforma... então, ninguém sabe o que poderá acontecer, em castigo de tal heresia!

E se o céu nos deixar sossegados, o governo é que, com toda a certeza, aproveitará o ensejo de nos fazer sentir mais uma vez o gume do terrível facão das economias, em castigo dessa orgia de feriados. Ler-se-á, por exemplo, nas disposições regulamentares que mascaram os orçamentos anuais, belezas como estas, nos anos em que haja semana de três domingos (!):

«É permitida a sobremesa ao governador-geral, bispo, cónegos, coronéis, e funcionários civis de vencimentos correspondentes.

[«]Os demais, arranjar-se-ão como puderem.

«Os alferes, e outros funcionários de vencimentos equiparados poderão almoçar em todos os três domingos; jantar, só no primeiro; e nada de sobremesa.

«É facultativo aos senhores amanuenses o comerem um prato de favas ou feijão carapato no primeiro domingo; uma fêvera de bacalhau assado no segundo; e a espinha no terceiro.

«Jejum rigoroso para os senhores professores d'instrução primária».

.....

Das tão faladas riquezas naturais, já vimos a purgueira. Quanto à urzela, esse riquíssimo líquen outrora tão cobiçado pelos próprios jesuítas, que aspiravam ao monopólio desta ervinha (como sonsamente lhe chamavam), e para cujo tráfico e exploração se formaram poderosas companhias, a sua importância é hoje quase nula, devido, principalmente, a ter-se descoberto ou apropriado modernamente à indústria a urzela das árvores, de melhor qualidade e menos trabalhosa aquisição. A cultura da cana sacarina, tende igualmente a desaparecer, por motivos que ninguém ignora, preponderando entre eles o tal ostracismo que não queremos declarar...

A indústria da pesca do coral, que podia ser outra fonte de riquezas, que bem precisávamos, em compensação das fontes estanques, ou exangues, temo-la entregue a mãos estrangeiras, desprezada por nós!... E assim muitas outras riquezas, que nos invejam... Graciosa inveja!... Resta-nos o abençoado *café*, cuja cultura e exploração entregaremos também mais tarde ou mais cedo, aos italianos, aos ingleses... ou ao diabo que os carregue e mais a nós!...

Amén!

.....

Pelas dez horas da manhã, pouco mais ou menos, entrámos no fertilíssimo vale ou *ribeira* de S. Domingos, um dos mais bonitos sítios da ilha, apesar de apertado entre alcantiladas montanhas dum aspecto sombrio e tristonho.

Aqui, já se podia dizer, com mais desculpável ênfase, que havia arborização.

À esquerda do caminho, subindo até meia encosta do monte, desenrolava-se densa mata duma espécie d'arbustos semelhantes ao cafezeiro ou loureiro, – creio que *plátanos bastardos* –, e cujo cheiro ativo e agradável por vezes nos bafejava, enquanto a sombra rareada dos seus delgados troncos se projetava sobre a areia encarnada da estrada; dentro da mata, a sombra era mais densa e vimos mais de um macaco – essa praga das hortas – pulando de ramo em ramo depois de nos haverem contemplado com a sua petulante curiosidade natural e saudado com os competentes biocos.

Os macacos de Cabo Verde (e bem entendido que falo dos *quadrúmanos*^{xxi}) são da espécie mais comum, de pequena estatura, excedendo apenas a do gato doméstico sem atingir a do cão, muito vivos, engraçados e inteligentes. Abundam quase exclusivamente no interior da ilha de Santiago nas proximidades das plantações, e constituem, se não me engano, o *único* espécimen da fauna selvagem. Os gatos-bravos, de que falam alguns escritores, são raros, se é que existem como espécie.

Não há cabras montesas.

A caça, mesmo de voláteis, é raríssima, e ninguém se entrega a ela, senão, de longe em longe, algum exilado discípulo de Santo Humberto^{xxii}, por fanfarronada, ou por simples descargo de consciência; e causa-nos realmente pena, e quase vergonha, ver às vezes alguns pobres oficiais estrangeiros, principalmente os da marinha francesa, recém-chegados à Praia, *embrenharem-se* afanosamente pelo interior da ilha (como eles imaginam, pois não fazem mais do que sair às nuas e despovoadas cercanias da cidade), com as suas belas carabinas ao ombro, bandoleiras e polainas, apertado fato de linho, bolsa a tiracolo e faca de mato à cinta!...

Au diable!... dirão eles *desapontados*, no regresso, por entre a hilaridade^{xxiii} motejadora dos camaradas.

E o mesmo nos dirá o leitor, em bom português, pelas nossas intermináveis digressões!...

IV

É este vale de S. Domingos todo povoado de extensas plantações de cana sacarina, hortas e pomares, onde a laranjeira e o limoeiro, a par doutras árvores frutíferas, se mostravam carregados de seus frutos de ouro, exalando suave fragrância. Abundavam

também os copados mamoeiros e os elegantes acajus, cobrindo com a sombra de sua folhagem espessa grandes circunferências de terreno; os frutos de ambas as espécies constituem ótimos regalos, mas não dão para comércio nem para a indústria da destilação.

Os marmeleiros, posto que exóticos, dão-se perfeitamente nesta e em várias outras ribeiras da ilha, e deles se faz excelente marmelada para o consumo doméstico; temo-la provado em várias ocasiões, principalmente na fazenda do *Bom Jardim*, desta mesma ribeira, em casa do nosso velho amigo e inteligente cultivador, o sr. João José Coelho de Mendonça, que nessa mesma fazenda possui também as melhores tangerinas e uma bela plantação de café, muito prometedora. As belas palmeiras, abanando indolentemente, ao sopro da brisa os seus graciosos leques perfumados e vergando ao peso dos amarelados cachos, e coqueiros gigantescos, elevando aqui e além seus troncos esguios e caprichosamente inclinados, tornavam mais pitoresca a paisagem. De longe em longe, algum solitário gigante da vegetação, esquecido pelos séculos e respeitado pelas gerações, perdido nalgum recôncavo afastado, arrojava às nuvens o seu majestoso domo de verdura: há assim, espalhados pela ilha, alguns belos exemplares de *poilões*, *calabaceiras* e figueiras seculares, que despertam a admiração de quantos os contemplam, e que, se fossem mais conhecidos, teriam sem dúvida, lugares de honra entre as *maravilhas da vegetação*, catalogadas pelos viajantes curiosos e instruídos: e na sobre-dita fazenda do *Bom Jardim* tivemos, mais tarde, ocasião de admirar por muitas vezes um *poilão* de tal corpulência, que o seu tronco daria para uma habitação razoável, com várias subdivisões, se estivesse todo escavado; mas é tão velho e tão singular, que, dum lado completamente ressequido, cai a pedaços, esboroando-se em pó[,] ao passo que do outro lado, olhando para o nascente, tem a cortiça perfeitamente vivaz, coroando-se a uma altura prodigiosa, da mais opulenta e verde folhagem; metade da árvore está morta, enquanto na outra metade circula com todo o vigor a seiva pujante! Gigantescas aves de arribação fazem o seu pousio predileto no cimo alteroso do *poilão*, por onde roçam as nuvens, conservando-lhe, nos eflúvios prolíficos da natureza, perene verdura e mocidade. Não é crível que jamais houvesse na ilha, nem em Cabo Verde, como se tem escrito, florestas compostas dessas árvores colossais, porque a sua devastação completa exigiria séculos muito mais numerosos do que os transcorridos desde a descoberta do arquipélago.

A beleza da paisagem que contemplávamos (e de que insensivelmente nos íamos afastando), era porém um tanto prejudicada pelo aspecto contristador das habitações disseminadas por todo o vale, e na maior parte uniformemente cobertas de colmo dene-grido, com as paredes em osso, negras e toscas.

Ainda não vi coisa mais triste do que essas cabanas do interior, onde parece impossível que se possa viver!

Vistas do alto, em distância, calcinadas e pulverulentas, assemelham-se a enormes penedos espalhados na planície ou pendurados pela encosta dos montes.

A única satisfação que se experimenta é se dentre habitações tão miseráveis sobressai uma casinha branca, por mais exíguo que seja o seu vulto. E se for azul... então?... Verde... nem falemos nisso!...

Oh! é dum luxo fabuloso, dum encanto puramente oriental, o rebocar uma casa e dar-lhe uma demão de ocre ou vermelhão, quando se não possa *pintá-la* de amarelo ou encarnado; e ladear as avenidas, que vão dar a essas *habitações de fadas*, com algumas roseiras, ou, pelo menos, com *Eloendro*, conhecido pela designação vulgar e característica de *Espirradeira* (*Nerium oleander*), arvoreta muito vivaz, ramalhuda, de longos esgalhos povoados de bastas flores duma cor de rosa desmaiada, realmente lindas!...

Ao entrar na *ribeira* de S. Domingos propriamente dita, isto é, onde começavam as hortas, alegrou-nos a vista, de longe, uma dessas habitações principescas, posto que não passasse dum simples, embora vasto, edifício à europeia.³ Estas são as habitações *privilegiadas*. As comuns, embora possam diferir interior e exteriormente, enquanto à vastidão, distribuição e mobília, segundo as posses dos proprietários, contudo, oferecem ao longe o mesmo aspeto mesquinho e miserável.

Em toda a parte, porém, e qualquer que seja a habitação, há movimento, vida, alegria: e no decurso da jornada, como posteriormente em tantas outras ocasiões, não poucas horas agradáveis passámos no interior dalguns desses pobres tugúrios.

Esperto, alegre, hospitaleiro, e sobretudo chistoso e picaresco, além de *namorador* consumado na quinta-essência do galanteio requebrado, é no seu interior doméstico, no seu *home*, que bem se pode conhecer e apreciar esse ente essencialmente ativo e laborioso, a que, por um gracejo de mau gosto, se convencionou chamar *o vadio*^{XXV}!

Uma deliciosa brisa, bem diferente do vento impetuoso e abrasador, ou da calma plúmbea que por vezes reina e pesa sobre as *achadas*, trazia-nos os perfumes variegados da rica vegetação da *ribeira*, acamando na passagem os longos penachos argênteos das canas que ondeavam graciosamente como vagas prateadas.

À beira da estrada, algumas copadas laranjeiras, vergando ao peso dos frutos, pareciam convidar-nos a saborear seus deliciosos dons.

Muitas laranjas, caídas pelo próprio peso, pela força do vento, ou estado de maturação completa, juncavam o solo debaixo das árvores.

³ Esta casa, centro duma vasta e importante propriedade agrícola, pertence ao meu ilustre amigo, o comendador Hipólito Olímpio da Costa e Andrade^{XXIV}.

– Que alma cristã, exclamei compungido, poderá deixar apodrecer tão belos pomos?...

– Tu, certamente que não! observou Luís, rindo.

Como para não deixar em falso o bom conceito do meu amigo, voltei-me para o nosso guia, e ordenei-lhe que apanhasse algumas daquelas frutas.

O rapazinho, ou não me ouviu, ou fez ouvidos de mercador. Nova ordem: põe-se-me a assobiar sem mais cerimónias!

– O maldito não entenderá o português? perguntei a Luís.

O gaiato cessou imediatamente a sua extravagante melopeia, e pôs-se a rir, com ar sorrateiro e malicioso.

– Bem vê... obtemperou Luís.

Escusas de te cansar: os nossos patrícios respeitam escrupulosamente o sétimo dos mandamentos ^{XXVI}...

(Aqui, tenho de cortar uma longa tirada laudatória; tanto mais, que houve não sei que maganão, talvez mesmo o tal *amigo de má morte*, que me anotou à margem, nos *Bosquejos* originais: – *Mentira! ladrões como ratos!*...)

– Estes patrícios, sempre gostam de afirmar o contrário do que a gente quer dizer!...)

Sem prestar atenção às objurgatórias do amigo Luís, e praguejando contra o nosso escrupuloso *ciceroni* ^{XXVII}, apeei-me; e, ao mesmo tempo que o pequeno fugia, assustado com a previsão dalgum sacrílego corretivo à sua virtude, saltei o derrocado murozinho que se elevava quase até ao nível da estrada, pois esta domina as hortas, e colhi meia dúzia de ótimas laranjas, não das do chão, mas das que me contendiam imediatamente com a copa ^{XXVIII} do chapéu.

Desta vez, aceitando os factos consumados, o amigo Luís não se fez melindroso nem rogado; e até me recordou com prazer o tempo, em que éramos o terror das hortas de Mafra, especialmente daquelas que destinavam seus frutos à mesa de sua majestade fidelíssima, legítimo senhor e possuidor das sobreditas hortas... Como eram deliciosas as tangerinas do *tio Bonifácio*, as nêspersas do sr. *Abílio*, e as belas peras e os doces morangos do *António da horta*, caseiros de sua majestade!...

Aquilo, só para rei... ou estudantes!...

Valha a verdade, porém, e apesar do que deixo dito em relação às nossas pouco variadas sobremesas, – nada melhor do que as soberbas laranjas desta ilha! e destas falo, pois as das outras, onde as haja, são mais que medíocres.

O elogio desta nossa bela fruta acha-se consignado, segundo todas as induções, no Poema das glórias portuguesas, quando o grande Épico diz:

Àquela ilha aportámos, que tomou
 O nome do guerreiro Sant'Iago.

 E assi deixámos
 A terra onde o *refresco doce* achámos.^{XXIX}

Evidentemente, a frase – *refresco doce* – é mais parafrástica do que simples convenção do metro, ou figura poética. Pelo menos, levava ela determinada intenção do Poeta, que é impossível não saboreasse as nossas famosas laranjas, pois, no dizer de Francisco Maria Bordalo, o ameno autor d' *Um passeio de sete mil léguas*: – «Camões, apesar de *torto*, gostava bem do que é bom...»^{XXX}.

V

Capítulo dos burros

Oh deuses imortais!... Aonde nos iam levando as divagações?... A *sete mil léguas* de S. Domingos!... Verdade seja, que lá estivemos a 96000 léguas... na Lua!

Mas, não tenha o leitor pressa, que também os nossos viajantes a não têm, ou, pelo menos, parecem não tê-la, de sair da *ribeira*: não tanto de cativos pelas belezas desta, como pela vagarosa andadura dos animalejos em que montavam.

O meu *ginete* não era dos mais fogosos, e além disso estava cansado, como creio ter já dito por efeito da recente jornada; mas o burro do amigo Luís... quero dizer, o burro em que montava o meu amigo, era... a pérola dos burros!...

O Burro... que mistério!...

Eia, sus! boémios da literatura ligeira, heróis de folhetim, cavaleiros andantes da Prosa! prestai mão forte, que temos assunto gigante!...

O Burro! o Burro!... que *espiga*!...

Ah! se eu pudesse descrevê-lo... historiá-lo...

Quem me empresta a pena de César Machado^{XXXI}, ou a de Augusto Joltrois?...

Precisamente, e quer me acreditem, quer não, tenho na estante há dois dias, mas não li ainda, por falta de tempo, – *O Burro através dos Séculos* –, por Augusto Joltrois, trasladado por F. Guimarães Fonseca^{XXXII}. Já se vê, contudo, que não poderia resistir à tentação de ler as primeiras páginas, tanto por antegosto da poderosa distração que o livro promete, como para me inteirar do plano da obra e intuito do autor.

O autor é... o próprio Burro! e trata, já se vê, da sua reabilitação perante a história, natural e profana, em face desse outro animal, supinamente parvo e teimoso, chamado – o *homem*; animal tão manhoso, que pretende carregar os seus próprios defeitos mais pesados, e as suas próprias manhas, às costas do pobre Burro; e assim é que faz as acusações capitais de – estúpido, preguiçoso, cabeçudo e manhoso!...

Longe de mim agora a ideia de escrever a fisiologia e psicologia do Burro!... Entretanto, em que passe ainda por vaidoso, não posso deixar de notar a coincidência de haver eu às mãos a obra de Joltrois, exatamente quando, a propósito de um dos quadrúpedes que figuram obrigatoriamente nestes *bosquejos e digressões*, me acendiam à memória as seguintes linhas, que há muito esbocei nos meus desalinhados *apontamentos literários*:

«O Burro é um animal de quatro pés, mais engraçado do que o macaco, mais inteligente do que o cão, mais sóbrio, mais laborioso, mais pacífico, e, sobretudo, mais útil do que o homem. Sim... *mais útil!*... O que seria do homem sem o burro?... E, pelo contrário, para que precisa o burro do homem, que o sobrecarrega de trabalho, e ainda por cima o maltrata e calunia?...»

Nos meus apontamentos não julguei necessário, nem aqui vem a propósito, definir e sustentar os outros pontos da minha tese... *burrical*, se assim convém chamar-lhe.

O leitor que leia Joltrois, como eu o vou ler, e estou certo de que encontraremos bem defendidas, e com sólidos argumentos, as proposições que deixo enunciadas.

Como ignoro ainda, porém, se o autor do *Burro através dos Séculos* achou também engraçado o seu herói, e sem me prevalecer do testemunho insuspeito do filósofo que arreentou de riso – *morreu a rir* –, por ver o seu burro comer uma pera^{xxxiii}, sempre direi que prefiro a jovialidade natural do burro, tanto mais notável quanto contrasta com uma *fisionomia* naturalmente carrancuda e desgraciosa, ao rictos forçado e puramente bestial do macaco.

Eram estas as reflexões que fazia comigo mesmo, contemplando as proezas e manhas do burro em que montava o amigo Luís, e cujos caprichos retardavam cada vez mais a jornada.

Embora Joltrois sustente, na introdução ao seu Burro, que este animal não é teimoso, mas simplesmente sistemático e prudente, e apesar das nossas particulares simpatias por *ele*, não podemos deixar de conceder, contudo, que o burro é um tanto manhoso... verdade seja, que é mais maligno do que *manhoso*.

Tenho lidado muito com ele, e conheço-o... em desconto de meus pecados!... *Maligno*, porém, não quer dizer mau, mas apenas – *malicioso*... E se quase posso dizer que não há quilómetro de estrada, em todas as ilhas de Cabo Verde, que não esteja regularmente abalizado pelas minhas costelas, graças às malícias do burro, tenho ra-

zões muito particulares para não falar de seus ligeiros defeitos sem começar por fazer justiça, reconhecido, às suas boas qualidades, e principalmente à solidez e firmeza de suas pernas, ao seu admirável instinto natural, talvez mesmo à sua heroica dedicação... Devo-lhe a vida, como terei ocasião de contar quando escrever o meu – *Cabo Verde à vol d’oiseau*^{xxxiv} –, completamente^{xxxv} indispensável destas maravilhosas viagens.

Agora, se quereis provas da sua malícia, olhai...

Caminhais de jornada, não já por uma estrada sofrível, mas pelos ínvios e escabrosos atalhos de qualquer destas ilhas. Acabais de descer, com o credo na boca, um imenso desfiladeiro, impossível para qualquer outro meio de transporte, que não seja o dorso e o pé seguro do burro. Na vossa frente, ergue-se agora basta sebe viva do purgueiral, tapando o caminho: mas, há nela uma estreita abertura, por onde se pode passar. Cuidado, porém, que *a porta é baixa*... Os ramos entrecruzados das purgueiras adjacentes, formam à clareira uma espécie de ogiva espessa de que me devo resguardar abaixando a cabeça até tocar o pescoço do burro... Pois bem! depois de me ter tirado, a salvamento, dum tão apertado lance como o anterior, o burro, que parece morto de cansaço, para um momento, arrebita as orelhas, e... ai de mim se não estou *habitado*! ei-lo que, a pretexto de livrar-se das moscas que o apoquentam, fazendo-as sacudir pelos ramos da estreita vereda, ei-lo que enfia de repente, como um foguete, por aquela espécie de furna vegetal, sem dar-me tempo de abaixar a cabeça nem firmar nos estribos, e, portanto, fazendo-me bater com o peito ou a cabeça na tal ogiva, e deixando-me estendido no meio do chão ou espetado no purgueiral como um Judas de palha!... O menos que acontece, é ficar-me o chapéu furado nalgum ramo, servindo de espantalho aos pardais!... E já me acontece[u] este acidente de todas as três maneiras, *para variar*... e aprender, pois é precisamente com os cavaleiros inexperos que o maligno usa e abusa destas gracinhas.

O burro!... o burro! Que *pulha*!

O amigo Luís não tinha esporas. Eu tinha duas, que o Silves se lembrara, felizmente, de me enviar: e, portanto, cedi-lhe uma...

Pior!...

O nosso burro, que, depois de velho se tornava filósofo, ou *gaiteiro*, o que é a mesma coisa, se não me engano... era um burro d’aluguel: quer dizer que, depois de ter andado honestamente as suas duas léguas, da Praia ao Ribeirão Chiqueiro, sem trepidar, tanto por honra da firma como para comprazer ao dono: afinal, pusera-se^{xxxvi} a refletir... Ora é sabida coisa que ninguém reflete a galopar... e o peso da reflexão é excessivo, além da carga de cuidados habituais, a *gente* vai então devagar... devagariinho... mesmo estacando a espaços, *ruminando*... como se costuma dizer. Assim, o nosso burro começou a refletir com as suas longas orelhas:

– Que diacho!... O bruto de meu amo (seria honra demasiada chamar-me *burro*), além de não me dar parte no salário (*hein? era um burro socialista!*), além de matar-me de fome, ainda em cima confia-me por uns poucos de dias, sem cuidados e sem remorsos, aos maus-tratos caprichosos e variados do primeiro desconhecido que lhe aparece, pouco se lhe dando se terei, ao menos, de comer e beber fora de casa... e Deus sabe a fome e sede que tenho passado neste mundo... não fome e sede de justiça, infelizmente, que para isso talvez os próprios burros achassem remédio... com a morte: mas, fome e sede de palha e água, que é pior!... Então... para que diabo afadigar-me?...

Sou velho e trôpego, sinto-me cansado... toca a ruminar!...

O resultado imediato desta *ruminação* do burro, era atrasar-nos cada vez mais.

Ora, o sol queimava-nos deveras, estávamos apenas a meio da *ribeira* e não tencionávamos parar senão nos Órgãos, onde nos esperava o almoço... o verdadeiro almoço. Portanto, eu impacientava-me, zangava-se o Luís... e o burro pagava: maneira de falar, porque ele já não se pagava de bordoadas; em vez de andar mais depressa, como era nossa intenção e segundo a lógica das bordoadas, o animal, pelo contrário, estacava, fingindo uma cândida surpresa, ou, por demais, estendendo a dentuça aos longos folhedos das canas-d'açúcar, pendentes à beira da estrada.

Afinal, eu, o Luís e o burro, perdemos todos a paciência! e foi então que as esporas e os coices começaram a trabalhar...

Ora, o Burro não gosta de ser espicaçado, isto é inquestionável; principalmente, se vai meditando nalgum problema transcendental, tendo por objeto a alimentação da espécie asinina...

– Este animal que levo em cima de mim... bem contra a minha vontade, e contra toda a justiça e razão... palavra de burro! este animal, o homem[,] prefere talvez o *sumo* da cana, e é por isso que me bate!... O seu alimento principal é a contradição; prefere a aguardente, que embrutece, ao □

VI

Imagine-se um tapete como o que veste as escadas das casas ricas e de bom gosto, largo apenas de dois a três palmos, e tendo de comprimento dez a doze pés, mas com uns três dedos de espessura em toda a sua extensão, direito e liso à vista, como se fora talhado à tesoura, e amarelo vivo, vivíssimo, capaz de deslumbrar o próprio imperador da China!

Partindo da beira da estrada, essa tira vegetal corria primeiro por sobre um penedo coberto de ligeira camada de terra, e continuava até perder-se em distância, nas verten-

tes duma ribeira coberta de densa vegetação, o que demonstrava não estar seco o leito dessa ribeira. O terreno, em roda, era acentuadamente argiloso, encorpado^{xxxvii} e fresco, senão húmido. Mas onde nascia tão extraordinária planta, pois que o era realmente?

Onde terminava?...

Eis o que eu não saberia dizer!...

Parecia estar aderente à terra em toda a sua extensão, mas dela se despegava facilmente em todo o comprimento, produzindo uma ligeira escoriação muito à flor do solo, à medida que, erguendo o braço, ia levantando essa espécie de tapete (já que não acho outro termo de comparação).

Esta singular produção era composta, em toda a sua espessura, e em todo o comprimento e largura, uniformemente, dum inextrincável trançado de filamentos, florinhas e grânulos, amarelos à superfície, de cor menos viva no interior do tecido, e esverdeados no reverso ou face aderente ao terreno.

Não querendo, nem podendo arrastar tudo aquilo atrás de mim, cortei-lhe a canivete uma tira, que poucos dias depois estava seca, mas mole, descolorida, apresentando absolutamente o aspeto e quase a elasticidade e consistência duma esponja.

É natural, é mais que provável que a ciência já esteja de posse desta maravilha vegetal: mas o certo é que ninguém nesta ilha me soube dar notícia dela, ou reconhecê-la, mesmo à vista do espécimen ou amostra que por muito tempo conservei, nem mesmo um ilustrado amigo meu residente no interior da ilha e nela proprietário, ocupando as suas inteligentes horas vagas no estudo e colecionamento das curiosidades naturais da terra, e que há pouco tempo ainda havia acompanhado um ilustre naturalista francês numa exploração pelo interior.

Ultimamente, porém, conversando eu sobre o assunto com um cavalheiro de subida ilustração e muita leitura[,] me disse ele que vira descrição parecida numa obra de Stanley^{xxxviii}, o qual tinha transcrito dum outro autor, que descobrira esta planta, ou coisa que o valha, na África equatorial. A circunstância do aspeto de musgo e de pene-do coberto de ligeira camada de terra vegetal, mencionada pelo sobredito cavalheiro como lida em Stanley, sem que eu lha referisse na minha observação, acabou de me convencer de que efetivamente eu tivera a dita de ver e possuir um verdadeiro fenómeno vegetal e tão raro que nunca mais o vi reproduzido, nem mesmo no próprio sítio em que o descobri por acaso, e por onde tenho transitado frequentemente, em todas as quadras do ano!

A verdade aí fica, sem glória nem vanglória para um mesquinho profano da ciência, completamente leigo no assunto.

Para cada país variou a natureza os seus prodígios, e a cada passo nos surpreende com o espetáculo de novas maravilhas.

Dentre todas as ilhas de Cabo Verde, esta é talvez, a que mais vestígios apresenta da terrível comoção que as arrojou do fundo do mar, a dilatação dos gases no interior do globo.

Daí, formidáveis depressões, levantamentos prodigiosos, esboroamentos, cavernas, cones colossais, alguns ostentando no cimo, como brincos de gigantes, penedos mantidos num equilíbrio realmente assombroso, e mil caprichosos recortes pela aresta das montanhas, como os que se observam na disposição dos montes, cuja configuração deu nome à região em que entrámos, – os *Órgãos*. Já de S. Domingos tínhamos observado um desses monólitos, que parecem suspensos entre o céu e a terra, o qual oferece o singular aspeto duma estátua monumental, tendo por base um monte. Mais ao diante dos *Órgãos*, nos *Picos*, denominação também assaz característica, há o monte da *Gali-té*, de não menos singular estrutura ⁴.

Alguns vales ou ribeiras da ilha oferecem, na configuração das bacias que formam, e nas anfractuosidades das suas muralhas, toda a conformação das galerias subterrâneas dum vulcão.

Um destes vales vi eu depois no caminho de Santa Catarina para o Tarrafal cujos escarpamentos lhe davam muita semelhança com o célebre anfiteatro denominado *Vale das Sete Cidades*, que se admira na ilha de S. Miguel, Açores.

A forma das montanhas não é menos singular. Dir-se-ia que o fogo do céu, desafiado pela medonha convulsão submarina, desceu fulminando e faiscando a capricho aqueles serros altíssimos e denegridos, em que sobressaem as projeções basalíticas.

Todo esse conjunto é dum pitoresco e dum belo terrível: porque, na obra perfeita da criação, mesmo o terrível é belo.

E todavia, apesar da sua aparência calcinada e estéril, poucas terras se encontrará, mais férteis do que esses vales e as encostas desses montes, quase todas cultivadas; porque só nas proximidades ao litoral, nas altas *achadas* batidas dos ventos, ou nas propriedades dalgum preguiçoso e tacanho *morgado*, é que se encontram extensos terrenos baldios, que nem eles cultivam, nem deixam expropriar, como já vimos.

O que mais me admirou, porém, nesta primeira excursão ao interior da ilha foi, como pudesse haver comunicações entre tantas e tão rareadas povoações, disseminadas

⁴ Anos mais tarde, uma ascensão a este mesmo monte ia-me custando a vida. Tendo chegado perto das três *agulhas* que o cercam, resvalou-me um pé, deslocando-se a pedra em que o apoiava, mas valeu-me um tronco da previ[de]ncial *purgueira*, tão amiga dos pedregais, que por eles trepa até àquelas alturas!

por todo o país, através de montanhas que parecem inacessíveis, e de vales para cuja descida, à primeira vista, se careceria de cesto e roldana, como para um poço!

Estas dificuldades, porém, são puras ninharias para o habitante do interior; e, eu mesmo tinha, *malgré moi*^{xxxix}, de operar tais prodígios mais duma vez no decurso desta jornada e doutras subsequentes já menos custosas.

Fechava os olhos, encomendando-me devotadamente a todos os santos do calendário, e não poucas vezes também, com menos devoção, a todos os diabos do inferno; e de súbito, achava-me no fundo duma furna ou no pináculo dum monte, apalpando cuidadosamente a espinha dorsal em toda a sua extensão, e examinando se o meu cavalo teria, qual outro Pégaso, as propriedades do hipogrifo. E ainda dou graças a Deus, de não ter feito esta jornada na estação pluviosa, em que tais caminhos se tornam impraticáveis, escorregadios, cortados de barrancos e fossos cavados pelas enxurradas, obstruídos de penedos enormes, verdadeiros blocos erráticos postos a nu ou carregados pelas cheias, crescendo, torrentes e lameiros a vadear, e a terrível praga das moscas, e os coices incessantes, as contínuas escorregadelas, e quedas não pouco frequentes das cavalgadas, principalmente se levam cavaleiros inexpertos. E de noite?!... Horrível!!...

Da Praia até aos Órgãos, a estrada pode-se dizer excelente; aberta através de montanhas, ou rodeando as suas encostas mais suaves, é sempre larga, plana, e limpa: por isso as descidas e subidas, apesar de frequentes, não se tornam demasiado incómodas, ou, pelo menos, perigosas.

Dali até ao centro da freguesia de Santa Catarina, ainda é na maior parte boa; e na restante sofrível.

Mas, de Santa Catarina ao Tarrafal era, e ainda é, péssima!...

Já era quase meio-dia, a julgar pela altura do sol, cujos deslumbrantes jorros de luz não deixavam sombra a uma pedrinha, quando súbito, numa volta do caminho, demos cara a cara com o nosso amigo Silves Ferreira, que vinha ao meu encontro – ou à *minha procura*, como ele dizia maliciosamente.

Apeados, abraçados, motejados e ridos, tornámos a montar continuando a jornada com mais desafio, mesmo porque dali em diante o caminho descia em suave declive, embora com rodeios caprichosos e pitorescos, até à casa do nosso amigo.

– Vês esta pontezinha de madeira? Perguntou-me o Silves.

– Vejo, sim...

– É o limite da minha propriedade.

Tudo isso que aí vês, para além dessa ribeira, montes e vales... tudo me pertence.

– Ah! bárbaro! Aposto que também és *morgado*!...

– Sou, um pobre morgadinho! balbuciou Silves Ferreira, curvando a cabeça ao peso da minha indignação.

Avistadas as primeiras habitações, que em pitoresca desordem se espalhavam por toda a ribeira, posto que tão pobres e tristes de aparência como as de S. Domingos, chegámos à casa do nosso velho amigo, situada na mais vantajosa posição para o aspecto geral da paisagem circunvizinha, na qual sobressaíam as suas paredes *luxuosamente* rebocadas e caiadas, contrastando com o verde-escuro dum bosque de bananeiras que por detrás dela se estendia, orlando a vertente oposta da ribeira propriamente dita, isto é, do regato, então pouco volumoso, que serpenteava pelo meio do vale.

Feitos os cordeais cumprimentos do estilo às pessoas da casa, passei a examinar esta – segundo o meu louvável costume, – dizia o amigo Luís.

Era coberta de colmo, porém tão novo e unido, que mais parecia um telhado em xadrez, de madeira vermelha e amarela. O chão estava coberto em ar de soalho ou tapete, duma bonita esteira de cana, fina e habilmente entrelaçada, o que muito contribuía para a frescura que reinava em toda a habitação, espaçosa e bem arejada: tudo ali respirava asseio e conforto, com um certo perfume de poesia campestre e de agradável isolamento, – a solidão em família povoada pelas pessoas e coisas conhecidas e estimadas, animada pelo trabalho quotidiano, metódico e plácido, poetizada pelos afetos presentes, pelas memórias e saudades do passado.

A grande carestia de materiais para a construção de bons prédios à europeia, o dispêndio desproporcionado e as dificuldades quase insuperáveis do seu transporte para o interior da ilha, faz com que os habitantes mais abastados tenham como verdadeiro luxo a construção e disposição de prédios como aquele de que falo.

Contudo, não era essa a residência habitual do Silves, a quem o magistério público, de que é exímio ornamento, retinha em Santa Catarina.

Como disse, ele quisera vir-me esperar-me aos Órgãos, onde tinha família e propriedade, e dali marcharíamos juntos para aquela freguesia.

Depois de dar algumas voltas indispensáveis pela habitação, composta dum agregado de casas e oficinas, acompanhado pelo amigo Luís, mais familiarizado com os usos do interior, o meu antigo condiscípulo de Mafra veio ter comigo.

[–] Que tal achas a minha *Tebaida*? perguntou-me ele.

– Magnífica!... Mas, dize-me o que é aquela espécie de *Wiguam*^{XL} que além vejo, no quintal?

– *Wiguam* me parece o teu nariz!... *Aquilo* é a cozinha, selvagem!...

Fiz uma careta pouco lisonjeira: mas, ao meio da casa estava já posta a mesa hospitaleira, e sobre ela fumegava um suculento almoço, protestando contra qualquer desconsideração aos domínios culinários do nosso anfitrião.

VIII

Capítulo dos macacos

A propósito da franca e lhana hospitalidade do meu amigo, teria agora cabimento um capítulo, em que tratasse do carácter e costumes do povo cabo-verdiano, e em especial do seu génio sociável e hospitaleiro, como já tive ocasião de mencionar, em relação aos habitantes de Santiago.

Não quero, porém, avolumar demasiado este desprezioso escrito.

E para quê a fadiga, se nem sequer espero publicá-lo?

Elementos, tinha eu que bastem, por menos que soubesse aproveitá-los: porque tenho percorrido, e por várias vezes, todas estas ilhas, faltando-me só visitar a deserta Santa Luzia, cujo vulto gracioso tenho contemplado por muitas vezes, ao largo, de passagem, e, numa ou noutra ocasião, por formosas noites de luar.

Tive até, por algum tempo, a ideia de editar estes bosquejos com uma *segunda parte*, que intitularia *Cabo Verde à vol d'oiseau*.

Lembrou-me, porém, do meu malogrado poema...

Ah! do *meu poema* é que não resisto à tentação de falar, em que pesa à minha elevada modéstia.

Saiba-se, pelo menos, que tive a *ideia* de escrevê-lo... Um poema herói-cómico, em seis cantos, celebrando a descoberta de Cabo Verde, tal e qual como a *Zargueida*, de Medina e Vasconcelos, celebrou a da Madeira!... Um poema, que deixaria a perder de vista não só a própria *Zargueida*, como o *Hissope*^{XL1}, o *Lutrin*^{XLII}, e até a *Secchia Rapita*⁵, de Tassoni^{XLIII}! Um poema, enfim, que eternizaria a glória do meu nome... e a dos *macacos*!...

Di-lo mesmo uma das estâncias da *invocação* clássica.

Macaqueida era efetivamente, o título do famoso poema... que deu à casca antes de sair do estaleiro, – isto é, ficou pouco mais ou menos, em projeto, com algumas estâncias desgarradas aqui e ali pelos *cantos* virgens, como tábuas preparadas para a arqueação da ossada dum navio.

Se o leitor consente, em desfastio da memória da *viagem*, darei algumas amostras de tão engenhoso plano, embora em risco de vê-lo aproveitado por algum reles Batilo^{XLIV}, a quem eu depois não possa dizer o clássico:

⁵ Selha roubada.

Sic vos non vobis...

Começava o meu abortado poema, como é natural, pela proposição do assunto.
E terminava o mesmo canto:

A *bananeira* se ergue branda e bela,
Com larga folha e rubricado fruto:
Por entre a verde coma *cada estrela!*
Mostra a *palmeira* em cada seu produto
O *limoeiro*, os peitos da donzela
Tinge nos pomos com gracioso intuito:
A *laranjeira* de virginais flores
Espalha longe os gratos seus olores.

De pomos d'oiro... oh doce e lindo encanto!
Senhora Musa, eis-nos enfim chegados
Ao ponto da questão, ao fim do canto.

O ponto da questão era trazer as laranjas à baila, e com elas a rochunchinha *Pomona*^{XLV}.

O canto segundo passa-se no *País das Patranhas*, em que os velhos ratões Júpiter & C.^a, se reúnem em concílio para decidir do futuro destino das novas ilhas, consagradas a Pomona (Ver).

Ao terceiro, o grande Pã^{XLVI}, expulso da Madeira pelos heróis da *Zargueida*, que lançaram fogo às florestas daquela ilha, avança para Cabo Verde, onde tem com Ana Perena^{XLVII} dessas contendadas que terminam sempre amigavelmente... como diria o autor dos *Contes Drolatiques*^{XLVIII}.

E é fácil de prever que desta harmonia nasceriam bons frutos...

No quarto, Pomona vai queixar-se a Júpiter contra os capri-corni-rabudos invasores. Estavam os deuses a jantar.

À vista da vermelha e sadia *fazendeira*, seguida^{XLIX} pela apetitosa A. Perena, que levava enfiado no braço um cabaz de enormes e saborosas laranjas, da Trindade⁶, como esperta saloia rendeira ao visitar os *senhores*, os tunantes exultam todos.

Estava-se precisamente à sobremesa.

⁶ Sítio pouco distante da cidade da Praia, onde há boas laranjas.

... E logo o *padre Baco*
 Gregue ^L de França manda vir pataco

Pomona produz primeiro as laranjas, depois as queixas:

«..... A coorte feia
 «Dando cambadas ^{LI} com disformes guinchos,
 «Assalta a terra, de laranjas cheia!...[>]

Júpiter, cheio de indignação e repleto de laranja, cita a audiência Pã, que Mercúrio introduz na sala, isto é, na casa de jantar.

O velho sátiro, ao dar com os piscos olhinhos na galante criadita Hebe ^{LII}, que naquele momento deitava dois dedos de *Porto* a Júpiter, que a beliscava às escondidas de Juno... salta-lhe em cima, e...

.....
 Na seminua perna, onde se enlaça
 Co'os Desejos, Amor que rege o mundo,
 Quatro beijos pespega furibundo.

Furioso, Júpiter, não achando à mão um raio, atira com uma garrafa vazia ao insolente *gaiteiro*, que Marte acaba de correr fora da sala a sopapo.

E fica suspensa a questão, porque os deuses precisavam tomar o seu café e fazer o quilo em descanso.

No canto quinto, resolve-se, afinal, que seja ressuscitado o famoso *Cavaleiro da Triste Figura*, a fim de que preste o auxílio de seu possante braço à defesa dos direitos da oprimida e *biocada* Pomona, dando uma sova mestra aos macacos.

Em consequência, Pomona, disfarçada em Dulcineia, guiada por Mercúrio, e acompanhada pela inseparável Ana Perena, parte a evocar os manes do célebre herói da Mancha.

Ao toque da varinha mitológica de Mercúrio sobre o túmulo, eis que surge da sepultura, longo... longe... um esqueleto, que em vida não fora outra coisa. E surge, estropiando a balada de Soares de Passos ^{LIII}:

Mulher formosa! (D. Quixote berra)
 Que amei na vida, e que na campa amava!
 Ó Dulcineia, por quem fiz a guerra

A quanto bicho que por aí topava:
 Ai! quão pesada me tem sido a terra
 Sobre este peito, que por ti pulsava!
 Ai! quão pesada me tem sido!... E em meio
 A penca imensa lhe pendeu no seio!

Talvez nos braços do meu Sancho Pança
 Gozes com ele galegal prazer!...

.....

 Ora que asneiras!
 (Perena diz à parte). Olha o *piteiras*^{LIV} !

No sexto e último canto, depois duma descomunal batalha dada aos macacos, e em que ficou vencido, esgatanhado, mordido e biocado, o valente D. Quixote, corrido de vergonha por ver mais uma vez nesta segunda outra palingenesia^{LV} da sua amargurada existência, ludibriado o seu grande valor pelos encantamentos de bruxos desleais e cobardes, e desvanecido novamente a fantasma da ingrata Dulcineia, ele, novo Catão, apoia no chão os copos da interminável durindana^{LVI}, e por ela enfia o esqueleto, que baqueia com um som cavo e horrendo, repercutido pelos ecos dos montes⁷.

Horrorizados, e vendo aproximar-se as proas das gloriosas caravelas portuguesas, que demandam a ilha (Santiago), os macacos fogem para píncaros inacessíveis, enquanto Pomona se prepara para receber condignamente, com prazenteiros sorrisos e opimos dons da terra, os destemidos navegadores.

E, findava o *poema*.

Agora, porém, confesso que, se o não levei a cabo, foi por medo aos *críticos*, e *sábios* cá da terra, sempre dispostos a julgar mal das melhores intenções, dos escritos mais inocentes.

Naquele tempo, ainda eu tinha medo aos *críticos*; hoje, rio-me deles e dos *sábios*.

A uns e outros consagro o presente capítulo, que intitularei – *dos macacos* –, em *pendant* ao – *capítulo dos burros* –...

⁷ Lá que um espírito pudesse *baquear* e produzir *som*, ou um esqueleto *suicidar-se*, isto pouco importa num poema, que seria todo ele um monumental disparate. Fica dito, para prevenir quaisquer insinuações malignas.

Não me lembra se o meu ilustrado compatriota e amigo, o dr. Jorge José Rodrigues, introduziu no seu excelente livrinho da *vida nas terras pequenas*^{LVII}, o capítulo dos *Intruções*, dos *Críticos*, ou coisa semelhante.

Vou suprir esta falta, se a houve, e peço perdão pela ousadia.

Nada mais curioso, e que ofereça margem tão larga a variados estudos e reflexões, como um tal capítulo, que eu chamaria ainda – capítulo das *Opiniões*, ou dos *Insetos*...

Insetos de dardos ou tentáculos venenosos, mordentes, cáusticos, pruriginosos, inalantes, ou simplesmente incomodativos, repelentes e asquerosos: *abelhas*, *aranhas*, *baratas*, *cantáridas*, *mosquitos*, *vespas*, *zangãos* (vão por ordem alfabética)...

Insetos, a propósito de macacos, parecerá disparate; mas, como diz a cançoneta cómica de Eduardo Garrido^{LVIII}:

Podem ter a maior fé
Nesta sentença que eu disse;
Tem seu ar de parvoíce,
Mas não é...

Os insetos que deixo apontados participam um tanto dos meus macaquinhos, pelas suas prendas especiais.

É o que se verá pelo exemplo seguinte.

Quereis saber o que são – *opiniões*?...

À porta de qualquer sujo botequim ou botica, improvisada em areópago, lê-se uma produção vossa, escutada com religiosa atenção por um grupo dos meus *insetos-símios*, constituídos em sessão magna para vos julgar, porque tendes o mau sestro de escrever para o público, e sois, talvez, redator dalgum jornal...

Afora alguns zumbidos insignificantes dos minúsculos *mosquitos*, alguns murmúrios dúbios das insípidas *abelhas* e dos estúpidos *grilos*, e alguns sorrisos equívocos das *cantáridas*, absorventes, nada denuncia a *opinião* do conspícuo sinédrio, porque se espera a sentença do oráculo, que é, de direito, o próprio leitor, o qual, ordinariamente, é um zangão...

Estremeceis?... Sim, é mau sinal: os zangãos são rabugentos... Atendei, porém, a que as abelhas, que põem mel na ponta dos agudos ferrões, ou as baratas, essas harpias microscópicas, que sujam e infetam tudo aquilo em que tocam, ainda são piores...

Ora, acontece que a meio, ou mesmo no princípio da leitura, o oráculo encontra uma palavra esdrúxula, que não entende, cuja significação ignora, ou que não sabe mesmo pronunciar: *areópago*, por exemplo...

O novo areopagita embucha, tropeçando, titubeia, faz-se vermelho como a crista dum galo corrido, e acaba por atirar, *zangado*, com o livro ou jornal.

[–] *Este maldito* nem sabe o que escreve! dirá ele despeitado, mas com desdenhoso e sobranceiro entono, apoiado logo pelo parvo sínodo.

Se, porém, o nosso amigo zangão estiver menos atrabiliário e não for numeroso nem muito abelhudo o cenáculo, acrescentará, com mais consciência:

[–] Tem cada palavrão, que é preciso a gente estar sempre com o dicionário aberto quando o lê.

Ele é que não vos entendia: mas, isto é que lhe não convinha declarar... É preciso pouparmos a nossa *modéstia* e manter a *dignidade*...

E aí está como se produzem as opiniões e se formam reputações!... E como um vil inseto, pequenino, insignificante, absolutamente inútil, um parasita da república das abelhas vos eleva de repente às proporções do mais paciente e prestimoso dos quadrúpedes, passando-vos diploma de... *asno*!...

Sorris, pensando que – *vozes de burro não chegam ao céu?*...

Tomai cuidado, sr. jornalista!... Vós, que vos julgais *ditador*, que vos intitulais pomposamente – *órgão da opinião pública*... sabeis que não passais dum reles *canudo* ou píffio *assobio*, defrontado com tais insetos que entre asquerosidades manipulam *opiniões*...

Ah! desprezais?... Sr. redator!...

Quem despreza a opinião pública, vem a ser por ela desprezado...

Mas *isso* não é *opinião pública*! direis vós, indignado! não é mesmo opinião; é inveja, despeito impotente, maledicência! é *caquetage*^{LIX} imunda, em conclave de palúrdios ociosos, um bando de estúpidos macacos...

Será quanto quiserdes[,] caro redator: mas, é o que é!

Tende paciência... Que remédio!... Ou então, metamorfoseai-vos também em aranha ou zangão, se tendes coragem, para tanto, fazei a corte às abelhas... imitai os meus macaquinhos, mostrando-vos pródigo de biocos, isto é, de sorrisos: em uma palavra, – *macaqueai!*...

Repugna-vos?... É o que acontece a muitos, ao princípio: a coisa vai do costume...

VIII

Eram já quase 4 horas da tarde, quando Silves Ferreira mandou botar selas, a fim de partirmos para Santa Catarina.

Depois do almoço, que fora ao meio-dia, e nos dispensava perfeitamente de jantar, havíamos percorrido as pitorescas cercanias da habitação do nosso amigo, e as horas, como é de supor, haviam decorrido rápidas, em agradável entretenimento; de modo que era já tarde quando cogitámos em partir, e tínhamos de chegar pela noite fechada a Santa Catarina, – coisa que, escuso dizê-lo, não era muito agradável para mim, como *principiante*, e dos mais pecos.

Assim o pensava também o Silves, que de princípio contara com a rapidez da marcha para vencer o tempo perdido, mas que, apenas se tratou de dar a primeira galopada, compreendeu o que tinha a esperar, e bem quisera demorar-se até o dia seguinte: não lho permitindo, porém[,] as exigências do serviço público, forçoso nos foi partir.

Não me deterei já na descrição do país que percorremos, porque todas as *ribeiras* da ilha, bem como todas as suas *achadas* apresentam, com bem pouca diferença, o mesmo aspeto uniforme, a mesma vegetação pobre e rareada, o mesmo sistema de cultura e povoação.

O maior ou menor declive de caminho, as sinuosidades abru[p]tas das *ribeiras*, propriamente ditas, que na estação pluviosa devem formar lindas cascatas e veios caprichosos que se avolumam de água, a cor e composição do solo e das rochas, o fantástico recorte dos montes, que se apresentam em sucessivas cordilheiras, e ora estreitam os horizontes, ora os desvendam subitamente, vastos, desafogados e esplêndidos de luz: tais são as únicas variações de perspectiva que se oferecem numa digressão pelo interior da ilha.

Passados os Órgãos, o caminho torna-se cada vez mais ermo, redobra a fadiga, e não poucas vezes vem a importuna sede aumentar os martírios do inexperiente e desprevenido *touriste*.

A *ribeira* dos Órgãos é, como quase todas as outras também, porém um pouco menos do que a de S. Domingos, se não me engano, cultivada per extensas plantações de cana sacarina, e aformoseada (pois de nenhuma se pode dizer propriamente *arborizada*) por bananeiras, laranjeiras, coqueiros, tamarindos, anoneiras, e outras árvores. O resto da vegetação, pobre e raquítica, mal presta, e ainda menos chega, para lenha. O caminho continua a ser orlado da monótona purgueira, que já teria invadido todos os terrenos da ilha, seja dito de passagem, se não fossem os dentes daninhos das cabras, essas implacáveis inimigas da vegetação, que acham deliciosos os rebentos e pimpolhos de toda a espécie vegetal!...

Não diremos, e muito menos discutiremos as medidas que se tem proposto para combater este e outros males, porque nos levaria longe... De resto, para tudo há hoje remédio: falta só haver quem saiba ou queira aplicá-lo... De lamúrias e conselhos... basta, que estamos fartos!...

A povoação ou povoado dos Órgãos, é bastante extensa, mais ainda do que a de S. Domingos; porém, como ali, e como no interior de todas as ilhas de Caibo Verde, as habitações apresentam-se disseminadas a longas distâncias, e raramente agrupadas.

A estrada, de recente construção, continuava a ser excelente, até aos extremos limites da extensa freguesia de S. Lourenço dos Órgãos, onde então terminava o concelho da Praia, começando o de Santa Catarina pela freguesia do Santíssimo Salvador do Mundo, hoje anexada ao primeiro destes concelhos, e uma das mais importantes freguesias da província.

Uma hora, pouco mais ou menos, depois da partida, parámos no belo sítio de *Pedra Amolar*, onde existe o primeiro mercado regular estabelecido no interior da ilha, durante o governo do conselheiro António do Nascimento Pereira Sampaio ^{LX}, um dos melhores governadores que tem tido a província. Este mercado, regularmente abastecido de géneros do país, é muito concorrido aos domingos, em que o povo do interior vai ali abastecer-se até de fazendas, que ordinariamente só encontra nas poucas povoações regulares da beira-mar, e nem sempre de tão boa qualidade, além das distâncias que tem a vencer para obtê-las: tanto assim, que o comércio da cidade da Praia se tem resentido extraordinariamente dessa concorrência, levantando-se mesmo algumas queixas, mais ou menos justificadas.

É também no sítio de *Pedra Amolar* que se acha a bonita ponte pênsil do *Príncipe D. Carlos*, de recente construção, devida igualmente à ilustrada iniciativa do conselheiro Sampaio, dirigindo os trabalhos preliminares o diretor das obras públicas, Faro ^{LXI}, e sendo a montagem definitiva eficazmente auxiliada pelos engenheiros duma canhoeira nossa, que se achava de estação no arquipélago. Manda a justiça que se diga, tratando-se de obra de tal vulto, a primeira dessa natureza efetuada nas nossas colónias, e que mesmo no reino só tem por precedente a ponte pênsil sobre o Douro se não nos enganamos: que na edificação da ponte do *Príncipe D. Carlos*, trabalhou também com muita inteligência e superior dedicação um distinto condutor das obras públicas, imediato ao pomposo Faro na direção, mas de cujo nome, infelizmente, só nos lembra o apelido Silva.

Como disse, parámos em *Pedra Amolar*, defronte dum edifício muito regular, construído na eminência que se erguia a prumo sobre a estrada.

Tomámos por um atalho, e dirigimo-nos para ali, pois sendo a casa habitada por um dos numerosos amigos de Silves Ferreira, fora quase descortesia o passarmos sem o ir cumprimentar, coisa que passaria despercebida na cidade, mas não no campo. Além disso, já tínhamos sido avistados.

O dono da casa, o nosso bom amigo D. Manuel Pereira de Barros, acolheu-nos com a usual cordialidade cabo-verdiana, especialmente entre amigos que se estimam e se

desejam. Da franca e lhana hospitalidade deste cavalheiro falou ainda há pouco o Sr. E. de Balsemão ^{LXII} na sua breve narrativa duma digressão semelhante, e por isso não insistirei no agradável acolhimento que tivemos. Somente, não almoçámos ali como o benemérito ex-secretário-geral dos governos de Angola, Índia e Cabo Verde, pela excelente razão de que não eram horas de almoçar, acrescentando ainda que almoçados de mais estávamos nós.

Tivemos, porém, ótima genebra e charutos excelentes, o que é ainda um *luxo* lá pelo interior: isto, quanto a mim e ao amigo Luís, pois o Silves não bebe nem fuma... e seria mesmo um Santo, se não houvesse na terra pecadilhos mais agradáveis do que um cálice de genebra e um havano puro.

Enfim, tais atos teve o D. Manuel, tanto nos cativou com a sua agradável palestra, que, quando baixámos à estrada, já as primeiras sombras do crepúsculo desciam, confundindo os contornos dos montes vizinhos, e enlutando os vales; e quando, com mais meia hora de marcha, alcançávamos a freguesia de S. Salvador, já era noite cerrada.

Infelizmente, para mim sobretudo, entrávamos então na parte mais montanhosa da ilha ou, pelo menos, do caminho que levávamos, – dos *Picos* –, e eu não conhecia um palmo do sítio nem via uma polegada adiante do nariz!...

Aquela noite ficou-me para sempre estampada na memória em tétricos boléus!...

O que mais sinto, porém, é não poder falar aqui da bela e feracíssima região dos *Picos*, talvez a melhor da ilha; tanto mais, que tive, algum tempo depois, ocasião de permanecer ali o longo espaço de seis meses. Isto porém afastar-nos-ia do caminho e plano traçados.

Para a esquerda da estrada que seguíamos, ficava-nos também a extensa, rica e populosa ribeira do *Engenho*, que igualmente visitei mais tarde, em companhia do meu velho amigo, o sr. Gilberto da Silva Gonçalves, hoje representante dos antigos e opulentos morgados do Engenho, o primeiro e mais rico morgadio constituído em Cabo Verde. Para a direita, ainda, ficava-nos a freguesia de Santiago, que também havia de conhecer muito mais tarde, bem como a de Nossa Senhora da Luz, ambas pobres, e menos importantes do que as *ribeiras* de que me tenho ocupado. Na de Santiago contudo, existe uma das povoações mais regulares de Cabo Verde, a de *Pedra Badejo*, porto de mar constituindo uma vilazinha regular, com certo movimento comercial, que poderia mesmo tomar algum desenvolvimento, se fosse bem aproveitado pela administração local, e se cuidássemos de estudar e utilizar os recursos naturais do país.

O mesmo direi da rica e populosa freguesia de S. Miguel, que fica também para aquele lado da ilha, com uma povoação e porto de mar não menos importantes que a povoação e porto de Santiago, suscetíveis de igual incremento.

Voltemos, porém, ao itinerário regular do nosso passeio, marcado pelo caminho que leva do sul ao norte da ilha, atravessando-a pelo centro.

Passámos por algumas raras e distanciadas cabanas tristemente mergulhadas nas trevas, e que mais se adivinhavam, do que se viam, e poucas paragens fizemos. A noite estava escuríssima, e um frio intenso nos apanhava despercebidos, regelando-nos até aos ossos. O próprio Luís, que se destinava a um ponto dos Picos, preferia acompanhar-nos a Santa Catarina, apesar da distância de que, depois, teria de retroceder, não se dando por seguro dos atalhos que havia de seguir ao afastar-se da estrada; e, afinal, deixava de vir, para saborear comigo os encantos da jornada. Quanto ao Silves, permanecia impassível como um índio das *pampasias*^{LXIII}, e não nos poupava os motejos.

Finalmente, pela volta das dez horas da noite, senão mais tarde, a lua, surgindo de trás dos elevados montes do oeste, iluminou-nos o desfiladeiro da *Cruz de Cima*, que descíamos, as paredes brancas da arruinada igreja de Santa Catarina, em cujo adro se projetavam as sombras de duas palmeiras gigantescas, e mais em baixo, a massa confusa do presbitério. Estávamos em *Achada Falcão*, centro da freguesia e sede do concelho de Santa Catarina.

Um quarto de hora depois, parávamos à porta da residência do Silves Ferreira e só então respirámos. Apesar da hora adiantada, via-se que éramos esperados, porque a gente da casa acudiu logo com luz.

Deixei-me levar quase em braços para dentro, e atirei-me para cima numa cadeira, mais morto do que vivo: e outro tanto sucedia com o amigo Luís.

O Silves veio ter compassivamente connosco, perguntando-nos se queríamos cear... o jantar que nos tinham guardado. Creio que, no meu desespero, cometi a inconveniência de mandar de presente o nosso amável anfitrião a todos os diabos do inferno.

Silves Ferreira encolheu filosoficamente os ombros, e atirou-se com denodo à succulenta ceia, salsichada à nossa custa com abundantes e aperitivos epigramas.

O Luís e eu contentámo-nos com uma boa chávena de café, e, pouco depois, apesar das propriedades insoníferas da bebida, ambos dormíamos... à *poings fermés*^{LXIV}.

IX

Ainda o dia vinha em casa de Deus, com se costuma dizer, quando entrou no quarto um criado, que nos vinha servir o café matinal, segundo o costume

dos nossos compatriotas, um pouco orientalistas nos hábitos de comodidade e indolência.

Confesso que, dos usos dos meus patrícios é este aquele com que mais me conformo, pois professo pelo pátrio café uma espécie de culto idólatra, se idolatria pode haver num culto sincero.

Dizia-me um amigo em Lisboa que, onde visse escrito, em que bailassem *cafés* e *diabos* duma torradeira... tal escrito era meu, com toda a certeza.

O certo é que já tenho em toda a província uma certa celebridade, não muito lisonjeira, graças ao *café*!

Na ilha da Boavista, numa das *viagens redondas* que tenho feito à custa do governo e com *licença* da excelentíssima junta de saúde, crismaram-me em *Guilherme Café*!

Na ilha do Sal tanto me entusiasmei por umas chávenas enormes que lá encontrei, que ficaram sendo chamadas *xícaras Dantas*!

Finalmente, em S. Nicolau deu brado o caso de eu ter amuado uma vez numa visita, à noite, recusando tomar chá, porque lá de dentro da casa me vinha um tal cheirinho de café, que era para desesperar!

Mas... que lhe hei de fazer?!...

Ainda há dois dias fui consultar um doutor, por motivos duns *flatos de coração*, ou coisa semelhante, que eu sentia renhir-me por dentro.

O doutor auscultou, apalpou, pulsou, e receitou com todas as formalidades do estilo, *secundum artem*^{LXV}: e depois, diz-me, com uma seriedade que me fez arrepiar as carnes e os cabelos:

– Como princípio de regímen, recomendo-lhe a maior sobriedade nas bebidas.

– Ora essa! respondi, com uma cândida surpresa: não tenha V. Ex.^a receio, doutor: eu só bebo uma garrafinha, entre almoço e jantar...

– Pois é melhor não beber coisa nenhuma...

– Hein?... Nem mesmo água?...

– Pouca...

– Diabo!... Então, o caso é grave?...

– Não tanto... mas...

– E... olhe V. Ex.^a, doutor... E café?...

– Desgraçado! Você, um linfático-nervoso, e com essa predisposição que tem, bebe café?!...

– Muito pouco, sr. doutor... apenas umas quatro vezes por dia... seis, quando muito...

O doutor levou as mãos à cabeça.

– Oh[,] homem de Deus!... olhe que, se vai por esse andar, bem pode preparar-se para visitar a *quinta do padre João* ^{LXVI}...

Então, vendo-me perdido, levantei-me em toda a altura dum solene *desapontamento*:

– Pois... que diabo queria V. Ex.^a que eu bebesse?!...

Talvez *capilé de cavalinho* ^{LXVII}, ou essa água de castanha dos malditos chineses, a que chamam *chá*, e que eu só conheço pelo cheiro?!...

O endiabrado doutor encolheu os ombros, e eu safei-me, escamadíssimo... pela minha própria indiscrição, pois claro está que, se me [não] lembrasse o café, não se lembravam também de mo proibir...

Ora!... ora!... Em Lisboa encontrei eu o major Barcelos, que residira longo tempo entre nós, na ilha Brava, e tanto se habituara aos nossos usos e costumes, que, apesar de sofrer horripelmente dos nervos, conservava pachorrentamente uma *fonte* ^{LXVIII} aberta no braço esquerdo, de *propósito* dizia ele –, *para poder tomar café por mais algum tempo!*...

Esse, ria-se da *quinta do padre João*... e eu também, pois que... Mas isto é segredo, e não quero desesperar o meu bom doutor...

Peço ao indulgentíssimo leitor – se algum tenho, e que bem indulgente há de ser –, queira desculpar mais esta digressão, com que voluntariamente me afasto do meu velho manuscrito, só no intuito de poupar o benevolentíssimo leitor à descrição de muitos usos e costumes de Cabo Verde.

O meu *passeio ao interior* deveria, logicamente, parar em Santa Catarina, que, com a região dos Picos, constitui o centro da ilha. Um incidente capital, porém, levou-me ao extremo dela, ao Tarrafal, retornando-me à Praia por mar: e, já agora, tenho de contar o regresso.

.....
Depois do café, o amigo Luís convidara-me a dar um passeio pelos arredores da casa do Silves, visto que o nosso amável hóspede ^{LXIX} ainda estava entregue às delícias de Morfeu.

Apenas saímos, o primeiro objeto que nos deu na vista foi o vulto majestoso e colossal do célebre *Pico da Antónia*, que se elevava a poucas milhas de distância, e tão falado há sido, ainda que superficialmente, nos roteiros de diversos navegantes. E, contudo, não consta que nenhum explorador curioso e instruído fizesse a ascensão desse monte, que, aliás, mereceria menções menos vagas. Acontece porém, com ele, e com muitas outras curiosidades naturais do nosso país, o mesmo que se dá com o vulcão da ilha do Fogo, o qual, não tem faltado

quem o diga, é muito superior a alguns dos vulcões tidos, pela sua elevação e estrutura, como dos mais notáveis do nosso globo.

Despontava o sol, doirando o *Pico* e outros montes circunvizinhos; e a *fosca luz da manhã*, como diz o nosso mimoso poeta Guerra Junqueiro, no sublime imbróglío duma bela manhã de primavera, cantada na lira piteireira do *Realismo*, quebrava-se em bandas caprichosas pela sinuosidade das encostas e pelo fundo escuro dos vales, cujo corte forma o planalto da *Achada Falcão*. Cintilava ainda o orvalho ou cacimba da madrugada nas bastas sebes de purgueiral que orlavam os atalhos, que se entrecruzam em todos os sentidos nas vizinhanças dos centros populosos da ilha e nas plantações de mandiocal que vestiam não só a fazenda ocupada pelo nosso amigo Silves Ferreira, como ainda grande extensão da *Achada*, que, pertencendo a um dos mais abastados, como dos mais ativos e ilustrados proprietários da ilha, o sr. Manuel dos Reis Borges, achava-se cultivada ou arroteada na sua maior extensão, formando uma das raras exceções aos *platós*^{LXX} de Cabo Verde, em geral incultos, e pelo ordinário absolutamente estéreis e despovoados.

Apesar da absoluta ausência de flores, o ar ambiente estava suavemente impregnado desse aroma ativo e penetrante composto da emanação das plantas e da exalação dum solo quase virgem humedecido pelo orvalho matinal, que se evapora aos beijos dos primeiros raios do sol.

Não sei se me cegará o amor pátrio; entretanto, direi que nunca vi manhãs tão formosas como estas do meu país, principalmente se gozadas em sítios, como os *Picos* desta ilha, e na Brava, onde haja cafezeiros em flor, baunilha, jasmíns e outras plantas balsâmicas, e se essa evaporação da terra se condensa num como nevoeiro carregado de perfumes, ondas de incenso que parecem elevar-se lentamente da terra ao céu. Nada então iguala o encanto que se experimenta, no isolamento do campo, circunscrito o panorama adjacente aos delineamentos vagos e caprichosamente iriados das árvores e das flores através do vaporoso véu de neblina, saturado o ambiente de perfumes, e bafejado pelas virações amenas das primeiras horas do dia. O céu é dum azul puríssimo; tudo sorri em torno de nós, o peito dilata-se agradavelmente, haurindo os brandos eflúvios da atmosfera, e a vida parece renovar-se vigorosa e calma em todo o nosso ser. Isto provirá, principalmente, do contraste que formam aqueles instantes amenos com o calor sufocante das restantes horas do dia, como ordinariamente sucede neste clima: é a eterna lei dos contrastes e das compensações, na ordem moral como no mundo físico. Esta sensação agradável só poderá ser comparada à que se experimenta na ascensão às altas montanhas, quando, à

medida que vamos subindo, o espírito se dilata por novos e novos horizontes, que anseia dominar e como que nos vamos desprendendo das misérias e dos mesquinhos cuidados terrenos. O homem, ao aproximar-se do espaço infinito, sente-se mais próximo de Deus. A alma pressente a sua pátria ou o seu futuro domínio, compenetra-se de toda a sublimidade do seu glorioso e imortal destino, e, sentindo-se mais nobre e mais digna dele, como que anseia por desprender-se do seu pobre invólucro terrestre, e lançar-se jubilosa em voo altaneiro às regiões do infinito, da liberdade e da luz, que os olhos do corpo contemplan extasiados.

Mas... paremos aqui!

.....

Depois dum largo passeio, em que percorremos boa parte do circuito de *Achada Falcão*, de cuja altura a vista abrangia vastos e magníficos panoramas, voltámos a casa, onde encontrámos o nosso amigo Silves no temor, dizia ele, de que nos houvéssemos perdido pelas ruas da sua Babilónia... de purgueira e mandioca, ou despenhado das rochas que descem a prumo sobre a pitoresca e fértil ribeira de *Boa Entrada*... que, por sinal, não tinha entrada nenhuma, a não ser para cabras e pardais.

Depois do almoço, o amigo Luís partiu para os *Picos*, onde, segundo mais tarde soubemos, lhe aconteceram as mais extraordinárias aventuras.

Não antecipemos, porém, os acontecimentos! como dizem os fazedores de romances trágicos.

Eu, demorei-me apenas um mês na freguesia de Santa Catarina, onde conseguira empregar-me na administração do concelho. Foi, pelo governo-geral, determinada a mudança da sede do concelho para o porto do *Mangue do Tarrafal*, medida que se levou a efeito com aquela celeridade ^{LXXI} à militar, que o conselheiro Albuquerque imprimia à execução das suas melhores resoluções, o que por vezes, como no caso presente, não pouco as prejudicava. Chegou mesmo a protestar contra semelhante precipitação o digno administrador do concelho, Venceslau do Quental, pelo que foi, *militarmente*, suspenso, à voz do próprio governador, que foi pessoalmente ao concelho ativar a mudança.

Tinha o demo no corpo, aquele sr. Albuquerque: mas a sua ideia era boa, excelente, se estivesse mais *preparada*...

Nomeado, pois, novo administrador, decampámos imediatamente, queimando armas e bagagens, isto é, abandonando a coxa móvel e concomitantes tarecos administrativos, e excetuando somente o carunchoso arquivo, da Câmara, para irmos mais céleres.

Não cansarei o leitor com a minuciosa narração da minha, e direi mesmo *da nossa*, tormentosa jornada, em que uma sede abrasadora, frequentemente iludida e acirrada

pela miragem de casas que me parecia ver ao longe, e que não era outra coisa mais do que enormes penedos, foi para mim a coroa do martírio! Silves Ferreira não era da jornada: fora demitido juntamente com o administrador recalcitrante, por seguir seu pendão e caldeira ^{LXXII}... O endiabrado governador não era para meias medidas!

Quem não é por mim... parecia ser a sua divisa.

Depois do que que já disse acerca dos caminhos da ilha, e em especial dos horríveis *barrancos* do Tarrafal, e não entendendo coisa alguma de geologia, não julgo necessário acrescentar mais nada. E somente, não posso deixar de terminar com uma breve descrição do Tarrafal, e do meu regresso à Praia.

X

De resto, assim no Tarrafal como em Achada Falcão, nada aconteceu de notável ao autor destas aventur[os]as *viagens*, a não ser uma carta recebida do amigo Luís, em quem estava com algum cuidado, pela temerária empresa em que se envolvera, e pela fama bulhenta da gente com quem tinha de se haver. *Domesticar* (como dizia o Luís) o fero morgado dos Picos, tão cioso até da própria filha, que fazia vigiar pelos cem Argos ^{LXXIII} que tinha entre os serviçais de ambos os sexos, não era brincadeira...

E, contudo, o meu jovial e descuidoso amigo escrevia-me:

«Cheguei, vi, *fui visto*... e venci!

«*Ser visto*, é o que mais custava... (Olhem o vaidoso! dirás tu). Mas o Acaso, que é efetivamente o deus dos amantes e dos aventureiros, favoreceu-me.

«Como sabes, o morgado tem casas e terras por toda a ilha, e, só na região dos Picos, reside alternativamente em três casas diferentes e distantes, cada uma das quais marca o centro duma bela propriedade, governada, isto é, diabolicamente arruinada, por alguma bela mulata.

«Ora, foi exatamente à principal destas propriedades que eu vim ter, quando te deixei, por me constar de caminho que nela se achava o nosso morgado, e é precisamente aquela onde ele guarda a filha confiada à vigilância da respetiva amiga... dele, entende-se.

«O homem, como já eu contava, não gostou muito que o fosse encontrar ali...

«Por tal modo manobrei, porém, que às duas por três já era odiado pela *amiga*, e detestado pela filha, a formosa *Quinha*: é o nome *de casa* da menina dos olhos verdes. Bem bom!... Isso mesmo é que eu queria... A *embirração*, como sabes, é o primeiro passo para o amor... Entrava nos meus planos: eu também comecei por embirrar com a

pequena: mas... coisa singular!... Ao cabo de sete dias duma aversão recíproca, percebemos, assustados... que nos adorávamos!...

Contudo, por tácito acordo, continuámos a detestar-nos cordialmente aos olhos do pai, que se mostrava encantado... o maganão! e, como consequência natural, foi-se mostrando menos tenso... e mais *tanso*... desculpa a detestável gíria. Assim mesmo, não nos demorámos além dos sete dias na *Casa Vermelha*, que assim se chama a propriedade central, e abalámos para outra. Em todas elas, porém, consegui tornar-me odioso às detestáveis harpias, que o bom do homem chama suas *amigas*... e que o não serão por muito tempo... juro-o por aqueles formosos olhos verdes!... Ah! esquecia-me dizer-te que foi no momento da partida, ao largarmos de Casa Vermelha, que eu e Quinha nos compreendemos. *Ela* estava de perfil, quando eu me acurvei num cumprimento desdenhoso, que ia degenerado em genuflexão... *Ela* mostrava-se alternativamente pálida e corada, e, quando ergui os olhos, *ela*, mordendo os lábios trémulos de raiva, baixou mansamente as pálpebras magoadas, através de cuja ruma sedosa fulgurou a pérola duma lágrima...

«Depois disso, já voltámos duas vezes neste mês a Casa Vermelha, pois o morgado, ao princípio desconfiado, agora parece deleitar-se com a esquisita *antipatia* que nota entre mim e a filha, que nos detestamos cada vez mais. Nunca estamos de acordo, e temos frequentes questões de *ménage*^{LXXIV}. Se um diz *branco*, o outro diz *preto*; se ela ousasse afirmar na minha presença... e na do pai, que as laranjeiras produzem laranjas, eu sustentaria a pés juntos que dão limões! Numa coisa unicamente nos encontra o morgado acordes: é no que toca à economia da casa, bastante desfalcada pelas tais *harpias*, mas que, Deus louvado, vai-se levantando...

«Não te rias!... O próprio morgado já se ressentia, para bem, da benéfica discórdia que lhe introduzi em casa: o espírito dele também se vai levantando, e mostra-se mesmo um pouco admirado... quase desconfiado...

– Você... parece-me que não gosta muito da Quinha, Luís? perguntou-me ele à parte, ainda ontem, depois de uma discussão frívola, em que eu e a minha irreconciliável amiga estivemos quase a engalfinhar-nos.

– Não, sr. ... respondi. Acho-a unicamente um pouco... petulante.

– E feia também, não é assim? voltou-me, com uma pontinha de despeito paternal.

– Não tanto... apesar dela ter o nariz um pouco arrebitado...

«Por momentos, julguei que o homem estoirava nalgum destempero, tal cara me fez! mas, felizmente, a borrasca, desviada pelo pico da minha cómica seriedade espirrou numa gargalhada homérica.

«Perdão, porém, meu caro amigo! Estou-te aborrecendo, bem vejo... mas tu desculpas, não é [as]sim? [»]

Não... é, não! exclamei eu, zangado pela maçada, ao chegar a este ponto. Apesar de tudo, porém, não deixava de inquietar-me pela situação aventureira do meu amigo, perdido entre aqueles rudes campónios.

Domesticar um morgado, era, sem dúvida, empresa herculeana, mas não impossível: agora, porém, pôr-lhe as finanças em ordem... isto é caso não só para estátua no Capitólio, com um baixo-relevo respeitando a *limpeza da estrebaria de Augias*^{LXXV}, mas, ainda em cima, caso passivo de duas ou três facaditas no modelo vivo da estátua...

Efetivamente, boatos sinistros reboaram por vezes no concelho de Santa Catarina, e chegaram até às nossas *orelhas* burocráticas, achando-se já a administração no Manguê do Tarrafal.

Dizia-se, primeiro, com o maligno, mas quase sempre infalível instinto popular, que o Luís fora morto pelo morgado, por causa da filha... Logo depois, que ele é que matara o pai, fugindo com a morgadinha... E, por último, que o rapaz fora assassinado em Casa Vermelha pelos trabalhadores da propriedade... Como se vê, havia duas probabilidades fatais contra o Luís... Felizmente, neste comenos, e quando o administrador já se preparava para sindicar, a instâncias minhas, apareceu o próprio Luís no Tarrafal, aonde o instavam negócios judiciais.

O seu emprego na casa, já não era uma sinecura; estava nomeado administrador-geral das propriedades, em substituição dum tio de *duas* das amigas do morgado, que fora despedido juntamente com as harp[i]as sobrinhas. Ora, como é de supor, o honrado mordomo despedido, e as suas não menos honestas sobrinhas, não se julgavam quites em contas com o Luís. E o resultado foi que este, com efeito, ia sendo assassinado por um troço de trabalhadores assalariados por aquela *santa* família, e competentemente embriagados: valeu-lhe a própria coragem pessoal, o andar já de prevenção, e, sobretudo, o intrépido fulgor dos famosos olhos verdes, que souberam impor-se aos revoltosos, tanto como os revólveres do pai e do Luís.

Quando felicitei o meu amigo por isso e pelos progressos obtidos, respondeu-me, com singeleza lacedemoniana:

– Ora!... Não há nada como ter^{LXXVI} um plano bem traçado, e saber segui-lo...

XI

A povoação do *Manguê* do Tarrafal, pobre e insignificante naquele tempo, e ainda hoje, banha os pés nas cozuladas^{LXXVII} ondas duma espaçosa baía, abrigada, do lado

oposto ao areal, pela curva da elevada montanha *Graciosa*, na extremidade norte da ilha.

A extensa planície em que está situada é perfeitamente plana, circunstância que, devido à sua pouca altura acima do nível do mar, faz com que o clima seja pouco saudável, cortada e cercada a povoação de pântanos *salgados e mistos*. Da mesma forma, o calor, na maior parte do ano, é intolerável.

Compõe-se a povoação dumas trinta casas disseminadas, algumas tendendo mesmo a um certo alinhamento de fantasia; apenas três ou quatro destas são assoalhadas, reboçadas e caiadas; e, contudo, bastam estas, com os modernos paços do concelho, edifício muito regular e pintado exteriormente de vermelho, para darem à povoação uns tons alegres, vistas ^{LXXVIII} do porto através da verde ramagem das palmeiras que bordam a praia.

As costas da ilha, naquele ponto, formam as mais pitorescas anfractuosidades, boqueirões, grutas e lindas enseadinhas, que nos encantaram em muitas digressões, nos primeiros dias da mudança.

A areia de suas praias é superiormente fina, e dizem que seria magnífica para fabricação de vidros, convidando mesmo à exportação. Uma variedade destas areias, preta, luzidia e pesada, afirmam uns que é ^{LXXIX} ferruginosa, outros chegaram a sustentar que é *oiro preto*, ou que, pelo menos, contém bastantes partículas desse *fabuloso* metal. Vimos a areia, e consta-nos até que fora enviada amostra para Lisboa e Paris, para ser examinada competentemente, mas ignoramos o resultado da análise química, se com efeito ela teve lugar.

Nenhuma outra coisa notável há que mencionar do Tarrafal, a não ser o seu peixe, que é excelente.

O orago da freguesia (e passe isto depois do peixe), de que é cabeça o *Mangue*, é Santo Amaro Abade, cuja igreja dista da povoação uma légua, pouco mais ou menos. É a igreja mais pobre e desmantelada, a mais miserável das que tenho visto nas minhas peregrinações pelo interior desta e outras ilhas de Cabo Verde!... Ao pé dela, o humilde estábulo de Belém era uma catedral. Não só está descoberta, mas nem mesmo se veem já vestígios de telha ou qualquer outra cobertura por entre os destroços que juncam o que fora pavimento. Não é mesmo igreja: é um acervo de ruínas e monturos, ligados e coroados por densa vegetação parasitária. Ao fundo, sobre um montão de pedras e caliça, que fora altar, levanta-se a *imagem* do santo, enegrecida pelo tempo, desfigurada, inutilizada e poluída pelo bárbaro olvido e desleixo dos homens, – e dos padres, principalmente! Nada tão melancólico!... O lugar onde os *infieis* da paróquia ouvem missa... quando a ouvem, ou quando a dizem... é um telheirozinho, que se vê arrimado ao lado exterior de uma das derrocadas paredes. Tristíssimo!... De resto, é

esta a imagem fiel do estado atual das igrejas – e da religião – na maior parte da província. (Não se esqueça, porém, e em todo o caso, que escrevíamos isto em 1869...)

Apesar de ser o Tarrafal um ponto que, pela sua posição excêntrica, pouco se recomendava para cabeça do concelho, de cujo centro e localidades principais se acha afastado por distância considerável e péssimos caminhos, parece que vantagens apreciáveis contrabalançam bem os inconvenientes da posição, e que não foi sem longo alcance de vista que o benemérito ex-governador-geral de Cabo Verde, o sr. conselheiro Caetano Alexandre de Almeida Albuquerque, tomou a deliberação de transferir para ali a sede do concelho, determinando, ao mesmo tempo, e no mesmo intuito, que desde logo se procedesse aos melhoramentos mais urgentes na localidade, e ao traçado dos edifícios públicos indispensáveis, incluindo um mercado.

A primeira dessas vantagens, a vantagem decisiva e razão concludente para abonar tão acertada, posto que intempestiva resolução, pela forma com que foi levada a efeito, está, sem dúvida, no aproveitamento que se pode tirar da magnífica situação e excelentes condições da baía do Tarrafal, seguramente a segunda do arquipélago, levando-lhe mui pouca vantagem o soberbo *Porto Grande* de S. Vicente.

É claro que nós condenamos a precipitação da mudança, não a medida que a determinou.

Esta, porém, devia ser precedida de estudos prévios, e estes logo seguidos de edificações, precedendo a transferência. Antes de *mudar*, é indispensável saber-se para onde e como se muda. Ora, no Tarrafal não havia prédios, mesmo alugados, onde estabelecer decentemente as repartições públicas, nem sequer alojamentos para os poucos funcionários do município; e estes não encontravam mesmo os géneros mais indispensáveis à sua regular subsistência! E se os primeiros dias foram de festa, graças às liberdades do novo e opulento administrador do concelho, Manuel dos Reis, e ao entusiasmo *de campanário* das autoridades paroquiais, os longos meses que se lhe seguiram foram de amargas e duras provações, que justificaram plenamente as prevenções opostas pelo antigo e experiente administrador, V. do Quental.

Que o senhor Albuquerque tivesse em vista atrair para aquele porto a navegação, principalmente de navios estrangeiros que vêm ao arquipélago carregar semente de purgueira, e quisesse animar ao norte da ilha um movimento comercial igual, senão superior ao do sul, tomando o Tarrafal para sede do concelho de Santa Catarina o mesmo que representa o porto da Praia para o concelho deste nome, – é o que não sofre dúvida, e merece toda a atenção.

Para isso, porém, e mesmo havendo pronto o dinheiro necessário, era preciso tempo, e, sobretudo, continuado e incessante desvelo, o que, aliás, é incompatível com o péssimo *regime colonial* que ainda hoje nos atrofia, oprime e envergonha!

Exemplo, e consequência deste deplorável *sistema*, foi o que se deu com o Tarrafal. Apenas tinham começado os tais *estudos* prévios (e a boas horas!) foi transferido o governador a quem se devera a iniciativa da medida, e que era o único habilitado e interessado em levá-la a pronto efeito, visto acharem-se empenhado[s] na boa execução da sua ideia, os seus próprios créditos.

Os *estudos*, ainda se fizeram; mas os *traçados*, infelizmente, ainda até hoje não passaram do papel, exceto a construção dos paços do concelho.

Será isto dizer que nunca se há de realizar tão útil ideia, ou que se deva abandoná-la, pelas dificuldades que oferece a sua execução?

Não, por certo, e fazemos sinceros votos para que um governo ilustrado se empenhe de novo, e seriamente, com [a] tenacidade e energia do governador Albuquerque, mas também com mais previdência e menos precipitações, nesse grandioso empreendimento.

O Tarrafal tem muitos e bons elementos para o seu futuro desenvolvimento, como porto de comércio e exportação: na época, porém, a que me refiro, não passava, e quase que não passa ainda hoje, de um deserto pouco menos inóspito do que o Sahara.

Por minha parte, fazendo sinceros votos pela sua prosperidade, nunca mais me esquecerei dos horríveis seis meses que ali passei.

.....

XII

Capítulo do diabo Pública-forma

«Timóteo Semedo Varela, escrivão do juiz eleito da freguesia de Santo Amaro Abade do concelho de Santa Catarina da ilha de Santiago de Cabo Verde, etc., etc., etc.:

«Certifico em minha fé, que se procedeu no espólio do ausente em parte incerta, F., amanuense do concelho (digo) amanuense da administração do concelho de Santa Catarina, a folha uma se encontra o seguinte:

«Ano do Nascimento... etcœtera... E aberto o dito baú, que não tinha chave, mandou ele sr. juiz eleito, verificar o que continha, e se achou:

«Um volume velho (digo) volume encadernado em coiro velho e rafado, com o rótulo – *Historia de Portugal, por Manuel de Faria e Sousa*^{LXXX}.

«Outro dito velho (digo) dito, dito, – *Vida do Grande Condestavel, por Fr. Domingos Teixeira*^{LXXXI}.

«Outro dito, dito – *El Engenoso Hidalgo Don Quijote de la Mancha, por Miguel de Cervantes de Saavedra*^{LXXXII}.

«Seis ditos, dito – *As Mil e Uma Noites, contos arabicos*^{LXXXIII}.

«Uma cafeteira escangalhada.

«Um pergaminho velho e encorreado, que não se pode decifrar.

«Dois colarinhos de papel.

«Um cachimbo turco.

«Uma velha (digo) uma bota velha.

«Três cigarros.

«Vária papelada.

«Quatro baratas.

«E nada mais (digo).

[«] E sobre a mesa se achou mais, uma folha de papel escrita em letras recente[s] e linhas desiguais, numa linguagem que ele dito sr. juiz qualificou de herética, bárbara e incendiária, e cujo escrito reza o seguinte:

Povo do Tarrafal! eu vou-me embora!

Tu fica-te p'r'aí, ou ri ou chora...

Que eu vou-me, sacudindo os calcanhares,

Buscar venturas novas, novos ares!

Ingrata terra, não terás meus ossos!^{LXXXIV}

Mas p'ra te consolar, esses destroços

Te deixo, no baú que além se vê,

Boceta de Pandora^{LXXXV}, arca de Noé! [»]

.....
 O meu primeiro inverno de Cabo Verde, a que já estava desacostumado, surpreendera-me no Tarrafal. E que inverno!...

Era a coroa do martírio de quase seis meses de nostalgia e de fome.

– Ah! ele é isso?! disse eu com os meus abalados botões:– pois vou-me para Praia!

E meti-me num falucho sem me despedir da administração nem do concelho.

Gastámos oito dias na viagem – uma viagem enorme!...

Eu sinto não poder desenvolver aqui os meus conhecimentos náuticos, por falta de bússola e o mais... que não tínhamos. Posso afirmar, porém, com toda a consciência,

que, no decurso da navegação, apesar de irmos com os narizes constantemente fitos no porto do destino, pusemos a proa aos quatro ventos cardiais.

Primeiro, uma hora depois de singrarmos fora da baía do Tarrafal, terra a terra e com brisa de feição, arribámos, cansados da longa viagem, ao porto da Ribeira da Prata, por onde já tinha passado na jornada terrestre, e é a única povoação que se encontra no trânsito de Achada Falcão para o Tarrafal.

Depois... depois, como logo ao segundo dia se me acabasse a provisão de sardinhas e pão que trouxera, regalei-me, dali em diante, com bolacha de munição e carne de tartaruga, que pescámos no caminho, – a tartaruga entende-se, e não a bolacha.

Ao terceiro dia, pois, o maldito falucho tinha um recado ou um saco de milho para cada portinho da costa, pernoitámos em Ribeira da Barca, onde, por sinal, íamos encailhando, o mais platonicamente possível.

A originalidade do barquinho, porém, e a poesia da viagem, compensavam tudo.

Que lindas noites, passadas, ora nalguma deserta enseadazinha da costa, de vária configuração, onde a tripulação do falucho se acolhia cansada de remar, quando escasseava o vento, ora ao largo, tendo a um lado as costas da ilha com os seus acidentados recortes e pitorescas anfractuosidades, e do outro lado a imensidade do oceano; umas vezes, dormindo *à la belle étoile*^{LXXXVI}, suavemente embalado; outras vezes, contemplando o céu recamado de estrelas, ou vendo fugir nas ondas plácidas o trémulo reflexo dos fachos que a gente do barco acendia.

Ah!... só uma coisa me faltava ali!... Paciência... Mas ao diante havia de encontrá-la.

Não antecipemos, porém, os acontecimentos!

Ao quarto ou quinto dia, aportámos à cidade da Ribeira Grande, por antonomásia a Cidade Velha, a antiga capital de Cabo Verde, a primitiva e opulenta *Ribeira Grande* dos *capitães-generais*, dos *donatários*[,] dos *ouvidores*, dos frades e dos séculos 16.º e 17.º, a nossa Tróia histórica!

Não me cansarei em descrever as suas ruínas, nem perturbarei com imprecisões inúteis as cinzas do bárbaro Cassart^{LXXXVII}, o pirata francês que arruiu a primeira pedra dessas ruínas e da nossa decadência, a da província.

Reembarcando, ainda naquela noite, fizemos um último *zig-zag* a uma das intermináveis angrazinhas do nosso roteiro, aonde nos acoitámos pelo frio da madrugada, e onde a minha paixão pelo café me preparava a mais extraordinária e singular aventura.

O leitor já deve ter notado que, nestas maravilhosas e estupendas *Viagens* minhas, tudo é *singular* ou *extraordinário*... original, sobretudo.

Era pela madrugada, como disse, quando chegámos ao tal portinho, seguramente o mais pitoresco da costa, e onde se via unicamente duas casas... mas duas casas verda-

deiras, como as da Praia, construídas à europeia, até mesmo com certo luxo e bom gosto, como verifiquei depois, com as suas paredes muito brancas, listradas de vermelho, o seu telhado novo e legítimo, e separadas entre si por um baixo, mas copado tamarindeiro, cujo tronco parecia encravado numa espécie de mesa rústica.

Tudo aquilo respirava poesia, sossego, conforto e hospitalidade, na deliciosa solidão à beira-mar... talvez a solidão *a dois* que ainda é mais deliciosa.

Estes detalhes, que eu observava, já depois de saltar em terra, aos primeiros raios do sol, deixaram-me encantado; e ainda mais o fiquei, vendo elevar-se da chaminé que sobressaía a um dos prédios, um alegre rolo de fumo. Pouco depois, o aroma ativo do café, que nem mesmo a grandes distâncias escapa à minha olfatação, completava essa fascinação, que podia muito bem ser a fascinação de Tântalo^{LXXXVIII}... e não passar disso.

Entretanto, saltei resolutamente à praia, bastando-me para isso um pulo, tão perto ancorava a alterosa embarcação *que transportava os meus destinos*, como diria Telémaco^{LXXXIX}; e, afetando uma cândida surpresa e ignorância, como estrangeiro na terra, ordenei ao *tipo*, que figurava de imediato do falucho, e me seguira, que fosse perguntar àquelas estranhas gentes se podiam, *por qualquer preço... ou mesmo por favor*, ceder uma chávena de café a um viajante exausto e sequioso.

O maganão do improvisado piloto riu-se, mas compreendeu-me, e lá se foi com o recado, costeando os muros da casa para entrar pelo quintal, como conhecedor do sítio... e talvez da gente. Portas e janelas da frente ainda estavam fechadas.

A resposta não se fez esperar muito: estranhei até a presteza, quando vi reaparecer poucos instantes depois o meu emissário, risonho, convidando-me pelo^{XC} gesto a segui-lo! Já se vê que também não me fiz rogado, acompanhando, sem mais informações, o meu silencioso Mercúrio.

Julguei que me levaria igualmente pelo quintal, ainda que fosse para a cozinha... que diabo?... a situação não estava para cerimónias.

Apenas, porém, tinha dado alguns passos, quando portas e janelas se abriram, como por magia, e no limiar da entrada principal surgiu... a mais radiante aparição que ainda se haja mostrado a pecadores olhos mortais sem os cegar com os raios deslumbrantes dos mais divinos olhos verdes!...

E atrás da risonha aparição, e quase tão deslumbrante como ela... o meu amigo Luís!... Finalmente, formando grupo^{XCI} com os dois jovens resplandecentes, o vulto rotundo e o rosto flamante, e não menos risonho do morgado dos Picos, muito meu conhecido. Imagine-se o meu pasmo, e a cara aparvalhada que eu faria, muito mais quando o Luís, depois de me saltar ao pescoço, ébrio de felicidade, atirou-me *ex abrupto* com esta solene apresentação:

– Minha mulher... e meu sogro!...

.....
 – Então... como foi isso?!... perguntei, ainda abismado, aturdido, ao meu *célebre* amigo Luís, na primeira aberta que tivemos... depois do competente café.

– *Domestiquei-o!*, respondeu-me simplesmente o Luís, rindo e encolhendo os ombros com o seu despalante habitual.

E o leitor tem de se contentar também com esta explicação e com este *romance*, que, sem isto, deixava de ser como eu quis que fosse, o mais singular, o mais extraordinário, e, sobretudo, o mais original dos romances de *viagem*.

.....
 A nova residência do Luís, ou do morgado, que tinha propriedades por toda a ilha, como já se disse, distava apenas uma légua da Praia, por terra, e pouco mais pela via marítima. Apesar de se me oferecerem bons cavalos, preferi concluir a viagem por mar; e não foi sem custo, como é de supor, que pudemos arrancar-nos às delícias daquela nova Cápuá ^{xcii}, onde a indolente e descuidosa tripulação do barco passaria de boa vontade, e *à grande*, a existência inteira: e quanto a mim, basta dizer que o amigo Luís pôs à minha disposição, desde o primeiro dia, o prédio que se conservara, e conserva-se habitualmente fechado, quando não havia hóspedes. Eu tinha, porém, certa urgência de achar-me na Praia o mais breve possível, e forçoso me foi esquivar-me às seduções e aos multiplicados e inesgotáveis pretextos de tão amável hospitalidade, prometendo, contudo, voltar no primeiro ensejo oportuno.

Tínhamo-nos demorado ali três dias, e contavam-se já uns oito de viagem, e perto de 360 dias depois da minha partida da Praia para o interior, quando, pelas dez horas da manhã do último dia, entrávamos galhardamente no porto da ínclita capital de Cabo Verde, sem que nos incomodasse a bateria da terra pela falta de bandeiras e fundeávamos em meia braça de água. E sem esperar pela *visita de saúde*, nem da *alfândega*, escarranchei-me aos ombros do capitão do navio, e desembarquei, penhoradíssimo pela delicadeza com que fora tratado durante a viagem, mas não podendo fazer nenhum agradecimento público, porque naquele tempo ainda não tínhamos imprensa local, e eu andava de candeias às avessas com o *Boletim Oficial*.

FIM

- ^I Na verdade, um *segundo*. É possível que se trate de gralha do testemunho.
- ^{II} Não encontramos esta forma dicionarizada. Na edição de 1889 do *Diccionario da lingua portugueza* de Morais, regista-se *gandalar*, no sentido de gandaia, andar à gandaia, andar vadiando.
- ^{III} Possível lapso, por *despenhar*.
- ^{IV} Com valor metonímico, designando os habitantes dos Pampas (ou da Pampa), conhecidos pela sua atividade de vaqueiros, que implicava o domínio da arte de cavalgar.
- ^V Caetano Alexandre de Almeida e Albuquerque (*1824 †1916) foi governador de Cabo Verde de 1869 a 1876.
- ^{VI} José Guedes de Carvalho e Menezes da Costa (*1814 †1879), 1.º Conde da Costa, esteve à frente do arquipélago entre 1864 e 1869.
- ^{VII} Parece haver lapso no testemunho.
- ^{VIII} Provavelmente há falha no testemunho.
- ^{IX} *manqué* (fr.) – fracassado, falhado.
- ^X a gancho – com grande dificuldade.
- ^{XI} No testemunho, certamente por lapso, *via-a*.
- ^{XII} Referência a uma peripécia do romance *Le Vicomte de Bragelonne* (1847-1850), de Alexandre Dumas: d'Artagnan, empenhado na restauração do rei católico Carlos II no trono de Inglaterra, aprisiona o general George Monck, que mudará mais tarde de campo.
- ^{XIII} No testemunho, certamente por gralha, *exceção*.
- ^{XIV} «Irmãos nossas, de Deus primogénitas» é o verso inicial do poema «Cântico das flores novas ou do florir das árvores», de António Feliciano de Castilho (*1800 †1875). Datado de Ponta Delgada, 1842, foi musicado por Santos Pinto e vem incluído em *Estreias poetico-musicais para o anno 53: versos, com musica por diversos compositores, e traducções várias em castelhano, italiano, e allemão*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1907, p. 89. Obras completas de A. F. de Castilho, XLVI.
- ^{XV} tortolho – arbusto da família das euforbiáceas que ocorre em Cabo Verde e cuja madeira é usada como lenha.
- ^{XVI} A concentração de propriedades agrícolas era particularmente notória nas ilhas de Santiago, Fogo e Brava. A extinção do regime do morgadio – com a lei de 19-V-1863 – não alterou significativamente esse estado de coisas, na medida em que não foi acompanhada pelo confisco e redistribuição de terras.
- ^{XVII} No testemunho, certamente por gralha, *saltou-lhe*.
- ^{XVIII} subsecivo – que se corta ou despreza por ser de mais.
- ^{XIX} Não parece justificar-se a repetição de *coberto*, pelo que será de admitir haver lapso no testemunho.
- ^{XX} Camille Flammarion (*1842 †1925), popular astrónomo francês, organizou em 1884, na revista *L'Astronomie*, de que era diretor, um concurso que tinha por objetivo reformar o calendário gregoriano, substituindo-o por um calendário perpétuo ou universal.
- ^{XXI} quadrúmano – antiga divisão dos mamíferos que compreendia os primatas, com exceção do homem, dotados de pés preênseis, semelhantes a mãos.
- ^{XXII} Santo **Huberto** (*ca. 655 †727), apóstolo das Ardenas, é o padroeiro dos caçadores.
- ^{XXIII} No testemunho, certamente por gralha, *hilariedade*.

^{xxiv} Hipólito Olímpio da Costa Andrade – de acordo com João Nobre de Oliveira (*A imprensa cabo-verdiana: 1820-1975*. Macau: Fundação Macau, 1988, p. 692), era natural da Madeira, tendo falecido na Praia, Santiago, onde estaria radicado pelo menos desde a década de 60 do século XIX. Funcionário público, advogado e proprietário na ilha de Santiago, desempenhou, para além de outros cargos, as funções de administrador do concelho da Praia (1900-1907) e de membro do Conselho da Província. Para além disso, colaborou em diversos jornais do arquipélago e da metrópole.

^{xxv} *vadio* (ou *badio*) designava à época o habitante de Santiago, particularmente o do interior. Durante a vigência da escravatura, pelo menos a partir do século XVIII, a palavra identificava os negros forros e os escravos fugidos: refugiados no interior da ilha, praticavam uma agricultura rudimentar e viam-se obrigados a roubar para conseguir sobreviver.

^{xxvi} Não roubarás.

^{xxvii} Mesmo que a palavra esteja grafada em italiano, é estranha esta grafia com *i* final, sendo de admitir que se trate de gralha do jornal.

^{xxviii} No testemunho, provavelmente por gralha, *capa*.

^{xxix} Camões, *Os Lusíadas*, canto V, est. IX, v. 1-2 e 7-8.

^{xxx} Francisco Maria Bordalo (*1821 †1861) teve uma intensa atividade literária e jornalística, paralela à sua carreira na armada e na administração pública. A passagem em causa ocorre na p. 39 da obra *Um passeio de sete mil leguas: cartas a um amigo* (Lisboa: s.n., 1854). Falando do Cairo, escreve o autor: «Já fazes idéa do banho turco – melhor é lel-o, que experimental-o; não está no caso do – melhor é experimental-o que julgal-o – do nosso velho Camões, que, apesar de torto, gostava bem do que é bom.»

^{xxxi} Júlio César Machado (*1835 †1890), publicista de grande popularidade na sua época.

^{xxxii} Augusto Joltrois – *O burro atrevez dos seculos*. Traduzido por F. Guimarães Fonseca. Lisboa: Typographia Central, 1875. (A edição original – *Les Coups de pied de l'âne* – é de 1862.) De facto, o autor apresenta-se como mero editor das notas que um «burro filósofo, crítico, theologo, e socilaista» (p. 6) foi consignando ao longo de anos. O burro, que se chama Aliboron (como na fábula 13 do livro I das *Fables* de La Fontaine), vai fazendo uma série de críticas aos humanos, de que apenas isenta Sterne, um autor cuja influência sobre Guilherme Dantas é bastante visível.

^{xxxiii} Conta-se que o filósofo estoico Crisipo de Soloi, do século III a.C., teria morrido de riso, vendo o seu burro, que embebedara, tentando comer figos.

^{xxxiv} Alusão irónica a *Le Portugal a vol d'oiseau: portugais et portugaises* (1879), da Princesa Maria Rattazzi.

^{xxxv} É possível que se trate de falha do jornal e que a forma correta seja *complemento*.

^{xxxvi} No testemunho, certamente por lapso, *puseram-se*.

^{xxxvii} O jornal, cremos que por gralha, regista *incorporado*.

^{xxxviii} Referência provável a Henry Morton Stanley (*1841 †1904), jornalista britânico que se destacou pelas suas expedições através do continente africano.

^{xxxix} *malgré moi* (fr.) – contra minha vontade.

^{xl} *wigam* (ing.) – espécie de palhoça dos índios.

^{xli} Da autoria de António Dinis da Cruz e Silva (*1731 †1799), um dos fundadores da Arcádia Lusitana, *O hissope* é um poema herói-cómico que ridiculariza uma questão protocolar que teve por protagonistas o bispo de Elvas e o deão da Sé respetiva. O poema teve grande popularidade na sua época.

^{xlii} No testemunho, por gralha, *Lutria*.

Publicado entre 1674 e 1683, o *Lutrin* (Estante do coro) é um poema herói-cómico de Nicolas Boileau-Despreaux (*1636 †1711) que tem como motivo a disputa frívola entre o chantre da Sainte-Chapelle e o tesoureiro do Capítulo, a propósito da estante do coro.

^{XLIII} No testemunho, por lapso, *Rapitta*.

Da autoria de Alessandro Tassoni (*1565 †1635), *La secchia rapita* (O balde roubado) é considerado o modelo moderno do poema herói-cómico e a obra-prima deste género do século XVII. Tendo tido uma primeira versão em 1614, só seria publicado em 1622. Baseia-se num episódio da história medieval: a guerra entre as cidades de Módena e Bolonha por causa do roubo de um balde.

^{XLIV} Batilo foi um poeta contemporâneo de Virgílio (* 70 †19 a.C.) que, segundo a biografia do mantuano elaborada por Élio Donato, tentou passar por autor de uns versos que apareceram um dia à porta do palácio de Augusto e que este elogiou. Virgílio, que os tinha escrito, acrescentaria depois o seguinte verso: *Hos ego versiculos feci, tulit alter honores* (Eu escrevi estes versos e outro fica com a glória). Além disso, o autor da *Eneida* deixou como *incipit* de outros quatro versos a expressão *Sic vos non vobis...* (Assim vós, não para vós...), desafiando o falsário a concluí-los. Não o conseguindo, Batilo caiu em ridículo.

^{XLV} Pomona – figura da mitologia romana, de origem etrusca, protetora dos frutos e das flores.

^{XLVI} Pã – deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores, caracterizado pela intensidade do seu apetite sexual.

^{XLVII} Ana Perena – divindade romana muito antiga que presidia ao curso do ano. A sua festa ocorria nos idos de março (dia 15), ou seja, no primeiro mês do ano antigo, e tinha um carácter alegre e licencioso, típico das comemorações do ano novo.

^{XLVIII} Honoré de Balzac (*1799 †1850), que publicou *Les Cent Contes drolatiques* entre 1832 e 1837.

^{XLIX} No testemunho, certamente por gralha, *seguido*.

^L Parece haver lapso no testemunho, sendo provavelmente *grogue* (que em Cabo Verde designa a aguardente de cana) a forma correta.

^{LI} cambada – provavelmente no sentido de *cambadela*, cambalhota, trambolhão.

^{LII} Hebe – filha de Zeus e de Hera, é a personificação da juventude. Cabe-lhe servir o néctar e a ambrosia que impedem os deuses de envelhecer.

^{LIII} Alusão à balada «Noivado do sepulcro», do poeta ultrarromântico António Augusto Soares de Passos (*1826 †1860).

^{LIV} piteiras – certamente o mesmo que *piteireiro*, bêbedo (de *piteira*, aguardente de figo).

^{LIV} palingenesia – retorno à vida, renascimento.

^{LVI} durindana – espada mítica de Rolando, herói da *Chanson de Roland* e outras histórias inspiradas nas lutas de Carlos Magno e seus pares contra os árabes na Península Ibérica.

^{LVII} Publicada em Lisboa, na Typ. Lisbonense, em 1874.

^{LVIII} Prolífico dramaturgo português que viveu entre 1842 e 1912.

^{LIX} *caquetage* (fr.) – falatório, mexerico.

^{LX} Governador de Cabo Verde entre 1878 e 1881.

^{LXI} Trata-se de Claudino Augusto Carneiro de Sousa e Faro, oficial do exército e engenheiro. Segundo João Nobre de Oliveira (*A imprensa cabo-verdiana: 1820-1975*. Macau: Fundação Macau, 1988, p. 725), foi diretor das obras públicas de Cabo Verde entre 1877 e 1881.

^{LXII} Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto Balsemão (*1837 †1902) ocupou durante algum tempo o cargo de secretário-geral de Cabo Verde.

^{LXIII} *pampasia* – a região dos Pampas (ou da Pampa), que abrange o centro-leste da Argentina, o Uruguai e o sul do Brasil.

^{LXIV} dormir à *poings fermés* (fr.) – dormir a sono solto.

^{LXV} *secundum artem* (lat.) – segundo a arte, como mandam as regras.

^{LXVI} quinta do padre João – embora não tenhamos encontrado a expressão dicionarizada, o contexto permite supor tratar-se de um eufemismo para *cemitério*.

^{LXVII} capilé de cavalinho – antiga bebida refrigerante de água e xarope de capilé.

^{LXVIII} fonte – na aceção, registada na edição de 1889 do dicionário de Moraes, de chaga aberta com cautério e conservada aberta para evacuar os humores.

^{LXIX} hóspede – na aceção, hoje arcaica, de hospedeiro.

^{LXX} *plató* – planalto.

^{LXXI} O jornal, por lapso, regista *celebridade*.

^{LXXII} No testemunho, certamente por gralha, *caldeiro*.

pendão e caldeira – antigas insígnias de grupos militares.

^{LXXIII} Argos (ou Argo) – na mitologia grega, era um gigante ou só com um olho, ou, na maioria das versões, com uma infinidade de olhos repartidos por todo o corpo. Seria incumbido por Hera de vigiar Io, uma princesa e amante de Zeus transformada em vaca.

^{LXXIV} *ménage* (fr.) – casa.

^{LXXV} A limpeza dos estábulos de Augias foi um dos trabalhos de Hércules, que o herói cumpriu desviando os rios Alfeu e Peneu.

^{LXXVI} No testemunho, *como é ter*.

^{LXXVII} cozuladas – não encontramos registo do termo, sendo de admitir que haja gralha, por *azuladas*. Há também a hipótese de se tratar de forma derivada de *cazol* (pelo que também haveria gralha, por *cazoladas*), que Bluteau explica do seguinte modo: «He huma agoa negra, creyo que composta de tutia, e outros ingredientes, que as mulheres da Asia, como tambem as Portuguezas, usaõ, pondo-a nas capellas dos olhos, e pertendem ter com isto mais viveza nelles, e por consequencia, mais fermosura.» (*Vocabulario Portuguez e Latino*. IX., p. 211).

^{LXXVIII} O jornal regista, cremos que por lapso, *visitas*.

^{LXXIX} No testemunho, por gralha, *á*.

^{LXXX} A 1.^a edição, em dois tomos, é de 1628, intitulado-se *Epitome de las historias portuguesas*. Atendendo à formulação que surge no rol, pode tratar-se da edição de 1730: *Historia del reyno de Portugal, dividida em cinco partes (...)* por Manuel de Faria y Sousa. Nueva edicion, enriquezida con las vidas de los quatro ultimos reyes (...). Amberes: Juan Bautista Verdussen, 1730.

^{LXXXI} Houve duas edições desta obra, uma em 1723 e outra em 1749. A referência da *princeps* é a seguinte: *Vida de D. Nuno Álvares Pereyra, segundo Condestável de Portugal (...)* novamente composta pelo M. R. Padre Fr. Domingos Teixeira Religioso Eremita de Santo Agostinho (...). Lisboa Occidental: Officina da Música, 1723.

^{LXXXII} Há muitas edições de *El Ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, sendo impossível identificar a que estará em causa.

^{LXXXIII} São várias as edições portuguesas deste clássico, entre as quais: *As mil e huma noites: contos arabicos*. Trad. Galland, Viajante Universal. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1801.

^{LXXXIV} Versão portuguesa da famosa inscrição que Cipião, o Africano (*236 †183 a.C.), general e estadista de Roma, mandou gravar no seu túmulo: *Ingrata patria, ne ossa quidem mea habes!*

LXXXV O jornal, por lapso, regista *Pondora*.

LXXXVI *à la belle étoile* (fr.) – ao relento.

LXXXVII O pirata francês Jacques Cassard saqueou a Cidade Velha em 1712.

LXXXVIII Tântalo – rei da Frígia ou da Lídia, era filho de Zeus e de Pluto. Há divergências quanto à identificação da causa do castigo que o tornaria famoso: teria revelado aos homens segredos divinos; teria roubado néctar e ambrosia dos deuses; teria servido aos deuses o seu filho como alimento. Como punição, foi lançado ao Tártaro e condenado a fome e sede eternas: apesar da proximidade da água e de frutos, nunca conseguia alcançá-los.

LXXXIX Telémaco – na mitologia grega, filho de Ulisses e de Penélope.

^{XC} Cremos que por gralha, o testemunho escreve *pelos*.

^{XCI} O jornal, certamente por lapso, regista *grupos*.

^{XCII} delícias de Cápua – alusão à cidade italiana da região da Campânia onde o general cartaginês Aníbal passou o inverno durante a II Guerra Púnica. Interrompendo a campanha no momento em que Roma estava quase indefesa e ao seu alcance, Aníbal permitiu que os seus homens se deixassem enfraquecer pelas facilidades e viessem depois a ser derrotados.

Fonte: *A voz de Cabo Verde*, n.º 224, 27/12/1915, p. 3 e n.º 227, 17/01/1916, p. 3.

Os intrujões

Estudo crítico por Venceslau Policarpo Banana

Ora aqui está o que me vai servir de assunto para um folhetim: uma lenda pequena, insignificante, absolutamente inútil, e de valor igual a um fósforo gasto e apagado; coisa, de que nem já os próprios garotos fazem caso, quando a encontram em fraterna baralhada com as cascas de laranja¹ [,] os talos de couve, trapos e outras preciosidades componentes do lixo que os varredores vão escalonando pelas ruas em pequenos montículos que depois atiram para o carro da limpeza.

Ninguém zombe, porém, das coisas pequenas...

A maçã de Newton não valia também um chavo, por sinal que já estava podre e por isso mesmo se desprendera da árvore; pois foi essa preciosa e insignificante maçã que revelou ao grande matemático todas as leis da gravitação universal e do sistema do mundo.

O mundo, para ser explicado, esteve à espera de milhões de séculos, pela queda duma maçã: desde os magos caldeus, os padres egípcios e os astrónomos gregos, desde Tales e Anaximandro, a Ptolomeu e Posidonius, desde Copérnico a Newton! O que não puderam fazer Pitágoras e Descartes, fê-lo uma simples maçã... podre.

Mas... o que será isso, que dá miolo e nervo para um folhetim, provavelmente estu-
pendo, visto começar por uma estupenda *maçada*?

Não é miolo, amigo leitor, é *casca*. O meu folhetim é... a capa dum caderninho de mortaldas de cigarro, vazio, chocho, amarrotado e sujo.

Fui, há dois dias, à loja do meu vizinho e amigo, o sr. Francisco das Neves, e pedi:

– Um caderninho de papel *Duc*...

– Pronto!

O sr. Francisco entregou-me o caderninho, olhei distraído para a capa, guardei, paguei, e fui-me embora, porque tinha pressa.

Ao servir-me, porém, do primeiro cigarro, logo estranhei o gosto do papel. Tornei a olhar para a capa. Lá estavam as medalhas, o lombo metálico, as marcas, as letras...

Olhei com mais atenção... cheguei o livrinho ao nariz... meti-o pelos olhos, por assim dizer, porque sou míope, e não podia capacitar-me do que via...

Cavalguei as cangalhas ao nariz circunspecto...

E, de súbito, fez-se a luz, desvendando-me as leis que regem o vasto e complicado sistema planetário... dos intrujões.

Aquilo não era *papel*, nem *papier Duc*: era PAPEL DUQUE. Lá estava em letras grandes, claras, rubras, e em bom português!

PAPEL DUQUE!

Ainda mais, para maior *franqueza* e *lealdade*, na parte interna da capa lia-se o seguinte (ortografia fidedigna):

AVISO AOS CONSUMIDORES:

«Ninguém confunda estes livrinhos de papel Duque, de linho puro, sem outra substância que prejudique o paladar do tabaco (*sic*) nem incomode a garganta e que são de fabricação nacional, com o PAPIER DUC de fabricação estrangeira, etc.»

Pois não é claro?... Querer-se-á mais franqueza?...

Trata-se pura e simplesmente duma especulação nacional, patriótica e digna de todo o favor dos *consumidores*. E, afora a gramática violada, nada haveria que se lhe dizer, e até a própria ciência ver-se-ia enriquecida, no ramo da anatomia, com a descoberta dum paladar novo – o *paladar do tabaco*...

Muito bem, senhores!

Mas, então, para quê essa falsificação beata e hipócrita, sobre flagrante e brutal?... Para quê essa descarada e monumental intrujice, falsificado o invento e intrujado o público até no próprio apelido do inventor?

E nem sequer nos souberam dar as boas capas fortes e finas a um tempo, lisas e bonitas, dos caderninhos franceses, pois a capa do papel *Duque* nacional é apenas um trapo rudimentar!...

A bela medalha e efígie de Napoleão, substituídas pelo cunho e face da duma reles moeda de *dez réis*! Verdade seja, que a questão é toda de *dez réis*...

A própria marca da fábrica imitada para iludir as vistas, mas nela os tirsos do original transformados na imitação em... chifres!

Senhores Duques atendam!

Comer e dizer mal, é feio! Comer e fazer mal, é duplamente feio, duplamente ingrato, hediondo, canalha!

Limpem as mãos à parede, e permitam que lhes enderece este pigarro que o *paladar* do seu *papel* me puxou das fossas nasais.

São assim os intrujões!!

Os intrujões constituem uma galeria de varões ilustres, digna da prosa burilada dum Latino Coelho, ou do primoroso estilete dum Camilo Castelo Branco.

Intrujões são, por exemplo, entre os mais salientes, os facultativos, que passam, laureados, pela vaga Fama só porque se formaram em qualquer escola do reino; e entretanto, vão semeando a morte e os aleijões na sua passagem, até que, num belo dia, que oxalá chegasse mais cedo, veem-se obrigados a pedir demissão, corridos pela própria incapacidade, mas *intrujando* sempre, cobrindo a retirada com pretextos de injustiças aturadas, desconsiderações oficiais, melindres ofendidos.

Intrujões são os cabos chefes de galopins eleitorais, os alcoviteiros das sumidades políticas, os sabujos do poder: em uma palavra, os maus funcionários de que o governo da metrópole inunda as colónias, e que à semelhança do mestre Duque, o industrioso, fazem nelas o mal e caramunha, não servindo para outra coisa mais do que desmoralizar e anarquizar os quadros.

Intrujões há, que são puramente inofensivos, isto é, que não premeditam por sua vontade, nem fazem mal a ninguém, diretamente... São ordinariamente uns pobres diabos, bons velhotes, tão incapazes para o mal como para o bem, e que só querem que os deixem descansados *completar o tempo da reforma*, palitando os dentes, fazendo monices amáveis, e abrindo a boca só para bocejar, comer, beber, e dizer: «Ah!?!... Oh!?!...»

No que não são nada inofensivos, nem tolos, é em ganharem os seus *cem a cento e vinte mil réis* por mês, caso previsto na *Arte de Furtar*, do Padre António Vieira ^{II}.

A maior parte dos *intrujões*, porém, são perversos, e, tendo muitas *prendas* que lhes são comuns, há uma que não falta a nenhum deles: a ESTUPIDEZ.

Um destes conheci, um chefe de repartição, que informava sobre as habilitações dos seus subordinados, escrevendo – *habilitações* – mas tinha a modéstia de aspirar a um consulado em Zanzibar, na Zululândia, ou em qualquer outro país *cevilizado* onde a sua bestialidade passasse desapercibida, à sombra de grossos proventos.

Outro, mais avançado ainda do que eu, que me assino Banana e escrevo *chouriço* com *c* cedilhado, escrevia até *ofreçe, pretençe, ofício, benefício, fácil, dócil*, com uma prodigalidade espantosa de rabinhos negros!

Com este me entretenho um pouco mais, que vale a pena, como verdadeiro protótipo, que é, de intrujão. A paridade entre ele e o mestre Duque dos trapinhos nacionais não podia ser mais saliente, *frappante*, como dizem os franceses. Dois intrujões de primeira classe. Falsos, tolos, arrogantes em alma de estúpidos, e maus *par-dessus le marché* ^{III}.

O meu chefe... pois o homem também era chefe duma repartição importante, começa por isentar-se de todo o trabalho e de toda a responsabilidade, carregando uma e outra coisa aos ombros dos demais empregados. Ele não é propriamente o chefe, é o *inspetor* da sua repartição... Os outros trabalham, ele *vê* trabalhar. Ele manda, ele apoquenta, ele seringa, ele atrapalha tudo e ele não faz coisa nenhuma.

A princípio foi tudo menos mal, posto que a inteligência do homem passasse a ser desde logo uma coisa puramente fabulosa para os seus subordinados, que não tinham peneira nos olhos.

Cortesão, adulator, melífluo, insinuante, *pantomineiro* até no sabugo das unhas, conseguira engolar, *intrujar* a quase todos.

Era burro, mas tinha ainda a prudência de se disfarçar com a pele do cordeiro, e não a do leão.

Inconscientemente, porém, e a pouco e pouco, foi deitando as orelhinhas de fora... depois o rabo... fatal imprevidência! E como os rapazes lhe caíssem em cima, gritando – *é burro! é burro!* – perdeu a tramontana e largou a zurrar a bom zurrar, espinoteando a torto e a direito.

Intrigante, invejoso e malévolos, como desde então se revelou, incapaz de apreciar o trabalho dos outros, todo o seu empenho era sobrecarregá-los de serviço; todo o seu prazer, depreciá-los.

Comia e dizia mal.

Esta pérola dos chefes de repartição estará hoje com certeza, associado ao inventivo Duque, na exploração dos trapos e dos parvos; e, com toda a certeza também, já devem ter entre os dois, se é que não são dois intrujões distintos e um só Duque verdadeiro, uma fortuna calada...

Maganhões! Assim é que é a vidinha...

O meu caro chefe!...

De antigos hábitos de polícia e galopinagem eleitoral, haviam-lhe ficado uns ressaibos de intriga e de baixa espionagem, que se revelavam não só em factos, mas até no chocho estilo oficial, quando, caso raro, se resolvia a dar a lume a sua minutinha.

Dizia ele, que bem sabia quando os seus empregados estavam doentes, ou não. E, como – *o bom julgador por si mesmo se julga* –, não admitia que os outros pudessem adoecer mais do que por mandriice ou por libertinagem.

Acabou, como era natural, por concitar contra si o descrédito dos homens de bem e dos funcionários sérios, o desconceito público, e o desprezo da sua própria repartição, que o deu moralmente por incapaz de serviço, *por sofrer despolarização cerebral*.

Qualquer outro, no seu lugar, corrido e desconsiderado a cada passo, ter-se-ia retirado a tempo duma posição insustentável, salvando o que pudesse, não da dignidade, que – *onde não há, el-rei o perde* –, mas dos interesses...

Diz, porém, o rifão: *Quem não tem vergonha todo o mundo é seu...*

Ele, entretanto, pouco se lhe dava de ver-se corrido a pontapés dentro da própria casa, por assim dizer, contanto que o não pusessem fora, e o deixassem ir vivendo à regalada, empantufando-se todo na sua alta posição.

Causava riso efetivamente, vê-lo encher as bochechas e dizer a cada passo, na sua prosa oficial «Os senhores empregados *meus subordinados...*». Tinha medo que lhe fugissem, os bons dos empregados!

Regalava-se a si mesmo no deleite pessoal duma consideração que não merecia e que ninguém lhe dava.

Os *subordinados*, riam-se... mas ele era feliz, na gloriola beatífica e fácil dos *parvenus*, dos intrujões e dos parvos.

Deve ser assim feliz o Duque dos papelinhos nacionais, com a sua pelintra condecoração de *dez reis*.

Oh! os intrujões. Como eles são felizes!...

Palavra! Dá vontade à gente de fazer-se também pantomineiro, intrigante, descarado, patife!

Está averiguado que só assim se consegue alguma coisa neste, e talvez mesmo nos outros planetas irmãos, só assim se tira o pé da cepa torta, o ventre da miséria, a sardinha da brasa... com a mão do gato, o que é duplamente voluptuoso.

Faz-se fortuna, adquire-se consideração[,] consegue-se uma aposentação decente e abastada, apanha-se aquele quinhão da felicidade relativa, atrás da qual em vão corre a maioria dos homens.

Aí está o Duque nacional, que já deve ser, pelo menos conselheiro... graças ao Duc francês!

Oh! os intrujões! Como eles devem rir-se do comum dos mortais!...

Só para eles, a felicidade não é uma quimera, um mito, um sonho.

Conseguem tudo! até diplomas de sábios e de benfeitores da humanidade!

E as cruzes de oiro, e os *escarros de brilhantes*?!

E morrem descansados, tendo gozado muito além da áurea mediocridade horaciana, chorados e endeusados pelos jornais, felizes na vida, laureados na morte.

Oh! os intrujões!!...

^I No testemunho, provavelmente por lapso, *laranja*.

^{II} Escrita em 1652 e publicada quase um século depois, a *Arte de furtar* foi de facto atribuída durante muito tempo ao P.^e António Vieira. Há contudo, desde meados do século passado, elementos bastante seguros que indicam como seu autor o também jesuíta P.^e Manuel da Costa (1601-1667).

^{III} *par-dessus le marché* – ainda por cima.

Fonte: *A voz de Cabo Verde*, n.º 228, 24/01/1916, p. 3, n.º 230, 7/02/1916, p. 3, n.º 231, 14/02/1916, p. 3, n.º 232, 21/02/1916, p. 3 e n.º 233, 1/03/1916, p. 3.

O sonho

(Memórias dum doido)

Acordo, mas metade da existência
Não acordou em mim. Ficou no sonho
A máxima porção da minha vida!
(Garrett, *Dona Branca*)¹

I

Adormecera, com os ouvidos da alma cheios dos melodiosos versos de Garrett. E tive um sonho.

Era num palácio esplêndido, encantado, em cuja distribuição interior se acumulavam as maravilhas dos contos orientais, e cujos muros de soberba arquitetura, exteriormente revestidos de mosaicos de pedras preciosas, chispavam ao sol poente, reflexos trémulos, duns tons afogeados, em que se combinavam todas as reverberações do espectro solar.

Onde fosse edificado não sei, não dizia o sonho. Só me lembra que o meu palácio, banhando na água os últimos degraus da larga escadaria de mármore do seu vestíbulo, se espelhava num lago, mar ou rio, mas de tranquila imobilidade, ondas tão serenas, que mais parecia um imenso espelho refletindo o azul do céu com os mil cambiantes da luz sobre o cristal.

Talvez fosse à beira do Tejo, cujas areias de oiro encerram o corpo de Irene^{II}, e cujas ondas harmoniosas rolam ainda os maviosos suspiros de Camões; talvez na formosa Itália, em Veneza, a poética rainha do Adriático, ou nas decantadas margens do lago de Como; talvez debruçando-se nalgum dos canais fantásticos de Amsterdam e Strasbourg, ou pendurando-se das colinas que bordam o Bósforo cintilante.

II

E vi-me, subindo as escadarias daquele palácio à hora do sol poente.

Eu levava nos braços, inanimada, uma virgem, a mais formosa criação... dum sonho.

De onde vínhamos?... Quem era a rapariga?... Que diacho tinha eu feito?...

Não sei!... Também não dizia o sonho. Este só dava a entender que eu acabava de salvar Branca dum grande perigo, talvez arrancando-a à espuma das ondas...

Branca?... Sim, era este o nome que lhe dava o duende do meu sonho, e... coisa singular! – Ela chamava-se Branca, e era morena... como tu.

Como tu, ela tinha também grandes olhos castanhos, naquela hora suavemente velados pelas sedosas pestanas, e opulentos cabelos da mesma cor, então soltos, bastos, caídos pelo peito e espáduas seminuas, envolvendo-me todo e inebriando-me com um perfume suavíssimo, que não era o de nenhuma essência conhecida... o perfume da virgindade e beleza excelsas, o perfume de Branca.

Formosíssima!...

Era ainda uma criança; teria apenas 15 anos. Eu prefiro as boninas às rosas desabrochadas. Não lhes devasso os nectários, mas deleita-me o pensar que há ali mel e perfumes que ninguém ainda gastou nem aspirou... Belezas do céu!... Adoro-as.

Ela, Branca, era morena: mas desse moreno cor de oiro e levemente rosado como só se encontra entre as filhas do meu país, nascidas de pais europeus, e cuja epiderme o sol africano beija amorosamente, como o sol da Europa morde as maçãs. É assim que tu és morena. Somente... Branca era incomparavelmente mais formosa.

III

E vi-me, cingindo ao peito ofegante esse corpinho gentil e delicado, cuja suave morbidez como que absorvia todo o meu ser e me escaldava o sangue, sentindo no rosto o calor das suas pomas divinamente contorneadas, que como opressas pelo espesso véu das tranças que as velavam; e os lábios, entreabertos, mimosos, como um botão de bromélia cortado ao meio por dois fios de pérolas, frementes, palpitavam sob o calor dos meus beijos.

Tu sabes que eu sempre fui guloso...

E assim atravessei as salas daquele palácio maravilhoso, por entre alas de cortesãos que se curvavam à minha passagem saudando-me como libertador da princesa Branca... É verdade! o sonho, neste ponto, e com a mesma prodigalidade e sem-cerimónia, declara Branca princesa. Um pouco mais, e estávamos em pleno poema de Garrett... Faltava só que o travesso gnomo de meu sonho me revestisse com o magnífico turbante e borzeguins recamados de pedrarias do moiro gentil.

Mas eu... era sempre *eu!* não mudara nem um ponto, o meu vestuário não primava pela garridice, e demais, era lutuoso. E no rosto a mesma expressão taciturna e desconfiada, que certo autor comparou à *placidez receosa do surdo*, que é apenas um segundo rosto aberto no primitivo, e que tem o mesmo cunho da maldade com que uns canalhas estamparam na fronte nobre e inocente de Gwinplaine ^{III} a máscara do rictus perpétuo...

Voltemos, porém, ao meu sonho.

Depus Branca ainda meio desmaiada nos braços do pai, que me agradecia calorosamente; os cortesãos conclamavam os meus louvores (não sei bem porquê, mas bastava serem cortesãos...); e somente a mãe da princesa, uma altiva criatura, soberba e feia como os demónios, lançou-me um olhar desdenhoso, feio, envenenado como o gume dum punhal malaio.

IV

Aqui há interrupção do meu sonho, sem que eu saiba o que fiz nem o que me sucedeu até que me tornei a encontrar com a princesa Branca.

.....
Olha... há assim lapsos na minha vida, durante os quais parece-me que não vivi... Foi, talvez, antes de te amar; e depois de te encontrar, quando te não via; e depois... quando te perdi.

Porque tu foste para mim a vida, a revelação duma existência nova, duma consciência boa e sã que palpitava ignorada no meu ser, como a borboleta na larva. Foste a irisação esplêndida, o sol desconhecido que me iluminou de repente o mundo novo do amor!

Eu era João Valgean, e tu a minha Cosette ^{IV}, a minha filha, a minha Cosettezinha!...

Antes de te conhecer, antes de te encontrar, houve só um tempo em que fui realmente feliz, em que posso dizer que vivi: foi ao alvorecer da vida.

Oh! sim, eu fui muito feliz, quando em torno à choupana de minha mãe brotavam as roseiras bravas, pródigas de flores e de perfumes, e que ia, com os cabelos soltos ao vento, divagar pelos copados bosques de bananeiras, cujas largas folhas são dum verde de tão linda transparência, principalmente se as batem grandes ondadas de chuva; e depois vinha cansado, abrigar-me ao seio de minha mãe, que me limpava o suor e anediava os cabelos com as suas mãos trémulas, sacudindo as pequeninas estrelas de prata, que a travessura^v dos cafezeiros neles entrançara, enquanto ela me ralhava, sorrindo, com aqueles lábios em cujos cantos a tristeza cavara vincos fundos, e com os seus pobres olhos azuis embaciados pelas lágrimas... que eu ainda não compreendia, não via!...

Minha mãe!...

Lembras-te, Cosette?... Foi pouco depois da morte dela que nos encontramos.

Tu tinhas então 12 anos, eras uma criancinha pálida, magra, quase esfarrapada, com todas as torturas dum anjo que sofre no inferno da miséria.

Eu tinha o coração retalhado pela dor da perda recente de minha mãe, o único ente que me teve amor... o amor de mãe!

Que vida a minha naquele tempo, durante os primeiros seis meses depois da sua morte!...

Coberto de luto, pobre, doente, quase sórdido, encerrado todo o dia a sós no escuro escritório, onde tinha um modesto emprego, com que provia à minha parca subsistência, eu vivia como estranho ao mundo, alheio à existência, julgando-me odiado até de Deus, desconfiado de todos... e por isso mesmo, olhado por todos com legítima desconfiança. Hoje é que o sei...^{vi}

Olhavam-me como um desses infelizes enfermos do espírito, um desses renegados que descreem dos homens[,] para os quais não há virtude nem bondade sobre a terra... um **misanthropo**, enfim!...

Não! não era assim!... talvez que eu fosse misantropo, na aceção rigorosa da palavra, porque tinha o coração a trasbordar de amargura... Mas não o tinha envenenado pela descrença nem pelo ódio aos homens.

Não! nunca a ninguém atribuí a causa dos meus males, nunca de ninguém me queixei, senão do meu triste destino... ou de mim mesmo.

Julgava-me um espúrio da existência, mas resignava-me, sofrendo.

Parecia-me que era geralmente mal visto, mas atribuí-a ao meu próprio modo de viver e às enfermidades do meu espírito, que não podia remediar, não tinha ainda forças para lutar com o génio mau, o demónio de negra tristeza de que estava possesso.

E deixava-me ir na lúgubre corrente da existência que me fora talhada.
Era, sim, um grande desgraçado.
Se não odiava os homens, tinha deles, contudo, não sei que vago temor.
Não lhes fugia, mas também não os procurava.

V

A minha única distração, findo o pesado serviço diurno, era sair a passeio pelas cercanias da cidade.

Áridas e tristes, casavam-se elas então perfeitamente com o estado da minha alma.

Naquelas campinas desoladas, em que apenas algum espinheiro anão erguia os ramos, nos quais em vez de folhas se erriçavam espinhos, ali é que eu tinha algum desafogo, erguia a fronte, e espriava os olhos em torno sem temor de encarar alguém... e encontrar um sorriso de mofa.

Dirigia-me ordinariamente para os lados do cemitério.

– Vamos visitar os mortos! dizia comigo.

Tinha uma certa simpatia por aqueles pobres diabos, que já não podiam *rir-se* de ninguém...

Passava pelo portão, demorando-me aí um tempo a olhar para dentro do lúgubre recinto, como procurando lembrar-me dos que para ali tinham ido, e depois seguia para cima, onde conhecia um sítio predileto para descansar.

Chamam-lhe a *Lapa*, não me lembra de quê. E com efeito há ali uma lapa ou gruta, formada por alguns penedos enegrecidos que se debruçam uns para os outros encontrando-se no vértice. É situada numa pequena eminência que olha para o nascente e fica sobranceira ao cemitério, mas à distância.

Às horas da tarde há ali sombra e frescura agradável, enquanto o sol morde ainda as escalvadas planuras circunvizinhas, incandescentes dos ardores do dia. Além disso, erguendo os olhos dos arruamentos do cemitério, a vista espriava-se por largos horizontes, vendo quase em frente o panorama alegre da cidade com as suas casas mais bonitas de recente construção e pintadas de cores variadas; para a direita as *fazendas*, com seus leques de palmeiras, que são as únicas árvores que alegam os arredores da cidade; mais ao longe a alfândega e a ponte nova, cuja cor vermelha sobressai agradavelmente do verde cambiante da vegetação, por entre os claros das palmeiras; mais ao longe ainda, o ilhéu, e o mar dum azul vivo, enrubecido pela reverberação das celagens do sol poente; e para a esquerda, as altas cordilheiras de montanhas que se levantam gradual-

mente e se afastam para o interior da ilha até se perderem numa como nebrina azulada, que tem uns tons cheios de vaga melancolia.

Gostava pois de me ir sentar ali depois de boa caminhada, e passava longas horas recostado sobre a camada de folhas secas de que juncavam o solo umas enfezadas purgueiras que brotavam por entre a penedia, encruzando à entrada da gruta os seus ramos esguios e amarelentos. A purgueira é como as cabras, suas diletas e afetuosas inimigas: ama os pedregais, e é ali que ela se deleita em mais caprichosos entrelaçamentos.

Bandos de pardais saltitavam à roda e por cima da lapa, chilreando inquietos, ao princípio assustados, depois com mais confiança, principalmente quando lhes fui levando migalhas de pão que espalhava pelo chão da gruta e defronte, e que os mais atrevidos vinham apanhar quase à mão, enquanto eu me conservava muito quieto para os não afugentar. Às vezes, se me distraía a ler por mais tempo ou caía na sonolência anémica, ao despertar encontrava os pobres brutinhos quase entre os joelhos, fitando-me curiosos com os seus olhinhos redondos e doirados, e com os bicos enterrados entre as asas descaídas naquela posição de meio abandono e confiança das aves que dormitam ou repoisam. Se, porém, estendia a mão, os de mais perto fugiam, e os outros ficavam saltitando irrequietos, cochichando entre si e voltando para mim as finas cabecinhas, como quem dizia:

– Então ele... não querem ver?!... Amigo! se nos queres dar mais pão, muito bem... Agora agarrar-nos... isso lá fia mais fino! porque os pardais *têm olho*... e asas...

Naquele tempo os pardais eram do número dos meus poucos amigos.

VI

Oh sonho meu de[s]feito!
Voaste-me criança...
Deus sabe se eu te amei!...
(Gonçalves Crespo)^{VII}

Uma tarde, ao sair do escritório para o meu passeio quotidiano, passava um enterro. Era o dum rapaz simpático e geralmente estimado, o Évora, que morrera na véspera, vítima da rotura dum aneurisma. Fora meu amigo, um dos raros que me tratavam invariavelmente com benevolência igual.

Depois dalguma hesitação, e muito corar e tremer, incorporei-me pois no préstito, olhando a medo para a multidão que me cercava, como a pedir-lhe perdão pela minha ousadia.

Então tive uma grande surpresa e uma suave alegria.

Essa multidão, em parte nem deu por mim, e parte olhava-me com alguma estranheza, nada hostil; mas o que mais me animou foi o parecer-me que as pessoas que me ficavam mais próximas, principalmente mulheres do povo, contemplavam-me com certa simpatia, que logo se comunicavam entre si por gestos e olhares.

Creio que o meu luto recente e sabido, além disso visível, a minha tristeza que não se tinha ostentado, mas recolhido longamente, o meu abatimento não fingido, enfim, a compaixão pelo infortúnio e pela dor, tão pronta a despertar-se nessas tristes ocasiões em corações singelos e naturalmente bons, atraíam-me aquela benevolência. E depois eu, tendo fugido até ali aos prazeres, ao bulício, aos interesses, e até mesmo à sociedade, contudo procurava-a agora, identificava-me com a sua dor, associando-me nessa triste homenagem prestada a um amigo comum e a um bom moço.

Não sei explicá-lo: mas o certo é que me senti como desopresso dum peso enorme, e à medida que íamos caminhando, o coração dilatava-se-me, respirava até melhor, olhava já para todos com inteira confiança, reconhecia que os homens eram bons em geral, e que era bom viver com eles assim...

Não!... A sociedade não é má só porque um ou outro mimoso da sorte nos maltrate, ou porque nos não poupe a censura.

Sempre assim pensei. Tenho escrito muito, e em nenhum de meus pobres escritos se encontra uma única linha declamatória contra a *sociedade* ou a *mulher*.

A sociedade é o conjunto de todas as nossas imperfeições, que devemos relevar-nos mutuamente.

A mulher é sempre *anjo*... do bem ou do mal. Não devemos considerá-la amante, mas esposa e mãe... *menos quando vende a filha*...

A felicidade pessoal é relativa. A satisfação comum prima.

A satisfação do homem está na sua consciência.

Ser *honesto* e ser *bom*, eis tudo.

.....
Chegámos ao cemitério.

O corpo desceu à terra, volveu ao pó o que era pó. O que seria da formosa alma que o animava?...

Mistério, que provavelmente perturbaria naquele momento os mais despreocupados espíritos.

Retirou-se lentamente o cortejo, ficando só algumas mulheres ajoelhadas pelos diversos canteiros do cemitério, chorando sobre os túmulos que encerravam algumas recordações queridas e saudosas.

Saí, mas, em vez de me dirigir para a cidade como todos, fui seguindo no meu caminho do costume, para a **Lapa** dos meus passeios prediletos.

Chegado ali, só então olhei para trás para ver o acompanhamento, que regressava à cidade.

E qual não foi o meu espanto ao ver paradas junto de mim a ti, Cosette, e a tua mãe, que me tinham seguido?...

Conheciam-me, eram minhas próximas parentes, e eu tinha-as olvidado no abismo do meu viver.

E elas, tendo-me reconhecido no cemitério, seguiram-me, cheias de afeto e compaixão.

Sim... eu julgava que era isso... Mas não sei... Que inferno!...

Hoje, quando penso na perversidade da tua mãe, chego a crer que era simplesmente o interesse que a impelia para mim, arrastando-te consigo, pobre anjo!...

Mas naquele dia, e por algum tempo, julguei que era compaixão e afeto...

Regressámos juntos à cidade.

Mas, para que relembrar o passado?!...

Desde aquele dia começou vida nova para mim.

Eu, o João Valgean, o espúrio da sociedade, tinha encontrado a minha Cosette!

E tu deixaste de ser a criancinha pálida, magra, esfarrapada, e te tornaste formosa, tiveste bonitos vestidos, joias, e o colar dos meus braços, e a luz da minha alma, e os meus carinhos famintos e insaciáveis de amor, e o calor dos meus beijos!...

Porque eu amava-te!... E com o amor entrou em mim vida nova, fiz-me outro homem.

Frequentei a sociedade, lutei, elevei-me.

Trabalhei, amei, vivi!

E fui feliz, muito feliz... por algum tempo.

Foi tudo um sonho!...

Porque desde que entraste nos catorze anos, e, flor mimosa, começaste a desabrochar em todo o esplendor duma primavera forte e luxuriante, quando eu conheci que te amava como se ama a mulher, e não a criança, a filha... então a tua mãe ensinou-te umas coisas hediondas, ensinou-te até a desprezar-me, a mim, que te amava com toda a pureza, de meus loucos transportes! e, pouco a pouco, perdi os teus carinhos, perdi os teus beijos, perdi o teu amor, sumiu-se a luz da minha alma, caí de novo nesta tristeza

horrível, e... fugi de ti... para não te matar como se mata o réptil que aquecemos no seio e nos morde o coração...

Porque percebi que amavas outro... amavas muitos... amavas a todos... menos a mim!...

E fugi!... porque não era tua a culpa... Tua mãe é que depôs o veneno da corrupção na tua alma, assim como a natureza põe a peçonha no dardo do áspide...

Oh! raiva!... E amo-te sempre!... E persegues-me ainda nos meus sonhos!?...
.....
.....
.....
.....

VII

Era mais bela! O seio palpitando...
Negros olhos, as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...
(Castro Alves) ^{VIII}

E prosseguia o sonho.

Era num pequeno camarim, que mais se diria o templo da **Virgindade**, tal era o encanto, o mimo, a casta sedução que tudo ali respirava, desde o riquíssimo leito de marfim destacando a sua alvura mate do fundo escuro das paredes forradas de cetim azul com flores e abelhas doiradas, até aos rendilhados cristais com faiscações de oiro, esmeraldas e rubins, e os mil nadas encantadores e deslumbrantes, ricos ou graciosos que ornaram o toucador duma donzela formosa, rica e amimada.

Uma lâmpada de alabastro espalhava ténue claridade rósea pelo ambiente desse delicioso aposento, em que flutuava o perfume da violeta. A aurora dentro dum ninho! E essa misteriosa claridade tinha um não sei quê de mística pureza e velados deslumbramentos, que fariam cismar um ateu na possibilidade de se *fabricar* o céu na terra.

Era o aposento virginal de Branca, a princesa, a fada do meu sonho.

E ela estava ali, reclinada sobre o leito de marfim, seminua, bela, divina!... Parecia uma estátua ornamental do mesmo leito, e da mesma preciosa matéria, se a sua palidez marmórea se não destacasse mais vigorosamente sobre a deslumbrante alvura das roupagens, e o movimento dos seios arredondados, róseos, lisos, apenas velados por trans-

parente gaze, e a respiração ansiada e os ligeiros sobressaltos dum sonho misterioso não acusassem a vida.

Ela dormia, na posição voluptuosa duma náíade estendida sobre um lago, de peito ao alto, velada pelos raios do luar.

Serviam-lhe de mimoso travesseiro os roliços e alvos braços entrelaçados por sob o colo, e as formosas mãozinhas desapareciam enterradas nas ondas de oiro dos fartos cabelos. Banhava-lhe o rosto um pálido fulgor de opala, como se os lindos olhos entreabertos deixassem escoar uma luz misteriosa: e sob o entroncamento dos ombros nus e opulentos, e na transparência das alvas roupas, acusavam-se formas, pontuavam sombras de irritante voluptuosidade.

Sonhava, provavelmente, sorrindo, entreabertos os lábios húmidos e purpurinos como a pedirem uma chuva de beijos.

E eu vi-me, ajoelhado junto ao seu leito, ofegante, devorando a uma e uma com os olhos as perfeições daquele corpo gentilíssimo, até que meus lábios, como atraídos pela respiração e pelo ef[ú]vio magnético do sorriso de Branca, se poisaram convulsos nos seus lábios virginiais.

Ela acordou soltando um débil grito, em seguida estendeu os braços enlaçando-me o colo, senti que me sufocava o calor perfumado de seu seio, e... tive deslumbramento, a que se seguiram trevas... E houve nova mutação no meu sonho, ou, para melhor dizer, paralisação.

VIII

E o teu sorrir me faz chorar, criança!...
(Costa Goodolfim) ^{IX}

Era outra vez noite, e eu vagava nas trevas.

Quanto tempo decorrera desde a cena precedente? Não sei, tudo pertence ao vago e caprichoso do sonho.

Só sei que andava como um sonâmbulo. Sons de orquestra distante me atraíam.

De repente, vejo-me subindo outra vez as escadarias do palácio de Branca, esplendidamente iluminadas, e apinhadas de camponeses de ambos os sexos, vestidos garridamente, os quais me entregavam ramos e saudavam na passagem como noivo da princesa; depois retiravam-se, e quando acabei de subir, como um burro carregado de flores, achei-me sozinho, no alto dum terraço que ainda distava uns cem passos da fachada principal do palácio, tal era a extensão e riqueza deste.

Coisa singular!... Eu, noivo duma princesa, trajava ainda a mesma sórdida libré da pobreza, e nem o luto mudara!

Haveria filosofia no meu sonho?...

Como disse, parei.

Então, como se fosse um sinal, apagaram-se todas as luzes exteriores, e só ficou o interior do palácio vivamente iluminado.

Lá dentro havia festa, música e risos, e nos enquadramentos luminosos projetados pelas janelas abertas, perpassavam sombras valsando.

Havia só três janelas escuras e contíguas. Eram dos aposentos de Branca.

De repente vi, ou adivinhei, que assomava a uma delas o vulto da minha princesa, e julguei ouvir a sua voz adorada.

– Vem! dizia-me ela.

E não pude mover-me!... Estava sozinho, no meio das trevas, como alheio a mim mesmo, cismando... se é que cismava, pois não me lembra sequer se vivia...

– Vem! repetiu a voz de Branca, desta vez como um queixume.

A mesma imobilidade!

A meus pés, banhando os alicerces do palácio e os últimos degraus da sua larga e soberba escadaria, o mar, se é que era mar, desenrolava as suas ondas murmurosas com um som de vago lamento. As estrelas, resvalando a luz trémula pelas fachadas do palácio recamadas de preciosas pedrarias, punham reverberações fantásticas no espelho escuro das águas, e ao longe passava uma barca, talvez uma gôndola veneziana, iluminada. A noite estava serena, e flutuavam vagas harmonias naquela atmosfera tranquila e maravilhosamente bela.

– Vem!... vem!... gemeu a voz de Branca.

E eu pensava, se é que isto era pensar...

«Pois quê?... A felicidade foi acaso feita para mim?... Ser amado... ser feliz... Que loucura!...»

O que é mais singular é que eu, ouvindo os gemidos de Branca, percebendo vagamente que ela estava perdida para mim, que uma fatalidade qualquer ma arrebatava, contudo não sofria senão como duma dor já passada, uma impressão igual à que se sente quando se carrega o dedo numa cicatriz antiga... Sofrer era meu destino, e eu tinha já sofrido tanto!...

A noite tornara-se cada vez mais densa e opaca. Trevas espessas toldavam o céu, e abaixo de mim o lago perdera as suas cintilações cambiantes e patenteava-se numa estagnação negra, com vagos reflexos plúmbeos. Emudecera a orquestra, apagaram-se as luzes do palácio, e o vulto encantador de Branca havia muito que se desvanecera da janela e quase da minha memória também.

E eu cismava nas trevas...

Decorreram as horas, e eu permanecia ali como petrificado, com os olhos estupidamente fitos, ora na fachada do sumptuoso palácio, onde não brilhava nenhuma luz, ora nos horizontes tenebrosos, onde já não fulgia nem uma estrela.

Depois veio a aurora e despontou o sol, subindo radiante, numa hilaridade luminosa que enchia o espaço.

Então abriram-se de par em par as portas do palácio, e uma alegre comitiva irrompeu no terraço.

À frente vinha Branca, pálida como um lírio, dando o braço a um galhardo oficial, não me lembra se de terra ou de mar.

E toda aquela gente passou por diante de mim, sorrindo, alegre, felicíssima, e sem me ver.

Branca, porém, vira-me; o seu véu de noiva roçou-me pela face, queimando-a, e, por um momento, parecera-me que seus olhos marejados de lágrimas me fitavam com expressão de indefinível compaixão, ao passo que dos lábios adorados julguei ouvir-lhe num gemido o meu nome:

– Júlio! adeus...

– Adeus, sonho da minha vida! murmurei eu.

Adeus! – Que palavra tão maviosa e triste!... E que outra se pode comparar com ela, senão a *Saudade?*!...

Adeus!... Que despedaçar de fibras sonoras na última vibração uníssona de dois corações que se partem!...

Oh! sim, eu fui amado por aquele anjo!...

Ai! se era o anjo... dum sonho!...

E passaram...

Somente ficou o meigo olhar de Branca, descendo-me dos olhos ao coração, e diluindo em ondas de infinita amargura o gelo que o sufocava.

E como eu volvesse os olhos para a janela de Branca, daquele quarto virginal onde eu tivera um deslumbramento, vi nela a mãe da princesa.

Aquela mulher sorria-me!...

Então senti no peito alguma coisa que se me regelava de novo ao contacto do frio diabólico daquele riso, e...

Despertei.

Mais alguns minutos daquele horrível pesadelo, e creio que teria morrido!...

Oh! as mães que vendem as filhas!... Estas, sim! odeio-as!...

Sim! *Branca* eras tu... Porque se tu não fosses, teria prosseguido a doce ilusão do meu sonho, e eu seria feliz, ao menos uma vez na vida... sonhando!

Mas não te crimino, pobre Cosette... Não...! não te quero mal... Pelo contrário, sinto imensa compaixão quando hoje, passando pela tua casa, te vejo à porta a frigar peixe, suja e rota, com os vestidos plegados ^x de azeite, num decote desmazelado, sorrindo prazenteira e serviçal, deixando devassar o seio pelo olhar lascivo dos vadios...

E tens ainda a ^{xi} coragem de rir!?...

Como és feliz, ó infeliz!

Fim.

ⁱ Com variantes de pontuação, trata-se de uma passagem da estrofe XXI do canto IV do poema de Almeida Garrett.

ⁱⁱ Provável referência a Santa Irene de Portugal (ou Santa Iria), mártir lendária do século VII, mandada decapitar por Britaldo, o seu nobre pretendente. Lançado ao rio Nabão, o corpo terá ido parar ao Tejo, em cujas areias permaneceu depositado sem se decompor. António Feliciano de Castilho escreveu uma xácara sobre o tema: intitulada «Santa Iria», integra o volume *Excavações poeticas* (Lisboa: Typographia Lusitana, 1844, p. 17-22). Em *Viagens na minha terra*, caps. XXIX e XXX, Almeida Garrett explica pormenorizadamente a lenda da santa, confrontando a versão popular com a monástica.

ⁱⁱⁱ Alusão ao protagonista do romance *L'Homme qui rit* (1869), de Victor Hugo. Filho de um nobre inglês acusado de trair o rei James II, Gwynplaine, ainda criança, é condenado a ter o rosto cirurgicamente desfigurado, apresentando um “riso” permanente.

^{iv} João (ou Jean) Valjean e Cosette são dois dos protagonistas de *Les Misérables* (1862), de Victor Hugo. O primeiro, depois de uma série de infortúnios, é preso por roubar um pão e condenado a uma pesada pena, agravada por tentativas de fuga. Mais tarde, acabará por enriquecer, tomando a seu cargo Cosette, a filha de uma antiga empregada sua que se vira obrigada a deixá-la entregue a um casal de taberneiros, que maltrata e explora a menina.

^v É possível que haja gralha e que a forma correta seja *travessia*.

^{vi} Há um erro de montagem nas colunas do folhetim, que se apresentam na ordem 1, 2, 4, 3, 5.

^{vii} Terceto final do sonetinho «Modesta», incluído em *Miniaturas* (1870), obra de estreia de António Cândido Gonçalves Crespo (*1846 †1883).

^{viii} Trata-se do primeiro terceto do soneto «Pálida, à luz da lâmpada sombria», de Manuel António Álvares de Azevedo (*1831 †1852), e não de Castro Alves. Figura na primeira parte de *Lira dos vinte anos*, livro publicado postumamente no ano de 1853.

^{ix} Mais uma vez, parece haver erro (do editor original ou do autor): este verso é de Cândido de Figueiredo (*1846 †1925) e encerra, com uma variante, o soneto «Do céu á terra» (in *O poema da miséria: cânticos e threnos*. Coimbra: Livraria Popular – Editora, 1874, p. 111-112).

^x O mesmo que *pregados*, *pregueados*.

^{xi} No testemunho, por lapsos, *o coragem*.

V. Bibliografia

I. ATIVA

a) Prosa menor

Contos singellos. Mafra: Typographia Mafrense, 1867.

«Frei José e o diabo». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1872 (bissexto)*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1871, p. 152-154.

«O dinheiro em Cabo Verde». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1874*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1873, p. 123-124.

«A cidade da Praia de Cabo Verde». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1875*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1874, p. 262-263.

«Milho falante». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1876*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1876, p. 290-291.

«Desgraçado nariz! (Fragmento duma cena cómica, inédita)». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1877*. Lisboa: Lallemand Frères, 1876, p. 231-232.

«Amor! Ai! Quem dera». In *A Imprensa. Orgão do commercio, industria e agricultura das colonias portuguezas*. Praia. N.º 44, 28-IV-1881, p. 1-2.

«A Morte de D. João: Memórias do Hospital». In *A Imprensa. Orgão do commercio, industria e agricultura das colonias portuguezas*. Praia. N.º 52, 23-VI-1881, p. 1-2 e n.º 54, 07-VII-1881, p. 1-2.

«A ilha Brava». In *Novo almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1887*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1887, p. 373.

«Bosquejos dum passeio ao interior da ilha de Santiago». In *A voz de Cabo Verde*. Praia, n.º 22, 15-I-1912, p. 2; n.º 23, 22-I-1912, p. 2; n.º 25, 05-II-1912, p. 2; n.º 26, 12-II-1912, p. 2; n.º 27, 19-II-1912, p. 3; n.º 29, 04-III-1912, p. 2; n.º 30, 11-III-1912, p. 3; n.º 31, 18-III-1912, p. 4; n.º 34, 08-IV-1912, p. 3; n.º 36, 22-IV-1912, p. 3; n.º 39, 13-V-1912, p. 5; n.º 41, 27-V-1912, p. 3; n.º 42, 03-VI-1912,

p. 3; n.º 43, 10-VI-1912, p. 3; n.º 44, 17-VI-1912, p. 5; n.º 45, 24-VI-1912, p. 3; n.º 46, 01-VII-1912, p. 3; n.º 49, 22-VII-1912, p. 3; n.º 52, 12-VIII-1912, p. 3; n.º 54, 26-VIII-1912, p. 3; n.º 56, 09-IX-1912, p. 3; n.º 61, 14-X-1912, p. 3; n.º 62, 21-X-1912, p. 3; n.º 63, 28-X-1912, p. 5.

«Os Intrujões: Estudo crítico por Venceslau Policarpo Banana». In *A voz de Cabo Verde*. Praia. N.º 224, 27/12/1915, p. 3 e n.º 227, 17/01/1916, p. 3.

«O sonho (Memórias dum doido)». In *A voz de Cabo Verde*. Praia. N.º 228, 24/01/1916, p. 3, n.º 230, 7/02/1916, p. 3, n.º 231, 14/02/1916, p. 3, n.º 232, 21/02/1916, p. 3 e n.º 233, 1/03/1916, p. 3.

b) Outros textos

Poesias. Organização e prefácio de Arnaldo França. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1996.

Memórias dum pobre rapaz. Organização, prefácio e notas de Manuel Brito-Semedo. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2007.

II. PASSIVA

ALBUQUERQUE, Luís / SANTOS, Maria Emília Madeira – *História geral de Cabo Verde*. Vol. I. 2.^a ed. Lisboa / Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical / Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga / Instituto Nacional de Investigação Cultural, 2001.

AMARAL, Ilídio do – *Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens*. Lisboa, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, 1964 (II Série, 48).

ANDRADE, Hipólito O. da Costa – «Guilherme Dantas». *Boletim oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde*. Praia. 7-IV-1888, p. 64-65.

BLECUA, Alberto – *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.

BLUTEAU, Rafael – *Vocabulário Portuguez e Latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos...*, 10 vols., Coimbra / Lisboa, Colégio das Artes / Pascoal da Sylva / Joseph Antonio da Sylva / Patriarcal Officina da Musica, 1712-1728.

BOLETIM oficial do Governo Geral da Provincia de Cabo Verde. Praia. 1869-1888.

BORDALO, Francisco Maria – *Um passeio de sete mil leguas: cartas a um amigo*. Lisboa: s.n., 1854.

BRAGA, Teófilo – *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Vol. II. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

BUESCU, Helena Carvalhão, coord. – *Dicionário do Romantismo literário português*. Revisão por Francisco Paiva Boléo. Lisboa: Caminho, 1997.

CHAGAS, Manuel Joaquim Pinheiro – *Poema da mocidade seguido do Anjo do lar*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1865.

CASTILHO, Antonio Feliciano de – *Estreias poetico-musicais para o anno 53: versos, com musica por diversos coppositores, e traducções várias em castelhano, italiano, e allemão*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1907.

EIRA, António da – *O jogo da bola em Quintã freguesia do concelho de Vila Real – Trás-os-Montes*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1983. (Sep. de «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 24.)

FERREIRA, Manuel – «A propósito de duas obras: *O Escravo* e *Contos Singelos*, dois autores: José Evaristo de Almeida e Guilherme Dantas, fundadores da ficção cabo-verdiana». In *Simpósio Internacional sobre Cultura e Literatura Cabo-verdianas (Mindelo, 1986)*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2010.

FREIRE, João Paulo (Mário) – *Evocações de Mafra de há meio século*. Palestra realizada no Salão Nobre da Biblioteca Municipal de Mafra, em 20 de Outubro de 1943. Lisboa: Livraria Tertúlia, 1944.

GANDRA, Manuel, coord. – *Escola Real de Mafra. “Presepe de redenção das novas gerações”*. Mafra: Câmara Municipal, 1990.

GARRETT, Almeida – *Camões; Dona Branca*. 2.^a ed. Lisboa: Clássica, 1962.

GARRETT, Almeida – *Viagens na minha terra*. Introd., fixação do texto e notas por António Cândido Franco. Lisboa: Guimarães Editores, 2001.

GOMES, Simone Caputo – *Cabo Verde: Literatura em chão de cultura*. Cotia / Praia: Atêlie Editorial / Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

GONÇALVES, Sandra Isabel Guinote Pina – *A retórica da digressão em Laurence Sterne, Xavier de Maistre e Almeida Garrett*. Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Literatura, especialização em Literatura Comparada. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2005.

GUIMARÃES, José Marques – *A difusão do nativismo em África: Cabo Verde e Angola: séculos XIX e XX*. Lisboa: Associação Académica África Debate, 2006.

JOLTROIS, Augusto, *O burro atravez dos seculos*. Traduzido por F. Guimarães Fonseca. Lisboa: Typographia Central, 1875.

LARANJEIRA, Pires – *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LEAL, António Joaquim Teodorico Mendes – *Poesias*. Lisboa: Typ. do Panorama, 1859.

LOPES FILHO, João – *Cabo Verde: subsídios para um levantamento cultural*. Lisboa: Plátano, 1992.

LOPES, José – «Guilherme Dantas». *Vida contemporânea*. Lisboa. 15 (jun. 1935), 496-504.

MACHADO, Álvaro Manuel – *Do Romantismo aos Romantismos em Portugal: ensaios de tipologia comparativista*. Lisboa: Presença, 1996.

MARTINS, João Augusto – *Madeira, Cabo Verde e Guiné*. Obra ilustrada com 15 gravuras. Precedida de uma carta-prefácio por D. António de Lencastre. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1891.

MASSA, Jean-Michel / LOPES, Leão, org. – *Almanaque luso-brasileiro de lembranças: presença cabo-verdiana, 1851-1900*. Vol. I. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro / Pédagogie, Cultures et Littératures Lusographes / Ponto & Vírgula, Edições, 2012.

MENDONÇA, António Pedro Lopes de – *Memórias d'um doido: romance contemporaneo*. Lisboa: Tip. de Costa Sanches, 1859.

MONTEIRO, Félix – «Páginas esquecidas de Guilherme Dantas». *Raízes*. Praia. 21 (1984) 123-192.

MONTEIRO, Ofélia Paiva – *«Viagens na minha terra»: o nascer da modernidade literária portuguesa*. Lisboa: Montepio Geral, d.l. 1993.

MOSER, Gerald M. sel., notas e pref. – *Almanach de lembranças, 1854-1932: textos africanos*. Linda-a-Velha: ALAC, 1993.

OLIVEIRA, João Nobre de – *A imprensa cabo-verdiana: 1820-1975*. Macau: Fundação Macau, 1988.

ORTIGÃO, Ramalho – *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*. Conforme a 1.^a edição (1876). Lisboa: Frenesi, 2001.

PASSOS, António Augusto Soares de – *Poesias*. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1856.

PATO, Raimundo António de Bulhão – *Flores agrestes*. Porto: Viuva Moré, 1870.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal: dicionário histórico, corográfico, heráldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*. 7 vols. Lisboa: João Romano Torres, 1904-1915. Em linha. Disponível em WWW:<<http://www.arqnet.pt/dicionario/>> [consult. 19 ago. 2013].

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel – *La Edición de Textos*. Madrid: Editorial Sintesis, 1997.

PINTO, Cristóvão – «A colonização portuguesa da Índia». In AAVV. – *A Índia portuguesa*. Vol. I. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1923.

REIS, Carlos / PIRES, Maria da Natividade – *História crítica da literatura portuguesa: Volume V: o Romantismo*. Lisboa: Verbo, 1993.

RIBEIRO, José Silvestre – *História dos estabelecimentos científicos literários e artísticos de Portugal no successivos reinados da Monarchia*. Tomo XII. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1884.

RIBEIRO JÚNIOR, Joaquim Pinto – *Coroas fluctuantes*. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira, 1862.

RODRIGUES, Jorge José – *Vida nas terras pequenas*. Lisboa: Typ. Lisbonense, 1874.

SILVA, António de Moraes – *Diccionario da lingua portugueza*. 2 vols. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense, 1889.

SILVA, Carlos Manrique da – «Uma instituição de ensino fundada por D. Pedro V: a Escola real de Mafra». *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto. III:4 (2003) 275-295.

STERNE, Laurence – *A sentimental journey and other writings*. Edited by Ian Jack and Tim Parnell; with an introduction and notes by Tim Parnell. Oxford / New York: Oxford University Press, 2008.

STERNE, Laurence – *The life and opinions of Tristram Shandy, gentleman*. Edited by Melvyn New and Joan New; with an introductory essay by Christopher Ricks and an introduction and notes by Melvyn New. London / New York: Penguin Books, 1997.

TAVARES, Eugénio – «Guilherme Dantas». *Revista de Cabo Verde*. Praia. 1 (1899) 13-15.

VIANA, Mário Gonçalves – *Pedagogia geral*. 3.^a ed. revista, melhorada e actualizada. Porto: Figueirinhas, d.l. 1956.

